



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ESTUDOS EM PEDAGOGIA DO ESPORTE DE
CRIANÇAS E JOVENS: ANÁLISES, OLHARES E
DESAFIOS TEÓRICOS**

PAULO CESAR MONTAGNER

Campinas – São Paulo

Agosto de 2015



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ESTUDOS EM PEDAGOGIA DO ESPORTE DE
CRIANÇAS E JOVENS: ANÁLISES, OLHARES E
DESAFIOS TEÓRICOS**

PAULO CESAR MONTAGNER

Tese (Livre-Docência) apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como exigência parcial para a obtenção do título de Livre-Docente em Educação Física, organizada em formato de texto-síntese, com um compilado de estudos publicados e novas e originais formulações teóricas.

Campinas – São Paulo

Agosto de 2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP

M76e Montagner, Paulo Cesar, 1963-
Estudos em pedagogia do esporte de crianças e jovens: análises, olhares e desafios teóricos / Paulo Cesar Montagner. - Campinas, SP: [s.n.], 2015.

Tese (livre docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

Apresentada no formato de texto-síntese, com compilações de estudos publicados, e novas e originais formulações teóricas.

1. Esportes-Pedagogia. 2. Crianças. 3. Jovens. I. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. II. Título.

dilsa/fef

Título em inglês: Studies in sport pedagogy of children and young people: analysis, looks and theoretical challenges.

Palavras-chaves em inglês (Key-words):

Sports-Pedagogy
Children
Young

Banca examinadora:

Edison Duarte
Samuel de Souza Neto
Alberto Carlos Amadio
Marcelo Weishaupt Proni
Ademir de Marco

Data da defesa: 04/08/2015.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Edison Duarte – FEF, UNICAMP – Presidente

Prof. Dr. Alberto Carlos Amadio – EEFE, USP, São Paulo

Prof. Dr. Samuel de Souza Neto – IB, UNESP, Rio Claro

Prof. Dr. Ademir de Marco – FEF, UNICAMP

Prof. Dr. Macelo Weishaupt Proni – IE, UNICAMP

Data da Defesa: 04 de agosto de 2015

Local: Sala de Congregação

Faculdade de Educação Física,

Universidade Estadual de Campinas

AGRADECIMENTOS

Para **Denise, João Vitor e Isabela** (Um anjo do céu, que trouxe pra mim...)

Aos meus pais, **Antonio e Anna Maria**.

Para minha irmã **Ana Paula**, meu eterno “anjo-da-guarda”, meu sempre agradecimento especial e milhões de beijos.

Aos meus queridos alunos, orientandos de Pós-Graduação, **Cássia dos Santos Joaquim, Leandro de Melo Beneli e Leopoldo Katsuki Hirama**, pelo apoio intelectual e acadêmico na formulação desse texto-síntese.

Agradecimento especial a **Cassia dos Santos Joaquim**, que além do apoio acadêmico foi fundamental na organização do memorial e do curriculum vitae.

Obrigado menina, você foi especial!

Aos Profs. **José Tadeu Jorge e Osvaldir Taranto**.

Ao Prof. **Jorge Olímpio Bento** pelos ensinamentos.

Também, a **Laisez Jael Cabral Puya Ernandes** pelo apoio, incentivo e pelas horas extras de dedicação.

Ao querido amigo **Emerson Teodorico Lopes**, sempre presente.

Valeu menino, é bom te ver bem!.

Agradecimentos para **Tania Gomes Felipe e Maria Aparecida Moraes** da Faculdade de Educação Física, pelas orientações e apoio.

Aos **alunos, atletas, técnicos de esporte, professores e servidores da Unicamp**, que nesses 27 anos cruzaram meu caminho, muito me ensinaram nos treinamentos e nas aulas, nas trocas de ideias, opiniões e publicações em conjunto deixaram suas marcas, visões intelectuais e práticas da educação física, do esporte, e o melhor, da vida.

Especial agradecimento a **todos meus orientandos de Pós-Graduação**, que em muito contribuíram com esse texto-síntese.

Por fim, ao meu mestre **Antonio Job Lobato**, um grande cara!!!

Para **Isabela e João Vitor...**

Um anjo do céu¹

Que trouxe pra mim
É a mais bonita, a joia perfeita
Que é pra eu cuidar
Que é pra eu amar
Gota cristalina
Tem toda inocência

Vem ó meu bem

Não chore não vou cantar pra você
Vem ó meu bem
Não chore não vou cantar pra você

E um anjo do céu

Que me escolheu
Serei o seu corpo
Guardião da pureza
Que é pra eu cuidar
Que é pra eu amar
Gota cristalina
Tem toda inocência

Vem ó meu bem

Não chore não vou cantar pra você
Vem ó meu bem
Não chore não vou cantar pra você
Vem ó meu bem
Não chore não vou cantar pra você

Vem ó meu bem

Não chore não
Vou cantar pra você...

¹ Composição de ARMANDINHO, música “Anjo do Céu”.

SOU UM GUERREIRO

a minha espada é o amor
o meu escudo é o humor
o meu espaço é a coerência
o meu texto é a liberdade

TENHO EMBUTIDO EM MIM A INOCÊNCIA

sou um ser humano
caminho - sempre - em direção a Luz
e a minha Luz é o amor
sou um apaixonado pela vida
portanto, precisamos apenas dar um passo de cada vez,
com plena consciência
somos mais do que o que fazemos
nosso caminho é feito por nós

AMO A MINHA LOUCURA QUE ME VACINA CONTRA A ESTUPIDEZ

amo o amor que sinto e me imuniza contra a infelicidade
que ilumina a minha alma e o meu coração
o amor que me inspira e me mostra confiança

POR ISSO, DECLARO-ME VIVO

vivo pelo minha alma e pelos amores que tenho
vale a pena viver assim...
mesmo que a vida nos traga grandes surpresas.

ME DECLARO VIVO!

Chamalú, índio Quéchua

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
Lista de Quadros.....	ii
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	iii

PRINCÍPIOS GERAIS DO TEXTO-SÍNTESE

I.	Apresentação.....	1
II.	Construindo um diálogo metodológico: proposta para releitura dos temas estudados.....	3
III.	Os três estudos temáticos.....	7
IV.	Os princípios balizadores da Pedagogia do Esporte.....	10
V.	A pluralidade do fenômeno esportivo: manifestações, modalidades, cenários, personagens e significados.....	14
REFERÊNCIAS		17

ESTUDO 1 - AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO ESPORTE CONTEMPORÂNEO E O ESPORTE DE CRIANÇAS E JOVENS

I.	Apresentação.....	21
II.	A transição e transformação do esporte moderno em esporte contemporâneo.....	22
III.	Tensões internas inerentes à manifestação contemporânea do esporte: refletindo a partir das categorias de base do basquetebol paulista.....	37
IV.	O esporte contemporâneo e sua relação com a prática pedagógica no esporte de crianças e jovens.....	48
V.	Considerações relevantes.....	52
REFERÊNCIAS		53

ESTUDO 2 - EM DEFESA DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA DE CRIANÇAS E JOVENS: CONSTRUÇÃO DE ARCABOUÇO E SUBSÍDIOS TEÓRICOS, ESTUDOS APLICADOS

I.	Apresentação.....	58
II.	A Pedagogia do Esporte como um conceito presente na Educação Física.....	60
III.	Para uma compreensão teórica do conceito de Pedagogia da Competição.....	63
IV.	Conceitos de esporte de competição: aspectos positivos e negativos.....	67
V.	Estudos aplicados na pedagogia da competição em esporte: da teoria à ação em diferentes cenários e modalidades esportivas.....	70
REFERÊNCIAS		96

ESTUDO 3 - INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NO ESPORTE DE CRIANÇAS E JOVENS EM DIFERENTES CENÁRIOS

I.	Apresentação.....	107
II.	Esporte e projeto social na “favela”: memórias, experiências e valores educativos.....	110
III.	Intervenções pedagógicas na especialização esportiva de jovens.....	116
IV.	Intervenção pedagógica no esporte e aspectos atitudinais em comunidades brasileiras de baixo índice de desenvolvimento humano (IDH).....	121
V.	O jogo como proposta de intervenção no ensino do handebol: inferências sobre as práticas realizadas.....	126
VI.	O conteúdo esportivo da mídia e intervenções pedagógicas na educação física e esporte.....	130
VII.	Pedagogia do esporte e estimulação de valores humanos: relato de intervenção.....	140
VIII.	O ensino do esporte na “favela”: as vozes dos envolvidos deixando de serem subterrâneas.....	144
REFERÊNCIAS		151

À GUIA DE CONCLUSÃO: posicionamentos em defesa do esporte de crianças e jovens

Considerações finais.....	156
REFERÊNCIAS	184

RESUMO

A produção aqui apresentada para crítica, avaliação e apreciação geral está vinculada a três grandes temas de estudo produzidos no campo teórico da pedagogia do esporte, elaborados e publicados durante nossa trajetória acadêmica na Universidade Estadual de Campinas, iniciada em maio de 1988. Surgiu a concepção de prepararmos um compilado denominado texto-síntese que, numa perspectiva ampliada, projetasse e servisse como testemunho das publicações e temas contemporâneos que produzimos, refletindo sobre três grandes temas e que se articulam tendo como eixo temático central o esporte de crianças e jovens. Esse corpo envolve os temas da competição esportiva, das novas configurações do esporte e das intervenções pedagógicas, destacando-se que cada estudo possui a sua singularidade, especificidade e uma história própria no tempo que o caracteriza. Mais detalhadamente, no primeiro estudo, discussões acerca das novas configurações do esporte contemporâneo, e a relação desses conceitos com atenção voltada para análises teórico-metodológicas. Organizamos uma discussão sobre a transformação do esporte moderno, para o que se denominou de esporte contemporâneo, um arrazoado dessa trajetória, das transições do fenômeno esportivo, suas características, relações e influências na sociedade atual, observadas a partir de um estudo de caso. No segundo estudo, denominado “Em defesa da competição esportiva de crianças e jovens: construção de arcabouço e subsídios teóricos, estudos aplicados”, interagimos com vários textos produzidos desde a dissertação de mestrado (1993) até as publicações mais recentes afeitas a esse conteúdo. No terceiro estudo apresentamos, por meio de pesquisas aplicadas, diferentes intervenções em cenários esportivos distintos. Enfatizamos a multiplicidade de perspectivas no qual o esporte pode ser inserido como conteúdo significativo para processos de formação humana. O texto-síntese é uma combinação de recortes de diversos livros, capítulos e artigos publicados, com alguns trechos por vezes transportados na íntegra; também, em outros parágrafos e páginas, novas e originais formulações teóricas. O documento tem ainda, em sua estrutura, resenhas analíticas de estudos publicados e no prelo, com a reorganização da linguagem teórica e articulação de diversas formas de produção, formando um corpo único apresentado naquilo que denominamos de três estudos temáticos. As conclusões são compostas de reflexões exploratórias e argumentações teóricas originais, baseadas nos conceitos metodológicos da meta-análise, a releitura crítica dos temas estudados e a formulação de novos argumentos, apontamentos teóricos, análises críticas e propostas de teses, “amarrações teóricas” que os leitores encontrarão presentes nas páginas finais desse compilado.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Dualidade de interesses: pedagogia do esporte x marketing esportivo.....	51
--	----

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABC - Sigla que representa a região de três cidades próximas a capital paulista, sendo respectivamente Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

AR- Altos resultados

ATP - Associação de tenistas profissionais

CSD - Conselho Superior de Desporto

FEF - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas

F.P.B - Federação Paulista de Basketball

GSP - Grande São Paulo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de desenvolvimento humano

NBA - National Basketball Association (Liga americana profissional de basquetebol)

ONGs- Organizações não governamentais

OSCIPs - Organizações da sociedade civil de interesse público

PDLP - Preparação desportiva a longo prazo

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a infância (United National Childrens Fund)

T.G.F.U.- Teaching games for understanding (Ensinando jogos para a compreensão)

PRINCÍPIOS GERAIS DO TEXTO-SÍNTESE

I. Apresentação

O Esporte e suas práticas e formas de expressão na sociedade constitui um tema de crescente investigação e interesse social. As considerações atuais acerca do tema do Esporte para crianças e jovens, diferentes manifestações, quer como formação ou rendimento, lazer ou outras possíveis, implicam – e exigem a cada dia mais - aprofundamentos críticos e compreensão teórico-prática de sua inserção na sociedade atual.

A produção aqui apresentada para crítica, avaliação e apreciação geral está vinculada a três grandes temas de estudo produzidos no campo teórico da pedagogia do esporte, estudos esses elaborados e publicados ² durante nossa trajetória acadêmica na Universidade Estadual de Campinas, iniciada em maio de 1988. Trata-se de uma publicação contida considerando a dimensão temporal, que pretende servir como testemunho – e parte – dessa história que tem seu ponto de partida nesse mês e ano mencionados, e reúne experiências profissionais da prática esportiva, nos muitos jogos e campeonatos vivenciados com atletas de todas as faixas etárias, na academia, no ensino e investigação, nas discussões em salas de aulas e grupos de estudo, dentre várias experiências teórico-práticas.

De forma sistemática e pertinente, afirmar que, hoje, 2015, formamos, investigamos, aprendemos, divulgamos e, juntamente com nossos alunos, levamos o conhecimento teórico à prática e trouxemos à prática para ser investigada e debatida. Essas dimensões, entendidas como transversais àquilo que é significativamente relevante no desenvolvimento humano, a formação, constroem um conjunto de ações importantes na nossa própria formação humana, cultural, intelectual, técnica e cívica. Um vai-e-vem rico e valioso.

Numa visão estratégica e análise crítica, expressamos nossa satisfação pela trajetória e por esse texto em especial, balizando-nos pela preocupação permanente com qualificação do trabalho de ensino e investigação, considerando os critérios vigentes da carreira universitária. Professores tem a obrigação prioritária em cumprir sua missão pública maior, que é de formar e educar as gerações futuras.

² Produção efetivada em publicações individuais e com apoio de profissionais e colaboradores de diversos grupos de pesquisa, sendo parte desse coletivo, professores, técnicos de esportes, estudantes de graduação e pós-graduação que participaram ativamente da história e convivência de nossa vida desde que ingressamos na Universidade Estadual de Campinas.

Tem sido permanente nossa preocupação em promover esse dever, e nesse momento, a confiança no trabalho desenvolvido resulta em pleitear uma nova promoção profissional na Universidade Estadual de Campinas, através da sua Faculdade de Educação Física, criada em 1984, um dos marcos importantes na história da Educação Física Brasileira.

Vivemos desde alguns anos sob vários desafios no ensino do Esporte de crianças e jovens, fenômeno do século XX, e que se estende com mais força e vigor no atual século XXI. Temos nesse campo diálogos e concepções que necessitam novas compreensões e análises e, não seria nenhum equívoco afirmar que tal fenômeno tende a se alargar. Felizmente a Universidade, e esperamos definitivamente, assumiu e incorporou o estudo da Educação Física e do Esporte e muitos podem testemunhar essa transição e evolução formal. Os sólidos indicadores que o Esporte apresenta e representa na educação, na pesquisa e investigação, na promoção da cultura e do lazer, nos seus aspectos econômicos e pelo inegável reconhecimento social, impõe a Universidade a defesa – cada vez com mais intensidade e intransigência - dos seus estudos em ambiente acadêmico. A extraordinária produção e ampliação do conhecimento sobre o fenômeno esportivo encontram nas universidades brasileiras espaços nobres de crescimento e consolidação. Também na Unicamp, com a criação dos seus cursos de Educação Física (1984) e Ciências do Esporte (2009), que reafirmam cotidianamente essa tendência.

Ora, consonante ao processo por nós vivenciado e para essa fase da vida acadêmica, promovemos a produção desse texto com a escolha de temas que permeiam a ação pedagógica na atuação esportiva e na formação humana de crianças e jovens. Surgiu, portanto, a concepção de prepararmos um compilado denominado texto-síntese e que, numa perspectiva ampliada, projetasse e servisse como testemunho das publicações e temas contemporâneos que estudamos – dentre alguns - nas nossas atividades teórico-pedagógicas nesse período de exatos 27 anos em maio de 2015.

O texto-síntese é uma combinação de recortes de diversos livros, capítulos e artigos publicados, com alguns trechos por vezes transportados na íntegra; também, em muitos parágrafos e páginas, novas e originais formulações teóricas. Compõe ainda o documento, resenhas analíticas de estudos publicados e no prelo, com a reorganização da linguagem teórica e articulação de diversas formas de produção, formando um corpo único apresentado naquilo que denominamos de três estudos

temáticos. Esse corpo envolve os temas da competição esportiva, das novas configurações do esporte e das intervenções pedagógicas, todos eles focados na especificidade da ação em crianças e jovens, e que serão mais detalhados a seguir.

Ressaltamos que muitos dos autores foram utilizados em mais de um estudo, dado que a relevância dos seus posicionamentos e a articulação desses nossos referenciais teóricos confluísse nessa concepção dos três estudos temáticos, destacando-se que cada estudo possui a sua singularidade, especificidade e uma história própria no tempo que o caracteriza.

Ressaltamos ainda que as conclusões do texto-síntese são compostas de reflexões exploratórias e argumentações teóricas originais, baseadas nos conceitos metodológicos da meta-análise, com a releitura crítica dos temas estudados e a formulação de novos argumentos, apontamentos teóricos, reflexões críticas e propostas de teses, “amarrações teóricas” que os leitores encontrarão presentes nas páginas finais desse compilado.

Algumas palavras são importantes ao final dessa breve apresentação. Num olhar valioso das experiências e relações profissionais vivenciadas, expressamos os agradecimentos aos meus orientadores, os muitos professores com quem pudemos aprender, aos alunos de graduação, orientandos de Pós-Graduação nos níveis de Mestrado e Doutorado, de Graduação nos projetos de monografias e iniciação científica, atletas, profissionais da Unicamp que contribuíram de forma decisiva para a compilação dessa minuta. Uma palavra de agradecimento aos que contribuíram com a FEF-Unicamp desde sua criação e já não estão mais entre nós, pelos vários ensinamentos e análises valiosas, muitas delas presentes nas concepções teóricas aqui expressas.

II. Construindo um diálogo metodológico: proposta para releitura dos temas estudados

A pesquisa qualitativa é inquieta, e por isso recebe constantemente atributos para melhor representá-la ou classificá-la, elucidando alternativas aos pesquisadores que se espelham em sua natureza, em que o olhar de fora não é o suficiente para analisarem um objeto. Com menciona Chizzotti (2008), quando se investiga os fenômenos humanos, que são repletos de razão, liberdade e vontade, dentro de um

ambiente de total interação social, a criação e atribuição de significados às coisas e às pessoas são características desta modalidade de pesquisa.

Chizzotti (2008, p. 58) ainda menciona que “[...] os pesquisadores que optaram pela pesquisa qualitativa, ao se decidirem pela descoberta de novas vias investigativas, não pretenderam nem pretendem furtar-se ao rigor e à objetividade, mas reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada aos métodos nomotéticos de analisá-la e descrevê-la.”³

Reconhecemos a vulnerabilidade da pesquisa qualitativa pela quantidade de respostas que um mesmo tema pode apresentar, pois a partir do momento em que as respostas externas permeiam a compreensão do pesquisador, que é sujeito social abarcado em valores e objetivos diversos, que tem uma história de vida, não há como exigir uma única resposta ou um padrão.

Considerando-se os argumentos de Lankshear e Knobe (2008, p.105), a pesquisa documental qualitativa é ampla em ensejos, pois depende das inquietações provocadas a quem selecionará e analisará, e por isso os pesquisadores baseados em documentos lidam com diferentes questões. Dos três tipos de intentos de pesquisa educacional auxiliadas por análises de documentos e propostas pelos autores, temos a (1) pesquisa que constrói “interpretações” para identificar ou construir os “significados”, (2) a pesquisa baseada em documentos realizada para desenvolver uma postura “normativa” sobre uma questão educacional e (3) a que nos auxilia mais diretamente, a pesquisa que usa textos para promover achados substantivos sobre o mundo, e “...visa ao uso de textos já existentes para descrever, entender e explicar as coisas que estão acontecendo no mundo”.

Esse modelo de pesquisa educacional e documental procura entender significados novos para determinado tema, busca encontrar um mote central para a análise e aprofundamento, para consequentemente, oferecer uma releitura de determinada realidade ou um novo olhar para uma questão arguida.

Fiorentini e Lorenzato (2009) defendem este tipo de pesquisa, porém salientam suas peculiaridades e que as categorias desse modelo devem representar as

³ A expressão “*não pode ser confinada aos métodos nomotéticos de analisá-la e descrevê-la*” tem o significado do contraponto às normas imutáveis da pesquisa, de reafirmar que a metodologia de pesquisa qualitativa deve ter vínculo com o rigor acadêmico e não está preestabelecida apenas pelas normas precisas e/ou exatas normalmente presentes nas pesquisas quantitativas. Os métodos qualitativos devem ser, sim, cuidadosos e detalhistas, necessitam buscar a sustentação do método, na consistência da descrição das diversas fases da pesquisa, no respeito à compreensão do pesquisador e, ainda que um mesmo tema permita diferentes resultados proporcionados pelas análises metodológicas qualitativas, as análises e os resultados devem ser sempre balizadas pelo critério de rigorosidade.

propostas definidas para a investigação. Como advertem os autores, “[...] apesar da crítica de que geralmente a amostra não é representativa e de que toda análise é sempre subjetiva, o exame de documentos pode ser uma técnica útil de investigação se o pesquisador conseguir construir categorias de análise, constituídas pelos itens principais, mais frequentes e diferentes que surgem nos dados.” (p. 103, 2009). Esse tipo de pesquisa baseada em textos oferece subsídios ao pesquisador qualitativo para analisar de forma profunda um assunto já abordado e documentado.

No planejamento desse texto-síntese, realizamos inicialmente uma pesquisa exploratória (GIL, 2002) com o propósito revisional dos estudos, textos e artigos publicados, buscar familiaridades temáticas, auxiliar na caracterização do problema, estabelecer critérios, métodos e técnicas para a sistematização do corpo teórico, bem como definir uma rota teórica para o projeto de livre-docência. Realizamos uma pesquisa bibliográfica com base no material produzido, principalmente de livros e artigos referentes aos estudos na área da pedagogia do esporte e, dentre as várias perspectivas teóricas, a pesquisa bibliográfica teve como finalidade principal, realizar um contato direto com o que foi escrito, dito, e, a partir de posicionamentos teóricos próprios, associados aos de vários autores, explorar temas já estruturados e produzir novas formulações teóricas (LAKATOS E MARCONI, 2010). A pesquisa bibliográfica teve importância significativa como técnica metodológica em articulação com a proposta de trabalhar com os conceitos teóricos básicos da meta-análise, e, com isso, balizar as considerações que pretendemos finalizar esse conjunto de estudos.

Essa articulação de propostas metodológica, da pesquisa bibliográfica e da meta-análise qualitativa, possibilitou uma releitura crítica dos estudos, e com isso, a busca de temas comuns e suas transversalidades, promoção de um novo diálogo teórico com a releitura do produzido – e aqui apresentado - e o posicionamento de novas concepções ou teses.

Mais detalhadamente, sobre a proposta metodológica da meta-análise, sua qualificação surgiu da percepção de pesquisadores quantitativos da eficácia e da integração dos resultados de dois ou mais estudos sobre um tema comum, tentando reduzir os dados a uma unidade síntese, através da análise sistemática da literatura, e, voltado para os dados estatísticos e probabilísticos que apresentam. Com o tempo, os estudos passaram a buscar soluções através da análise de documentos já comprovados como válidos, visando promover projeções para o tema escolhido, baseando-se em probabilidades de ocorrência, e na argumentação indutiva, porém com um forte respaldo dedutivo e consistente, pois acreditam que esta análise

rigorosa tende a um padrão. Este tipo de metodologia também é referenciada por: metassíntese, meta-pesquisa, metanálise qualitativa e análise agregadora (BICUDO, 2014).

Os pesquisadores qualitativos reconheceram a importância desta metodologia também para suas pretensões, que visavam associar textos em busca de novos olhares. Para Rodrigues (2002, p. 26), “[...] enquanto meta-análises quantitativas são realizadas através de instrumentos da estatística inferencial e tem por objetivo principal a generalidade dos resultados encontrados, uma meta-análise qualitativa procura identificar, através de determinadas categorias, semelhanças e controvérsias numa quantidade de estudos da mesma área de pesquisa”. Rodrigues (2002) interpreta a meta-análise como um processo de descrição interpretativa, que se organiza e orienta as pesquisas por determinadas categorias teóricas, tendo como resultado final um olhar mais apurado para o fenômeno estudado.

Sobre a meta-análise, Bicudo (2014, p. 15) entende essa metodologia “[...] como um movimento reflexivo que se volta sobre as análises efetuadas. Busca compreender o sentido do investigado [...]”. E para Fiorentini e Lorenzato (2009, p. 103), a “[...] metanálise é uma revisão sistemática de outras pesquisas, visando realizar uma avaliação crítica delas e/ou produzir novos resultados ou sínteses a partir do confronto desses estudos, transcendendo aqueles anteriormente obtidos.”

Os dois autores reafirmam a perspectiva do referencial da meta-análise para as conclusões desse nosso estudo. Seguiremos então, assumindo que esta metodologia caracteriza-se também pela compilação de documentos com intenção de buscar um novo olhar sobre determinado assunto, esperando chegar a um objetivo central, ou a uma possível conclusão, ou mesmo, a uma síntese dessas produções levantando aspectos similares e/ou divergentes.

Esta metodologia prevê a interpretação da interpretação, e a análise dos dados “[...] há que ser interpretativa”. Importante destacar que as questões subjetivas e intersubjetivas devem observar a relação temporal, numa análise do atual momento (presente), do que já ocorreu (passado) e do que está por vir (futuro, “[...] em um ‘círculo existencial hermenêutico’ de retomadas de perspectivas e de prospectivas. (BICUDO, 2014, p. 14)

Através desta interpretação o investigador chegará a outras leituras e olhares de um determinado tema. Castro (2001, p. 5), utiliza de uma analogia para melhor explicitar a meta-análise:

Um artigo publicado, em 1994, orienta que cada estudo deve ser visto como uma peça de um quebra-cabeça. Utilizando este conceito, a literatura deve ser vista como um amontoado desorganizado de peças para vários quebra-cabeças diferentes. Realizando a revisão sistemática iremos ter a possibilidade de identificar peças que serão úteis em cada quebra-cabeça. Nesta identificação podemos encontrar duas peças iguais (estudos publicados mais de uma vez), peças difíceis de serem encontrados (publicados em revistas não indexadas e não publicados) e todas as possibilidades de vieses que podem existir.

Dentre as propostas, a meta-análise fez-se pertinente para essa proposta de texto-síntese pela possibilidade de compilação e retomada dos três estudos selecionados, pela intenção de analisá-los de forma profunda, no refinamento que considerou o planejamento da revisão, a avaliação da qualidade dos temas de estudos e a síntese dos temas e dados encontrados. A avaliação de Sousa e Ribeiro (2009) constrói um cenário necessário da importância de revisões sistemáticas através da meta-análise. A base teórica de Sousa e Ribeiro é de natureza quantitativa, mas o pressuposto teórico apresentado pelos autores é extremamente útil também para análises qualitativas, para formulação de novos diagnósticos e prognósticos e permite compilar, através de análises críticas, informações úteis para os avanços dos temas já pesquisados.

III. Os três estudos temáticos

A contribuição do campo teórico da pedagogia do esporte deve ter como foco e atenção não apenas na minoria possuidora de talentos para as práticas competitivas. São milhares de pessoas que praticam atividades esportivas, que podem qualificar a vida de seus praticantes dado o potencial de formação e educação que o esporte promove. Pedagogia que se compromissa não apenas com o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos e táticos, mas que permita ao aluno e ao atleta o desenvolvimento da capacidade crítica do fenômeno esportivo. Pedagogia do esporte na qualidade de ser um “[...] campo de conhecimento que investiga a prática educativa, especificamente pelo esporte. Seu objetivo é a reflexão, a sistematização, a avaliação, a organização e a crítica do processo educativo, por meio do esporte”. A pedagogia do esporte como referencial teórico na relação do homem com o ambiente esportivo. (PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009, p. 2).

A aplicação da pedagogia do esporte indo para além do aprendizado de técnicas ou do jogo em si e de seus fundamentos, na concepção madura do esporte como um fator cultural e humano, no estímulo e desenvolvimento de sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, assim como no resgate e difusão de valores éticos, sociais e morais. Esse é o nosso conceito de pedagogia do esporte, e que nos permite avançar no entendimento dessas questões, com uma correspondência estável e efetiva entre discurso e realidade, entre o teórico e o prático, entre o difícil e o viável.

Reflexões sobre metodologias de intervenção no processo de iniciação esportiva, sobre a formação de jovens atletas e a aprendizagem esportiva, a competição e a performance como produto da formação esportiva, as contradições do esporte, se o atleta nasce feito ou se ele aprende com bons métodos, ou ainda a soma das duas partes, se as condições são inatas, genéticas ou adquiridas, pela transmissão pura do conhecimento, ou ainda, como explicar a excelência a partir das hipóteses inatistas, empiristas ou construtivistas são alguns dos intensos e ricos temas nesse cenário delineado pelo campo da pedagogia do esporte (MONTAGNER, 1999). Buscaremos refletir sobre 3 grandes temas nesse documento e que se articula através do eixo temático central: o esporte de crianças e jovens.

No primeiro estudo, discussões acerca das novas configurações do esporte contemporâneo, e a relação desses conceitos com atenção voltada para análises teórico-metodológicas. Organizamos uma discussão sobre a transformação do esporte moderno, para o que se denominou de esporte contemporâneo, um arrazoado da trajetória do esporte, das transições do fenômeno esportivo, suas características, relações e influências na sociedade atual. Esses aspectos proporcionaram a difusão e massificação do esporte em diferentes níveis, e a partir do referencial apresentado no primeiro estudo, nosso interesse tem como foco mais aprofundado as relações teóricas do esporte de crianças e jovens.

Nos temas desenvolvidos, as tensões causadas por esse novo contexto, reforçado através de estudos sobre a profissionalização⁴ nas categorias de formação, com análise de caso do basquetebol, e ao final do capítulo, a discussão das perspectivas do esporte de crianças e jovens nesta nova configuração. Cabe aqui, registrar que as reflexões sobre o tema, sem dúvida, apontam para uma linha de

⁴ Profissionalização nas categorias de formação é um termo que utilizamos para expressar o modelo de financiamento esportivo, aonde encontramos diversas formas de compensação financeira na relação das equipes com os jovens atletas.

pesquisa que merece atenção por parte dos profissionais que militam nesse campo de atuação.

O segundo estudo, denominado “Em defesa da competição esportiva de crianças e jovens: construção de arcabouço e subsídios teóricos, estudos aplicados”, interagimos com vários textos produzidos desde a dissertação de mestrado defendida em 1993. Como mencionamos, a competição esportiva foi o primeiro tema desenvolvido no processo de formação docente e de desenvolvimento acadêmico, gerando uma linha de investigação e de trabalhos teórico-metodológicos publicados. Aqui, reafirmamos os nossos pressupostos já registrados, o da competição esportiva como essência educacional, valorização humana e respeito e não de pura competitividade, focalizada pela destruição do outro. A competição no conceito civilizador, sem subtrair as pessoas à desvalorização ou atribuí-las o insucesso permanente. (MONTAGNER, 1993).

Também, como Bento (2013)⁵ defende, reencontrar com o conceito de competição e competitividade sem as metáforas inteiramente perversas, e que ao serem inseridas nas ações esportivas, nos remetem aos equívocos das associações estreitas com o traço bélico, as guerras e os confrontos que valem serem vencidos a qualquer preço. Nessa concepção, a defesa do projeto da competição esportiva como conteúdo, e conseqüentemente, do projeto do esporte como proposta ética de formação humana, de vencer desafios sem o pretexto de destruir a concorrência e promover a barbárie.

No terceiro estudo, discutimos por meio de pesquisas aplicadas diferentes intervenções em cenários esportivos distintos. Enfatizamos a multiplicidade de perspectivas no qual o esporte pode ser inserido como conteúdo significativo para processos de formação humana. Nessa visão, é coerente afirmar que as possibilidades de atuação também podem ser diversas em ações metodológicas, em objetivos, nos diferentes espaços e propostas pedagógicas.

Dentre as intervenções estudadas, ações para crianças e jovens em comunidades periféricas e de risco e as características dessas comunidades em projetos esportivos. Também, uma discussão acerca da mídia esportiva na educação física escolar no ensino público, a investigação de proposta metodológica interacionista com handebol em escola da rede particular de ensino, o

⁵ BENTO, J.O.. Desporto: discurso e substância. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física/Unicamp, 2013 (300p.).

desenvolvimento de proposta de especialização esportiva para jovens através do basquetebol em clubes, e por fim, reflexões baseadas na estimulação de valores morais no ambiente esportivo.

Estas são as diferentes ações aplicadas, discutidas e aqui sintetizadas, que reforçam a importância da reflexão, investigação, mas, sobretudo, da intervenção esportiva, salientando a viabilidade educacional deste fenômeno.

IV. Os princípios balizadores da Pedagogia do Esporte

Na apresentação do livro “Pedagogia do Esporte: iniciação e treinamento em basquetebol”⁶ publicado em 2009, celebramos vários conceitos teóricos no campo da pedagogia do esporte. A obra, relacionada com nossas histórias de trabalho na Universidade e no Esporte e mais especificamente dedicada ao basquetebol, buscou organizar a diversidade de conteúdos, dos materiais didáticos, das orientações teórico-metodológicas e dos pressupostos teóricos que orientam nossa visão nesse campo de atuação. Buscamos, nessa obra, construir conceitos que permitiram dar ao basquetebol um olhar teórico-pedagógico em todas as suas fases de desenvolvimento, desde o ensino básico chegando ao treinamento de equipes competitivas, nas fases da iniciação esportiva até o aprofundamento técnico-tático do jogo..

Com isso, foi possível lidar com o fenômeno do basquetebol – e em consequência do esporte em geral – vinculando às questões técnicas, táticas, físicas, intelectuais e psicológicas, detalhar o jogo com profundidade numa perspectiva pedagógica e balizada por princípios que entendemos fundamentais para a atuação no campo pedagógico no esporte.

Os princípios balizadores que permitiram a defesa da competição esportiva, o olhar para as intervenções pedagógicas em diferentes cenários e a discussão sobre as configurações e sistematização organizacional do esporte de crianças e jovens, estão definidos no pressuposto teórico de que uma proposta de ensino, aprendizagem e treinamento:

[...] independentemente do seu cenário, deve pautar-se por objetivos, pela intencionalidade do processo, deve ser conduzida por uma proposta pedagógica, que leve em consideração um conjunto de

⁶ PAES, R.R.; MONTAGNER, P.C.; FERREIRA, H.B.. Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.(175p.)

princípios norteadores, que deverão balizar todo o processo de ensino e aprendizagem. (PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009, p. 10)

Isso posto, destacamos os princípios balizadores da pedagogia do esporte, mais especificamente na fase da iniciação esportiva, e que propusemos como reflexões e pressupostos teóricos para o trabalho com crianças e jovens⁷:

- Garantir a oportunidade de participação efetiva para todos os alunos;
- Despertar o prazer e o interesse pelo esporte em diversos níveis;
- Educar a moral autônoma;
- Estabelecer relações pessoais de valores morais, tais como cooperação, empatia, ética e respeito;
- Preparar o aluno para conviver com o fenômeno esportivo de forma reflexiva e autônoma;
- Valorizar a diversidade esportiva e refletir sobre a especialização esportiva precoce;
- Buscar o desenvolvimento integral do aluno/atleta, estimulando suas múltiplas competências.

Há uma associação estreita entre esses princípios balizadores e os temas que estudamos. Como bem diz Bento (2013)⁸, quando discute sobre o papel dos profissionais do esporte, técnicos e professores, somos, “[...] pois, todos teóricos e práticos simultaneamente. Visamos todos a construção fantástica de uma obra que se concretiza sob várias formas e com a ajuda de diversas próteses, sejam elas a palavra ou o gesto, a ideia ou o ato, a disciplina e o rigor, o prazer ou o sacrifício, o esforço e o suor” (p. 49).

Portanto, como professor, técnico de basquetebol, professor universitário, construtor e receptor de ideias e ideais, enfim, um sonhador, praticamos esses princípios com nossos alunos, atletas, adultos, jovens e crianças com quem estivemos no caminho e na formulação de relações teóricas e práticas simultâneas. Não bastava o estudante estar em aulas, era sempre necessário promover a sua participação direta e significativa, era e permanece sendo relevante despertar nas crianças e jovens o

⁷ Os princípios balizadores estão nas páginas 10 e 11 da obra PAES, R.R.; MONTAGNER, P.C.; FERREIRA, H.B.. Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.(175p.)

⁸ BENTO, J.O.. Desporto: discurso e substância. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física/UNICAMP, Coleção CEAv Esporte, 2013 (299p.)

conhecimento sobre o fenômeno esportivo, ir além das questões técnicas e táticas do jogo. Aprender o valor do ambiente cooperativo, das relações de respeito mútuo e de reciprocidade, do pertencimento, explorar a riqueza e oportunidades da fertilidade do ambiente esportivo, conhecer as regras e os modos de construção histórica.

Nossa atuação como professor universitário está sedimentada em ensino e pesquisa de temas vinculados ao Esporte e, nos grupos em que atuamos, temos indicadores importantes na formação das pessoas. Isso extrapola indicadores únicos de apenas educação para o esporte para um foco de educação esportiva para a vida. E tem sido esse o esforço de muitos profissionais da área. Embora consciente dos riscos, ainda reforçamos sobre a importância da preparação dos alunos e atletas para interpretar os diferentes significados e manifestações do esporte, seus limites, os aspectos positivos e negativos, suas limitações, virtudes e defeitos.

É apreciável a interpretação de Santana (2004)⁹ e seus conceitos referentes a Pedagogia do Esporte. Ainda que seja de conhecimento de todos da área de Educação Física as divisões conceituais que diferentes autores fazem de atribuição ao Esporte (profissional, participação, rendimento, de representação, lazer, dentre algumas), o autor apresenta em seu texto, com bastante propriedade, a visão reducionista predominante na formação esportiva. Baseia-se em reflexões de Edgar Morin para discutir os desafios de quem ensina esporte, demonstrando evidências das complexidades que o fenômeno possui ao se dizer que ele (Esporte) educa. Ou seja, é necessário pessoas qualificadas e com condições de não simplesmente educar apenas a atividade motora esportiva, mas contribuir naquilo que temos chamado de educação esportiva, na formação da moralidade, de atitudes, de reflexões consistentes sobre esse grande fenômeno do século XX e desse século atual. Esse sim deve ser – permanentemente - o assunto central do debate.

José Manuel Constantino, um professor português, afirma que os comportamentos esportivos não são automaticamente transferidos para as atividades sociais, assim, é uma ilusão supor que aprender regras esportivas tem um caráter de transferências automáticas para as “[...] competências cívicas ou de cidadania”. Isso só ocorre, segundo Constantino (2007), se ocorrer o crescimento de envolvimento e participação ativa e passiva das pessoas em torno do fenômeno esportivo em suas diferentes dimensões, sociais, políticas e econômicas, ou seja, nos seus diferentes cenários de atuação. Deixemo-nos guiar por essas reflexões.

⁹ SANTANA, W. C. . Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R.R.; BALBINO, H.F. Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 1-22.

Freire (2003) difundiu entre os pedagogos do esporte, quatro princípios pedagógicos conhecidos na prática, reafirmados em seu livro *Pedagogia do Futebol*¹⁰: ensinar esporte a todos, ensinar bem esporte, ensinar mais que esporte e ensinar a criança a gostar de esporte, referências que permitem construir um círculo virtuoso na convivência com esse grandioso fenômeno.

No diálogo com Bento (2013), o esporte tem motivações, ementas e práticas inesgotáveis, permitindo ser “[...] objeto de instrumentalização para um largo espectro de funções e finalidades muito distintas e até, não raras vezes, contraditórias” (p. 76). Somos sabedores daquilo que ele afirma. As atividades esportivas, as atividades corporais e lúdicas foram, ao longo de sua história, multifuncionais, polimórficas, polissêmicas, multifacetadas, complexas e versáteis. Reflexão valiosa do autor é de que o esporte é educativo e pedagógico quando “[...] proporciona oportunidades para colocar obstáculos, desafios e exigências, para se experimentar, observando regras e lidando corretamente com os outros, quando fomenta a procura de rendimento na competição e para isso se exercita, treina e reserva um pedaço da vida” (BENTO, 2013, p.136). Ainda, “[...] é educativo quando não inspira vaidades vãs, mas funda uma moral do esforço e do suor...quando forja otimismo na dificuldade, satisfação pela vitória pessoal e admiração pelo sucesso alheio” (BENTO, 2013, p. 136)

E se existe essa mensagem e queremos que ela prolifere - como bem sonhamos juntamente com Jorge Bento - necessitamos de crianças e jovens praticando no ambiente esportivo, vivendo essas contraditoriedades e polissemias, seus conteúdos, valores positivos e negativos, comportamentos, fatos e vivências. Necessitamos oferecer esporte às crianças e jovens, não apenas pelas suas muitas opções, mas pelas suas muitas possibilidades educacionais, culturais e princípios humanos potenciais.

Não temos dúvidas em mencionar que o Brasil é um país com muitos talentos esportivos, contudo, se observamos nossa cultura de desenvolvimento esportivo, à exceção do futebol pela sua natureza própria, temos na falta de acessibilidade um dos nossos maiores desafios a serem vencidos. Nosso projeto de desenvolvimento brasileiro está fincado em grupos e associações, no caso, todo o nosso sistema é formado por Confederações e Federações que tem como base de desenvolvimento os clubes. Portanto, um modelo elitista, que tem valor histórico e valor real, mas necessitamos, em tempos atuais, ampliar a acessibilidade de crianças e jovens.

¹⁰ FREIRE, J.B.. *Pedagogia do Futebol*. Campinas: Autores Associados, 2003.

Considerando a expansão do território brasileiro, existem modelos de organização diferenciados nos estados e também o surgimento de novas formas de proporcionar esporte para a população. Pode-se mencionar o fenômeno de ONGs e OSCIPs¹¹, órgãos que atualmente prospectam novos movimentos de organização para o desenvolvimento de educação esportiva, além das discussões qualificadas sobre o papel do esporte em programas educacionais, ampliando nossa capacidade de oferecê-lo, permitindo somar à formação educacional de um povo. Todavia, é certo que um dos maiores desafios do esporte brasileiro é permitir o acesso da população em projetos organizados, com orientação pedagógica, inserindo este ambiente educacional em larga escala nacional.

Como escreveu João Batista Freire no prefácio do livro “Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos”¹², “[...] apropriar-se do esporte significa permitir que a imaginação seja penetrada de maneira avassaladora”, e “[...] poucas serão as oportunidades maiores de ter acesso ao cérebro humano que a prática esportiva”. E concluí o prefácio, com uma belíssima reflexão:

“Por qual razão não educar tendo por ambiente o esporte tendo por fim e por meio essa prática encantadora, tão mágica, tão aglutinadora que é o esporte? Afinal, toda educação é para a vida. Educamo-nos para aprender a viver, pois nascer nada garante quanto a esse que é o maior de nossos compromissos: viver.” (JOÃO BATISTA FREIRE, Prefácio do autor no livro)

V. A pluralidade do fenômeno esportivo: manifestações, modalidades, cenários, personagens e significados

O esporte se organizou ao longo de sua história em diferentes manifestações. Construímos uma argumentação teórica sobre esse contexto assim delineada:

“Devido às mudanças e à evolução das ciências do esporte, das ciências tecnológicas e de tantas outras áreas do conhecimento, mudou também a forma de entender o esporte. Terminamos o século

¹¹ ONGs são organizações não governamentais e OCIPs, organizações da sociedade civil de interesse público. ONGs e OSCIPs são instituições criadas por iniciativa privada, com certificação do poder público federal e certos requisitos de funcionamento, normas e fiscalização dos órgãos públicos. Podem celebrar termos e convênios de parceria com o poder público e com o terceiro setor, e, caracterizam-se como instituições de educação não formal, com ações filantrópicas, de assistência e educação social, dentre algumas possibilidades. In: HIRAMA, L.K.; MONTAGNER, P.C.. Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos. São Paulo: Phorte Editora, 2012 (232p.).

¹² Prefácio do prof. João Batista Freire In: HIRAMA, L.K.; MONTAGNER, P.C.. Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos. São Paulo: Phorte Editora, 2012 (232p.).

XX com esse fenômeno se apresentando, didaticamente, em cinco principais e significativas manifestações: *Esporte Profissional, Iniciação Esportiva, Esporte como Conteúdo do Lazer, Esporte de Representação e Esporte Escolar*. Temos ainda a prática de certas modalidades esportivas, realizadas como prática voltada à *saúde e melhoria do condicionamento físico*, e também enquanto atividade física, na tentativa de contribuir com outras áreas, por exemplo, para a *reabilitação* de algum trauma ocorrido com o indivíduo”. (PAES, MONTAGNER e FERREIRA, 2009, p. 8)

Essa divisão didática permite interpretar, por um olhar, algumas das muitas concepções referentes às manifestações do esporte no atual panorama de sua inserção. Reforçamos o dito, pessoas ou grupos podem se apropriar do fenômeno esportivo de diferentes formas, atribuindo a ele sentidos e significados particulares de acordo com sua visão de mundo, interesses e possibilidades pedagógicas.

Nessas diferentes manifestações, temos o esporte profissional que concentra seus objetivos, fundamentalmente, para fins mercadológicos e como opção profissional. A iniciação esportiva é o primeiro contato com a prática esportiva de forma orientada, organizada e sistematizada, nos seus diferentes agentes de desenvolvimento. Como conteúdo de Lazer, seus praticantes e espectadores utilizam essa relação com o fenômeno esportivo na ocupação do tempo livre, motivados por razões próprias e/ou distintas entre si. O Esporte de representação entendido como a disputa de torneios, campeonatos e outros eventos esportivos com a finalidade de representar instituições públicas ou privadas, clube, cidades, estados ou países. No caso do esporte escolar, a compreensão de sua importância como conteúdo da Educação Física do ensino formal e o necessário tratamento pedagógico específico no seu significado como bem cultural e humano. (PAES, MONTAGNER e FERREIRA, 2009, p. 8 e 9). Portanto, como patrimônio cultural da humanidade, o fenômeno esportivo deve ser compreendido em suas múltiplas possibilidades, não sendo restrito a pequenas parcelas da população, mas extensivo ao maior número de pessoas em suas variadas formas de práticas, não sendo, portanto, com finalidades apenas de espetáculo ou de formação de atletas, mas também nos seus diferentes objetivos e possibilidades pedagógicas.

Se temos, então, como inquestionável que o esporte é um dos “[...] instrumentos de fabricação do Homem, de criação de seu corpo e , por via deste, da sua alma” e no esporte identificamos que, “[...] à configuração dos ossos, músculos e articulações liga-se a arquitectura interior da consciência e da vontade” (BENTO, 2007, p.25), temos ainda a concepção filosófica da defesa do esporte encontrada em Bento (2007), assim explicitada:

No desporto, enquanto manifestação de humanidade, o diálogo entre a mente e o corpo é de tal ordem que um não consegue subjugar o outro. Para marcar um golo nem o corpo basta, nem o espírito chega; ambos são necessários em igual medida, em pé de igualdade e em perfeita harmonia. No desporto ambos se misturam para revelar e celebrar a maravilha exaltante da humana competência. (BENTO, 2007, p.25)

Essa cumplicidade e diálogo proposto por Bento constrói a consistente defesa do fenômeno social do esporte, a importância do tratamento pedagógico em suas diferentes manifestações para um melhor – e avançado – entendimento de sua natureza, na ação nos seus diferentes cenários, modalidades, distintos significados em razão de uma infinidade de personagens que o praticam diariamente e em crescimento visível em nossa sociedade atual. Alguns dos aspectos que entendemos relevante na análise da pluralidade do fenômeno esportivo à luz das conceituações e orientações dos estudos em pedagogia do esporte (PAES, MONTAGNER e FERREIRA, 2009, p. 5 a 8):

- Como patrimônio cultural da humanidade, estar presente em todas as fases da vida humana e acessível a todas pessoas;
- Um fenômeno tão complexo de magnitude como o esporte não pode se manifestar apenas num único ambiente, pois isso privaria seu acesso e suas possibilidades. Por isso, faz-se necessário valorizá-lo em diferentes agências e instituições que compõem o cenário de práticas;
- O esporte não pode ser visto apenas como sinônimo de iniciação esportiva ou de atleta profissional. O elenco de praticantes é significativamente mais amplo a cada dia, e devemos valorizar a formação de profissionais para atuação nos seus diferentes cenários;
- Se novos significados são atribuídos ao esporte, e não se cria a partir do nada, temos um complexo real de crescimento e necessitamos valorizar a inclusão de pessoas em suas diferentes manifestações;
- Praticado desde a infância e a adolescência, passando pelas fases adulta e do envelhecimento, o esporte pode contribuir com a formação do homem em sua totalidade;
- E, nessa evolução, como agente de mercado, de recreação, educação, reabilitação ou representação, dentre algumas, é necessário a compreensão de procedimentos, estratégias e das modalidades esportivas nas suas estruturas formais, com a finalidade em atender aos mais diversos significados;

- Para que possamos observar o esporte para muito além dele, numa visão pluralizada e com horizontes avançados, devemos identificar quatro aspectos relevantes: o cenário e como ocorre sua prática; a modalidade, conhecendo suas especificidades e particularidades; os personagens, respeitando suas características, individualidade, sonhos e interesses; e os significados e múltiplas possibilidades.

O esporte está na sociedade para cultivar a beleza do gesto, a paixão pela superação, na concepção de que sempre podemos ser vencidos e que isso implica em autoconhecimento e análise de si perante os outros, da compreensão de que excelência pode ser um objetivo do indivíduo, respeitando seus limites e valorizando o conquistado, do poder de transformação do esporte na vida humana, na beleza estética e ética desse fenômeno de grandeza maior, e que “[...] está simultaneamente aí para confirmar o homem como um ser de horizontes, capaz de ser e estar para além de si...Uma prova insofismável de que nós somos aquilo que fazemos de nós” (BENTO, 2007, p. 33).

Se como já dissemos em muitas aulas e textos, estamos a cada dia mais convencidos de que aprendemos pelos exemplos mais do que pelas palavras. Exemplos permanecem e perenizam-se. Encontramos diversos fatos, razões e ações dos exemplos esportivos, e dos aprimoramentos humanos por ele provocados no projeto de desenvolvimento humano. Temos, como lembra Pierre Seurin (1981,1983, 1984)¹³ fatos concretos na atuação esportiva não apenas como discurso, mas de exemplos práticos e reais para a formação humana.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1988.

BENTO, J.O.. Em defesa do desporto (pp. 9 -55). In: BENTO. J.O.; CONSTANTINO, J.M. (Coordenadores). **Em defesa do desporto**: mutações e valores em conflito. Almedina: Portugal, 2007.

¹³ Ressaltamos três publicações de Pierre Seurin que tratam do tema: (1) SEURIN, P.. Observações e conclusões da participação de crianças nos esportes e competições. Boletim FIEP, Brasília, v. 51, n. 3-4, julho/dezembro, 1981. FIEP (Federation Internationale D'Education Physique); (2) SEURIN, P. A manipulação da criança para o sucesso esportivo. Boletim FIEP, Brasília, v.53, n. 2-3, junho/setembro, 1983; (3) SEURIN, P..A competição desportiva e a educação do adolescente. Revista Artus, Rio de Janeiro, ano VII, n.12/14: 44-47, 1984.

BENTO, J.O. **Desporto: discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física/ UNICAMP, Coleção CEAv Esporte, 2013 (300p.)

BICUDO, M. A. V.. Meta-análise: seu significado para a pesquisa qualitativa. REVEMAT. eISSN 1981-1322. Florianópolis (SC), v. 9, Ed. Temática (junho), p. 07-20, **2014**.

CASTRO, A. A.. **Revisão sistemática e meta-análise**. 2001. Disponível em: <http://metodologia.org/wp-content/uploads/2010/08/meta1.PDF>; acesso em 26 de janeiro de 2015.

CONSTANTINO, J.M. Os valores educativos do desporto (pp. 57 -79). In: BENTO. J.O.; CONSTANTINO, J.M. (Coordenadores). **Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito**. Almedina: Portugal, 2007.

CHIZZOTTI, A.. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHIZZOTTI (b), A.. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 9ª. edição. São Paulo: Cortez, 2008.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. (Coaut. de). **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. 226p.

FREIRE, J.B.. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus editorial, 1991.

FREIRE, J.B.. **Pedagogia do Futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003

_____. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.

GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. edição, São Paulo: Atlas, 2002.

HIRAMA, L.K.; MONTAGNER, P.C.. **Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos**. São Paulo: Phorte Editora, 2012 (232p.).

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M.. **Pesquisa Pedagógica: do projeto à implementação**. Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008. Coleção: Métodos de Pesquisa

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª. ed., revisada e ampliada, São Paulo: Atlas, 2010.

MONTAGNER, P.C.. **Esporte de competição x Educação? O caso do basquetebol**. 1993. Dissertação (Mestrado). Piracicaba: Unimep: São Paulo, 1993.

_____. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. 1999. Tese (Doutorado). Campinas, Unicamp: São Paulo, 1999.

PAES, R.R.; MONTAGNER, P.C.; FERREIRA, H.B.. **Pedagogia do esporte**: iniciação e treinamento em basquetebol. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.(175p.)

RODRIGUES, C.. **A abordagem processual nos estudos da tradução: Uma análise meta-análise qualitativa**. Cadernos de Tradução (UFSC), Florianópolis, v. 10, n.2, p. 23-59, 2002.

SANTANA, W. C. . Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R.R.; BALBINO, H.F. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 1-22.

SEURIN, P.. Observações e conclusões da participação de crianças nos esportes e competições. **Boletim FIEP**, Brasília, v. 51, n. 3-4, julho/dezembro, 1981. FIEP (Federation Internationale D'Education Physique).

SEURIN, P. A manipulação da criança para o sucesso esportivo. **Boletim FIEP**, Brasília, v.53, n. 2-3, junho/setembro, 1983.

SEURIN, P..A competição desportiva e a educação do adolescente. **Revista Artus**, Rio de Janeiro, ano VII, n.12/14: 44-47, 1984.

SOUSA, M.R. de; RIBEIRO, A.L.P. Revisão sistemática e meta-análise de estudos de diagnóstico e prognóstico: um tutorial. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, n.92(3), pp. 241-251, 2009.

TRIVIÑOS, A.N.S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ESTUDO 1

ESTUDO 1 - AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO ESPORTE CONTEMPORÂNEO E O ESPORTE DE CRIANÇAS E JOVENS

I. Apresentação

Reunimos aqui alguns estudos publicados nos últimos anos e adaptados para as relações entre o fenômeno esportivo com suas novas configurações e as suas relações com crianças e jovens. Refletimos inicialmente sobre as características e delimitação do esporte contemporâneo enquanto um fenômeno atual, modificado e diferente do esporte moderno (com gênese no século XIX, na Inglaterra, anterior a ele e base fundamental para sua composição). Diante disso, apresentamos introdutoriamente o processo histórico que criou o esporte moderno e suas normatizações, assim como as transformações socioculturais e as adaptações causadas sobre o fenômeno em questão, além da sua expansão no mercado, que terminam por transformá-lo num fenômeno contemporâneo diferenciado.

Nossa concepção é a de que o esporte moderno passou por profundas transformações, sobretudo, através do modelo capitalista, modificando suas estruturas no esporte de alto-rendimento, e provocando, a reboque desse modelo, modificações também no esporte de formação de crianças e jovens.

Observam-se rupturas dos modelos de gestão e financiamento do esporte profissional que também puderam ser identificadas nas categorias de base (BENELLI, 2007), com mudanças substanciais nos modos de financiamento e manutenção de equipes. Mais detalhadamente pudemos observar nessas categorias características oriundas da profissionalização e organização institucional do Esporte contemporâneo, com semelhanças na sua forma de estruturação, organização dos campeonatos, nas condições de treinamento e preparação para as competições, nos modelos de financiamento de equipes, dos atletas e profissionais envolvidos na preparação de crianças e jovens atletas.

A lógica de construção do presente ensaio também tem como referencial, especialmente no destaque ao título do capítulo, uma publicação recente intitulada “Novas configurações socioeconômicas do Esporte Contemporâneo”. Considerando-se que o esporte instaurou-se como importante fenômeno sociocultural no século XX, e as decorrências e transformações de seus valores, alcances e abrangências, algumas das discussões importantes do estudo foram suas relações entre amadorismo versus profissionalismo, as comparações entre os diferentes regimes

socioeconômicos, as suas transformações durante e após o fim da Guerra Fria, as diferentes formas de entender o esporte contemporâneo, mais especialmente nas suas transformações econômicas e mercadológicas. (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009).

Examinar essas transformações são alguns dos problemas que merecem atenção, e constituem-se na abordagem central do presente capítulo. Se considerarmos que o desporto é um patrimônio cultural da humanidade, entendemos como necessário a construção de projetos e elaboração de estudos que identifiquem suas múltiplas dimensões.

Devemos pensar – de forma perene -, em como construir uma interação entre os “novos movimentos” do esporte na sociedade e as relações de ensino, dependência e fatores correlatos desse fenômeno com essa sociedade que o constrói constantemente. A ampliação do debate certamente valorizará o conhecimento do Esporte e suas diferentes abordagens. Implica não dissociá-la do que ocorre ao redor do mundo, significa “ir além” da discussão sobre o ensino e aprendizagem.

Dentre os diferentes fenômenos sociais de abrangência, podemos identificar o Esporte dos mais significativos do mundo com grande tendência de crescimento. Das evoluções mais significativas no campo dos esportes, a evolução do esporte-espetáculo apresenta uma série de dependências teóricas e fatores correlatos. As ciências do esporte evoluíram a ponto de responderem com competência e capacidade sobre questões físicas, técnicas e táticas; áreas novas como a pedagogia do esporte, a psicologia, organização e administração esportiva ainda carecem, no Brasil, de maiores aprofundamentos e produção sistematizada, sobretudo, no esporte de crianças e jovens.

II. A transição e transformação do esporte moderno em esporte contemporâneo¹⁴.

O esporte moderno conceitualmente foi originado na Inglaterra no século XIX, baseado na apropriação dos jogos populares por parte da nobreza que os

¹⁴ Neste tópico utilizaremos a síntese de dois estudos publicados que permitem uma discussão sobre a trajetória do fenômeno esportivo e suas transformações ao longo da história. O primeiro publicado na Revista da Educação Física/UEM, em 2009, intitulado “novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo” (MARQUES, GUTIERREZ, MONTAGNER, 2009), e o segundo publicado na Revista Conexões intitulado “O modelo de Brohm e a organização do basquetebol masculino brasileiro” (BENELLI, RODRIGUES; MONTAGNER, 2006).

sistematizou e regulou de acordo com seus valores morais (BOURDIEU, 1990). Alguns autores apresentam o fenômeno esportivo a partir de diferentes olhares e estabelecem alguns conceitos que nortearam diversos estudos sobre essa temática.

Guttmann (1978) caracteriza o fenômeno a partir de sete categorias: secularidade, igualdade de chances, especialização, burocracia, racionalização, quantificação e recordes. Marques (2007) acrescenta a ideia de representatividade, visto que o esporte moderno tem nela uma grande vitrine, servindo de suporte para sua divulgação, além da possibilidade do uso político desse fenômeno.

Bourdieu (1983 e 1990) estabelece o conceito de *campo esportivo* como um campo social de disputas de capital específico, nesse caso caracterizado pela luta entre amadorismo e profissionalismo (diferenciação social aristocrática) e a racionalização do uso do corpo em práticas reguladas por normas e regras estabelecidas.

As modificações estruturais no esporte contemporâneo aconteceram de forma gradual por meio de mudanças de paradigmas, de transformações nas tendências da sociedade e nas conseqüentes caracterizações históricas ocorridas nessa trajetória, que surgiu de maneira mais contundente após a Segunda Guerra Mundial, quando o uso político, a popularização, mundialização e espetacularização desse fenômeno tomaram maiores proporções e tiveram seu ápice no final da Guerra Fria (TUBINO, 1992).

De acordo com Proni (1998) o esporte passou por mudanças qualitativas em sua estruturação e divulgação no século XX, ocorrido em razão da transformação das estruturas sociais e econômicas, sobretudo após a 2ª. Guerra Mundial, e também pela progressiva mercantilização da cultura (PRONI, 1998).

Não obstante, diferentemente do esporte moderno do século XIX, não houve no esporte contemporâneo uma ruptura pontual seguida do surgimento de um fenômeno totalmente novo, mas surgiu a partir de adaptações e relações com as novas configurações sociais, gerando um objeto diferente. O esporte contemporâneo possui características similares quanto à sua identidade como campo social (campo esportivo), entretanto, singular em relação às suas formas de manifestação e a seus símbolos, signos e objetivos (MARQUES, 2007).

A importância política do esporte no período entre as guerras mundiais eleva-se principalmente devido a dois aspectos: a possibilidade de comparações diretas de desempenho entre as nações envolvidas; e pela capacidade de atrair um número

elevado de pessoas, sobretudo devido às características deste fenômeno esportivo – (a) ter regras de fácil compreensão e resultado imediato; (b) ter regras universais; (c) ter a possibilidade de identificação com o coletivo; (d) criar um mundo próprio; (e) ter representação nacional mediante a comparação de rendimentos e sucesso da nação; (f) ser um espelho da respectiva concepção de valores já existente na sociedade (BRACHT, 1997).

Até esse período, quando o esporte começa a tomar proporções de espetáculo (nesse caso voltado à política), os Jogos Olímpicos não faziam muito sucesso, o que viria a mudar pelo incremento de seu uso por governos e consequente aumento da divulgação (TUBINO, 1997).

Para aprofundar essa discussão será apresentada introdutoriamente a principal obra de Brohm (1976), “Sociologia Política do Esporte”, como um dos referenciais teóricos visando interpretar o sistema esportivo e as transformações do esporte (o autor utilizou esporte moderno) que na década de 70 discutia essas mudanças estruturais e o uso político do esporte.

O sociólogo Jean-Marie Brohm publicou sua principal obra, *Sociologie Politique du Sport* em 1976, época que se instaurava uma crise de valores no esporte e debatiam-se questões como: a escravidão do atleta, utilização ideológica do esporte, formação de campeões, comercialização predatória e a influência dos meios de comunicação e publicidade no cenário esportivo. Para o autor estes aspectos refletiam de duas maneiras, na adaptação do esporte (moderno) a organização capitalista industrial no contexto mundial e na utilização do esporte como aparelho ideológico do Estado.

Proni (2002, p.33) faz uma síntese desta obra e coloca que Brohm define seu livro como “um ensaio de sociologia geral do esporte, que procura hierarquizar e examinar as categorias centrais do sistema esportivo, as quais devem permitir entender sua estrutura de funcionamento e o seu desenvolvimento histórico”.

Como parte de suas referências metodológicas, Brohm busca fundamentação teórica em Marx, tratando o esporte como uma totalidade em suas relações, não obstante devido às dificuldades e complexidades do esporte o autor opta por constituir uma rede de conceitos a partir de diversos autores para organização deste estudo, como Lévy-Strauss, Weber, Freud e Althusser (BROHM, 1976).

Procurando estabelecer um paralelo entre a mercantilização do esporte e a lógica capitalista de organização social, Brohm define o sistema esportivo com o

conceito de processo de produção esportiva que inserido no sistema capitalista, produz determinadas mercadorias como: campeões, espetáculos, recordes e competições. Por outro lado, o esporte também é visto como uma instituição social original, ou como o autor coloca, a instituição da competição física que reflete estritamente a concorrência econômica industrial.

Proni (2002, p.35), balizando-se pelos estudos de Brohm, explicita sobre a aparição do esporte moderno, seu funcionamento e estruturação do sistema esportivo.

A noção de produção esportiva justifica-se na medida em que o esporte, como forma abstrata da tecnologia corporal baseada no rendimento, inseriu-se organicamente nas formas lúdicas de exercícios competitivos, convertendo-as em técnicas altamente racionalizadas e eficazes. O princípio de rendimento surge então como o motor do sistema esportivo, uma espécie de centro de gravidade em torno do qual se situam os demais elementos, um princípio pelo qual se guiam as mudanças estruturais.

Uma das questões que a sociologia política do esporte necessita analisar é o motivo pela qual todas as formas sociais avançadas ou em desenvolvimento adotarem princípios similares no sistema esportivo, baseado na produção de campeões e na maximização do rendimento. A respeito desta inquietação, a principal hipótese de Brohm (1976, p.63) é que:

O sistema esportivo em vias de mundialização é o reflexo da universalização e da extensão para todas as formas sociais do globo o modo de produção capitalista, porque as categorias mercantis correspondentes a esse modo de produção determinam as leis de funcionamento do sistema esportivo.

Brohm estabelece alguns conceitos sobre o advento do esporte moderno baseado na totalidade estruturada do sistema esportivo que se constitui progressivamente a partir de um sistema de dimensões mundiais. Este autor aponta algumas características relacionadas ao advento do esporte moderno que: nasce com a sociedade industrial e é inseparável de suas estruturas e funcionamento; evolui estruturando-se e organizando-se internamente de acordo com a evolução do capitalismo mundial; e assume forma e conteúdo que refletem essencialmente a ideologia burguesa. O autor acredita que a essência do esporte moderno é a ideologia democrática típica de uma sociedade que necessita cultivar um ideal humanitário e, ao mesmo tempo, manter suas estruturas de classes e seus mecanismos de dominação (BROHM, 1976, p.80-81).

Na lógica capitalista de organização, o sistema esportivo constitui uma totalidade articulada de instâncias (econômica, cultural, ideológica política, etc) dominantes que se estrutura conforme um esquema piramidal no qual há uma hierarquia de poder e uma determinada escala de valores (BROHM, 1976, p.88). Do mesmo modo que há uma racionalidade que organiza os mercados e a concorrência capitalista, há um quadro de normas que regulam a competição esportiva. E como os princípios da sociedade capitalista mercantil determinam estruturalmente o esporte, as categorias socioeconômicas encontram correspondência nas categorias esportivas (PRONI, 2002, p.43).

A respeito da funcionalidade da instituição esportiva, Brohm coloca que as funções do esporte de hoje são múltiplas, contraditórias, complexas, evolutivas e diferentes das funções da época de seu nascimento. Para estudá-las o autor faz uma divisão de acordo com as seguintes categorias sociais: econômica, sociopolíticas, psicológicas e mitológicas.

Para Brohm, na instância econômica, à medida que a circulação e a valorização das mercadorias penetram no âmbito do sistema esportivo, inserindo-o nas malhas do sistema capitalista, o esporte converte-se num simples anexo funcional deste sistema (BROHM, 1976, p.153). “Assim, à medida que as práticas esportivas se estruturam enquanto instituição integrada, o esporte moderno passa a obedecer a todas as leis que regem o sistema capitalista: acumulação, concentração e circulação de capitais” (PRONI, 2002, p.46).

A abordagem da obra de Jean-Marie Brohm que segundo Proni (2002, p.57) tem como propósito “discutir a lógica de funcionamento do sistema esportivo, as funções que a instituição esportiva cumpre na reprodução da ordem social e política, assim como a reciprocidade entre a ideologia esportiva e os valores éticos e morais do capitalismo”. Esse modelo de Brohm parece útil para entender a organização do esporte contemporâneo, pois estão presentes questões ligadas ao processo de mercantilização esportiva, a busca de recursos financeiros, comercialização dos espetáculos, a maximização do rendimento e todas as transformações ocorridas neste fenômeno.

No período da Guerra Fria, com a separação das grandes potências mundiais em dois blocos econômicos, os Estados ampliam a utilização do esporte como forma de manifestar superioridade em relação a outros povos. Conquistar uma medalha neste período significava a supremacia de um sistema político em relação ao outro. Nesse momento surge um aumento de investimentos nas melhorias do alto

rendimento e à representatividade exercida por atletas em encontros internacionais, inclusive de países em desenvolvimento, sobretudo, com a entrada da União Soviética nos Jogos Olímpicos (1952, em Helsinke, Finlândia), o que influenciou no aumento do financiamento de modalidades olímpicas por parte dos Estados Unidos (TUBINO, 1992).

Ocorre nesse período o fortalecimento da perspectiva espetacular do esporte, pois para que seu uso político fosse eficiente era necessário divulgá-lo, fazer desse fenômeno uma manifestação cultural importante, que gerasse interesse e unificasse formas de comunicação entre todo o mundo. Isso ampliou seus limites geográficos e culturais, tornando-o mais conhecido e valorizado em todo o planeta, mas também abriu possibilidades de novas formas de manifestação, devido às diferentes incorporações desse fenômeno por inúmeras formas de cultura (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008a).

O uso político-ideológico do esporte teve seu ápice durante o período da Guerra Fria e com a queda do muro de Berlim os investimentos mudaram de sentido. Além de finalidade política, como tinha a capacidade de mobilizar grandes multidões, o esporte começou a apresentar potencial mercadológico. Isso ocorreu devido ao aumento de divulgação e influência cultural das competições esportivas, principalmente dos Jogos Olímpicos, que passaram a atrair um enorme público e a representar um valioso mercado em potencial.

Observam-se significativas mudanças na arquitetura e dimensões das instalações, mas principalmente no aspecto econômico, quando comparamos as primeiras olimpíadas modernas com os jogos olímpicos atuais com período de 100 anos depois, e atualmente esse evento é organizado por empresas e profissionais especializados no marketing esportivo. Os atletas de alto nível, especialmente os campeões, atualmente conseguem grandes remunerações pelo esporte, seja através dos salários ou pela exposição produzida e simultaneamente transmitida para todos os continentes. Os espectadores são tratados como consumidores, os custos operacionais do megaevento são bancados por empresas multinacionais. Dezenas de cidades pretendem formalizar sua candidatura para disputar formalmente o direito de sediar os Jogos (PRONI, 2008).

Segundo Pilatti (2000), o processo de espetacularização ocorreu antes da comercialização, ou seja, a capacidade do esporte de expansão e de veiculação como forma de cultura de massa, produzida pelo seu uso político, motivou a mudança desse paradigma para o comercial.

Com o fim da Guerra Fria e fortalecimento da globalização, o esporte, antes pautado principalmente pela disputa político-ideológica, rumou no sentido da disputa mercadológica. Essa transformação foi gradual e não pontual. Foram cerca de 40 anos de mudanças até o fenômeno atual. Após a Segunda Guerra, o amadorismo olímpico começou a ser falseado. Nos países socialistas os atletas “amadores” passaram a receber do Estado o apoio necessário para dedicarem-se intensamente aos treinamentos e às competições. Por sua vez, no bloco capitalista, começaram a ser oferecidas bolsas de estudos e subsídios para maior dedicação à prática de jovens atletas promissores (PRONI, 2008).

Uma das diferenças entre o final do período moderno do esporte, caracterizado pela Guerra Fria, e o período contemporâneo, é a aceitação e exploração universal do profissionalismo a partir dos Jogos de 1988 e 1992, em Seul e Barcelona, respectivamente. O profissionalismo posterior à Segunda Guerra Mundial era mascarado e por isso representa essa transição. Após essas edições olímpicas nota-se a transformação das Olimpíadas num megaespetáculo dirigido pela lógica de mercado e segundo os interesses do mundo dos negócios.

A inclusão de atletas profissionais nos Jogos Olímpicos ocorreu em etapas. Em 1988 foram permitidos a participação de jogadores profissionais de futebol, com limite de idade até 23 anos, e o retorno de jogadores da ATP em tênis de campo. Em 1992, foi liberada a participação de jogadores de basquete da NBA. Em 1996, os jogadores de vôlei de praia da Liga Profissional Americana puderam competir, assim como foi permitida a inclusão de três jogadores de futebol com mais de 23 anos. Em 2000 aceitou-se a inclusão dos profissionais do beisebol (PRONI, 2008).

Alguns Estados e investidores privados iniciaram a transformação desse universo num mundo de mercado, aproveitando-se desse quadro de interesse pelo espetáculo esportivo e a capacidade do esporte dialogar com inúmeras formas de cultura, por ser um fenômeno universal. A partir daí, esse objeto assume o *status* de produto e criador de outros novos mercados e bens associados a ele (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008b).

Torna-se claro que o esporte-espetáculo da era da globalização não tem a mesma realidade com o esporte de elite dos tempos de Coubertin. A sociedade de consumo propiciou a base para que o espetáculo esportivo se convertesse em veículo de propaganda de produtos destinados a mercados de massa (PRONI, 1998). Esse movimento expande os limites geográficos, culturais e de significados do esporte. Seu uso se amplia e ele se faz produto não somente em competições internacionais, mas

também em níveis regionais. Além disso, a imagem desse fenômeno, tida como positiva e unificadora dos povos, atrai o interesse para a prática de muitas pessoas de diferentes culturas.

O esporte moderno, pautado prioritariamente no alto rendimento, não se fez capaz de abarcar as inúmeras necessidades de prática dos sujeitos envolvidos de todo o mundo, o que se nota no fenômeno mais atual é o aumento da utilização e criação de formas de atividades esportivas (TUBINO, 1992). Isso se expressa pelos diversos sentidos e significados para a prática que se fazem presentes na sociedade contemporânea. Esse fato levou ao surgimento de inúmeras formas de manifestação do fenômeno. A diversificação de práticas se coloca como uma das características desse universo que lida com a variedade cultural e social de todos os praticantes.

Devido ao período de reorganização político econômica por que passava o mundo no período “Pós-Guerra Fria” e início de globalização, puderam-se notar diferentes formas de gerenciamento e organização esportiva. Organizam-se quatro escolas esportivas nesse período: a *Saxônica*, pautada na Universidade; a *Socialista*, com o Estado como organismo central de todas as ações; *Europeia ocidental*, um misto das duas primeiras e a *Asiática*, precursora do paradigma do esporte como negócio, que tinha na indústria sua principal base (TUBINO, 1997). É possível aproximar o modelo esportivo brasileiro com a escola Europeia-ocidental devido às características clubísticas para a prática, pela participação do Estado nos financiamentos e políticas de gerenciamento, e pela inserção de empresas privadas nesse setor (BENELI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006).

Independentemente da forma de organização esportiva, as nações buscaram se associar com perspectivas mercadológicas como rumos para suas ações, por ser esta a essência do esporte contemporâneo; porém, nota-se que o crescimento da globalização e hegemonia do mercado capitalista conduzem o esporte a um modelo atual mais unificado de organização, que por um lado ainda preserva algumas características das escolas já citadas (por exemplo, a presença das universidades saxônicas na formação de atletas), mas por outro se volta prioritariamente à comercialização, disseminação e divulgação das práticas esportivas, por meio da heterogeneidade de práticas e do aumento do contato dos indivíduos com o esporte devido às suas diversas formas de manifestação.

Além da mercantilização das práticas esportivas, outra característica importante do esporte contemporâneo é a institucionalização de sentidos que transcendem a hegemonia do alto rendimento. Isso se apresenta como alternativa de

práticas e de aproximação dos sujeitos ao universo esportivo, ligadas no mundo atual a ideais de promoção da saúde, valores educacionais, inclusão social e diversão, entre outros. Nota-se interesse pelas diferentes faces do esporte contemporâneo tanto por órgãos de mercado (pela aproximação e familiarização desse fenômeno ao grande público por meio de práticas variadas) quanto de políticas públicas.

Nesta perspectiva de substituição do uso político ideológico do fenômeno esportivo por um novo paradigma, o do esporte como negócio, surge um novo conflito social: o confronto direto entre a lógica do mercantilismo e os valores do esporte. Os valores esportivos, desenvolvidos desde a Antiguidade e consolidados no associacionismo e no *fair play*, vão sendo gradualmente ameaçados pelos aspectos pragmáticos do lucro (TUBINO, 1992).

Nesse processo, o esporte contemporâneo se caracteriza como um fenômeno heterogêneo ligado ao mercado, cujas práticas, voltadas ao lazer, à educação formal e ao alto rendimento, acabam ou se associando com o giro de capital ou sofrendo influência cultural de um modelo hegemônico. Nesse universo os meios de comunicação exercem um papel de destaque, de divulgar e expandir os conceitos, costumes, símbolos, valores e produtos do esporte. (MARQUES, 2007).

Podem-se notar duas ações vinculadas a essa tendência de expansão do esporte contemporâneo. Conforme Gebara (2002, p. 13), ocorre a massificação do esporte, com o objetivo de fazer o esporte ser consumido pelo maior número de pessoas possíveis e a democratização do esporte, que significa possibilitar às minorias a efetiva participação no esporte.

Com a massificação, o esporte, que tem origem nos jogos produzidos pelo povo e no lazer voluntário, retorna ao povo como espetáculo para consumo (BOURDIEU, 1983). O sentido da massificação é direcionado ao crescimento de espectadores e consumidores num mercado de bens, serviços e entretenimento (MARCHI JR, 2006). A democratização surge a partir da preocupação em disponibilizar a prática esportiva para o maior número de pessoas possível, seja por meio de políticas públicas ou de ações privadas.

Como consequência do aumento da mercantilização e da queda da credibilidade dos valores morais do alto rendimento instala-se no esporte contemporâneo, uma contradição: enquanto órgãos oficiais produzem políticas, projetos e manifestos a favor da democratização do esporte, o setor privado, com apoio dos meios de comunicação, rumo num sentido hegemônico de encarecer a

prática e os produtos a ela associados a partir da criação de hábitos e necessidades vinculados ao universo esportivo. Ao mesmo tempo em que tenta direcionar para uma democratização de práticas heterogêneas, o esporte se nutre da massificação de seus produtos.

Nesse processo, observa-se a substituição de estruturas pseudo-profissionais (termo citado por Proni, 2000) por profissionais, ocasionando o desmonte de instituições que não se adaptam à perspectiva de mercado, ou restringindo-as à prática esportiva de base ou de lazer, distanciando do ambiente de alto rendimento. Nessa perspectiva, quanto maior é a oferta e aceitação de produtos, melhor o retorno e possibilidades de crescimento. Por outro lado, a desvalorização do produto dificulta cada vez mais a ascensão esportiva e atração de novos praticantes e/ou consumidores (BENELI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006).

A mercantilização do esporte contemporâneo se apresenta sob diversos aspectos: como comércio de possibilidades de prática de lazer, mercado de artigos esportivos ou associados a este fenômeno, meios de informação, ou através do esporte-espetáculo, sendo este último a forma de expressão que exerce mais influência sobre o processo, difundindo uma cultura esportiva de consumo (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008b). O consumidor de artigos esportivos não consome somente roupas, mas signos, valores e comportamentos embutidos no produto. Nesse sentido, a massificação do esporte tem sido bastante funcional para a expansão dos mercados esportivos e das oportunidades ocupacionais relacionadas ao esporte (PRONI, 1998). O processo de massificação está intimamente ligado à espetacularização deste fenômeno. A divulgação de suas práticas, valores e significados amplia o campo de ação do mercado e do esporte como produto.

O processo de profissionalização do esporte também o tornou popular com base na massificação de suas práticas e significados. O amadorismo anterior restringia os grupos a reuniões de sujeitos homogêneos socialmente (MARCHI JUNIOR, 2006), mas ao profissionalizar-se, o esporte mudou seus interesses amadores de diferenciação social num sentido de ser um fenômeno que transcende barreiras sociais com vista ao aumento do próprio consumo.

Tem-se como exemplo a estrutura organizacional e de mercado da NBA, Liga de basquetebol profissional dos Estados Unidos que, no sistema de gerenciamento de franquias, cria novos produtos, maximiza a venda dos que já são oferecidos e lança uma rede de negócios que explora não somente o jogo, mas também os sujeitos envolvidos nele. Dessa forma, busca transformar os atletas não somente em heróis,

mas em artistas e celebridades, na expectativa de explorar suas imagens em diversos mercados. Segundo Rifkin (1999), que aponta dados referentes à tendência mercantilista do esporte durante a década de 1990, estima-se que Michael Jordan, considerado um dos maiores, senão o maior jogador de basquete da história, tenha movimentado individualmente US\$ 10 milhões na economia americana até 1999.

Outro trunfo da NBA que também serve como exemplo da mercantilização do esporte é sua inspiração em marcas de sucesso mundial como Disney e McDonalds, e sua tentativa de estender sua marca para produtos licenciados, ampliando suas vendas para além do simples jogo de basquete. Como dados comprobatórios dessa iniciativa, têm-se o crescimento dos valores de contratos de licenciamentos e patrocínios da NBA de US\$ 107 milhões em 1986, a 1996 US\$ 3 bilhões em 1996 (RIFKIN, 1999). Quase 20 anos depois, os números são ainda mais robustos. Em números atuais, essas somas são irrisórias se considerarmos os valores financeiros que o esporte alcançou no mundo em 2014 e 2015.

Outro ponto de diferenciação entre o esporte moderno e o contemporâneo é o fim do amadorismo como forma de diferenciação social, visto que a democratização, massificação, espetacularização e as inúmeras formas de manifestação do fenômeno proporcionam acessos a ambientes profissionais e não profissionais sem representar uma disputa de classes, embora o contato com certas modalidades não se expresse de forma homogênea para sujeitos de estruturas sociais distintas. Na verdade, a diferenciação social que ocorre no esporte como fenômeno contemporâneo se dá através das diferentes condições de vida, ou seja, pelas possibilidades de acesso a bens de consumo que proporcionem como produto.

Após essa apresentação dos aspectos relacionados a transformação do esporte moderno, buscaremos neste momento aproximar a discussão a realidade brasileira e suas peculiaridades. No Brasil, retrocedendo nossa análise para o final do século XX, década de 80 e 90, o esporte desenvolveu-se em diversas agências, entre elas a escola, os clubes, associações de bairros, prefeituras municipais, através dos órgãos governamentais, entre outros. Historicamente, as estruturas esportivas formais, que gerenciam as competições, sempre estiveram vinculadas aos clubes e federações, e posteriormente às ligas regionais. No caso do esporte profissional surgiram as empresas com seus conceitos modernos de gestão, administração e marketing e interessadas em “organizar” o esporte-espetáculo, dando-lhe assim um novo movimento e conceitos de estruturação.

Embora seja tentador acreditar que o ingresso desse novo modelo de organização esportiva a partir das transformações do esporte moderno seja responsável pela melhora acentuada na estrutura e nos resultados esportivos do Brasil no cenário esportivo mundial (LOPEZ, 2005), também não podemos ignorar que ocasionou modificações culturais, estruturais e novos paradigmas para a realidade esportiva brasileira.

Isto é, se por um lado, o processo de mercantilização, profissionalização e espetacularização, sobretudo através do modelo capitalista, transformou o esporte moderno e modificou suas estruturas, ampliando as possibilidades nos diversos campos de atuação e buscando atender uma demanda ávida pelo consumo deste fenômeno, por outro lado, observa-se a introdução de algumas características advindas das transformações do esporte moderno nas categorias de base no esporte brasileiro. Como exemplo podemos citar as categorias de base do basquetebol masculino paulista, em que se observa a apropriação de características do esporte profissional, na medida em que sua estrutura organizacional também se insere nesse contexto social esportivo, e dessa forma se torna um anexo funcional desse sistema (BENELI, 2007).

Buscando reforçar a discussão inicial sobre as configurações e características do esporte contemporâneo, os três paradigmas históricos no esporte de alto-rendimento, identificados por Tubino (1997) necessitam ser conhecidos: (1) o paradigma do esporte como ideal olímpico; (2) o paradigma como utilização política; (3) o paradigma do esporte como negócio”. O terceiro paradigma apresentado pelo autor representa um recorte bastante atual, focado e utilizados nos conceitos de marketing esportivo, com o fortalecimento do esporte-espetáculo, do aumento de interesse dos meios de comunicação para o “produto esporte” e da nova configuração do sistema esportivo mundial (TUBINO, 1997, p. 22).

Segundo o autor, este terceiro paradigma - o do esporte como negócio - modificou as relações de poder e resultados no campo esportivo e trazem “à baila” um novo conflito ideológico: “a lógica do mercantilismo x ética no esporte” (TUBINO, 1997, p. 22).

Para que se tenha uma ideia da importância das colocações anteriormente apresentadas, a indústria do esporte é das que mais crescem no mundo moderno (PITTS; STOTLAR, 2001). Estudos da Fundação Getúlio Vargas em parceria com a Confederação Brasileira de Voleibol registram esse crescimento no Brasil, com

comentários práticos e voltados para uma compreensão mercadológica do voleibol em nosso país (O esporte como indústria, 1999).

Estudos mais recentes apontam que o PIB do esporte no Brasil cresceu 7,1% anualmente de 2007 a 2011, enquanto que o PIB Brasil cresceu neste mesmo período 4,2% ao ano. O esporte era responsável por 1,6% do PIB do país, aproximadamente R\$ 67 bilhões e espera-se que esse índice chegue a 1,9% até os Jogos Olímpicos de 2016 (EXAME, 2014).

Nesse tema, recente publicação dos autores Proni, Faustino e Silva (2014) discute com detalhes interessantes o tema dos impactos econômicos de megaeventos esportivos, com destaque especial para os estudos de casos nas várias edições da Copa do Mundo de futebol e do Jogos Olímpicos, seus indicadores econômicos e impactos esperados. Trata-se de uma obra valiosa para análise do esporte na perspectiva da economia e as implicações microeconômicas, no caso específico do Esporte, e no plano macroeconômico. Ainda, uma obra importante para reflexão é de Schimmel (2013), que estuda o esporte em suas características contemporâneas, sobretudo na perspectiva do desenvolvimento esportivo na relação urbana, dos desafios e perspectivas dos grandes eventos esportivos, e as conexões que se estabelecem nos processos econômicos, políticos e sociais.¹⁵

No plano da organização e administração esportiva, Molina Neto (1992) já demonstrava, de forma interessante, um enfoque crítico sobre o marketing esportivo. Para ele, as políticas e conceitos do esporte têm seus horizontes determinados fora de suas fronteiras, ou seja, são determinadas em âmbito internacional. O autor sugeriu a compreensão de que as políticas atuais de esportes no Brasil têm aproximação com o movimento internacional e os interessa nas questões mercadológicas. Isto posto, temos no panorama brasileiro, cópias do novo paradigma do esporte mundial e de modelos esportivos atualmente utilizados em países de vanguarda, como os EUA, e outros países da Europa (como exemplos a Itália e Espanha no futebol). O modelo é o ideal olímpico, travestido de aspectos éticos, mas como “pano de fundo” o enfoque da superação a qualquer preço, a partir do *princípio do rendimento*, se não mais em níveis do paradigma como utilização política, o do terceiro paradigma, o das relações mercadológicas.

¹⁵ As obras citadas foram prefaciadas pelo prof. Paulo Cesar Montagner e assim referenciadas para o leitor: PRONI, M.W.; FAUSTINO, R.B.; SILVA, L. O. da.. Impactos econômicos de megaeventos esportivos. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014 (182p.) e SCHIMMEL, K.. Os grandes eventos esportivos: desafios e perspectivas. Belo Horizonte: Unicamp- CEAv, Casa da Educação Física, 2013. (310p. edição bilingue português/inglês)

O principal alvo se apresenta como a mercantilização do esporte de alta performance, em que os objetivos estão focados em fortalecer marcas, ampliar o ciclo de vida dos produtos e serviços (tangíveis e intangíveis), estar na mente dos clientes, ações e metas essencialmente mercadológicas.

Portanto, o esporte tornou-se uma grande fonte de comunicação, com ilimitadas e inesgotáveis formas e “ferramentas” de marketing, que muitas vezes a linguagem verbal ou outros mecanismos não conseguem alcançar com a mesma facilidade. Os atletas se transformam em atores com grande capacidade gestual, motora e corporal, exibindo suas artes para uma massa de pessoas espalhadas em todo o mundo, levadas diretamente por “grandes braços” de comunicação. E o capitalismo, detectando estas características, transformou o esporte numa importante atividade econômica, através de várias indústrias, da mídia, de aparelhos esportivos, de costumes e produtos diversos (BETTI, 1997, p. 40). Essas ações e linguagens contribuem para a “massificação” do esporte em diferentes escalas.

De acordo com reportagem da Revista Veja, uma das modalidades mais tradicionais do Japão, o sumô, está perdendo espaço no país para modalidades como o futebol: nos últimos dois anos a bilheteria das lutas de sumô diminuiu 10%; Os índices de audiência na TV caíram 35% nos últimos quatro anos. No ano de 2003, apenas 50 empresas patrocinavam lutadores de sumô, sendo que dez anos antes o número de patrocinadores chegava a 150; Os pôsteres mais procurados por jovens exibiam ídolos como Ronaldinho e David Beckham, e não mais estrelas do sumô (REVISTA VEJA, Sumô em baixa no Japão, p.48, 12.03.2003).

Tal massificação tem suas origens justamente nessas características econômicas, é um processo de fazer chegar a produção a grandes níveis de consumo, e a forma espetacularizada do esporte responde a esse foco, caracterizado com o que Debord (1997, p.15) refere ao espetáculo, “consumo direto de divertimentos” como “o modelo presente da vida socialmente dominante”.

Na ótica pedagógica, a massificação pode ser vista como uma exploração do contato ou vivência de determinada prática, fator que é sem dúvida mercadológico do ponto de vista do marketing. Um espetáculo, que para Debord (1997) é:

[...] o princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas supra-sensíveis embora sensíveis” que se realiza absolutamente no espetáculo, onde o mundo sensível se encontra substituído por uma seleção de imagens que existem acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência (p.29).

Não se trata de uma abordagem maniqueísta, uma discussão entre o bem e o mal, mas de elementos cruciais para a compreensão das transformações econômicas do esporte, dos aspectos percebidos (sensíveis) pela linguagem estabelecida pelo esporte enquanto espetáculo e negócio.

Não obstante isto tenha sua origem compreensível, e reconhecemos que o papel dos profissionais que gerenciam empresas é, com clareza, trabalhar com números e índices, gerar lucros e buscar mecanismos para se fortalecer num mercado atual, em tempos extremamente competitivos, entretanto, uma discussão necessária é a de que, no atual modelo de gestão do esporte-espetáculo, as equipes, atletas e clubes, enfim, os “fazedores” do esporte, tornaram-se “reféns dos patrocinadores” e de um sistema em que a cada ano se repete as buscas por recursos para viabilizar a participação esportiva. Não é incomum encontrarmos atletas e dirigentes esportivos de clubes “mendigando” alguns trocados para a manutenção de projetos esportivos e escolas tradicionais do esporte brasileiro “fecharem as portas” por falta de recursos.

A relação entre o modelo esportivo definido por Tubino (1997) como baseado no terceiro paradigma apresenta uma série de necessidades de pesquisa e reflexões, que vão desde as influências nas crianças, até no próprio sistema de formação de atletas. Reafirmamos nosso entendimento do alcance da pedagogia do esporte, onde sua área de atuação não se limita ao simples papel do professor ensinar esportes nas escolas formais, mas também nos clubes, academias, escolas de esportes, como técnico de equipes de formação de atletas para crianças e jovens.

Estas relações rapidamente mencionadas no corpo do texto demonstram a existência de interfaces entre a formação esportiva de crianças e jovens e o marketing esportivo, que buscaremos justificar melhor na sequência.

Para sintetizar a discussão anterior apontamos que a espetacularização do esporte já ocorria em sua era moderna pelo seu uso político ideológico com bastante intensidade e abrangência, porém o que se pode notar no fenômeno contemporâneo é a transição de sentido e objetivos. Durante o período do esporte moderno tem-se o esporte-espetáculo desenvolvido principalmente para fins de propaganda política, enquanto no fenômeno contemporâneo objetiva-se principalmente a mercantilização e ganho de capital.

O esporte-espetáculo contemporâneo se faz presente nesse quadro como resultado da descoberta de que o esporte pode ser um produto rentável a partir de sua relação com os meios de comunicação (TUBINO, 1997). Engloba desde o alto

rendimento espetacularizado, até a criação e comercialização de produtos voltados aos praticantes no lazer, e pode ser caracterizado como forma particular de práticas altamente competitivas ligadas ao consumo esportivo. Não substitui as formas mais simples de competição esportiva, e sim, se sobrepõe a elas: não concorre, mas potencializa as demais formas de consumo esportivo (PRONI, 1998).

Tal estrutura motivou relações mercantis no campo esportivo, seja porque conduziu ao assalariamento de atletas, seja em razão dos eventos esportivos de entretenimento de massa passarem a ser financiados através da comercialização do espetáculo (PRONI, 1998).

O objetivo do processo de espetacularização do esporte contemporâneo é a rentabilidade e a busca por profissionalização em diferentes instâncias de intervenção. Seus procedimentos e objetivos são distintos do processo de popularização da prática. Com a espetacularização um produto, as ações são direcionadas para um potencial público consumidor, ao passo que com sua popularização invariavelmente, o sentido seria a democratização da prática (MARCHI JUNIOR, 2006).

III. Tensões internas inerentes à manifestação contemporânea do esporte: refletindo a partir das categorias de base do basquetebol paulista

A espetacularização e mercantilização do esporte contemporâneo não ocorrem de forma absoluta, ou isenta de contradições e movimentos de resistência decorrentes, inclusive, da sua própria heterogeneidade. No universo esportivo atual nota-se uma mudança dos valores morais, principalmente os ligados ao uso do corpo. No esporte moderno, este era visto como uma máquina, um objeto voltado ao alcance do progresso infinito, enquanto no esporte contemporâneo, uma transformação do paradigma pedagógico em relação ao esporte. No início do século XX, o ideal da prática esportiva para crianças na escola e em clubes tinha ligação com a formação precoce de atletas e a busca por talentos, visando formar representantes da pátria ou homens fisicamente ativos, prontos para o trabalho. Questões presentes em inúmeras reflexões da sociologia e pedagogia do esporte nos dias de hoje, como a refutação à especialização precoce e a busca por promoção do bem-estar do aluno perante a prática, não eram temas frequentemente abordados. Hoje em dia há uma maior preocupação com a educação para o esporte voltada a possibilitar a sua prática de

forma interessante e prazerosa para a criança, buscando incorporá-la em seu estilo de vida, independentemente de ela se tornar atleta ou não (MARQUES, 2007).

Na contramão do consumismo nota-se também uma vontade de indivíduos, ligados à pedagogia e gerenciamento do esporte de transmitir valores relacionados com a compreensão e criticidade a respeito da espetacularização pela qual passa esse fenômeno, seus pontos positivos e negativos, visando formar cidadãos que sejam críticos e autônomos em relação às manifestações esportivas contemporâneas e seus apelos ao consumo e saibam utilizar o universo esportivo de forma positiva para sua vida.

Nota-se no fenômeno contemporâneo um cenário dicotômico entre o uso comercial do esporte, inclusive de produtos que não necessariamente se ligam à prática de atividade física, e de movimentos ligados ao uso do esporte como fenômeno de melhoria social, tanto voltado à inclusão como educação ou promoção de saúde (MARQUES, 2007).

Por tudo isso é possível assumir que a ética educacional do esporte contemporâneo se apoia na diversidade de manifestações, a preocupação sobre os valores transmitidos e a criticidade e autonomia em relação ao seu consumo, substituindo a ética do associacionismo (TUBINO, 1992), fruto de uma lógica aristocrática do século XIX, que propunha a segregação de classes e costumes no tocante ao acesso à prática esportiva.

Pelo exposto é possível, portanto, separar o esporte contemporâneo em atividades orientadas para o mercado e atividades sem finalidades econômicas, porém, com íntima relação entre elas (PRONI, 1998). Essa ligação se dá pelo fato de a segunda forma servir de fator enriquecedor da primeira, visto que auxilia na divulgação desta e na maior incorporação de um *habitus* esportivo¹⁶, além de ser influenciada por uma cultura hegemônica e comercial.

Se por um lado a expansão, a divulgação e a heterogeneização ampliam as fronteiras do esporte, tornando-o mais acessível, por outro esse crescimento também amplia a esfera de possíveis consumidores. Essa diversidade de manifestações pode tanto oferecer oportunidades de melhorias sociais, como também auxilia na divulgação e comercialização do espetáculo e de produtos ligados a ele. Nota-se como outra característica do esporte contemporâneo, o surgimento de novas práticas, muitas vezes originárias de atividades do dia-a-dia que acabam sendo esportivizadas, mas

¹⁶ Termo aplicado na perspectiva da obra de Bourdieu (1983 e 1990).

que respeitam as características heterogêneas e comerciais do esporte. Tem-se, por exemplo, o crescimento do esporte adaptado e o surgimento de modalidades ligadas à natureza, assim como a transformação de modalidades, como o futebol de areia (Beach Soccer, gerenciado pela FIFA).

Destarte o esporte contemporâneo, portanto, não pode ser visto a partir de uma visão única de uma de suas características, tampouco dissociado das características mais importantes da sociedade em que está inserido. Ele ilustra tendências e contradições presentes no ambiente em geral, a partir da sua própria especificidade e história.

O capítulo de livro intitulado “Novas configurações do esporte contemporâneo: estudo sobre a estrutura organizacional das categorias de base do basquetebol masculino paulista”¹⁷, apresenta aspectos relacionados à apropriação das características do profissionalismo nas categorias de base, e o financiamento das equipes do basquetebol masculino paulista nas fases iniciais. Representa também uma aproximação teórica das relações desenvolvidas anteriormente, e reforça a discussão sobre as tensões que envolvem as transformações do esporte contemporâneo em suas variadas formas de manifestação. Diante dessa preocupação teórica, a abordagem está focada em um estudo que dialoga com esse referencial apresentado a seguir.

Importante mencionar que o campeonato de basquetebol masculino nas categorias de base é organizado a partir da divisão em duas regiões geográficas denominadas: Interior e Grande São Paulo (GSP) que incluía além da capital, a baixada santista e a região do ABC. Após a disputa do campeonato do Interior e do campeonato da GSP, posteriormente as principais equipes destes torneios juntavam-se e disputavam o campeonato Estadual. O Campeonato Estadual de basquetebol masculino passou por inúmeras modificações relativas ao número de equipes participantes ao longo dos anos. Outro aspecto importante é que atualmente os torneios utilizam-se outra nomenclatura identificando a idade dos atletas, porém no momento da organização deste trabalho utilizou-se a nomenclatura vigente na época. Atualmente existe sub-11 (pré-mini), sub-12 (mini), sub-13 (mirim), sub-14 (infantil), sub-15 (infanto-juvenil), sub-16 (cadete) e sub-19 (juvenil).

¹⁷ MONTAGNER, P.C.; BENELI, L. M.; Novas configurações do esporte contemporâneo: estudo sobre a estrutura organizacional das categorias de base do basquetebol masculino paulista. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; GAYA, A. C. A.; BOSCHI, C. GARCIA, R.P. (orgs.). Celebrar a Lusofonia: ensaios e estudos em desporto e educação física. ed. 1, Instituto Casa da Educação Física, Vol. 1, pp.395-420. 2012.

De acordo com Diniz (2000, p. 26) “[...] essa divisão foi alvo de várias críticas, por parte dos clubes do Interior, visto que seus gastos sempre foram maiores em relação às equipes da capital”. O autor complementa ainda que:

Os gastos com as taxas de filiação, mensalidades, inspeção de quadras, inscrição por equipes, confecção dos documentos de identificação, arbitragem, transporte e alimentação de todos os integrantes da equipe, aliada a alta competitividade existente nos campeonatos e algumas situações negativas advindas dessa forma de disputa, têm sido motivo de vários pedidos de afastamento dos clubes do Interior do Estado, em relação à FPB (DINIZ, 2000, p. 26).

Diniz (2000) fez uma análise sobre a iniciação em basquetebol no Estado de São Paulo, envolvendo aspectos pedagógicos do processo e aponta algumas críticas advindas dos clubes do Interior que influenciaram inclusive no afastamento de suas equipes no campeonato das categorias de base da FPB. Essas vantagens proporcionadas às equipes da GSP relacionadas à organização do campeonato podem ser observadas a partir do número de títulos nos campeonatos Estaduais organizados pela FPB ao longo de sua trajetória. Na Grande São Paulo, principalmente nas categorias iniciais (que anteriormente eram denominadas de Pré-Mini, Mini, Mirim e Infantil) existe uma maior competitividade entre as equipes, com maior número de participantes e consequentemente, maior número de jogos, sobretudo, pela precoce organização dos torneios em relação ao Interior, além de uma melhor estrutura dos campeonatos das categorias de base pela FPB (sediada em São Paulo - capital), esses fatores apontados faz com que o nível do basquetebol praticado nesta região seja mais elevado.

Comprovando a argumentação anterior, observa-se grande diferença quantitativa entre o número de equipes participantes dos torneios da FPB nos dois centros: GSP e Interior. A Grande São Paulo é uma região altamente populosa, e existem inúmeros clubes com grande quantidade de associados, alguns deles ligados ao futebol, como Pinheiros, Espéria, Paulistano, Palmeiras, Corinthians, Hebraíca, São Paulo, entre outros, enquanto no Interior, torna-se difícil encontrar clubes com semelhante perfil e características.

Sobre o afastamento de algumas equipes dos campeonatos oficiais, devido aos motivos apontados anteriormente por Diniz (2000), percebe-se que na década de 90 (de 1994 até 1998) de fato o número de equipes nas categorias Mini, Mirim, Infantil e Infanto-juvenil e Cadete no Interior diminuíram significativamente.

No cenário nacional, em 1993, foi criada a “Lei Zico” (Nº 8.672/93) que dentre suas mudanças previstas, transformou as confederações desportivas em entidades federais de administração do desporto, como pessoa jurídica de direito privado, ou seja, autônoma em relação ao Estado e representadas pelo Conselho Superior de Desporto (CSD). Da mesma maneira essa liberdade e autonomia também foram concedidas aos clubes, livres para se filiarem às entidades de administração desportiva federal, estadual ou municipal. Aos clubes esportivos era permitido organizar competições e ligas regionais ou nacionais, sendo ainda concedido participar, facultativamente, dos campeonatos das entidades de administração a que estivessem filiados (LOUREIRO, 1998).

A partir desse contexto, consolidaram-se algumas iniciativas surgidas no início da década de 90 para a organização do basquetebol através do surgimento de ligas e associações regionais no Interior do Estado, independentes da FPB, proporcionando, de acordo com Diniz (2000, p. 27-28) algumas vantagens:

Aumento considerável de crianças jogando basquetebol no Interior; Trabalhos realizados em escolas e prefeituras que pouco tiveram acesso a FPB, devido aos custos e a necessidade de se ter representatividade na cidade, foram aceitas sem maiores problemas nas ligas; Com a regionalização, as distâncias entre as cidades diminuíram, proporcionando menos gastos com transporte e alimentação, dando possibilidade para que equipes participem de mais categorias; Gastos com filiação, taxas de mensalidades e arbitragens são menores, comparados com a FPB; As ligas atuam com uma abertura maior na questão de resolução de problemas pequenos, como mudança de data de jogos, atraso nos pagamentos, entre outros, facilitando a organização das entidades.

Diante disso, a partir de 1994 houve um deslocamento de algumas equipes do Interior, principalmente nas categorias iniciais, que antes disputavam os campeonatos organizados pela FPB, para adentrarem nos torneios organizados pelas ligas e associações Regionais. Esse fato explica a diminuição do número de equipes participantes no período mencionado anteriormente, observado na tabela 2. Primeiramente, as equipes menos favorecidas, ou seja, que não possuíam recursos compatíveis com a demanda exigida para a disputa dos torneios da FPB, migraram para as ligas e associações, como: escolas, prefeituras municipais, associações esportivas, associações de bairros, dentre outras. Posteriormente, com o sucesso dessas ligas e associações, devido aos fatores apontados anteriormente por Diniz (2000), equipes tradicionais com histórico de intensa participação em torneios da FPB também optaram por disputar os campeonatos das ligas e associações regionais.

Percebendo a diminuição do número de equipes nas categorias iniciais, em 1999 a FPB viu-se obrigada a estabelecer uma parceria com as ligas e associações regionais de basquetebol, que no início eram “chamadas” de organizações clandestinas de basquetebol (DINIZ, 2000). Assim, o campeonato do Interior foi dividido em regiões, organizado primeiramente pelas ligas, e em seguida, as equipes melhores classificadas continuariam na disputa do campeonato do Interior e sequencialmente no campeonato Estadual, esses dois últimos organizados pela FPB. O estudo de Montagner e Beneli (2012) apresenta ainda o aumento significativo no número de equipes participantes entre os anos de 1998 e 1999 quando foram incluídas essas equipes das ligas e associações regionais de basquetebol nas categorias iniciais.

A partir desses fatos, percebe-se que houve um processo de “cooptação” das ligas e associações regionais por parte da FPB. Estabelecendo uma analogia entre a organização dos sistemas esportivos e a lógica dos mercados (Brohm, 1976), a FPB se apresenta como um complexo monopolista, um cartel, reproduzido no sistema esportivo a partir da incorporação das ligas e associações na sua estrutura. Diante das características da profissionalização do esporte nas categorias de base, observa-se a transformação da organização dessas ligas e associações em um anexo funcional desse modo de produção. De um lado havia a necessidade estrutural por parte das ligas e associações regionais (visibilidade e credibilidade), por outro, a oportunidade de abertura de novos mercados por parte da FPB.

Nessa época, Steigerwald (2000, p. 18), árbitra internacional de basquetebol e atualmente responsável pelo departamento técnico da FPB, apontava a presença de características do esporte profissional nas categorias iniciais do basquetebol masculino no Estado de São Paulo.

Sempre ouço falarem que a arbitragem para os jogos das categorias de base deve ser educativa e formadora, mas como sê-lo se o espírito competitivo dominou completamente o participativo e formativo, o que transformou a imagem do arbitro em “mais um inimigo”? Se o interesse dos jovens atletas é vencer o jogo, vencer na carreira de atleta e, infelizmente e principalmente, desde a “escolinha” receber uma remuneração monetária que, na maioria das vezes, não serve apenas de incentivo ou auxílio aos mais carentes, mas de veículo segregador, gerador de princípios puramente egoístas e egocêntricos, princípios onde o “eu vou vencer” é mais importante do que o “nós vamos vencer”, como nós árbitros poderemos ajudar a formar atletas e pessoas?

A cada dia que passa tenho a impressão que o esporte se tornou puramente um negócio, onde os atletas (ou serão os pais) estão

preocupados com a bolsa de estudos que recebem, com a ajuda de custo, com o salário, remuneração ou o nome que quiserem dar.

As ligas e associações continuam organizando seus campeonatos incluindo essas categorias, infanto-juvenil, juvenil, sub-21 e adulto, entretanto, esses torneios possuem abrangência regional e, portanto, são independentes da FPB. Atualmente existem 4 ligas ou associações oficiais no Interior de São Paulo: Associação Regional de Basketball (Iracemápolis), Liga Regional de Basketball de Ribeirão Preto, Liga de Basketball Riopretense, Liga Regional de Basquetebol Centro Oeste Paulista (Bauru).

Buscando compreender essa lógica organizacional, há a necessidade nesse momento, de estabelecer uma retrospectiva sobre a origem e disseminação da modalidade no Brasil. O basquetebol brasileiro foi fundamentado e desenvolvido no clube, para um público determinado. Nessa perspectiva, os clubes da capital por possuírem determinado perfil social obtiveram significativo desenvolvimento, na medida em que detinham recursos (poder econômico e simbólico) para a prática do basquetebol, sendo assim, havia nessas instituições uma estrutura e organização compatível com as suas necessidades. Assim, inicialmente as equipes da capital possuíam um nível mais elevado quando comparadas com as do Interior, e dessa forma conquistaram a maioria dos títulos Estaduais.

Sobre as formas de intervenção e financiamento das equipes de basquetebol Pinheiro (1995) destaca duas possibilidades de ação: uma, em que a formação das equipes era fruto do apoio integral de determinada empresa, incluindo-se nesse grupo principalmente as equipes do Interior, e outra, que apresentava apoio financeiro da empresa a determinado clube esportivo tradicional, que já possuía uma estrutura própria para o desenvolvimento da modalidade, nesse grupo estão presentes as equipes da GSP. Alguns exemplos de equipes do Estado de São Paulo do primeiro grupo citadas por Pinheiro (1995) na década de 90 são: Franca/Marathon/Gallus, Cesp/BlueLife - Rio Claro, Report Suzano, Ipê/Banespa de Jales, Papel Report – Mogi, entre outros. O segundo grupo composto das equipes da capital: Ripasa/Monte Líbano, Santista Têxtil Sírio, Sport Clube Corinthians Paulista, Blue Life Pinheiros, Associação Brasileira Hebraica SP, dentre outros.

Analisando as equipes participantes do campeonato paulista de basquetebol entre 1991 e 2011, observa-se uma inconstância, pois apenas as equipes da cidade de Franca e do E. C. Pinheiros participaram de todas as edições, entretanto, percebe-se que essas modificaram seu nome (patrocinador) em quase todas essas edições. Observa-se ainda que algumas equipes deslocaram-se geograficamente, mudando de

sede (cidade), e também alguns patrocinadores que trocaram de equipes ao longo das competições.

Apesar da injeção de recursos financeiros nestas equipes, esse contexto trouxe dificuldades para as equipes como a perda do vínculo com a torcida, com o clube e até mesmo com a cidade. O vínculo que se criava era com o patrocinador, ou seja, toda a responsabilidade com a equipe pertencia ao clube mais os créditos ficavam com o patrocinador por “batizar” a equipe. Todo o trabalho desenvolvido ao longo de anos para que se criasse uma tradição na modalidade, de repente era creditada a certa empresa que utilizava o esporte apenas como um meio de comunicação para a sua marca. Assim não eram raros empresas e patrocinadores, preocupados com seus interesses comerciais, deslocarem-se para outras praças, no caso, outras cidades (BENELI, 2002).

Na década de 90, com a entrada das empresas no financiamento das equipes na categoria especial (categoria principal dos clubes participantes, no caso o adulto), principalmente do interior, observa-se a partir desse contexto uma mudança estrutural na organização das equipes adultas, refletida através dos resultados nos Campeonatos Estaduais (Paulista). Percebe-se a partir desse momento (década de 90) a ampla supremacia no número de títulos das equipes da Interior em relação às equipes da capital na divisão Especial. Apesar da equipe do Clube Pinheiros ter conquistado o título do campeonato paulista na divisão especial em 2011, o último título de uma equipe da capital foi conquistado pelo Monte Líbano em 1986, ou seja, as equipes do interior conquistaram 24 títulos durante esse período.

Essas mudanças também foram estabelecidas nas categorias de base do basquetebol masculino paulista, entretanto, em um momento posterior. A partir da década de 90, surgiram algumas conquistas das equipes do Interior, principalmente no juvenil, cadete e infanto-juvenil, que em períodos anteriores não foram evidenciados. Como exemplos podem ser citados as equipes de Franca, Limeira, Bauru, Araraquara, entre outras. Não obstante, na década 90 ainda havia a hegemonia dos clubes da capital nos campeonatos estaduais das categorias de base.¹⁸

No final da década de 90 e início do século XXI, essas modificações estruturais nas categorias de base tornam-se evidentes com a análise dos resultados dos

¹⁸ Maiores detalhamentos são encontrados em BENELI (2007) e também no capítulo de livro MONTAGNER, P.C.; BENELI, L. M.; Novas configurações do esporte contemporâneo: estudo sobre a estrutura organizacional das categorias de base do basquetebol masculino paulista. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; GAYA, A. C. A.; BOSCHI, C. GARCIA, R.P. (orgs.). Celebrar a Lusofonia: ensaios e estudos em desporto e educação física. ed. 1, Instituto Casa da Educação Física, Vol. 1, pp.395-420. 2012.

campeonatos Estaduais nos últimos anos. Antes da unificação do torneio percebe-se a ampla supremacia das equipes da GSP, não obstante, após essa mudança as equipes do Interior obtiveram relevante sucesso. Nos campeonatos de 1999 a 2011, observa-se que na categoria Juvenil, após a unificação as equipes do Interior conquistaram oito títulos, enquanto as equipes da capital conquistaram apenas cinco.

Comparando o número de títulos nos campeonatos Estaduais das equipes do Interior e da GSP nas categorias Juvenil e Especial estabelecendo uma divisão em três períodos, percebe-se que na década de 80 havia uma hegemonia por parte das equipes da GSP, tanto na categoria Juvenil como na divisão Especial. Na década de 90, na divisão Especial, as equipes da GSP não conquistaram nenhum título, enquanto nas categorias de base, apesar de algumas conquistas das equipes do Interior, as equipes da GSP obtiveram a maioria dos títulos. Entretanto, quando se observa o último período percebe-se que da mesma maneira como ocorrido na divisão Especial, na categoria de base, as equipes do Interior passaram a conquistar a maioria dos títulos.

Pode-se inferir, utilizando os estudos de Beneli (2007) e Montagner e Beneli (2012), que as empresas financiadoras do basquetebol não investiam de forma significativa nas categorias de base da modalidade até a década de 90. Fato que é comprovado pela pouca quantidade de títulos estaduais das equipes das categorias de base do Interior. As equipes da capital conseguiram a maioria dos títulos, devido à manutenção dessas equipes por grandes clubes da cidade de São Paulo, em que já existia uma estrutura e organização própria da instituição, e as empresas apenas auxiliavam no apoio aos clubes como Pinheiros, Espéria, Palmeiras, Corinthians. Esse fato não ocorre no interior paulista, pois as equipes são financiadas integralmente por empresas, por universidades ou agente privados em geral, que fomentam toda a sua estrutura e organização, e sendo assim possuíam como principal objetivo, para não dizer o único, a categoria adulta.

Até a década de 90 a estrutura existente nessas instituições clubísticas da GSP ainda era superior aos pequenos investimentos estabelecidos pelas equipes do Interior. Entretanto, na divisão Especial esses clubes tradicionais da Capital, não conseguiram (ou não possuíam esse objetivo) manter grandes equipes e conquistar resultados nessa categoria, devido aos altos custos da modalidade e aos investimentos realizados pelas equipes do Interior.

Na medida em que a profissionalização do esporte inseriu-se na organização do basquetebol, percebe-se que tanto, na categoria Especial quanto nas categorias de

base (principalmente juvenil, cadete e infanto-juvenil) houve um deslocamento dos resultados estaduais para as equipes financiadas quase exclusivamente por empresas em detrimento dos clubes tradicionais.

Diante dessa perspectiva observa-se a contradição estabelecida na organização do basquetebol masculino entre a finalidade do sistema e o seu modo de funcionamento, pois a modalidade possui sua origem e fundamentação nos clubes, não obstante, a profissionalização tem afastado essas instituições dos campeonatos oficiais. Esse fato desestimula os clubes, que invariavelmente formam a base para selecionados estaduais e nacionais a prosseguirem os trabalhos com as equipes de competições.

Essa tendência pode ser comprovada pela análise do campeonato paulista da divisão especial em 1991, com a participação de seis clubes da GSP e seis equipes do Interior. Já em 2006, disputaram o torneio quatro clubes da GSP e dez equipes do Interior, e por último no campeonato de 2011, a presença de 13 equipes do interior e apenas três da GSP. Nas categorias de base esse fato também tem acontecido, sobretudo, nas categorias em que os torneios unificaram. (BENELI, 2007 e MONTAGNER; BENELI, 2012)

Um exemplo na categoria cadete (sub-17), no campeonato Estadual de 2007 participaram sete clubes da GSP (incluindo a equipe de São Bernardo que apesar de ser da GSP é uma equipe financiada no modelo das equipes do Interior) e dez equipes do Interior. No mesmo ano, na categoria juvenil, disputaram o campeonato sete equipes da GSP (incluem-se nesse grupo as equipes de São Caetano e de Diadema que não são clubes tradicionais e da mesma forma possuem o financiamento nos moldes das equipes do Interior) e 12 equipes do Interior. Essa mesma tendência é observada nos anos posteriores, com o predomínio de equipes do interior em relação às equipes da GSP nas disputas dos campeonatos.¹⁹

Para aumentar os incentivos e conseqüentemente, o número de equipes nessas categorias a FPB tem exigido, em caráter obrigatório, que as equipes participantes da categoria especial (adulto), possuíssem também pelo menos uma equipe de base nas categorias cadete e/ou juvenil. A partir dessa orientação formal, as equipes aumentaram seus investimentos nessas categorias buscando atletas que

¹⁹ Acompanhamos esses resultados e números dos torneios paulistas masculinos nas categorias de formação do basquetebol até 2012. Atualmente, novas investigações são necessárias visando interpretar se as tendências apontadas são as mesmas dessas elencadas.

além de participar do campeonato relativo à sua categoria, também auxiliariam na formação da equipe adulta.

Essa medida potencializou a inserção de algumas características do profissionalismo como: o pagamento de salários, moradia, bolsas escolares, alimentação em troca da força de trabalho buscando-se o rendimento máximo desses atletas.

Considerando que a profissionalização não se define “apenas” pela natureza do vínculo do atleta com a prática, mas remete ao funcionamento de toda sua estrutura criada em torno da disputa da modalidade esportiva, ou seja, é uma análise mais ampla, percebe-se que nessas categorias (infanto-juvenil, cadete e juvenil) estão presentes, de forma clara, características da profissionalização do esporte, de maneira semelhante à categoria adulta: na organização do calendário anual, na maneira como se estruturam as equipes em relação às condições de treinamento e preparação para as competições, interesse pela performance e evolução do rendimento esportivo, e principalmente, na forma de financiamento das equipes, dos atletas e dos profissionais envolvidos com a modalidade.

Esse princípio de rendimento se torna evidente na estrutura e funcionamento da modalidade nas categorias de base, mais especificamente a partir das categorias sub-14 a sub21, em consequência, percebe-se a busca por resultados máximos nesse momento inicial, sem levar em consideração os diversos aspectos que permeiam os praticantes da modalidade. Temos pressões inerentes ao processo de competição nesse modelo, dentre algumas, a necessidade de profissionais conquistarem resultados significativos para a manutenção de seus empregos, sem se preocupar com outras possibilidades que o esporte pode proporcionar, o afastamento de algumas instituições devido à elevada competitividade esportiva presente nesse cenário e a necessidade de maiores financiamentos, a “deslocalização” das equipes, com mudanças de cidades, existindo casos de fechamento de equipes tradicionais.

Neste tópico buscou-se discutir sobre a organização das categorias de base do basquetebol masculino paulista e evidenciar a apropriação de características do esporte profissional. Os estudos de Beneli (2007) e Montagner e Beneli (2012) permitiram a obtenção de dados relevantes sobre um caso real, e a partir da organização dessas informações, possibilitou um debate sobre o tema e estimula a busca por compreender essas transformações estruturais e organizacionais no esporte brasileiro e abarcar novas possibilidades de estudos referentes a essa área.

IV. O esporte contemporâneo e sua relação com a prática pedagógica no esporte de crianças e jovens

Nessa temática, observamos alguns autores que discutiram o papel da pedagogia do esporte no atual contexto da educação física. Freire (1998) argumentou que é papel do pedagogo em esportes possuir princípios básicos que devem nortear os trabalhos em esportes: (1) ensinar esportes, (2) ensinar esportes bem a todos, (3) ensinar mais que esportes a todos e (4) ensinar a gostar de esportes. Consideramos relevantes esses princípios, mas pretendemos avançar para um quinto princípio: o de ensinar a entender criticamente os esportes na sociedade, o de qualificar nosso aluno para perceber o esporte como um conhecimento historicamente situado, na condição de compreender e construir o esporte como um elemento significativo da cultura.

Paes (2001) considerou que o papel da pedagogia do esporte é observar e focar sua atenção para as maiorias, e não apenas em uma minoria possuidora de talentos para as práticas competitivas, não obstante reconheça o valor de todos os elementos inseridos no ambiente esportivo, quer sejam pertencentes à elite ou não. Para o autor, o esporte moderno - com suas diversidades, crescimento e articulações - apresenta aspectos significativos para serem explorados por pedagogos do esporte, e ainda que seja factível uma análise crítica sobre a relação entre esporte “produto de consumo x pedagogia do esporte”, existem aspectos ainda não percebidos e que certamente devem ser melhor elaborados na compreensão do fenômeno.

Castellani Filho (1998) demonstrou preocupação sobre a importância do profissional de educação física no desenvolvimento da cultura corporal, entendendo que se torna necessário permitir aos nossos alunos interagir com o esporte na condição de sujeitos críticos, construtores, participantes e conhecedores de uma cultura historicamente produzida, e não, simplesmente, como “consumidores passivos de mercadorias produzidas pela indústria cultural corporal esportiva” (CASTELLANI FILHO, 1998, p. 60).

Assim deve-se considerar os significados que as relações do esporte contemporâneo estabelecem em suas diferentes manifestações e no ambiente de formação, haja visto que os alunos têm um contato intensivo com os significados espetacularizados e não são completos desconhecedores de alguns interesses e estruturas desse fenômeno, vivenciam-no de forma direta ou mediada cotidianamente. Compreendem a “linguagem” do esporte espetáculo, lidam com seus conteúdos e imprime-lhes seus próprios significados. (RODRIGUES, 2006)

Santana (2005) propõe uma pedagogia orientada a partir da complexidade, ou seja, permeado de unidades, de imprevistos, de incertezas, e que rejeite o pensamento reducionista que de acordo com o autor, proporciona alguns agravantes como:

(a) reduz a sua práxis a intervenções focadas apenas no que é racional, (b) despreza outras dimensões humanas sensíveis, como, por exemplo a afetividade, a moralidade, a sociabilidade, a beleza, o prazer, as emoções, (c) desconsidera no processo de entendimento da iniciação esportiva unidades coexistentes e geradoras em potencial de uma série de evidências de complexidade que precisam ser tratadas pedagogicamente, (d) inclina-se para o estabelecimento, a priori, de uma gênese, na qual a um ponto de chegada – o modelo de atleta a ser alcançado – e , por extensão, o que as crianças devem reunir e fazer para atender essa demanda (SANTANA, 2005, p. 01).

O autor acredita que a pedagogia na iniciação esportiva é um fenômeno complexo, que coexiste e inter-relaciona com outras unidades, interfere no processo de desenvolvimento humano da criança esportista em busca da autonomia, da descoberta e compreensão de si mesma, da sensibilidade, rejeitando assim, um pensamento simplista por parte do pedagogo do esporte.

Buscando respostas para as reflexões anteriormente levantadas, surge uma pergunta a ser constantemente respondida: qual a contribuição, se é que ela existe, do esporte contemporâneo e consequentemente do esporte-espetáculo para a pedagogia do esporte, e consequentemente para a formação esportiva?

Observou-se que o papel da pedagogia do esporte não é de simples transmissão de conhecimento ou imitações de gestos, onde o aluno seja apenas um receptor passivo, acrítico, inocente e indefeso. Se as pesquisas apontam que a imitação é uma forma de aprendizagem para as crianças (MONTAGNER, 1999), ao profissional de educação física interessa compreender esse processo de imitação para uma exploração sistemática e elaborada do fenômeno.

Se as regras se modificam, interessa perceber essas construções e a possibilidade de aplicação nos trabalhos com a iniciação esportiva. Interessa mais ainda identificar o porquê dessas mudanças e quais suas implicações na pedagogia do esporte. Devem-se evitar sua inserção na prática esportiva a partir do princípio de que “regra é regra” e não deve ser questionada. Ainda que os organismos institucionais utilizem-se das regras para administrar seus interesses, nem sempre sua aplicação pode ser a mais adequada na iniciação esportiva.

Deve-se estar atentos para as mudanças de regras visando uma nova formatação do jogo para “caber na mídia”. Como exemplo, destaca-se as regras de vôleibol que foram radicalmente modificadas visando atender uma necessidade da televisão. Como estas mudanças afetaram a iniciação esportiva? Quais as implicações no treinamento de jovens atletas para responder física, técnica, tática e emocionalmente a essas mudanças? Essas alterações são de difícil assimilação?

Nas últimas décadas, especialmente respaldados nas colocações defendidas por Tubino (1997), a lógica do esporte-espetáculo passou a se fundamentar em consumo de bens materiais e na indústria do entretenimento. O caráter mercantilizado do esporte profissional atinge as crianças cada vez mais, e se a construção do ídolo representa uma forma de vender serviços, divulgar produtos e difundir conceitos (MULLIN, B; HARDY, S; SUTTON, W., 2004), não devemos esquecer que este ídolo interfere nas ações e intenções de uma criança ao procurar a prática esportiva.

Se o ídolo “violento” é um “animal”, algumas crianças podem relacionar que, sendo também um animal, amplia a eficiência e encurta o caminho para a fama e sucesso, e conseqüentemente, a possibilidade de ganhar “dinheiro”. Estamos trabalhando com a hipótese de que a macro-organização-social atual é atingida com maior amplitude pelo “esporte capitalista” a despeito do “esporte escolar” ou outras manifestações, e não sabemos precisar bem os efeitos desse fenômeno.

Assim, o papel da pedagogia do esporte, que é de formar e informar, deve ser também de interpretar o fenômeno para beneficiar-se dos estudos sobre a evolução do esporte contemporâneo e explorar no trabalho de formação pedagógica. Isto parece um tanto difícil no atual panorama da educação física brasileira, posto que o nível de reflexão na maioria dos profissionais do esporte não atingiu esse objetivo esperado.

A partir dessa discussão, temos clara a existência de diversas formas de manifestação em torno dos objetivos do esporte contemporâneo. Dentre algumas presentes no esporte de crianças e jovens, destacam-se duas áreas relevantes inserida na discussão e interpretação da nova configuração do esporte contemporâneo, e que representam uma dualidade de interesses: o esporte de consumo a partir da influência da área do marketing esportivo, e por outro lado, a área da pedagogia do esporte, preocupada com a ação esportiva como fenômeno de educação de crianças e jovens. O quadro 1 ilustra alguns dos aspectos abordados:

Quadro 1 – Dualidade de interesses: pedagogia do esporte x marketing esportivo

OBJETIVOS	Pedagogia do Esporte	Marketing Esportivo
Visão	Educação esportiva	Esporte como negócio, um produto a ser vendido
Prazo	Longo	Curto
Retorno	Duradouro, permanente	Imediato
Proposta principal	Formação global através da educação esportiva	Lucro, potencialização de marcas e dos negócios esportivos
Foco	Autonomia	Instrumentalização
Finalidade	Formar os indivíduos na sua integralidade através do esporte	Formar a opinião dos indivíduos para o consumo através da linguagem esportiva
Princípios	Perenidade, interesse na continuidade e envolvimento	Provisoriedade e transitoriedade, mudanças permanentes e interesse mercadológico
Valorização	Modalidades esportivas Cultura esportiva e respeito às tradições	Mercadológica e do ciclo de vida de produtos Ampliação dos mercados
Modelo de financiamento	Investimentos incertos Políticas públicas e ações privadas	Escolhas em quem investir Propostas de investidores
Inclusão	Praticantes do esporte Reflexões e consumo consciente	Clientes e Consumidores Impulso ao consumo

Talvez seja óbvia a diferenciação entre a visão que se tem do esporte numa abrangência de formação, preocupada com a inclusão, a aquisição, o ganho cultural e por outro lado com os objetivos do esporte de consumo, encarando o esporte na perspectiva de Brohm (1976), como um sistema de negócios, com produtos e valores atribuídos e trocados. Mas é necessário ressaltar tais diferenças, uma vez que ambas se integram e coexistem a partir do fenômeno esporte e de suas “facetas”.

Com tais características é nítida a questão dos prazos e objetivos, enquanto na formação busca-se uma continuidade, um efeito duradouro, visando à formação, no outro lado a preocupação é imediata, não obstante existam estratégias para que esse efeito seja prolongado.

Assim existe um grande desafio dos profissionais que trabalham no esporte de formação, pois ao mesmo tempo em que o esporte contemporâneo proporciona, através de suas inúmeras formas de manifestações, diversas possibilidades de contato com algumas modalidades esportivas e/ou práticas esportivas, e influenciam a dinâmica social dos seus participantes, por outro lado, torna-se também parte do trabalho estimular que esses jovens sejam críticos em torno das ações e consequências que o fenômeno esportivo atual exerce sobre a sociedade. Também deve ater-se aos aspectos pedagógicos ligados à especialização esportiva, a evasão de praticantes, ao crescimento do consumo passivo e à necessidade de busca por um ensino formal ligado a uma maior autonomia na prática esportiva.

V. Considerações relevantes

Enquanto os investimentos para a formação buscam através de políticas públicas e privadas formas de disponibilizar uma diversificação de modalidades e vivências, com foco na inclusão para a prática junto a reflexão e consumo consciente, do ponto de vista mercadológico faz-se necessário potencializar, incentivar e aumentar níveis de consumo, com conceitos de ciclo de vida de produtos através de investimentos atentos a potenciais de mercado.

Ainda que exista uma expectativa no sentido de “observar”, a curto prazo, uma pedagogia do esporte mais sistematizada e competente, apta a responder aos anseios da sociedade e de organizar os conhecimentos do esporte de forma crítica, acreditamos que a indústria do esporte-espetáculo apresente mecanismos de atuação mais articulados e que favorecem e oferecem para a sociedade uma visão não associada aos interesses dos profissionais do esporte, e com difíceis possibilidades de reversão a curto prazo. A busca do esporte como amplificador de mensagens mercadológicas apresenta-se como uma das mais fortes tendências nesse novo milênio.

A ampliação do debate entre as áreas certamente valorizará o conhecimento do esporte em suas diferentes abordagens. Refletir sobre a pedagogia do esporte e suas ambiguidades, dissociando-a do que ocorre ao redor das crianças e jovens se apresenta como uma visão fechada e unilateral de um fenômeno que cresce assustadoramente no mundo atual - e com tendências de crescimento - que é o esporte contemporâneo e sua aproximação aos conceitos de administração de negócios e do marketing esportivo. Devemos considerar como anteriormente

mencionado, a “mercadorização” na perspectiva de uma nova “formatação” para os esportes, modificando regras, normas, acarretando influências nas demais manifestações do esporte.

REFERÊNCIAS

- BENELI, L. M.; RODRIGUES, E. F.; MONTAGNER, P. C.. O modelo de Brohm e a organização do basquetebol masculino brasileiro. **Revista Conexões**, Campinas, SP, v. 4, n.1, p. 52-69, 2006. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/fef/publicacoes/conexoes>>. Acesso em: 7 jan. 2007.
- BENELI, L. M. **Basquetebol masculino paulista**: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- BENTO, J.O.. Em defesa do desporto (pp. 9 -55). In: BENTO. J.O.; CONSTANTINO, J.M. (Coordenadores). **Em defesa do desporto**: mutações e valores em conflito. Almedina: Portugal, 2007.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BORDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.
- BRACHT, V.. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: UFES, 1997.
- BROHM, J. M. **Sociologia política del deporte**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Economica, 1976.
- CASTELLANI FILHO, L. **Política educacional e educação física**. Campinas, São Paulo: Autores associados, 1998.
- DEBORD, G. A Sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DINIZ, A.. **O basquetebol paulista**: análise crítico-pedagógica sobre a sua iniciação. 2000. (153p.). Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000.

EXAME. **Qual é o tamanho do esporte na economia?** In: Economia 26 jun. 2014. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/qual-e-o-tamanho-da-importancia-do-esporte-na-economia>. Acesso em 26 dez 2014.

FREIRE, J. B.. **Pedagogia do futebol**. Londrina: Midiograf, 1998.

GEBARA, A.. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F.. (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas:Autores Associados, 2002. p. 5-29.

GUTTMANN, A.. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

LOPEZ, A. C. M.. **Diagnóstico e possibilidades do Brasil**: Rio de Janeiro 2007. Havana, Cuba, 2005.

LOUREIRO, K. C.. **As perspectivas do marketing esportivo dentro do plano geral de marketing a partir de alguns “cases”**. 1998. (163p.). Monografia (Graduação), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1998.

MARCHI JUNIOR, W.. Como é possível ser esportivo e sociológico? In: GEBARA, Ademir; PILATTI, L. Alberto (Org.). **Ensaio sobre história sociologia nos esportes**. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 159-195. Coleção Norbert Elias, v. 2,

MARQUES, A. Desporto do futuro. O futuro do desporto. In: GARGANTA, Julio (Ed.). **Horizontes e órbitas nos treinos dos jogos desportivos**. Porto: Universidade do Porto, 2000. p. 7-20.

MARQUES, R. F. R.. **Esporte e qualidade de vida: reflexão sociológica**. 2007. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Revista Conexões**, Campinas, v. 6, n. 2, 2008a. Disponível em:<<http://polaris.bc.unicamp.br/seer/fef/viewarticle.php?id=347&layout=abstract>> Acesso em: 6 out. 2008.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. A transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo: tendência de mercantilização a partir

do final da Guerra Fria. In: ENCONTRO DA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTÚDIOS SOCIALES DEL DEPORTE, 1., 2008b, Curitiba. **Anais do encontro da asociación latinoamericana de estudos sociales del Deporte** Curitiba: UFPR, 2008b. 1CD-ROM.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C.. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 20, n. 4, p.637-648 4. trim. 2009.

MOLINA NETO, V. Marketing Esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.13, n 13, p. 357 a 364, junho, 1992.

MONTAGNER, P. C. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MONTAGNER, P.C.; BENELI, L. M.; **Novas configurações do esporte contemporâneo: estudo sobre a estrutura organizacional das categorias de base do basquetebol masculino paulista**. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; GAYA, A. C. A.; BOSCHI, C. GARCIA, R.P. (orgs.). Celebrar a Lusofonia: ensaios e estudos em desporto e educação física. ed. 1, Instituto Casa da Educação Física, Vol. 1, pp.395-420, 2012.

MULLIN, B. J.; HARDY, S.; SUTTON, W. A. **Marketing esportivo**, Porto Alegre, Artmed/Bookman, 2004.

O esporte como indústria: solução para criação de riqueza e emprego. Ed. Confederação Brasileira de Voleibol em parceria com a FGV: Escola de Pós-Graduação em Economia. Mar/1999.

PAES, R. R.. **Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Ulbra, 2001.

PILATTI, L. A.. **Os donos das pistas: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro**. 2000. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

PRONI, M. W.. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

PRONI, M. W.. **A metamorfose do futebol**. Campinas, SP: Unicamp, 2000.

PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: **Esporte: história e sociedade**. Campinas: autores Associados, 2002.

PRONI, M. W.. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Revista Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, jul./out. 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es904.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2008.

PRONI, M.W.; FAUSTINO, R.B.; SILVA, L. O .da.. **Impactos econômicos de megaeventos esportivos**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014 (182p.)

RIFKIN, G.. A melhor jogada da NBA. **HSM Management**, São Paulo, ano 3, n.13, mar/abr.1999. Disponível em: <<http://www.hsm.com.br/hsmmanagement/pdf/index.php?arq=A03N13N014.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2008.

RODRIGUES, E. F. **Esporte e mídia**: interfaces e significados dos conteúdos esportivos atribuídos pelos alunos. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SANTANA, W. C.. **Iniciação ao futsal**: as crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar? Revista Digital. Buenos Aires, ano 10, no. 85, Jun.2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Acesso em: 12.nov.2014.

SCHIMMEL, K.. **Os grandes eventos esportivos**: desafios e perspectivas. Belo Horizonte: Unicamp- CEAv, Casa da Educação Física, 2013. (310p. edição bilíngue português/inglês).

STEIGERWALD, T. L. Pais: amigos ou vilões? **Revista do Basquete**, São Paulo, ano 9, n. 75, p. 18, 2000.

Sumô em baixa no Japão. **Revista Veja**, p.48, 12.03.2003.

TUBINO, M. J. G.. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992.

TUBINO, M. J. G.. Esporte, política e jogos olímpicos. In: TAMBUCCI, P. L.; OLIVEIRA, J. G. M. de; SOBRINHO, J. C.. **Esporte e jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997. p. 19-23.

ESTUDO 2

ESTUDO 2 - EM DEFESA DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA DE CRIANÇAS E JOVENS: CONSTRUÇÃO DE ARCABOUÇO E SUBSÍDIOS TEÓRICOS, ESTUDOS APLICADOS

I. Apresentação

O tema da competição esportiva foi o primeiro desenvolvido em nossos estudos no processo de formação docente e de desenvolvimento acadêmico. Inicialmente como dissertação de mestrado, novas reflexões nessa temática geraram vários outros estudos de alunos de pós-graduação e graduação, bem como a publicação de artigos e de uma coletânea num livro recentemente publicado – com a síntese desses artigos e pesquisas -, “Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos publicados (464p.)”²⁰ editado pela Phorte Editora em 2013.

O título que ilustra esse denominado estudo 2, “Em defesa da competição esportiva de crianças e jovens: construção de arcabouço e subsídios teóricos, estudos aplicados”, representa convicções à respeito do papel social e educacional do esporte, e ainda mais, do processo da competição esportiva na educação da criança e do jovem.

No programa de mestrado, iniciado em março de 1990 e concluído em dezembro de 1993, tivemos como foco debater o esporte de competição e as relações com a educação. Para tanto, elaboramos um percurso teórico de pesquisa assim desenvolvido (MONTAGNER, 1993)²¹:

1. Estudos de diferentes conceituações atinentes à Educação, buscando entendimentos e reflexões mais aprofundadas sobre a educação formal e não-formal, na perspectiva de compreender os conceitos de educação permanente, ou seja, Educação entendida como uma extensão por toda a vida, não se limitando “...à fase escolar ou à fase adulta” (Montagner, 2013, p. 13), sendo uma referência teórica importante para compreender o papel e o conteúdo da competição esportiva na formação de jovens atletas de basquetebol no cotidiano com o esporte de competição;

²⁰ REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; MONTAGNER, P.C.(orgs.). *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados* (464p.). São Paulo: Phorte Editora, 2013.

²¹ MONTAGNER, P.C.. *Esporte de competição x Educação? O caso do basquetebol*. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, 1993.

2. Após, uma investigação teórica à respeito do Esporte, conceituando-o a partir de estudos da sociologia do esporte, nas suas relações com a sociedade e mais especificamente com o esporte de competição. Nessa perspectiva, e mais delimitadamente, debatemos (a) o caráter dialético do esporte, (b) a caracterização e os princípios do esporte de rendimento, (c) alguns dos possíveis significados do esporte como veiculador de valores e (d) sua legitimação como objeto científico;
3. Na sequência, relatamos através da pesquisa empírica que se utilizou da metodologia de histórias de vida, as experiências de jovens esportistas, a relação das experiências vivenciadas no envolvimento esportivo e os vínculos familiares, com os professores e técnicos esportivos, as avaliações dos jovens com a vivência cotidiana com o treinamento, o papel das famílias no apoio e valorização da educação esportiva através da vivência com a competição, dentre alguns.

O escopo do projeto voltou suas análises para o período da adolescência, avançando teoricamente na vinculação do esporte nessa fase e reconhecendo as várias concepções teóricas e as transformações físicas e psicológicas dessa etapa da vida humana. Ainda, em como as experiências vivenciadas no esporte competitivo permitiriam reflexões balizadas pelo referencial teórico da dissertação com temas como: relações sociais e esporte, o papel do técnico-educador (visto pelos entrevistados), na relação dos jovens com valores sociais, tais como: “status” do esportista no grupo social, responsabilidade social, a questão da vitória e derrota e o debate acerca da cooperação e da coletividade entre companheiros e adversários, formação intelectual, a aproximação entre classes sociais no campo esportivo, o esporte como meio de vida profissional, dentre alguns.

Considerando-se esses resultados e a trajetória profissional, produzimos pesquisas sobre essa temática em cenários esportivos como as lutas, no esporte escolar, em competições no esporte formal federado, nos festivais esportivos e num projeto desenvolvido em uma comunidade de São Paulo, aonde a competição esportiva foi um dos temas aplicados com o grupo de jovens. Como mencionado, muito desses textos foram reorganizados e publicados como capítulos da coletânea do livro “Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos publicados”²². Como bem reafirmamos no livro, logo em sua apresentação, “...não existe esporte sem competição, mas isso não significa que os modelos de competição estereotipados em nossa sociedade devam ser o exemplo a seguir, muito menos o

²² Esse livro foi organizado pelos autores Paulo Cesar Montagner, Alcides Scaglia e Riller Silva Reverditto, e reuniram vários estudos sobre a competição esportiva em diferentes contextos e grupos, numa ampla visão de pesquisadores de várias origens do país.

referencial que respalda e justifica projetos esportivos nas dimensões educacionais, de rendimento ou de participação” (Apresentação dos autores).

Para o prefácio, convidados o prof. Dr. Júlio Garganta, professor da Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto, que expressou uma interessante visão sobre a ação pedagógica do esporte e em “[...] como a reflexão e a intervenção se podem harmonizar”. Garganta menciona seu apreço pela pedagogia do esporte, “[...] que se forja no compromisso entre a ação e a reflexão humanas, e que as alimenta ajudando à sua transformação positiva. Cremos na pedagogia que habita o terreno dos conteúdos que ambiciona transformar. Cremos na pedagogia que ‘faz acontecer’ e que concorre para o efetivo desenvolvimento do ser humano e da sua circunstância.”. Ainda, defende que o discurso pedagógico mais valioso é “[...] aquele que confere significado à ação humana nas suas diferentes formas de expressão, sem perder de vista as respectivas especificidades contextuais” (prefácio Prof. JÚLIO GARGANTA).²³

Alguns dos fundamentos teóricos bem como cenários pesquisados, serão organizados a seguir considerando os pressupostos teóricos desses projetos bem como os estudos aplicados produzidos nessa trajetória.

II. A Pedagogia do Esporte²⁴ como um conceito presente na Educação Física

Parece-nos que o Esporte, como um dos maiores fenômenos contemporâneos – senão o maior – necessita um compromisso permanente: participar da formação e da educação das pessoas, cuidar das gerações. Não nos parece impossível pensar que ir a um estádio acompanhar futebol ou a um ginásio ver basquetebol, ou ainda a uma competição de natação ou atletismo tenha sentido se não for para ampliar nossa capacidade de compreender o papel do esporte, de nos sentirmos felizes, de refletir na nossa educação esportiva, na valorização das manifestações dessa experiência²⁵.

²³ Prefácio do prof. Júlio Garganta. In: REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; MONTAGNER, P.C.(orgs.). *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados* (464p.). São Paulo: Phorte Editora, 2013

²⁴ Conceitos extraídos dos estudos produzidos na dissertação de mestrado (Montagner, 1993) e dos artigos e capítulos de livros que tratam da competição esportiva.

²⁵ MONTAGNER, P.C.; SCAGLIA, A.J.. Pedagogia da competição: teoria e proposta de sistematização nas escolas de esportes (p. 193-216). In REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; MONTAGNER, P.C.(orgs.). *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados* (464p.). São Paulo: Phorte Editora, 2013. O presente capítulo é uma atualização e ampliação do texto publicado pela Revista Motus Corporis em 2001, e nesse documento, uma síntese dos principais fundamentos e pressupostos teóricos que balizam as reflexões e ações estudadas e propostas.

Infelizmente, os jogos estudantis acabaram por reproduzir um sistema, que de educacional pouco ou quase nada tem a acrescentar aos nossos alunos e a nossa sociedade e, ou àquela que queremos construir. Desta feita, estes encontros esportivos foram e, atualmente continuando sendo, combatidos veementemente. Porém, poucas foram as soluções encontradas para se reverter tal situação e mostrar que competição não é guerra, e esporte não é apenas para os mais aptos

Contudo, ainda observamos que uma das primeiras iniciativas foi a de negar a competição; assim, a maioria dos jogos estudantis foram extintos ou pouco incentivados. Para ocupar esta lacuna, algumas propostas interessantes e extremamente coerentes surgiram, como, por exemplo, os festivais de esportes (SCAGLIA, 1999 a) e (SOUZA, 1999); (MONTAGNER e SCAGLIA, 2013) e os jogos cooperativos (BROTO, 2001), além de uma massa crítica produzida na área, sobre esta temática (SCAGLIA e GOMES, 2005; HIRAMA e MONTAGNER, 2011; CARONE SOARES, 2010; CAZETTO et al., 2008).

Atualmente, acreditamos que é inevitável o momento de se repensar a competição estudantil. E de que é impossível se pensar em ensinar Esporte desvinculado o fato de se aprender a competir. A competição é um conteúdo a ser ensinado nos projetos esportivos.

Desse modo, aliado a uma ofensiva pedagógica que visa ensinar esportes de maneira não unicamente focada na repetição técnica aos alunos (FREIRE, 2000, 2002, 2003; PAES, 2001, 2002; SCAGLIA, 1999a, 2003, REVERDITO e SCAGLIA, 2007, 2009; REVERDITO, SCAGLIA e PAES 2009; GARGANTA 1995, 1999; Graça 1995, 2001, 2006), faz-se necessário, da mesma forma, estudar metodologias para ensinar a todos os alunos competir.

Para isso, procuramos neste texto lançar algumas reflexões, visando contribuir para a construção de uma pedagogia da competição, minimizar os pontos negativos e maximizar os pontos positivos presentes nas disputas, partindo do pressuposto que a competição é um dos temas e conteúdos a ser ensinado nas aulas de educação física escolar, no treinamento de crianças e jovens, nas escolas de esportes.

Visando ampliar nosso entendimento sobre o conceito de Pedagogia, buscamos em Brugger (1969, p. 314) nossa primeira compreensão, quando afirma que a pedagogia é a ciência da educação, e que “[...] não se reduz a mera arte, senão que propõe-se descrever, fundamentar e sistematizar, de acordo com as razões últimas, o processo cultural denominado educação”.

Para Ghiraldelli Júnior (1991, p. 8), a pedagogia se apresenta, entre outros, como o ato da condução do saber elaborado e sistematizado, e têm a [...] preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento. Assim, a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao como ensinar, a o que ensinar e, também, ao quando ensinar e para quem ensinar”. Em Luckesi (1991), encontramos que a Pedagogia é o modo de agir em Educação, constituindo uma concepção filosófica, e essa concepção ordena os elementos que direcionam a prática educacional.

Entendemos a pedagogia como um processo de reflexão que nos leva ao saber. E se estamos falando de algo que possui um significado aos profissionais da Educação Física, que é o esporte, estamos falando do que, como e para quem ensinar esportes, entendendo esporte como um fenômeno histórico, de signos populares, símbolos, fantasias e sonhos.

Gostaríamos que técnicos de esportes de modalidades individuais e coletivas e participantes do esporte competitivo sejam incluídos na categoria de pedagogos, uma vez que, partindo dos conceitos de educação permanente, o técnico formador de atletas jovens e adolescentes deve se posicionar, antes de qualquer postura mais técnica, como um educador, consciente do seu papel social (MONTAGNER, 1993). Os exemplos certamente não parariam por aqui. Reconhecemos que os esportes “alcançam” e “atingem” as crianças através de muitas fontes, pelas brincadeiras populares, pela televisão, através dos atletas, pelos amigos dentre alguns. Nesta prática, temos a atuação em diferentes ambientes como a rua, os clubes, as escolas e as influências culturais desses ambientes (MONTAGNER, 1999).

Em razão desses antecedentes e das teorias pedagógicas atuais (COLL et. al., 1998, ZABALA, 2002; MORIN, 2001, 2006; PERRENOUD, 1999; DELORS, et. al., 2004), deixou de ser papel da pedagogia do esporte “entulhar” o aluno apenas de conhecimentos técnicos sem uma correspondente reflexão, que permita o desenvolvimento da crítica sobre o conteúdo ensinado²⁶.

Não obstante a pedagogia tem forte vinculação com a escola, porém, não restringe seus estudos e campos de aplicação exclusivos a ela (escola). Portanto, a aplicação pedagógica vai além do aprendizado de técnicas ou do jogo em si e de seus fundamentos. Implica na aquisição de hábitos e condutas motoras, ampliando-se o

²⁶ Aqui cabe a preocupação de Paulo Freire (1987) com o desenvolvimento da concepção de “ensino bancário” e como discussão das mais significativas no campo da pedagogia do esporte. Esta ideia foi desenvolvida na obra “Pedagogia do Oprimido”.

repertório de possibilidades (SCAGLIA, 2003), no entendimento do esporte como um fator cultural (por consequência, humano), no estímulo e desenvolvimento de sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, assim como no resgate e difusão de valores éticos, sociais e morais (CASTELLANI FILHO, 1997 e 1998; REVERDITO e SCAGLIA, 2009; MONTAGNER, 1993, 1999; MONTAGNER e HIRAMA, 2010; BENTO, 2004, BENTO, 2013).

É difícil para alguns aceitar que o desenvolvimento do esporte possa ter outras características, outros objetivos além de revelar atletas. Infelizmente, o referencial do esporte tem sido mais arraigado no modelo do desempenho máximo, da aptidão física, sendo somente estas as dimensões, para muitos, que o justifica.

Diferentemente desse conceito, a Pedagogia do Esporte nos permite avançar no entendimento dessas questões. Obviamente, queremos defender que o pedagogo que ensina Esporte não é diferente do profissional que ensina Matemática ou Física, apenas se utiliza de outras ferramentas para auxiliar na construção do processo educacional; tem o pedagogo o Esporte como eixo para sua “ação pedagógica”.

III. Para uma compreensão teórica do conceito de Pedagogia da Competição

Ao buscar a compreensão e justificativa do conceito de pedagogia da competição, parece-nos, à primeira vista, que é totalmente contrário à concepção do esporte querer assumi-lo sem ela. Ainda nos balizamos nas reflexões de Orlick (1989), que realizou estudos sobre o papel da competição em diferentes ambientes e culturas, identificando relações sociais e econômicas com as atitudes de jovens nos jogos ou atividades esportivas.

O conceito de competição está sempre alinhado com as ideias de sobrevivência dos mais aptos (REVERDITO et.al., 2008). Parece-nos um conceito equivocado e vencido, algo que influenciou gerações de profissionais e pouco se discutiu sobre a essência e a importância desse tema na formação de estudantes e da competição esportiva como conteúdo aplicável para a formação dessas gerações.

Recordamos os estudos recentes de Marano (2008), que, valendo-se da percepção dos fatos e interferência dos pais e familiares, nos EUA, previu o fenômeno que a autora chamou de “uma nação de fracos”, frutos do excesso de proteção e tutela dos pais, pela formação de gerações incapazes de suportar frustrações, acostumadas

a facilidades e projetos minuciosos para o sucesso e êxitos futuros. Esses discursos e ações se esquecem da capacidade das crianças superarem erros e conviverem com a frustração e o fracasso oriundos das mais variadas experiências. Esquecem-se, ainda, da importância dessas sensações e experiências para o fortalecimento de várias atitudes, e também para a formação de pessoas equilibradas e coerentes.

Proporcionar a competição para crianças e adolescentes não significa, necessariamente, que o processo esportivo tenha a missão de produzir atletas, de construir uma mentalidade focada apenas no êxito esportivo, de assegurar o prestígio nacional, ou ainda de valorizar apenas os mais fortes ou mais aptos, e difundir a prática maquiavélica de que os fins (ganhar) justificam os meios para esta conquista.

Concordamos com Orlick (1989) quando afirma que as culturas que apresentam grande ênfase na competição tendem a valorizar cada vez mais o individualismo e que esse processo cria uma única medida para o sucesso, que é a busca pelo primeiro lugar. Porém, entendemos que existem pressupostos pedagógicos na competição que devem ser explorados, tais como o prazer de sentir-se moralmente forte, de ultrapassar seus próprios limites, de superar obstáculos que pareçam anteriormente intransponíveis, e, principalmente nos jogos esportivos coletivos, de que é necessário aprender a cooperar (jogar junto) para obtenção da vitória sustentável. Contudo, os apontamentos de Betti (1991) justificam o estímulo e críticas contra a competição esportiva. Fatores como doping, fraudes, vitórias manipuladas, falsificações de jovens atletas, os famosos “gatos”²⁷ representam um aspecto hostil e que merecem punições.

No entanto, generalizar e aplicar a competição esportiva para crianças e jovens baseando-se no sistema, nos moldes da competição esportiva formal de adultos e suas transgressões, implica numa incompreensão das diferenças e possibilidades de intervenção pedagógica nos diferentes ambientes. Ao pensar em construir um conceito de “pedagogia da competição”, buscamos construir um pensamento em torno de maximizar os aspectos positivos e minimizar os sinais negativos que certamente existem e constantemente são combatidos por autores que sugerem sua extinção, como se fosse possível conviver sem essa interação natural numa visão dicotômica entre o bem e o mal.

²⁷ A expressão “gatos” é muito utilizada no ambiente do esporte de competição e significa a adulteração da idade cronológica de atletas. Outra hipótese é a de que alguns atletas “pobres” fazem seus registros após algum tempo de sua data de nascimento real.

Betti (1991, p. 55) apresenta um conceito interessante de Parlebás e que baliza nosso posicionamento teórico:

O desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si mesmo nem socializante nem anti-socializante. É conforme: ele é aquilo que se fizer dele. A prática do judô ou do rãguebi pode formar tanto patifes como homens perfeitos preocupados com o 'fair-play'.

A pedagogia da competição deve entender o valor da humanização das relações inter-pessoais em detrimento da escravização do resultado; também busca equilibrar as relações entre prática e resultado, do valor sócio-cultural da (con)vivência. Parece-nos um tanto arrogante afirmar que a lógica da competição esportiva é destruir as pessoas, colocá-las reféns do sistema de rendimento, onde o resultado final é o funil do alto-rendimento. Promover a pedagogia da competição propõe encaminhar nossos alunos a superar-se constantemente, individual e coletivamente.

Fica difícil estabelecer relações entre o bem e o mal com tema subjetivo como o que estamos propondo: “Pedagogia da Competição”. Sua significância para os profissionais do esporte prende-se a uma necessidade real: buscar justificativas concretas para sua aplicação - por natureza de difícil compreensão - pois seus elementos balizadores têm sido o da competição esportiva implacável, em essência, voltados para a superação através da aptidão física motivados por modelos muito visíveis – dos recordes, dos jogos olímpicos, dos torneios televisados, etc – e difundidos culturalmente. Assim, muitos equívocos teóricos foram construídos na direção de idealizar um esporte sem competição.

Castellani Filho (1997, 1998) apresentou um posicionamento interessante sobre a competição como um dos elementos necessários ao trabalho da cultura corporal e que devem ser apreciados pela educação física. O autor chama a atenção para alguns equívocos e comenta:

[...] por presenciarmos, em nossa sociedade, via de regra, o prevalecer de um sentido de *competição*, comprometido com os valores hegemônicos na sociedade, que faz por exacerbá-la naquilo que possui de desumanizadora (ao menos para um projeto de sociedade que não este que aí está), nega-se a possibilidade de se olhar a competição como elemento passível de ser construído em outros patamares que não o existente, retirando-se, a priori, a possibilidade de tratá-la pedagogicamente. Tratamento pedagógico esse que venha nela particularizar o princípio de competir *com*, no lugar de competir *contra* que contemple as diferenças sem camuflá-las, respeitando e valorizando-as igualmente. (CASTELLANI FILHO, 1998, p. 55-56)

Os pressupostos identificados por Castellani Filho (1998) identificam uma tendência muito respeitada por pedagogos dos esportes. A competição é um dos componentes que permeiam os esportes e deve ser trabalhada como tal. Se não conseguirmos ensinar a beleza do esporte em sua plenitude, inclusive a competição, seremos escravos de discursos acadêmicos, muitas vezes, elaborados por quem jamais presenciou o gosto e o prazer de vivenciar essa prática ou de sequer ter pisado em uma pista ou entrado em uma quadra de esportes. Isso posto, torna-se possível criar uma Pedagogia da Competição que não a realização de uma cópia pura e sistematizada pelo sistema esportivo formal, mas uma competição instrumentalizada por outros princípios e pressupostos norteadores.

Faz-se necessário que a competição não seja vista sempre como um jogo de alguém contra alguém, mas sim no jogar com alguém e contra si próprio, como um marco de referência para uma auto avaliação. O objetivo da competição deve estar voltado também para a auto superação e busca de auto estima.

Betti (1988, p. 33 a 36) apontou cinco características para discutir o envolvimento educacional e social do esporte e que são importantes na análise da competição esportiva e minimizados nos pressupostos da “Pedagogia da Competição”:

- a primeira característica marcante é a própria *competição*, que têm a superação como meta. Se o confronto é direto, a superação é contra os adversários, se não existe o confronto direto, a superação contra marcas, tempos, recordes e também a auto-superação;
- a segunda característica apresentada é a da hierarquia social onde os resultados definem quem é o melhor (primeiro) e o pior (último) o que levam a estabelecer hierarquias entre os praticantes.
- a terceira característica é o rendimento máximo e o da performance, compreendendo, no caso, a performance como a realização de exigências máximas do atleta/aluno na busca de vitória ou recorde.
- a quarta característica é a da recompensa não apenas extrínseca de prêmios e dinheiro, mas também intrínseca, bastante presente no esporte competitivo, o sentimento que pode gerar a fama e a notoriedade, criando-se vínculos maiores tais como um sucesso profissional.
- por fim, a quinta característica são as regras, inflexíveis e pré-estabelecidas, devem ser cumpridas por todos de forma correta e rígida. Ainda que as regras existam para evitar fraudes ou na busca de resultados sob quaisquer

condições, são conhecidos mecanismos diversos para uma exploração indevida (dopping, falsificação de idade de atletas jovens, mudanças de regulamentos que privilegiam grupos econômicos mais fortes...)

Se reconhecermos que essas características estão presentes na competição esportiva, reconhecemos como pedagogos do esporte a necessidade de intervenções nessas realidades apresentadas por Betti (1988). Reconhecemos também que, sem essas intervenções, pouco se estará contribuindo para a formação dos nossos alunos se simplesmente nos limitarmos a reproduzir as regras do sistema esportivo formal sem a necessária reflexão no sentido de valorizar os pontos positivos e reconhecer a necessidade de interagir com os negativos. (GALATTI et. al, 2007; REVERDITO et al., 2008; MONTAGNER, SCAGLIA e SOUZA, 20013; SCAGLIA, MEDEIROS e SADI, 2006; SCAGLIA e GOMES, 2005)

Um recente livro escrito por Carlin²⁸ retrata como Nelson Mandela se utilizou do Rúgbi, um esporte com influência inglesa e bastante praticado na África do Sul, na busca de unir o seu país em torno de um projeto político de aceitação e aproximação das pessoas. Se valendo do esporte para dialogar com o tema da segregação racial, Mandela valorizou o rúgbi para mobilizar as emoções das massas e moldar percepções e ações políticas concretas de aproximação entre as pessoas e grupos sociais. Trata-se de uma experiência real divulgada em livros, filmes e que reafirma o papel emancipatório que o esporte pode representar.

IV. Conceitos de esporte de competição: aspectos positivos e negativos.

O conceito de competição mais difundido é aquele que se apresenta de forma seletiva através de torneios, jogos sistemáticos organizados por federações e confederações nacionais e internacionais, em que existem nitidamente regras inflexíveis e com a principal finalidade de superação. Essa forma de organização caracteriza e orienta a quase totalidade do movimento esportivo mundial, vinculados a um sistema esportivo rígido em suas diferentes esferas (amadoras, profissionais,

²⁸ CARLIN, John, 1956. *Conquistando o inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

semiprofissionais, e a profissionalização clandestina²⁹, que pode ser entendida como o caso dos atletas que recebem benefícios financeiros à margem da legislação). Algumas dessas relações são analisadas por alguns críticos da competição esportiva como a reprodução de uma ideologia dominante, pois prioriza uma relação intrínseca entre a superação e o poder³⁰.

Seurin (1984, p. 44) apresenta alguns fatores positivos e negativos na relação entre o adolescente e a competição esportiva, interessantes e que permitem uma reflexão dos pedagogos do esporte. Para o autor, entre alguns fatores positivos, crianças e adolescentes encontram, no êxito esportivo, algumas necessidades fundamentais: ser amado (ou estimado); ter segurança e ser valorizado, o que muitas vezes reequilibra em relação a outros fracassos, tais como os intelectuais, os afetivos ou os sociais. Também como aspecto positivo, observa que as tendências agressivas podem ser canalizadas através das regras organizadas e definidas, com essa agressividade sendo canalizada e podendo evoluir para o conceito de “combatividade”.

Ainda como aspectos positivos, Seurin (1984) aponta que a competição esportiva pode satisfazer as necessidades de atuação livre e total, de auto superação, que são tão importantes para os adolescentes. Nos ambientes de competição, clubes, equipes, escolas e outros, a competição esportiva apresenta ao jovem um lar social, que muitas vezes complementa e até substitui o lar familiar. Essa relação, segundo Seurin, é por vezes mais interessante do que pertencer a uma gangue ou a um bando. Para o autor, os adolescentes sempre procuram afirmações através de provas e, ao se canalizarem esses impulsos para as atividades esportivas, existe o mérito de oferecer situações claras e com resultados concretos, podendo o adolescente ter metas e objetivos definidos e sentir as consequências de seu empenho, encontrando no esporte um ambiente favorável para esta instabilidade natural da adolescência.

A despeito de apresentar alguns aspectos positivos na competição esportiva, Seurin (1984) também identifica alguns negativos, que, em nosso entender, devem ser minimizados, e que o atual processo de competição esportiva em sua forma clássica interessa apenas a uma pequena minoria. Para o autor, a atividade esportiva apresenta-se muitas vezes como um novo trabalho, com obrigações diárias,

²⁹ A profissionalização clandestina é aquela que ocorre sem respeito às regras vigentes, “por baixo dos panos”, aonde existem pagamentos pela prática esportiva através de benefícios financeiros que desrespeitam as normas. Um filme interessante sobre esse assunto é *Blue Chips* (1994), estrelado pelo ator Nick Nolte. Drama baseado numa história sobre uma equipe de basquetebol nos EUA e os mecanismos clandestinos utilizados para formar uma excelente equipe.

³⁰ Ver a obra: ASSIS, S. Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

cobranças excessivas, busca de resultados e pouca preocupação com o desenvolvimento harmônico.

O autor aponta ainda uma característica marcante: a relação com o tempo livre, e que outras formas de ocupação desse tempo são melhores, mais prazerosas e exigem menor esforço, dada a existência de uma hierarquia desportiva e uma exigência, na maioria dos casos, de melhorar constantemente a “performance”³¹. No caso de jovens e adolescentes, o autor aponta que a rigorosidade e exigência dos treinamentos esportivos são antagônicos aos interesses dos adolescentes, que em geral, querem ser livres e recusam o formalismo.

Os posicionamentos de Seurin (1984) nos seus aspectos negativos implicam na compreensão da importância de conhecer essa realidade, uma vez que essa evolução atual do esporte provoca dúvidas sobre o seu papel educativo. Aí está o ponto mais significativo: não é a competição esportiva o problema, mas quem lança mão dela para seus fins. Reconhecemos a existência desses aspectos negativos, mas também que, em seus aspectos positivos, muitas são as possibilidades educacionais. A influência dos meios, clubes, professores, técnicos, grupos sociais, fatores políticos e econômicos, entre outros, podem levar jovens a comprometer-se e a envolver-se, ou recusar-se a participar e afastar-se das competições, desacreditando das atividades morais e educativas do esporte.

Ao se trabalhar com a “Pedagogia da Competição”, o profissional deve estar ciente dos riscos de suas ações, quando inadequadas. As ações dos pedagogos do esporte devem estar comprometidas com a responsabilidade e com os princípios educativos do esporte, dimensão está possível se respeitados alguns dos princípios e pressupostos aqui apresentados, mesmo levando-se em consideração os fatores negativos anteriormente expostos.

Desse modo, sintetizando, a partir da competição esportiva, o jovem aprendiz pode sentir-se mais maduro, livre, um ser social que sabe tomar iniciativas, responsabilidades, superar-se, além de aprender a trabalhar em grupo, principalmente, quando dos eventos dos esportes coletivos.

³¹ A palavra “performance” é muito utilizada para designar o desempenho de um esportista em treinamentos, provas, competições jogos e outras ações esportivas. É a ação atlética reconhecida e estruturada por números e recordes mensuráveis.

V. Estudos aplicados na pedagogia da competição em esporte: da teoria à ação em diferentes cenários e modalidades esportivas

Apresentaremos alguns estudos aplicados, com a síntese e ensaios de produções efetivadas naquilo que denominamos Pedagogia da Competição em esportes. Como já registramos, o alcance do fenômeno esportivo permite identificar diferentes finalidades, cenários e personagens presentes no ambiente esportivo. Se considerarmos a permanente evolução do Esporte no século XX e sua crescente participação social no atual século, identificamos níveis de práticas e consumo jamais imagináveis. Nesse contexto, a ampliação de manifestações esportivas e os avanços esportivos em todas as faixas etárias e grupos sociais é real nos diferentes campos de estudo e permite destacar que, certamente, cada vez mais o esporte encontrará adesão na sociedade.

Os estudos aqui sintetizados representam propostas e reflexões teóricas desenvolvidas no esporte escolar; nas escolas de esportes infantis, nos torneios organizados por uma liga pedagógica; em competições formuladas para grupos de jovens participantes de projetos socioeducativos e, para concluir, um estudo com reflexões referentes às influências do esporte espetáculo na competição de lutas. Os ensaios foram compilados de vários estudos e artigos construídos com alunos e professores de educação física que vivenciaram essas práticas, e foram publicados na obra “Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados”.³²

V.1. Da teoria a proposta de sistematização nas escolas de esportes: o caso da liga pedagógica

A seguir, em linhas gerais, debateremos uma experiência desenvolvida com crianças de 7 a 15 anos, em que a pedagogia da competição se materializou na organização de uma Liga Pedagógica de Esportes, com o objetivo de desenvolver ações educativas.

Ao longo de cinco anos, inserido no contexto de um processo diferenciado para se ensinar esportes, pontualmente pautados por algumas concepções teóricas

³² Obra mencionada em nota anterior. Livro organizado pelos professores Paulo Cesar Montagner, Alcides José Scaglia e Riller S. Reverdito, editado pela Phorte Editora e publicado em 2013.

(SCAGLIA, 1999 a,b; GARGANTA, 1995; FREIRE, 1998; GRIFFIN, MITCHELL e OSLIN, 1997; SOUZA, 1999; MONTAGNER, 1999; REVERDITO e SCAGLIA, 2009; PAES, 2001, 2002) que buscaram romper com o pensamento tradicional, onde o modelo tecnicista é hegemônico, o conceito da pedagogia da competição vinha sendo elaborado e, ao mesmo tempo, sendo realizadas diferentes experiências por intermédio de esforços isolados de alguns professores, dentre eles os que criaram festivais pedagógicos de esportes (SCAGLIA et al., 1999).³³

A liga pedagógica tem por finalidade reunir professores que, cansados do estereotipo de competição seletiva e exacerbada, maciçamente disseminada, buscaram abordá-la envoltos por princípios pedagógicos e pressupostos³⁴ teórico-práticos, que lhes permitiu dar ênfase aos pontos positivos possibilitados na competição em detrimento dos frustrantes e negativos.

Sendo assim, a liga procurou conduzir as crianças ao aprendizado do mais importante e delicado conteúdo desenvolvido durante o processo inicial de ensino-aprendizagem de esportes, a competição.

Com uma série de diretrizes e princípios pedagógicos que nortearam a sua prática, a liga pedagógica foi construída em meio à reflexão teórica descrita no início deste estudo. Estes princípios se referem a pontos, muitas vezes ideológicos (ou filosóficos) que devem aparecer implicitamente tanto na ação dos professores ao orientar seus alunos quanto na adaptação e modificação das regras do jogo formal, assegurando assim não apenas um jogo adaptado para determinadas idades, mas, buscando valorizar a compreensão estratégica do jogo. Assim, o aluno participa da competição sem a necessidade de adquirir certos pré-requisitos técnicos para só então disputar os jogos.

Podemos dizer que o primeiro grande princípio da liga pedagógica foi promover uma competição mais equilibrada, por consequência, mais desafiadora, em que as equipes se encontrem em níveis próximos tanto em relação às suas habilidades quanto no tocante à compreensão do jogo. Firmou-se o compromisso de possibilitar o aprendizado da competição a todos os alunos, sem em nenhum momento enaltecer

³³ Scaglia, A. J. et. all. "Festivais de esportes: uma prática pedagógica". Relato de experiência apresentado no I Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e VII Simpósio Paulista de Educação Física, realizado em Rio Claro, em 1999c, e se encontra publicado nos Anais do congresso impressos na revista Motriz.

³⁴ A liga pedagógica de esportes só se justifica se regida por certos princípios (proposições diretoras de uma ciência, às quais todo o desenvolvimento posterior dessa ciência deve estar subordinado) e pressupostos (circunstância ou fato considerado como antecedente necessário de outro), pois senão constitui-se evasiva.

alguns em detrimento de outros, pela simples razão de formar equipes com os melhores, enquanto outros aprendem a competir nos bancos de suplência.

Logo, outro princípio foi o de entender e ressaltar que a competição deve ser vista como um conteúdo a ser aprendido e vivenciado por todos os alunos, e não apenas pelos melhores; sendo assim todos devem jogar um tempo significativo nas partidas. Mas para que isto possa acontecer, fazem-se necessárias alterações nas estruturas do jogo, e, com certeza o mais importante e fundamental, a modificação da postura do professor diante da competição.

Todos os professores antes de participarem de jogos na liga pedagógica, devem fazer uma reflexão sobre sua atitude diante dos momentos a que foram expostos à competição, pois os valores que atribuem a ela, aliados à sua postura, constituir-se-ão em modelo e parâmetro para seus alunos. Um possível bom ou mau comportamento apresentado pelos alunos ao longo de uma disputa é muitas vezes reflexo do comportamento externado por seu professor ou reforçado positivamente pelo próprio.

Isso posto, vemos o professor como o grande mediador e não competidor no processo de aprendizagem de comportamentos e atitudes durante as competições, muitas delas de cunho emocional. Um técnico que grita com seus alunos, coloca a culpa no juiz pela derrota, ou então discute com outras pessoas ao longo da disputa, mostrando um grande descontrole emocional, ou ainda, reproduz os modelos comportamentais negativos presentes nas competições esportivas massificadas, não conseguirá ensinar seus alunos os conceitos do fair-play, tornando mais difícil o diálogo para a assimilação de atitudes éticas e morais diante de situações competitivas.

Por fim, outro princípio fundamental para o sucesso das propostas da Liga pedagógica é a consciente participação dos pais, que devem, a todo momento, estarem cientes dos objetivos aos quais a Liga almeja atingir, colocando-se como corresponsáveis pelo sucesso do processo de aprendizagem.

Os pressupostos da liga pedagógica de esportes

A liga pedagógica assume alguns pressupostos, subordinados aos princípios, para que possam se manifestar e colocar em prática todas as propostas assumidas ao longo do discurso teórico. Logo, possibilita a junção entre teoria e prática, ou melhor, a

visualização da teoria na prática. Estão conectados às questões referentes às estruturas dos jogos e organização geral das formas de disputas, para que estas se concretizem ao longo das várias etapas da Liga.

O primeiro refere-se às categorias de disputa, em que a idade cronológica se constitui apenas em referencial para a formação dessas categorias, pois sabemos que crianças apresentam ritmos de desenvolvimento e crescimento diferenciado e, por essa razão, algumas crianças um pouco atrasadas ou então precoces tanto em relação à sua maturação quanto aos seus conhecimentos a respeito do jogo, podem participar de categorias diferentes das de sua faixa etária.

Vale destacar um ponto fundamental: professores não conscientes de seu papel de educador, e ainda presos a estereótipos tradicionais poderão usar desta liberdade para levar vantagem sobre os demais. Por isso, voltamos a afirmar a necessidade de se assumir princípios, bem como normas de conduta conscientes e diferenciadas dos padrões atualmente massificados pela competição no alto nível, ou então pela cultura popular do brasileiro que cultua o *jeitinho brasileiro* e sua mania de querer levar *vantagem em tudo*.

O próximo pressuposto diz respeito às estruturas físicas do jogo. Há uma redução das medidas dos jogos para cada categoria. Assim, o tamanho do campo ou quadra aumenta à medida que as crianças crescem, bem como os alvos. Por exemplo, a tabela de basquete fica mais baixa para crianças menores; o mesmo acontece com o tamanho do gol no futebol e altura da rede, no vôlei.

Considerações relevantes

Por que crianças pequenas devem jogar nos campos oficiais? Por que uma criança não pode viver a sensação de enterrar uma bola no jogo de basquetebol? Cravar uma bola no jogo de voleibol? Na Liga Pedagógica de Esportes acreditamos que as crianças não precisam depender de atributos físicos ou o ganho de habilidades técnicas para vivenciar e aprender todas as possibilidades do jogo.

A mesma preocupação volta-se para os objetos que intermediam os jogos, ou seja, as bolas também devem ser de pesos e tamanhos adequados às crianças. Crianças menores arremessam bolas mais leves, chutam bolas que não são oficiais.

Outro fato de extrema importância para as disputas diz respeito à arbitragem. Se queremos pensar a competição diferentemente dos padrões massificados, devemos ensinar nossos alunos que os árbitros em nada interferem no resultado do jogo, eles apenas fazem com que as regras previamente estabelecidas sejam cumpridas. Na liga pedagógica de esportes, não devem existir jargões como: *“juiz ladrão!”*, ou *“perdemos o jogo por que o juiz roubou”*. Mas, para que este objetivo seja alcançado, deve-se montar uma liga de arbitragem que também reflita sobre a sua atuação, buscando encontrar apoio para uma mudança de visão a respeito da arbitragem, principalmente quando se refere ao futebol.

Já em relação às formas de disputas e contagem dos pontos, nunca, na liga pedagógica, acontecem apenas jogos formais. Paralelamente ou no intervalo entre as competições, acontecem as gincanas, que, na verdade, são jogos e brincadeiras já realizados em aulas e que valem pontos, somando-se aos dos jogos esportivos formais.

No futebol, por exemplo, existem disputas de pênalti americano, campeonato de gol, tiro rápido, tiro certo, gol caixote, bola na trave. No basquetebol temos a bandeja maluca, arremesso rápido, mata-mata, enterradas, long-jump. No voleibol podemos citar o saque ao alvo, corte ao alvo, finta maluca, saque rápido, rally-bol...

Nas gincanas, como nos jogos, obviamente, todos os alunos participam e ao final de todas as etapas são distribuídas as devidas premiações, independentemente da classificação. Enfim, todos os alunos devem sair premiados da competição, mesmo porque o princípio é de que uma competição pedagógica não deve apenas identificar o primeiro colocado ou vencedor, cada aluno ou professor, em algum momento ou situação, obteve uma vitória, pessoal ou coletiva, e isto deve ser valorizado simbolicamente.

Por fim, entendemos que a Liga Pedagógica de Esportes se constitui em proposição inicial e não numa utopia, apesar da busca constante de superação de suas metas, não se mostra acabada, muito menos detentora do único modo de abordar o tema competição na iniciação esportiva. Apresenta-se como interessante referencial e exemplo teórico-prático para novas intervenções.

V.2. Sobre a competição esportiva escolar: reflexões críticas e apontamentos teóricos na educação física escolar³⁵

As questões que envolvem a temática do esporte escolar, na especificidade da competição esportiva escolar, têm gerado significativas discussões e diferentes visões teóricas e práticas acerca desse tema apaixonante. Em tempos atuais, essa temática, quando a cada dia mais o esporte se embrenha na sociedade mundial servindo de estudos para diferentes áreas e linhas de investigação, permite-nos pensar em sua necessidade permanente de apresentação de reflexões e intensas discussões teóricas acerca do fenômeno esportivo na especificidade do ambiente escolar.

Dentre as várias atribuições e funções sociais da escola, temos certo de que o Esporte é um dos – atuais e futuros – conteúdos mais relevantes de convivência nesse ambiente de aprendizagem social e cultural. Argumentos clássicos de que a escola não é local para formação de campeões e atletas, e sim um local de disseminação esportiva descompromissada com os modelos competitivos, são ainda temas complexos nos programas escolares. A escola e o esporte, na atualidade, não podem mais deixar de serem aliados na compreensão desse fenômeno, de grandeza mundial e que alcança as crianças e jovens diariamente.

Buscaremos nesse texto síntese, algumas reflexões acerca da competição esportiva no ambiente escolar. Subsidiados pela literatura apresentada ao final do texto, nas referências bibliográficas pesquisadas e que discutem algumas das concepções de competição escolar, elencamos alguns dos pressupostos teóricos para construir nossos argumentos no presente texto. Organizamos nossos argumentos teóricos a partir de três concepções teóricas visando balizar a nossa discussão, assim registradas:

- a primeira, com a concepção de esporte escolar contrária a competição esportiva, por considerá-la conflitante com os objetivos educacionais;
- uma segunda, que propõe uma ressignificação do esporte enfatizando outros valores que não a competição;
- e a terceira, de nossa concordância, que elabora a concepção de esportes que abarca diferentes possibilidades para o seu desenvolvimento em que as

³⁵ Síntese do texto original publicado como capítulo 10 (pp. 259-314) no livro *Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*, publicado pela Phorte Editora em 2013 juntamente com a professora Fernanda Carone Soares. O livro mencionado foi organizado pelos professores Riller Silva Reverdito, Alcides José Scaglia e Paulo Cesar Montagner. Esse texto tem como base teórica a pesquisa da acadêmica Fernando Carone Soares com orientação do professor Paulo Cesar Montagner.

relações entre a competição escolar e a Educação Física Escolar podem ser visualizadas sem conflitos.

Poderemos encontrar outras formulações, mas nos basearemos nessas três para relacionar com nossos apontamentos teóricos.

As análises críticas ao esporte na educação física escolar

Alguns autores como Assis (2001) apresentam, criticamente, o esporte escolar a serviço da instituição esportiva, dizendo que se preocupa na revelação de atletas, a supervalorização do esporte nas aulas e nos conteúdos da Educação Física, deixando de lado outros aspectos importantes das aulas. Faz também uma distinção do *esporte na escola e esporte da escola*. Quando se trata do esporte *na* escola, objetiva-se a instituição esportiva; o esporte *da* escola, por outro lado, enfatiza os valores educacionais. Ele completa dizendo que o esporte *na* escola também educa, pois as críticas a ele se remetem a problemas de diferentes matizes, tal como as próprias críticas, e termina dizendo que há no esporte significados e valores mais amplos que as situações imediatas do esporte.

Não concordamos com Assis (2001) quando diz que o esporte escolar está a serviço acrítico da instituição esportiva, mas dizemos que o esporte, enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, torna-se um importante componente educativo, devendo fazer parte dos conteúdos programáticos nos seus mais variados temas.

Soares et al. (1992), quando citam o esporte *na* escola e *da* escola, abordam a questão pedagógica e justificam o esporte *na* escola classificando-o como uma produção histórico-cultural que se subordina aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não pode ser afastado das condições a ela inerente, principalmente quando queremos justificá-lo no currículo escolar tratando de seus valores educativos.

Numa visão de múltiplas perspectivas, Tani (2007) caracteriza o esporte como um patrimônio cultural da humanidade, que transita e transforma através dos tempos e lhe confere uma natureza eminentemente dinâmica, dando ênfase em determinados aspectos, podendo assim assumir características diferentes como esporte de rendimento e esporte como conteúdo da Educação Física.

Em estudo publicado em 2007, Constantino apresenta algumas reflexões e críticas sobre os valores educativos do esporte e diz que a escola foi invadida por um conjunto de valores ideológicos, alguns louváveis, incutindo na escola a função não só de ensinar, mas também o de inclusão social, arrastando-a para uma lógica de verdadeiro descompromisso social quanto ao caráter prático e utilitário dos saberes e competências que deve fornecer aos alunos. Mas o que isso tem a ver com o esporte? Para Constantino (2007, p. 67):

O entendimento que muitos educadores têm do papel da escola e da respectiva missão é também um fator adicional de bloqueio. O discurso piegas e de facilitismo de que a escola, mais do que um local de trabalho de esforço e de superação, deve ser um espaço de ambiente agradável, não constrangedor, facilitador das aprendizagens, respeitando as “necessidades” e “personalidades” dos alunos não é um contexto organizacional muito estimulante para o desporto. Nesta escola “de resto” o desporto será sempre “alienante” e seu lugar ocupado pela antítese do trabalho: o lazer, o jogo, a atividade física e o prazer lúdico.

O que percebemos nas reflexões de Constantino (2007) é que o autor não está satisfeito com a realidade e os excessos cometidos pelo esporte fora e dentro da escola. Apesar de o autor vivenciar os problemas e realidades do esporte na Educação Física em Portugal, podemos utilizá-lo como referencial e comparativo com a realidade brasileira. Para Constantino (2007), a escola é um dos lugares mais comuns para analisar a realidade esportiva de qualquer país, e isso fica evidente no rescaldo das grandes competições internacionais.

Mas a preocupação aparente do autor é o esquecimento, por completo, de como se encontra a atual situação da escola pública dos países e que os discursos encontrados quase sempre falam do esporte e ignoram a Educação Física, o que é também revelador, da confusão e da arbitrariedade, a par da ligeireza, com que o tema é tratado. Quando fala sobre a escola atual, Constantino não se refere ao fato que outrora a escola era melhor; pelo contrário, o autor afirma que hoje a escola é incomparavelmente melhor, pois é para todos e a de outrora, para uma pequena minoria. Mas sua preocupação está relacionada a essa escola atual e ao uso do esporte nesse ambiente:

[...] a escola não pode continuar a alimentar o equívoco de que face ao esporte lhe caberia uma espécie de regeneração dos excessos e dos vícios do esporte que se pratica no seu exterior. De que seria depositária e fiel guardiã de um “desporto educativo” em contraponto a um outro, pouco digno de receber esse qualificativo. [...] a educação e o treino corporal e esportivo não se dão bem, com um ambiente

onde as aulas têm de ser divertidas, animadas e participadas não exigindo trabalho e esforço. (CONSTANTINO, 2007, p. 69).

Como se o esporte de competição não fosse educativo. E Constantino completa dizendo que “nos tempos atuais o que a escola pode fazer pelo esporte é bastante, mas, apesar de tudo, menos do que o esporte pode fazer pela escola” (CONSTANTINO, 2007, p.70)

Planejar os conteúdos do esporte na Educação Física escolar faz parte de um processo de ensino-aprendizagem desse conteúdo. Nesse ambiente pode-se estruturar o desenvolvimento do esporte para o resgate de valores sócio-educativos, na formação de opiniões e na colaboração da estruturação de costumes.

Sobre a ação do profissional de Educação Física na competição escolar

Muito pertinente ao tema, Bento (2004) sugere que não é possível ensinar a cooperar se não soubermos competir. Não importando o âmbito em que a competição está inserida, pois para ele, é fundamental ensinar a competir, mas reconhece a importância da ética de quem a pratica e a carência de uma sólida aprendizagem da competição. Como bem diz, o jogo desportivo socializa na vitória e na derrota.

A vida e a sociedade atuais são muito criticadas por serem perpassadas pela competição e esta duramente vergastada por ser fonte dos males que assolam aquelas. Eis um tremendo equívoco. A acusação deve voltar-se para outro alvo. A competição é alvo e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Seja entre pessoas, seja entre instituições, cidades e países. Do que estamos carecidos é de uma sólida aprendizagem da competição susceptível de enraizar profundamente uma ética do jogo, do jogador e do competidor. (BENTO, 2004, p.77)

Não podemos ignorar o fato de que quando se compete um ganha e outro perde. Quando falamos em vitórias e derrotas, não imaginamos as diferentes reações que esses valores podem gerar. Bento (2004, p. 77) completa: “O jogo altera e inverte papéis e situações: quem até agora perdeu pode ser em breve o vencedor; quem ganha hoje pode estar seguro de que isso não acontecerá sempre”.

Saber perder não é fácil e, dependendo da faixa etária, gera grandes frustrações, mas o inverso também se torna verdadeiro, ensinar a ganhar com humildade enfatizando que a vitória, na maioria das vezes, nas atividades coletivas, é

o reflexo de uma equipe estruturada e confiante que respeita os limites individuais de cada integrante do grupo e no individual é resultado de superação, de disciplina e desempenho.

Refletir sobre a importância da ação dos profissionais em relação às atividades competitivas na escola torna-se relevante nesse momento do estudo. O que pode caracterizar os efeitos do esporte e da competição na escola é o profissional responsável por implementá-los. Procurar novas técnicas e conhecimentos atualizados faz parte do profissional de qualquer área que busca qualificar seu trabalho. Existem informações em todos os níveis e aprofundamentos (internet, jornais, livros, revistas...), mas essas informações só se tornam conhecimento quando as analisamos e as colocamos em prática como resultado das nossas reflexões.

Pensando no âmbito escolar podemos citar novamente Constantino (2007, p. 69) retratando a realidade das escolas em Portugal. O autor destaca a importância do envolvimento e comprometimento do profissional de Educação Física ao dizer que: “há escolas e professores que trabalham com qualidade e outros que o não fazem. Em condições similares há resultados diferentes”.³⁶

Torna-se importante para o profissional manter-se atualizado em relação aos avanços da área e disposto a mudanças, quando necessário, e na inserção das atividades competitivas em um processo pedagógico através de estudos e reflexões sobre o tema que interfiram positivamente em sua prática. Quando se compete, há uma série de regras, conceitos e pré-conceitos envolvidos, e o papel do professor de Educação Física se mostra importante nesse processo de transmissão de valores e intervenções nas aulas.

Exigir dos alunos o cumprimento das regras e cobrá-las reforçam o respeito e a disciplina. Outro desafio é o de encarar as atividades competitivas escolares como uma relação social complexa entre os alunos, preocupando-se com o ensino dos esportes na reparação, execução e avaliação dessas atividades, não só por meio de técnicas e táticas, mas de atividades de entrosamento, conhecimento e adaptação de

³⁶ Complementando a visão de Constantino e sua análise sobre o assunto, destacamos em epígrafe: “[...] Os esforços que existem da parte de muitos professores, designadamente de educação física, enfrentam a demissão ou a falta de empenho de muitos outros. O grupo profissional de educação física, constituiu-se em algumas circunstâncias, historicamente documentáveis, como o principal fator de resistência à mudança, alimentando rotinas e um conservadorismo ideológico construído em torno da defesa do “interesse educativo” de que seriam não apenas os seus principais definidores, como os seus primeiros guardiões. Uma espécie de “razão iluminada”, para quem a pedagogia é uma forma de descer ao aluno e não um meio de o fazer aprender, conhecer e dominar os saberes esportivos socialmente construídos. (CONSTANTINO, 2007, p. 69)

regras, conhecimento dos esportes, dentre outras. Fazer um resgate do momento dos jogos, analisar os resultados, registrar, fotografar e oferecer treinamentos permanentes, mesmo fora ou após os períodos de torneios.

Valorizar seu lado construtivo, ou seja, da vitória sem exageros e da derrota como exercício de aprendizagem para a formação do homem, sua socialização, tomada de decisões, formação de valores pode também despertar o interesse em buscar atividades, fora do âmbito escolar ou nas equipes de treinamento da própria escola, visando condicionamento para a melhora do desempenho e resultados.

Outra realidade que encontramos são profissionais que fazem das atividades competitivas o objetivo principal das aulas de Educação Física, enquanto deveriam ser encaradas como mais uma atividade num processo de divisão de aula com início, meio e fim. Como sugestão, fazer nesse fim um resgate dos acontecimentos da aula, no qual são debatidas as situações de jogo, facilidades e dificuldades nas jogadas. Já nas turmas de treinamentos, enfatizar os exercícios que buscam melhorias nas técnicas objetivando melhores resultados.

Aspecto importante é o ambiente onde se processa esta prática. Cabe, também, ao professor criar um ambiente sadio e equilibrado através de atividades de companheirismo, cooperação e aceitação das regras, utilizando ou não o fair-play³⁷ como uma regra de comportamento. A intervenção feita pelo professor favorecerá ou não as atividades competitivas na escola. Destacar o prazer pela prática, deixando as atividades competitivas como conteúdo transversal nas aulas, e não apenas como prioridade, pode ser uma estratégia adequada de aplicação da mesma.

Considerações relevantes

É preciso resgatar – permanentemente - os valores educacionais do esporte privilegiando o coletivo sobre o individual, o compromisso da solidariedade e respeito humano, a importância do jogar com o companheiro, e não contra o adversário, enfatizando os jogos com regras implícitas e específicas para que seu aprendizado

³⁷ Fair play: defendido por Coubertin (apud RUFINO, J. L et al, 2005). Representa a honra e lealdade, o respeito pelos outros e por si próprio. Estes valores reflete o pensamento da aristocracia inglesa do século XIX a respeito das práticas esportivas. Também, como define Bourdieu, “O esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de formar o caráter e inculcar a vontade de vencer (Will to win)”, que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras – é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço. (BOURDIEU, 1983, p.140)

não se finalize nos gestos técnicos, oferecendo possibilidades de aprendizagem diferenciadas.

Estudos como esses nos levam a analisar que a competição e o esporte não necessitam de ressignificados ou reestruturação, mas de pessoas corajosas em assumi-las como parte integrante dos conteúdos da Educação Física Escolar, sem gerar tensões, medos ou qualquer tipo de confusão na área.

Projetar uma prática esportiva educacional em que o aluno conceba e incorpore o conhecimento tendo condições de modificá-lo, se preciso, torna-se relevante nesse processo. Os conteúdos podem ser tratados como em qualquer outra disciplina escolar, tendo objetivos, programas de aulas e estratégias de ensino. O esporte pode estar vinculado a um significado, seja do prazer, da superação, do pedagógico ou simplesmente de sua prática por ele mesmo propiciando situações para o desenvolvimento da iniciativa e da criatividade, importante para as soluções de problemas.

Para Orlick (1989, p. 92), quando trata da importância do esporte: “A única justificativa para a existência do esporte é enriquecer a nossa vida. Quanto mais ela puder ser enriquecida pelo envolvimento nos esportes, mais valiosa ela se torna”.

Os profissionais envolvidos devem ter essa constante preocupação em transmitir os valores inseridos no esporte em sua prática docente e através desses conceitos despertarem o interesse dos alunos em praticar, conhecer e se envolver com o fenômeno esporte em suas diferentes manifestações. Deve ter ciência dos objetivos do esporte nas aulas de Educação Física e nas equipes de treinamento, desfazendo assim enormes equívocos aplicados à competição esportiva escolar, dando oportunidade ao educando de momentos que possibilitem o conhecimento e a vivência de diferentes modalidades esportivas identificando-se com algumas delas, ou até mesmo como espectador.

Proporcionar a competição esportiva na escola para crianças e adolescentes não significa ter a pretensão de que esse processo esportivo tenha o objetivo de formar atletas, de construir uma mentalidade competitiva focada apenas no êxito esportivo ou ainda de valorizar apenas os mais fortes ou mais aptos; o que pretendemos é oferecer oportunidades de vivências e experiências em competições esportivas, de frustrações nas perdas e atitudes honrosas diante das vitórias.

Diante destas colocações e das análises críticas dos textos já estudados a respeito do assunto, podemos dizer que a competição contribui na formação de

cidadãos edificados e nos valores que podem ser transmitidos por ela. A intensidade, o ambiente, a pedagogia, os métodos com a qual utilizamos a competição nas aulas de Educação Física é que vai graduar seus sucessos e desgastes. Ver apenas os defeitos da competição sem contabilizar, ao mesmo tempo, aquilo que ela traz de positivo na vida esportiva do atleta é desqualificá-la equivocadamente.

Obter o compromisso de educar nossos alunos em sua totalidade, ou seja, não só os aspectos físicos e motores, onde se apuram as capacidades e habilidades, mas também os aspectos sociais, transmitindo a importância do respeito às regras, aos adversários (que não são inimigos), os aspectos afetivos presentes no companheirismo e na solidariedade, além dos cognitivos presentes nas assimilações das táticas e lógicas do jogo.

Outra sugestão seria oferecer aulas que os conduzissem ao interesse pela prática competitiva e atividades que enfatizem a importância do “outro”, com construção de pequenos jogos despertando esses conceitos, sem enfatizar apenas a vitória, criando-se um ambiente onde os alunos possam intervir em nossa prática e a opinião formulada, em relação à aula e ao grupo, seja levada em consideração e aplicada quando viável. A importância de ouvir os alunos e sentir as suas dificuldades permite refletir sobre essa prática.

Insistimos em reafirmar o que apresentamos em outros textos (MONTAGNER e SCAGLIA, 2013, p. 193)³⁸:

Parece-nos que o Esporte, como um dos maiores fenômenos contemporâneos – senão o maior – necessita um compromisso permanente: participar da formação e da educação das pessoas, cuidar das gerações. Não nos parece impossível pensar que ir a um estádio acompanhar futebol ou a um ginásio ver basquetebol, ou ainda a uma competição de natação ou atletismo tenha sentido se não for para ampliar nossa capacidade de compreender o papel do esporte, de nos sentirmos felizes, de refletir na nossa educação esportiva, na valorização das manifestações dessa experiência.

Essa participação na formação das pessoas encontra, na escola, o ambiente mais favorável e acessível – em escala - ao desenvolvimento desse conhecimento. Essa construção requer uma firme e convicta proposta que entenda que a competição esportiva é parte da formação do cidadão. A questão essencial é construir um sentido de formação aos assuntos das competições esportivas e dos valores que a envolvem.

³⁸ MONTAGNER, P.C.; SCAGLIA, A.J. Pedagogia da competição: teoria e proposta de sistematização nas escolas de esportes. In: REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; MONTAGNER, P.C.. *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*. São Paulo: Phorte Editora, 2013. (464p.)

V.3. Competição em esportes como proposta formativa

Este texto elabora reflexões sobre a ação da competição como meio de estimulação de aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores, analisadas a partir de dados obtidos em estudo de caso do tipo etnográfico realizado na comunidade de Heliópolis, em São Paulo, com jovens adolescentes em um projeto socioeducativo.

As primeiras informações recolhidas são provenientes das respostas dos adolescentes a um questionário aplicado após o término da participação da primeira temporada em um campeonato metropolitano da região, que aconteceu no ano de 2004. As reflexões são realizadas partindo-se da aproximação de temas semelhantes encontrados na escrita dos jovens.³⁹

O segundo momento refere-se aos depoimentos orais dos mesmos, quatro anos após o primeiro evento, quando já haviam participado do campeonato por mais uma vez com o mesmo grupo, no ano de 2005. Na época da realização das entrevistas, os jovens já não participavam mais do projeto socioeducativo estudado.

A reconstrução, partindo-se das memórias dos jovens, dos educadores e das lideranças da comunidade que participaram do projeto, procura levantar as lembranças mais marcantes e significativas vividas no período e que também são tratadas e discutidas agrupadas em temas para elaboração metodológica do presente texto.

Finalmente reflete-se sobre as informações e discussões levantadas em torno da competição, suas características e repercussões no caso vivenciado em específico. Apesar da especificidade do estudo, o texto procura indicar possibilidades de

³⁹ Síntese do texto original publicado como capítulo 11 (pp. 315-342) no livro *Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*, publicado pela Phorte Editora em 2013 juntamente com o professor Leopoldo Katsuki Hirama. O livro foi organizado pelos professores Riller Silva Reverdito, Alcides José Scaglia e Paulo Cesar Montagner. Também, parte desse texto foi publicado com o título: “*A ação pedagógica da competição esportiva*”, na *Revista Movimento & Percepção*, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 15, jul/dez. 2009. A ampliação do conteúdo foi realizada a partir de depoimentos e discussões contidas no livro “HIRAMA, L.K., MONTAGNER, P.C. *Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos*. (pgs. 220). São Paulo: PHORTE EDITORA, 2012 (ISBN: 978-85-7655-346-5)”. Ainda, outro texto utilizado como matriz teórica desse ensaio foi compilado na forma de capítulo de livro com o título: *Esporte e projeto social na “favela”: memórias, experiências e valores educativos* no livro denominado: *Desporto e Educação Física em Português: Contributo para o XIII Congresso de Ciências do Desporto e de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa*, publicado em março de 2010 pela Universidade do Porto e organizado pelos Profs. Dr. Jorge Olimpio Bento, Dr. Go Tani e Dr. António Prista.

tratamento pedagógico com a competição que possibilitem ser aplicados em outros cenários pedagógicos, espaços esportivos/educacionais.

Competição: ataques e defesas

A competição esportiva como componente de ações educacionais vem sendo bastante discutida no cenário da Educação Física. Sua presença nas aulas é responsável por estímulos considerados negativos como a violência, a exclusão, o vencer a qualquer custo? Ou, ao contrário, pode proporcionar às atividades grande motivação, podendo desencadear maior engajamento de crianças e jovens na permanência e perseverança na busca pelo aprendizado? Acredita-se que podem acontecer as duas suposições. Como afirma Parlebás (1987), o esporte não é nem bom, nem ruim. É o que se fizer dele.

No entanto, existem autores que defendem a não estimulação da competição, alegando que este componente, por si só, desenvolve valores negativos como o egoísmo, a agressividade, o individualismo.

Maturana (1998) afirma não acreditar que a competição, como fenômeno humano, possa ter elementos positivos, exemplificando que no esporte a vitória é sempre a negação do perdedor. Orlick (1989) reforça esta tese afirmando que nas sociedades competitivas as ações inamistosas são constantes e quando acontecem eventos amistosos, têm poucas chances de serem retribuídas. Brotto (1999) faz comparação entre os jogos cooperativos e competitivos deixando explícitas as diferenças a partir de seu posicionamento teórico. Nos jogos onde se compete, a diversão é apenas para alguns, a maioria se sente derrotada, há a exclusão por falta de habilidade dos participantes, desenvolve-se a desconfiança, os perdedores se tornam expectadores, entre outras características bastante radicais.

Tais características da competição podem ser possíveis se o objetivo específico seja apenas vencer a partida, o jogo ou a situação. Mas ao se encarar uma partida ou um campeonato como meio de estimulação de outros valores como trabalho em equipe, superação das frustrações, humildade, esforço para superar os limites individuais e coletivos, defende-se que não somente os grupos vencedores têm sucesso. Os que não obtiveram a vitória também puderam viver a oportunidade de serem desafiados, de colocarem suas habilidades à prova, de criarem suas estratégias e refletirem sobre suas qualidades e deficiências, enfim, ações que lhes permitem

evoluir em seu desempenho e ao final das contas, “ganhar”, ainda não que o jogo, mas em satisfação por se desenvolver!

Para Machado (1994), a competição oferece estímulos ímpares só encontrados nesta situação. O participante analisa sua condição antes da prova, durante sua execução recebe informações de seu corpo sobre sua *performance* e, ao finalizar, poderá avaliar seu desempenho, renovando sua personalidade e conscientizando-se de sua capacidade global.

Freire (1996) avalia que a competição é um fator fortemente presente em nossa sociedade e combate o costume de lidar com problemas apenas negando-os, referindo-se a um grupo de profissionais de educação física que propunham extinguir qualquer atividade competitiva nas aulas. O esporte é um fenômeno social, político e econômico e está intimamente relacionado à competição. Os jovens recebem todos os dias sua influência, na forma de espetáculo, de sonhos, de lazer, de ídolos, entre muitos outros. Então como propor a deixá-lo de lado nas aulas de Educação Física? Como um componente tão presente na vida pode ser omitido ou substituído em ações educacionais?

Segundo Machado (1994) a competição não deve degenerar-se num fim em si mesma, mas sim ser um meio de motivação, de estimulação para a superação dos próprios limites, pois o esporte é a única atividade social que busca a dificuldade com o objetivo de vencê-la. Em qualquer outra atividade social procura-se evitar e eliminar as dificuldades.

Uma situação da competição bastante discutida é o desenvolvimento da frustração e da diminuição da auto-estima diante das derrotas. Jabu (2000, p. 17) rebate afirmando: “Na competição, o importante é ser competente, disputar com dignidade, obedecendo às regras e, quando possível, ganhar”. E acrescenta que perder pode representar oportunidade de aprendizado para o enfrentamento da frustração e sua superação.

Cagigal (1972, p.72), nos anos 1970, já discutia a questão da frustração afirmando: “La vida humana es lucha”⁴⁰, fazendo menção às muitas vezes que não atingimos o que pretendemos, nas muitas derrotas da vida. O mesmo autor

⁴⁰ A vida é uma luta (tradução para a língua portuguesa)

acrescenta: “La mejor herancia que puede um padre a su hijo o um educador a su discípulo es la firmeza de aspirar al triunfo y la capacidad de asimilar la derrota.”⁴¹

Defende-se, desta forma, estimular outra conotação à competição em busca de posturas como as citadas. A vitória e a derrota servem para avaliar o que falta, traçar estratégias e objetivos, trabalhar para alcançá-las, superar as frustrações e continuar a evoluir.

Juventude carente e competição: proposta na maior “favela”⁴² de São Paulo

O presente estudo foi elaborado a partir de informações recolhidos em dois momentos distintos em entrevistas com jovens de 16 a 18 anos moradores de Heliópolis, maior “favela” do estado de São Paulo. Esta comunidade, situada na zona sul da cidade de São Paulo possui cerca de 120 mil habitantes.

Os adolescentes participaram de um projeto socioeducativo que possuía a modalidade voleibol como eixo fundamental de atuação. Esta ação era promovida por uma ONG com apoio de uma empresa multinacional e, oferecia espaço de aprendizagem para cerca de quatrocentas crianças e adolescentes.

Para a coleta de dados foi realizado um recorte desse universo, abrangendo somente o grupo mais experiente que representava o núcleo em um campeonato metropolitano. No ano inicial foram organizados dois grupos de trabalho, um feminino e outro masculino e treinavam duas vezes por semana durante uma hora e meia. Não houve, neste primeiro momento, participação em competições oficiais. Realizou-se somente um festival convidando algumas equipes de mesmo nível e características.

No entanto, no ano seguinte, houve grande desejo por parte do grupo em participar de um campeonato. Dessa maneira, a equipe masculina se inscreveu no Campeonato Pré-Olímpico que reunia equipes da Capital e Grande São Paulo (GSP), com duração de praticamente todo o ano, com grupos de nível bastante elevado.

⁴¹ A melhor herança que um pai pode deixar a seu filho e ou o professor a seu aluno é a força para aspirar ao triunfo e a capacidade de assimilar a derrota (tradução para a língua portuguesa)

⁴² A denominação “favela” aparece entre aspas, pois geralmente vem “carregada” de sentido pejorativo, o que não reflete a intenção de sua utilização neste texto. Seu uso é justificado por ser uma palavra bastante conhecida, aparecendo inclusive em produções científicas e pelo fato da comunidade foco do estudo ser chamada comumente de *favela de Heliópolis*, inclusive (e também) por seus próprios moradores. Segundo o novo dicionário Aurélio, *favela* significa conjunto de habitações populares toscamente construídas e desprovidas de recursos higiênicos. No entanto, em Heliópolis, muitas construções apresentam fundações sólidas, algumas com vários andares e recursos higiênicos. Porém, regiões com essas mesmas características mantêm a denominação de “favelas”, provavelmente por suas origens.

Antes da confirmação de participação, aconteceram várias conversas sobre o nível das equipes e as grandes possibilidades de derrotas que enfrentariam, levantando nestas ocasiões todas as dificuldades e diferenças de situações que vivenciariam em comparação com os adversários. Mesmo assim, a decisão de participar foi unânime.

Vivendo pela primeira vez a competição

O Campeonato Pré-Olímpico foi a competição escolhida para a participação do grupo. Este evento durava toda a temporada dentro do ano, iniciando por volta de março/abril e finalizando em novembro/dezembro, realizando-se jogos com todas as equipes inscritas em turno e retorno, ou seja, um jogo na sede do adversário outra na sede própria.

Os perfis das instituições participantes eram basicamente dois: clubes da Grande São Paulo ou de equipes de prefeituras municipais de outras regiões de São Paulo. Em ambos, as equipes eram formadas a partir de uma seleção dos melhores atletas da localidade, e, em alguns casos, os jovens recebiam, inclusive, apoio financeiro para cobertura de gastos como transporte e alimentação. Ainda como características importantes, algumas das instituições atuavam no campeonato Pré-Olímpico como forma de preparação para os Jogos Regionais do Interior (tradicional competição disputada entre as cidades do interior e litoral do Estado de São Paulo, que dão acesso aos Jogos Abertos do Interior) e/ou para o torneio organizado pela Federação Paulista de Voleibol, considerado o de maior nível técnico nas categorias de base.

Portanto todos os participantes apresentavam, em diferentes níveis, estrutura voltada para a prática competitiva da modalidade e, objetivos definidos em cada temporada. No ano deste estudo, o campeonato contou com oito equipes inscritas na categoria infanto-juvenil, até 18 anos. Os jovens jogaram ao todo 14 jogos. O resultado, avaliando-se somente as estatísticas, foi negativo, com 13 derrotas e apenas uma vitória, terminando o campeonato na última colocação.

Os indicativos encontrados levam a crer que esta experiência foi extremamente positiva, partindo-se do objetivo, sempre posto de forma clara para os adolescentes, de que a competição deveria trazer vivências importantes para o aprendizado. A auto avaliação do grupo, resolução dos problemas, a criação de novas estratégias e a

superação das dificuldades encontradas e o cuidado com a questão da superação da frustração foram temas de atenção dos professores.

O observado diante desta experiência levantou indicadores interessantes. A maneira como reagem aos jogos, buscando a cada derrota avaliar seus pontos positivos e negativos, tendo claro suas tarefas nos treinamentos, foi evidente. A transformação em um grupo unido em busca da melhoria também foi notória. As responsabilidades de cada integrante aumentavam juntamente com as cobranças mútuas.

Como método para avaliar todo o processo utilizou-se um questionário para ser respondido na forma de redação, com duas perguntas abertas:

- O que você achou da experiência de participar do Campeonato Pré-Olímpico neste ano?
- O que espera para o ano que vem?

Essas perguntas foram aplicadas ao final da temporada, após o término do campeonato. Foram um total de 13 redações respondidas, número total de jovens alunos participantes do campeonato.

O aspecto mais comentado nas respostas sobre as impressões gerais relativas à participação no campeonato tinha relação com a superação do medo, desânimos e frustrações. Outra afirmação relacionada à primeira diz respeito ao amadurecimento, confiança, desenvolvimento da vontade e garra, tanto individual como coletivo. Ainda foi destacado que tais atitudes representaram lições para serem levadas às outras situações da vida.

Na segunda questão da redação foi perguntado aos alunos o que esperavam do ano seguinte. As respostas tem forte inclinação para a continuidade do processo, como melhorar ainda mais, tornar a equipe mais forte e unida, atuar com mais autonomia, demonstrando que a grande quantidade de derrotas não diminuiu o desejo por continuarem a se desafiar.

Seguindo em frente: impressões das competições vividas

Conforme desejo do grupo, ocorreu a participação no mesmo campeonato no ano seguinte. Em 2005 o quadro de vitórias e derrotas foi semelhante: apenas 1 vitória para 11 derrotas.

No segundo semestre de 2007 e primeiro semestre de 2008, foram coletados depoimentos orais da maioria dos jovens participantes do grupo masculino, assim como outros membros da comunidade que acompanharam de perto este processo, como professores e lideranças, levantando, entre outros assuntos, quais significados atribuíam para a participação nos campeonatos.

A primeira aproximação percebida na fala dos ouvidos com relação ao ensino do esporte, diz respeito ao desejo dos jovens por dar continuidade ao aprendizado, não permanecendo nas atividades essencialmente recreativas e com características de iniciação da modalidade, que no caso deste projeto, era o voleibol.

Quando perguntados sobre a continuidade no processo que vivenciaram, buscando aprofundamento na modalidade, percebe-se que este caminho está ligado ao desejo de melhorar, de evoluir.

A competição é um fator presente quando se objetiva a continuidade em uma modalidade esportiva. Acreditando ser possível o oferecimento de situações positivas, os jovens enfrentaram equipes com maior estrutura e tempo de preparo. Ao serem perguntados se tais experiências produziram alguma espécie de trauma, eles responderam que tristeza e decepção foram sentimentos que surgiram, mas que contribuíram para a busca por melhoria coletiva e individual.

A continuidade no processo de aprendizagem no voleibol, na busca por aprofundamentos táticos e técnicos, oferecendo, no percurso, estímulos em uma competição de bom nível regional, tinha por objetivo estimular aprendizados que pudessem contribuir para a formação dos jovens e procurar minimizar as pressões características dessa comunidade.

No estudo original destaca-se a característica de certo isolamento dos jovens dentro de sua comunidade, com poucas oportunidades de intercâmbios sociais. Conhecer outras equipes, clubes, cidades, é outra aproximação encontrada, que, em primeira análise, pode parecer simplória, mas que surge no discurso de muitos jovens

como algo marcante e que indica romper com o isolamento que viviam, romper com a lógica “*da casa para escola, da escola para a casa*”.

Outra característica comum relacionada ao processo de aprofundamento no esporte foi a de estimular os sonhos nos jovens, para ampliar as expectativas de formação e constituição na vida.

Em se tratando de trabalho com crianças e jovens em situação de risco, muito se discute sobre o perigo de se estimular sonhos e desejos distantes das suas realidades. Como o projeto estudado desenvolvia a modalidade voleibol, foi natural que muitos sonhassem em se tornar jogadores profissionais como seus ídolos (incluindo a presidente da ONG responsável pelo projeto de esportivo, que foi uma grande jogadora em nível mundial da modalidade, e com quem todos tinham contato constante).

É sabido – hoje - que nenhum dos jovens participantes deste grupo foco do estudo se tornou jogador profissional. Nenhum deles sequer se mantém em treinamento, no entanto, suas afirmações com relação à possível frustração por não alcançarem o sonho de ser jogador foram negativas, alegando que a busca foi importante e lhes mostrou capacidade de evolução a partir do desejo, do sonho. Outros jovens relacionaram a possibilidade e o exercício de sonhar a partir das vivências do projeto com a reformulação destes desejos. O que foi anteriormente a vontade de ser atleta profissional, se transformou em busca pela formação profissional, com destaque ao ensino superior, o sonho a ser perseguido, e, aliás, já tendo sido executado por alguns deles, conforme visto à posteriori.⁴³

Considerações relevantes

Os autores assumem que a competição pode ser componente rico e positivo para a formação educacional de crianças e jovens, desde que se observe algumas características. Este texto resgata algumas memórias e descreve a experiência de um grupo que tinha como objetivo desenvolver-se, crescer e aprender utilizando-se da participação em um campeonato com a presença da competição.

⁴³ A construção de pesquisa e maiores detalhamentos das investigações referentes a esse tema pode ser encontrada na obra HIRAMA, L.K., MONTAGNER, P.C. Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos. (pgs. 220). São Paulo: Phorte Editora, 2012.

A análise das redações e depoimentos indica que a experiência competitiva trouxe superação, aprendizado e desejo de continuidade. Acredita-se, mesmo diante do número expressivo de derrotas, que a competição tenha sido estratégia importante para se atingir os objetivos traçados ao se resolver vivenciá-la. Talvez, nesse último item, pode estar contida a razão por se levantarem tantos dados positivos: os objetivos a serem alcançados devem fazer parte da proposta pedagógica do projeto.

É necessário entender que o processo vivenciado pode ser mais importante que a vitória. As relações que estimulam impulsionar os jovens a desejarem melhorar, engajar-se no propósito de superação e evolução no esporte podem ser fenômenos presentes na dinâmica de uma competição: preparar-se para um jogo, jogar de fato, comparando suas competências com outros jovens, avaliando, após a partida, suas atuações, traçando estratégias para melhorar as principais deficiências e pondo-se novamente a treinar, preparando-se para novo jogo. Um ciclo após o outro, encadeados e formativos.

Nesta dinâmica, aspectos cognitivos, afetivos, sociais, motores estão envolvidos de forma intensa e significativa. Desta forma, a utilização da competição como opção de intervenção pedagógica possui diversas razões para ser defendida e vivenciada.

V.4. As influências do esporte espetáculo na competição de jovens: as lutas em estudo⁴⁴

*Um possível “olhar” para a competição*⁴⁵

Com observamos nesse texto-síntese, a discussão acerca da competição pode ser abordada de várias formas, dentro e fora do cenário acadêmico, e isso tem sido uma ocorrência concreta. Talvez a mais comum seja uma discussão dicotômica acerca do caráter “bom” e “ruim” da competição: de um lado estão os defensores da competição e de outro os adversários dela, quase como um “céu” e um “inferno”, nos

⁴⁴ Síntese do texto original publicado como capítulo 6 (pp. 147-191) no livro *Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*, publicado pela Phorte Editora em 2013 juntamente com o professor Fabiano Filier Cazetto. O livro foi organizado pelos professores Riller Silva Reverdito, Alcides José Scaglia e Paulo Cesar Montagner. Esse texto tem como base teórica a pesquisa do acadêmico Fabiano Filier Cazetto, com orientação do professor Paulo Cesar Montagner e disponível para consulta na biblioteca da FEF-Unicamp.

⁴⁵ Os autores possuem experiência no ensino do esporte e na competição esportiva, como professores e técnicos esportivos, e essa rica vivência possibilitou a construção conjunta de um texto que refletisse academicamente o processo de competição nas lutas e mais especificamente na modalidade Judô, voltado para os jovens praticantes.

quais cada parte analisa de formas distintas, mas sem compreender a profundidade e a complexidade dessa manifestação cultural.

Superando-se as dicotomias, podem ser revelados diversos fatores, pontos positivos e negativos. As soluções neste âmbito são, no geral, ter competição ou não ter competição, ser competitivo ou não ser competitivo. Por exemplo: deve existir competição na escola? A solução para a problemática neste tipo de discussão é também preta ou branca: ou há ou não há.

Importante embate teórico é a respeito da idade, ou seja, quando se deve e quando não se deve ter competição. Esta discussão está muito pautada pelas teorias a respeito do desenvolvimento e da maturação do indivíduo, como o tema pode ser abordado por diversas áreas, diversas idades são adotadas dependendo do pendor do cientista que olha para o fenômeno: psicologia, biologia, medicina, pedagogia, etc. Cada área ou subárea assume pontos de maturação a partir dos quais a competição deve ser adotada, normalmente esquecendo ou ignorando completamente outras possíveis abordagens sobre o tema. Esquece-se ainda de que nem sempre todas as pessoas atingem o mesmo ponto ao mesmo tempo, na mesma idade (ou seja, a idade cronológica não corresponde a outros pontos do desenvolvimento). As soluções a respeito da competição nestas perspectivas são a permissão a partir de uma idade ou a proibição dela antes de determinada idade.

Uma grande distância se estabelece entre o esperado pela teoria e o que ocorre na prática, visto que muitas vezes as idades estabelecidas nos sistemas de competição estão muito distantes das práticas esportivas. Temos os exemplos da ginástica artística como um dos mais simbólicos. Experiências boas e ruins podem ser vividas neste ambiente. A competição tem um potencial educativo, ensina valores e conhecimentos, forma e instrui; porém cabe discutir quais valores e conhecimentos são ensinados por meio da competição em nossa sociedade.

Não cabe simplesmente entender se a competição é boa ou ruim, nem definir a partir de que idade deve-se permitir ou não a competição, nem a restringi-la a um ou outro fim, mas sim entender como se desenvolveu o processo competitivo e como realizá-lo a partir de valores educacionais. Os que pensam do ponto de vista do desenvolvimento individual, por exemplo, fisiológico, podem não observar ou analisar o caráter social, a abordagem educacional, e assim por diante. Assim, não é crível que a ausência ou a simples presença da competição possa resolver esse desafio, o do aproveitamento pedagógico da competição. Também não é aceitável que apenas o aumento da idade de início da competição seja uma boa resolução, há uma

necessidade de se discutir o modelo competitivo para cada ambiente, para cada personagem.

O contexto da pesquisa: as lutas e as artes marciais

As lutas e as artes marciais são elementos polissêmicos e polimórficos, conforme observado em Bento (2013). A educação física em uma perspectiva de diversidade deve dar conta das mais diversas formas e dos vários significados e sentidos, aos quais essas práticas se configuram em nossa sociedade.

Esse grupo de elementos é extremamente heterogêneo, envolvendo práticas e valores diferentes, quando não antagônicos. São incluídas nesse grupo práticas orientais, ocidentais, milenares e contemporâneas. Mesmo ao lidarmos com esses elementos em sua versão esportivizada, não podemos esquecer que essas práticas são dotadas de significados, tem assim histórias próprias.

Em nossa sociedade encontramos pessoas que praticam lutas e artes marciais por seus benefícios à saúde, pelo prazer da competição esportiva, pelas práticas ligadas à sobrevivência ou pela autodefesa.

Embora um emaranhado de significados desenhe esse fenômeno, não podemos esquecer suas origens. A palavra principal ao se pensar em artes marciais é sobrevivência, seja individual, como descrevem inúmeros livros de judô nas técnicas de auto defesa⁴⁶, seja do Estado, como mostra Sun Tsu (1983) no clássico *Arte da Guerra*. Devemos entender que as lutas e as artes marciais não surgem como estão configuradas hoje em dia, mas sim em um ambiente social com fatores sociais muito diferentes dos que temos atualmente.

Poderíamos traçar uma linha de evolução que serve para inúmeras artes marciais. No primeiro momento temos uma situação que exigia técnicas de sobrevivência. No segundo, o processo de esportivização das artes marciais e ao se difundirem pelo mundo, a criação e unificação das regras, a padronização de técnicas e a institucionalização da competição em alto nível. No terceiro momento, o processo de espetacularização, a prática unificada passa agora a responder a fatores de interesse do mercado. Esse processo é intensificado e modelado pela televisão.

⁴⁶ Por exemplo: Kano (1986), Too (1965) ou Dominy (1975).

Pensando nas questões pedagógicas o que devemos entender é que as práticas evoluíram, mas não necessariamente progrediram, ou seja, que as práticas esportivizada ou espetacularizada não são necessariamente melhor do ponto de vista pedagógico, mas sim que cada significado e cada forma de arte marcial possa ter seu valor educacional.

Perspectivas educacionais para a competição dos mais jovens

A competição dos mais jovens, neste caso se referindo a indivíduos com idades entre seis e dezesseis anos, foi o foco do estudo⁴⁷. O referencial utilizado foram os estudos da sociologia, com o intuito de tentar estabelecer a influência que poderia ser exercida pelo esporte espetáculo no modelo atual dos campeonatos. Para isso, foram utilizados procedimentos de observação e questionários/entrevistas, buscando entender como é construído esse cenário e quais são as concepções de seus personagens sobre o fenômeno, para posteriormente tecer reflexões sobre possíveis implicações educacionais (CAZETTO, 2009).

O que se percebe é que, de maneira geral, a estrutura é transposta ou apenas adaptada do adulto para a criança ou até mesmo do espetáculo dos adultos para a criança. Temos características muito semelhantes no sistema de pesagem, no sistema de chaveamento e no que diz respeito às regras.

O modelo de competição estabelecido ainda influencia o gesto técnico e a tática de luta dos mais jovens, sobretudo pelo sistema de pontuação. Copiar ou apenas adaptar um sistema para os mais jovens, sem uma profunda reflexão pedagógica resulta num modelo de treinamento igual ou muito semelhante ao dos adultos, não contemplando as necessidades educacionais dos mais jovens.

Podemos pensar em alguns pressupostos a serem definidos e escritos como objetivos para a competição dos mais jovens:

⁴⁷ A construção de pesquisa e maiores detalhamentos das investigações efetivadas sobre o modelo estudado de competição nas lutas encontra-se, detalhadamente apresentadas no capítulo 6 (pp. 147-191) no livro *Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*, publicado pela Phorte Editora em 2013, organizado pelos autores Riller S. Reverditto, Alcides Scaglia e Paulo Cesar Montagner. São abordados conteúdos sobre a construção da competição, seus personagens, arbitragem e seus desafios, o que “falam” os responsáveis pelas competições, dentre eles, dirigentes, professores, delegados de esportes. Na sequência do capítulo, discussões aprofundadas sobre o modelo de competição, suas regras e detalhamentos, sistema de eventos, pesagem dos alunos-atletas, sistema de chaveamento. Ao leitor interessado nesse documento, sugere-se ir à fonte mencionada

- deve ser saudável para os atletas;
- deve ser educacional;
- deve ensinar conhecimentos e valores socialmente considerados positivos;
- o campeonato dos mais jovens deve incluir pessoas, e não excluí-las;
- deve propiciar a maior riqueza possível nas mais diversas possibilidades motoras, técnicas, táticas, cognitivas e afetivas;
- deve propiciar a vivência da vitória e da derrota como elementos representativos do sucesso e do fracasso dentro do processo de formação;
- deve contemplar as diferenças entre as idades, entre as regiões, entre os níveis técnicos e entre os ambientes.

Considerações relevantes

Os resultados obtidos apontam para concepções e práticas esportivas que pouco diferenciam os mais jovens nesse ambiente. As reflexões sobre o modelo de competição estabelecido indicam inúmeras características semelhantes entre o esporte dos mais jovens e o esporte espetáculo. Esse modelo único, pensado para o consumo e, muitas vezes, fora do contexto da formação, deixa de lado inúmeras possibilidades pedagógicas, por exemplo, a inclusão e a diversidade, que podem ser contempladas em um modelo diversificado de competição esportiva.

Pode-se defender um modelo diversificado que contemple objetivos e possibilidades pedagógicas, refletindo-se sobre o que a competição ensina, quais são os conhecimentos e valores que são trabalhados na formação dessa faixa etária. Cabe a defesa de modelos que estabeleçam e defendam um sistema de competição específica e preocupada com crianças e jovens.

Diversos personagens constroem a competição da maneira que ela é e da maneira que ela se institucionaliza. Nosso foco observou a competição no âmbito formal do esporte federalizado; no entanto, esse fenômeno pode acontecer em diversos outros cenários, podendo contemplar objetivos e formatos educacionais aqui defendidos. A responsabilidade por uma competição voltada para a formação é de todos os personagens e instituições envolvidos direta ou indiretamente: pais, atletas, federações, conselhos, universidades, governos, ministérios, organizações não governamentais, clubes, etc. Porém, cabe defender que, sobretudo, o professor assuma uma postura educacional no tratamento da competição dos mais jovens.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papius, 1995.
- ASSIS, S. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELBENOIT, G. **O desporto na escola**. Lisboa: Estampa, 1976.
- BENTO, J. O. **Desporto**: discurso e substância. Porto: Universidade do Porto, 2004.
- BENTO, J.O.. **Desporto**: discurso e substância. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física/Unicamp, Coleção CEAV, 2013 (300p.)
- BENTO, J.O.. Em defesa do desporto (pp. 9 -55). In: BENTO. J.O.; CONSTANTINO, J.M. (Coordenadores). **Em defesa do desporto**: mutações e valores em conflito. Almedina: Portugal, 2007.
- BEREOFF, P. S. **Experiência formativa e Educação Física**. São Paulo: UNISA, 1999.
- BETTI, M. **Esporte, educação e sociabilização**: algumas reflexões à luz da sociologia do esporte. Revista Kinesis, Santa Maria, v.4, n. 1:31-41, jan/jul, 1988.
- _____. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BOMPA, T. O. **Treinando atletas de desporto coletivo**. São Paulo: Phorte, 2005.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.135-156.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Educação Física. Brasília, 1997.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sistema IBGE de recuperação automática (SIDRA). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home>. Acesso em: 10.ago.2009.

_____. **Mapa de Campinas-SP separado por regiões**. Disponível em: www.campinas.sp.gov.br/saúde/dados.mapa_cps.jpg&imgrefurl=http://2009.campinas.sp.gov.br.htm. Acesso em: 15.fev.2009.

BROHM, J. M.. Esporte um grande negócio: a lei da selva. **Le monde: diplomatique**, S/n, p. s/n-s/n. 01 jun. 2000. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2000-06,a1774>>. Acesso em: 03 jun. 2008.

BROHM, J. M. **Sociologia política del deporte**. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

BROHM, J; PERELMAN, M.; VASSORT, P. A ideologia do esporte-espetáculo e suas vítimas. **Le Monde: diplomatique**, s/n (LOCAL), p. s/n-s/n (páginas). 01 jun. 2004. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2004-06,a931>>. Acesso em: 03 jun. 2008.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como exercício de convivência**. 1999. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1999.

BROTTO. F.O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos: Projeto Cooperação, 2001 (p.188)

CAGIGAL, J. M. **Deporte, pulso de nuestro tiempo**. Madrid, Espanha, 1972.

CALLEJA, C. C.. **Contribuição para o estudo e interpretação das regras internacionais de judô**. 1981. 2 v. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

CARLIN, John, 1956. **Conquistando o inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CARONE SOARES, F. **Realidade da Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo (OCESP) em relação ao discurso presente na Educação Física acerca da competição escolar: estudo da região leste de Campinas**. 2010. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CARONE SOARES, F.; MONTAGNER, P.C..A OCESP e o discurso da Educação Física sobre a competição escolar. (cap. 10, p.259-314). In: REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; MONTAGNER, P.C.. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte Editora, 2013. (464p.)

CASTELLANI FILHO, L. Projeto Reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental: uma proposta pedagógica para a Educação Física. Maringá. **Revista da Educação Física/UEM**, 8 (1): 11-19, 1997.

_____. **Política educacional e educação física**. Campinas: Autores associados, 1998.

CAZETTO, F. F. **A influência do esporte espetáculo sobre o modelo de competição dos mais jovens no judô**. 2009. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, SP, 2009.

CAZETTO, F. F.; LOLLO, P. C.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C. O Jogo como meio: o tecnicismo de cara nova. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 92, n. 10, p.s/n-s/n, 01 jan. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd92/judo.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

CAZETTO, F.F.; MONTAGNER, P.C.. As influências do esporte espetáculo na competição de jovens: as lutas em estudo (cap. 06, pp.147-191). In: REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; MONTAGNER, P.C.(orgs.). **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte Editora, 2013 (464p.)

COLL, C. et. al. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CONSTANTINO, J. M. Os valores educativos do desporto: representações e realidades. In: BENTO, J. O. **Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito**. Coimbra: Almedina, 2007, p. 57-89.

DAÓLIO, J. Educação Física escolar: um abordagem cultural. In: _____. **Cultura: Educação Física e futebol**. Campinas: UNICAMP, 1997.

DARIDO, S. C. et. al. A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, jan./jun. 2001.

DELORS, J. et. al. **Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre a educação para o século XXI**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2004.

DE ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

DOMINY, E. **Judo**. Thirteenth impression Lodon: The English Universities, 1975.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. Esporte Educacional In: BARBIERI, C. A. et. al. (Org.). **Esporte Educacional: uma proposta renovada**. Recife: UPE-ESEF/MEE/INDESP, 1996, p. 76-83.

_____. **Pedagogia do futebol**. Londrina: Midiograf: Ney Pereira Editora, 1998.

FREIRE, J. B. Pedagogia do Esporte. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Org.) **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000.

FREIRE, J. B. Questões Psicológicas do Esporte. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Org.) **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.

FREIRE, J.B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura)

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALATTI, L., BREDI, M., SCAGLIA, A.J., PAES, R. Pedagogia do esporte e competição infantil: análise e proposição a partir do Karatê de combate. **Revista Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 11, julho/dez, 2007.

GARGANTA, J.; PINTO, J. "O ensino do futebol". . In GRAÇA, A. OLIVEIRA, J. (Org.) **O ensino dos jogos desportivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

GARGANTA, J. Para Uma Teoria dos Jogos Desportivos Colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). **O Ensino dos jogos desportivos**. 2ª Edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto: Porto, 1995.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade? **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 10, p. 40-50, 1999. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2457/1122>

GUIRALDELLI Junior, P. **O que é Pedagogia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

GRAÇA, A. Breve roteiro da investigação empírica na pedagogia do desporto: a investigação sobre o ensino da educação física. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v.1, n.1, p.104-113,2001. Disponível em: http://www.fade.up.pt/rpcd/arquivo/artigos_soltos/vol.1_nr.1/13.pdf

GRAÇA, A. A instrução como processo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 20, supl. 5, p. 169-170, set. 2006. Disponível em: http://www.usp.br/eef/xipalops2006/47_Anais_p169.pdf

GRAÇA, A. Os Comos e os Quandos no Ensino dos Jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). **O Ensino dos jogos desportivos**. 2ª Edição. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-80.

GRIFFIN, L. L., MITCHELL, S. A., OSLIN, J. L. **Teaching sport concepts and skill: A tactical games approach**. Champaign: Human Kinetics, 1997.

HIRAMA, L.K., MONTAGNER, P.C. **Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos**. (pgs. 220). São Paulo: Phorte Editora, 2012.

HIRAMA, L. K.; MONTAGNER, P. C. A ação pedagógica da competição esportiva. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 15, jul/dez., p. 109-121, 2009.

HIRAMA, L.K.; MONTAGNER, P.C.. Competição em esportes: “ingrediente” para uma proposta formativa (cap. 11, p.315 - 342). In: REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; MONTAGNER, P.C.. **Pedagogia do esporte**: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte Editora, 2013. (464p.)

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2004.

JABU, M. B. da S. **ONG e esportes**: a cidadania entrando em campo. São Paulo: CENPEC, 2000.

LAKATOS E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, L.O. **Pedagogia**: reprodução ou transformação. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LUCKESI, C.C.. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

MACHADO, A. A. **Aspectos psico-pedagógicos da competição esportiva-escolar**. 1994. 249. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, 1994.

MALINA, R. M., BOUCHARD, C. **Atividade física do atleta jovem**: do crescimento à maturação. Roca: 2002.

MARANO, H. E.. **A nation of wimps: the high cost of invasive parenting**. EUA: Broadway Books, 2008.

MARQUES, A. Desporto e futuro: o futuro do desporto. In: GARGANTA J. (Ed.). **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 2000.

MARQUES, A.; TANI, G. (Org.). **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004, p.113-138.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTAGNER, P. C. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. Campinas, 1999. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, 1999 (190p.).

_____. **Esporte de competição x educação?** O caso do Basquetebol. Piracicaba, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba: São Paulo, 1993 (148p.).

MONTAGNER, P.C.; SCAGLIA, A.J. Pedagogia da competição: teoria e proposta de sistematização nas escolas de esportes (cap. 7, p.193-216). In: REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; MONTAGNER, P.C.. **Pedagogia do esporte**: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte Editora, 2013. (464p.)

_____. SCAGLIA, A.; SOUZA, A. J. Pedagogia da competição em esportes: da teoria para uma proposta de sistematização na escola. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2001.

MONTAGNER, P. C.; HIRAMA, L. K. Esporte e projeto social na “favela”: memórias, experiências e valores educativos. In: BENTO, J. O.; GO TANI; PRISTA, A. **Desporto e Educação Física em Português**: Contributo para o XIII Congresso de Ciências do Desporto e de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2010. (p. 373-400)

MOURA. D.; LOVISOLO, H. Antropologia, cultura e Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 137-153, maio 2008

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3 ed. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2001.

ORLICK, T. **Vencendo a competição**. São Paulo, Brasil: Círculo do Livro, 1989.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do Basquetebol. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

_____. A Pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos. In: ROSE JR., D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

_____. Esporte educacional: iniciação esportiva. In: **Esporte educacional: uma proposta renovada**. org. Cesar A. Barbieri...[et. al.]; Ari F. Bittar...[et. al.], Recife:UPE-ESEF/MEE/INDESP, 1996b. (pp. 84 a 86)

_____. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Editora ULBRA, 2001.

PAES, R. R.; GALATTI, L. R; FERREIRA, H. B. Pedagogia do esporte: considerações pedagógica e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do basquetebol. In:PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PARLEBÁS, P. **Perspectiva para una educación física moderna**. Málaga, Andalucía, Espanha: Unisport Andalucía, 1987.

PERRENOUD, P. “Construir competências desde a escola”. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RAMOS, M. P.. **O lado oculto das ausências às aulas**. 144p. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

REVERDITO, R. S. et. al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Revista Pensar a Prática**. Goiania, 11/1: 33-45, jan/jul. 2008.

REVERDITO, R. S., SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 51-63, 2007.

REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; MONTAGNER, P.C.(orgs.). **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados** (464p.). São Paulo: Phorte Editora, 2013.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

RITZ, M. R. C. **Qualidade de vida no trabalho**: construindo, medindo e validando uma pesquisa. 2000. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2000.

RUFINO, J. L. et. al. O fair-play na atualidade. **Arquivos em movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 57-67, jul./dez. 2005.

SANTANA, W. C. **Futsal**: metodologia da participação. Londrina, LIDO, 2001.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e o jogo/brincadeira de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. Tese (Doutorado). Campinas: Faculdade de Educação Física – Unicamp, 2003.

_____. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Campinas, 1999. Dissertação (mestrado) – FEF – UNICAMP, 1999a.

_____. Escola de futebol: uma prática pedagógica. In NISTA PICCOLO, V. **Pedagogia dos esportes**. Campinas: Papyrus, 1999b

SCAGLIA, A. J. et. all. **Festivais de esportes: uma prática pedagógica**. Anais do I Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e VII Simpósio Paulista de Educação Física, Rio Claro: Revista Motriz, 1999c.

SCAGLIA, A. J., GOMES, R. M. O jogo e a competição: investigações preliminares. In VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SCAGLIA, A. J., MEDEIROS, M., SADI, R. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. **Revista virtual Educação Física artigos, Natal/RN**, v.3, n.23, abril, 2006. Disponível em <http://efartigos.atspace.org/esportes/artigo68.html>>. Acesso em 24 maio de 2010.

SEURIN, P. Observações e conclusões da participação de crianças nos esportes e competições. **Boletim FIEP**, Brasília: v. 51, n. 3-4, jul/dez., 1981.

_____. A manipulação da criança para o sucesso esportivo. **Boletim FIEP**, Brasília: v. 53, n. 2-3, jun/set, 1983.

_____. A competição desportiva e a educação do adolescente. **Revista Artus**. Rio de Janeiro: ano VII, n. 12/114:44-47, 1984.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SIMSON, O. M. V. (Org). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: RT, 1988.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, A. J. É jogando que se aprende: o caso do voleibol. In NISTA PICCOLO, V. **Pedagogia dos Esportes**. Campinas: Papirus, 1999.

TANI, G. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1988.

_____. Desporto e escola: que diálogo ainda é possível? In: BENTO, J. O. **Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito**. Coimbra: Almedina, 2007, p. 269-287.

TANI, G.; MANOEL, E. J. Esporte, educação física e educação física escolar. In: GAYA, A.; TOO, H. T. **Judô, caminho suave: defesa pessoal**. São Paulo: Cia Brasil, 1965.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TZU, S. **A arte da guerra**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

VINHA, M. Educação Física escolar entre os indígenas Kadiweu. In: Reunião anual da ANPED, 29. Caxambu, 2006. Anais...Caxambu: ANPED, 2006, p. 1-15.

VON SIMSON, O. M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. Augusto Guzzo, **Revista Acadêmica**: São Paulo, Faculdades Integradas Campos Salles, São Paulo, n. 6, p. 14, maio de 2003.

WEIL, P. O que é holístico. Disponível em: <http://novaciencia.multiply.com/journal/item27>. Acesso em: 20 mar. 2009.

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ESTUDO 3

ESTUDO 3- INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NO ESPORTE DE CRIANÇAS E JOVENS EM DIFERENTES CENÁRIOS

I. Apresentação

O esporte é considerado como fenômeno complexo e de grande influência atual nos mais variados cenários na humanidade. Obviamente, ao nos propormos investigar tal fenômeno em nossa trajetória profissional, também percorremos ambientes diversificados, conteúdos e situações que estão reunidos neste estudo, norteados por uma característica em comum: os estudos foram provenientes de propostas de intervenções aplicadas nos diferentes espaços.

A atuação do professor de Educação Física é caracterizada pela vasta gama de possibilidades e formas de intervenção, seja na escola, no clube, nas praças esportivas, seja para formação, iniciação, competição, reabilitação ou lazer. Nos estudos que apresentamos neste capítulo, discutimos diferentes óticas de intervenção fundamentadas por referencial teórico da área da Pedagogia do Esporte. Ressaltamos que o foco dos projetos buscou pressupostos teóricos alinhados com propostas, debates e ilustrações de intervenções práticas, visando contribuir para a atuação com crianças e jovens em diferentes cenários e objetivos.

Iniciamos a discussão a partir do estudo denominado Esporte e projeto social na “favela”: memórias, experiências e valores educativos⁴⁸, que investigou as ações do ensino do esporte buscando adequação ao ambiente da maior favela do estado de São Paulo e segunda maior do Brasil. O quê ensinar, como ensinar, como tratar as crianças e jovens de uma comunidade tão carente, violenta e isolada? O estudo parte de uma descrição do perfil do público atendido, suas relações complexas, a educação formal e não-formal e finalmente, os princípios adotados para o ensino do esporte e as possíveis consequências levantadas através do discurso dos próprios jovens, suas mães, professores e liderança comunitária.

Outro cenário de investigação foi o relacionado à especialização de jovens atletas, dimensão que consideramos ainda lacunar nos estudos visto a importância dada à iniciação e ao treinamento voltado para o alto rendimento, mas carente de

⁴⁸ Este estudo foi publicado como capítulo do livro à saber: MONTAGNER, P.C.; HIRAMA, L. K.. Esporte e projeto social na favela: memórias, experiências e valores educativos. In: BENTO, J.O ; TANI, G.; PRISTA, A. (Org.). Desporto e Educação Física em Português: Contributo para o XIII Congresso de Ciências do Desporto e de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa (Maputo: 30 de Março 2 de Abril de 2010). Porto- Portugal: CIFI2D Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, 2010, v. 1, p. 373-400.

discussões na formação de base, especialmente no que se referem às propostas de ensino na fase de especialização esportiva. Desta forma buscou-se discutir, sob a denominação “Intervenções pedagógicas na especialização esportiva de jovens atletas”⁴⁹, as possibilidades de aproximação entre as áreas do treinamento esportivo e da iniciação e aperfeiçoamento do esporte, ou seja, busca estabelecer uma relação entre o referencial metodológico e o referencial educacional. Destaca-se as discussões sobre a competição esportiva, a periodização do treinamento para jovens atletas, aspectos norteadores que podem ser aplicados ao treinamento esportivo, estratégias pedagógicas para desenvolver algumas capacidades físicas e a relação técnico/atleta.

Reforçando a tese da complexidade do esporte como fenômeno de múltiplos significados e possibilidades, investigamos a intervenção esportiva pontual em cidades brasileiras de menor IDH. Com o título de “Intervenção pedagógica no esporte e aspectos atitudinais em comunidades brasileiras de baixo IDH”⁵⁰, construiu-se a reflexão a partir da experiência vivenciada por um dos meus orientandos em projeto social de âmbito nacional, a respeito das atitudes apresentadas por crianças e jovens de diferentes comunidades de baixo IDH diante de jogos cooperativos e competitivos. O estudo discute ainda a hipótese de haver relação entre a cultura local e atitudes nos jogos esportivos.

A implantação de propostas metodológicas que buscam alternativas não tradicionais para o ensino do esporte também foi abordada no estudo denominado “O jogo como proposta de intervenção no ensino do handebol: inferências sobre as práticas realizadas”⁵¹, que foca suas discussões na possibilidade de utilização dos métodos consagrados de ensino dos esportes de diferentes formas, gerados a partir da contínua evolução dos esportes coletivos e da adequação aos interesses dos alunos. Partindo desse pressuposto, apresentamos uma reinterpretação dos métodos desenvolvidos por Bayer (1994), Garganta (1995) e Werner et al. (1996), os quais

⁴⁹ Estudo publicado como capítulo de livro: BENELI, L.M.; MONTAGNER, P.C. Intervenções pedagógicas na especialização esportiva de jovens atletas. In: MONTAGNER, P.C. (Org.) Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências. 1ed., São Paulo: Phorte, 2011, v. 1, p. 171-200.

⁵⁰ Estudo publicado como capítulo de livro: HIRAMA, L. K. ; JOAQUIM, C.S. MONTAGNER, P.C. Intervenção pedagógica no esporte e aspectos atitudinais em comunidades de baixo IDH. In: MONTAGNER, P.C. (Org.). Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências. 1ed. São Paulo: Phorte, 2011, v. 1, p. 61-88.

⁵¹ Estudo publicado como capítulo de livro: CASTRO, J.A.; GIGLIO, S.S.; MONTAGNER, P.C. O jogo como proposta de intervenção no ensino do handebol: Inferências sobre as práticas realizadas. In: MONTAGNER, P.C. (Org.). Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências. 1ed. São Paulo: Phorte, 2011, v. 1, p. 89-110. Em adição ao tema, e origem do capítulo do livro, registramos um estudo publicado na Revista Motriz, conforme referência: CASTRO, J. A.; GIGLIO, S. S.; MONTAGNER, P. C..O jogo no ensino do handebol: proposta de um plano de ensino pensado para a prática diária., 03/2008, Motriz (Revista de Educação Física), v. 14, n. 1, p.67-73, Rio Claro, SP, BRASIL, jan./ mar., 2008

objetivam o ensino dos esportes coletivos através da compreensão tática, utilizando para isso, jogos. Registramos uma proposta de plano de ensino, as atividades baseadas nos conceitos desses autores, inferências sobre as observações e opiniões dos alunos, possibilitando a utilização de maneira simples e sequencial desses conteúdos nas práticas diárias.

A mídia por vezes é relacionada como uma das promotoras de uma pobre cultura esportiva nacional através de sua ênfase ao futebol. Desta forma o estudo denominado “O conteúdo esportivo da mídia e intervenções pedagógicas na educação física e esportes”⁵² baseia-se no seguinte questionamento: como trabalhar com os conteúdos que professores e alunos extraem da mídia, identificados como atrativos e significativos para a formação? Esse tópico trata de atividades práticas desenvolvidas com alunos do ensino fundamental com base na relação esporte, mídia e educação física, constrói um diálogo entre conceitos e princípios pedagógicos e as interações que alunos estabelecem com o conteúdo esportivo observado na mídia, ilustrando com exemplos de intervenção e reflexão crítica acerca das propostas.

A moralidade é considerada dimensão que deve ser desenvolvida em qualquer proposta educacional. Portanto, o esporte não fica à parte desta necessidade, muito embora, estudos relacionando valores e a pedagogia do esporte são escassos. No estudo “Pedagogia do esporte e estimulação de valores humanos: relato de intervenção”⁵³, buscou-se refletir sobre o senso comum do desenvolvimento de valores e atitudes positivas com a prática do esporte confrontando com o ensino na atualidade. A partir de conceitos e discussões sobre o tema, propõe-se meios de intervenção considerando os pilares básicos levantados durante o desenvolvimento teórico do tópico e que estão inseridos como referenciais para projetos em pedagogia do esporte.

O esporte educacional é uma dimensão defendida como uma das possibilidades de intervenção deste fenômeno. Muito relacionado a projetos envolvendo comunidades periféricas e de risco, esta dimensão vem crescendo em atuação e importância. O estudo “O ensino do esporte na favela: as vozes dos

⁵² Estudo publicado como capítulo de livro: RODRIGUES, E.F.; MONTAGNER, P.C. O conteúdo esportivo da mídia e intervenções pedagógicas na educação física e esportes.. In: Paulo Cesar Montagner. (Org.). Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências. 1ed. São Paulo: Phorte, 2011, v. 1. p. 141-169.

⁵³ Estudo publicado como capítulo de livro: HIRAMA, L.K.; JOAQUIM, C.S.; MONTAGNER, P.C. Pedagogia do esporte e estimulação de valores humanos: relato de intervenção. In: MONTAGNER, P.C.. (Org.). Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências. 1ed. São Paulo: Phorte, 2011, v. 1. p. 171-198.

envolvidos deixando de ser subterrâneas”⁵⁴, discute as características da favela de Heliópolis e as possíveis relações com uma proposta de ensino de esporte na comunidade. A pesquisa se mostra inovadora pois dá voz aos excluídos e pode servir de norteador para outros projetos socioeducacionais de mesma natureza.

Segue, desta forma, a apresentação de cada estudo abordando um recorte desta diversidade de significados, ambientes e abordagens que o esporte pode assumir.⁵⁵

II. Esporte e projeto social na “favela”: memórias, experiências e valores educativos

Após trabalharmos como técnicos de modalidades esportivas durante anos nos esportes competitivos, vários foram os exercícios e experiências provocados pelo contato direto e cotidiano com o esporte. Vivenciamos discussões e ações de diferentes agências e ambientes na formação de pessoas através do esporte e reconhecemos como importantes as reflexões sobre a influência do esporte na sociedade. Como menciona Bento (2007, p.9), os equívocos e ataques ao desporto ocorrem por pessoas que tem reservas e complexos por diferentes razões, algumas “[...] ingênuas e confusas e outras bem espertas e oportunistas”. Portanto, se considerarmos as nossas experiências bem como o apreço que temos por esse grandioso fenômeno cultural, consideramo-nos também responsáveis pelo denominado por Bento (2007, p.10) e registrado no livro “Em defesa do Desporto”, de “[...] uma responsabilidade e uma obrigação indeclináveis para todos quantos amam o desporto, entendem e apreciam a sua incumbência cultural ao serviço do processo civilizatório dos humanos e da respectiva sociedade”.

Isso posto, registramos que o presente estudo apresenta uma característica diferente de outros trabalhos pois relata sobre projeto de esporte para jovens da comunidade de Heliópolis, uma das maiores favelas de nosso país, o Brasil, a primeira em tamanho do estado de São Paulo. Enfim, uma oportunidade incomum de construir um relato concreto do vivido buscando orientar as reflexões para novos projetos numa

⁵⁴ Estudo no prelo, aceito para publicação em coletânea de estudos sobre esporte e favelas (sport in the favelas), tendo como organizador o prof. Keith Gilbert, pesquisador da East London University, Inglaterra, a ser editado pela Commonground publishing, Illinois. (no prelo, previsão de publicação, 2º. semestre de 2015).

⁵⁵ As sínteses dos capítulos foram referenciadas nas notas de rodapé anteriores, mas registramos que várias das reflexões teóricas desse estudo 3 encontram suporte em várias outras publicações não mencionadas diretamente, e que constam nas referências bibliográficas ao final do estudo 3.

área que cresce e se desenvolve cada dia mais no Brasil; contribuir na construção de referências teóricas para programas esportivos dessa natureza.

Entre os questionamentos, adequar a pedagogia ao contexto social em que as crianças e jovens estavam inseridos foi um enorme desafio. De que esporte tratar? Quais as possibilidades de contribuição que poderiam ser oferecidas? Quais as carências que poderiam ser minimizadas? Portanto, para nós, desde a primeira oportunidade de trabalhar com jovens em situação de risco em São Paulo até hoje, já se passaram mais de uma década de experiência vivenciadas “in loco” pelos autores.

O Brasil vive um fenômeno de crescimento acentuado no número de ONGs (organizações não-governamentais), conhecidas também como fundações privadas e associações sem fins lucrativos, atuantes nas mais diversas áreas, entre elas a educação. Segundo o IBGE (2004), tínhamos ao todo, 275.895 instituições desta natureza no país em levantamento realizado em 2002. Destas, aproximadamente 10% afirmaram ter o esporte como meio de atuação. Esse cenário cresceu nos últimos 10 anos. Diante deste quadro de crescimento das instituições e consequentemente do alcance de suas ações, este estudo se justifica pela intenção de colaborar para uma reflexão sobre as características que devem ser levadas em consideração na especificidade da intervenção da pedagogia do esporte em projetos sociais destinados a crianças e jovens carentes.

O projeto social na maior favela do estado de São Paulo, a segunda maior favela do Brasil: observações metodológicas

Este estudo teve como público-alvo, jovens também participantes de um projeto socioeducativo que utilizava o voleibol como eixo norteador. Este projeto se localiza na “favela” de Heliópolis, que pelos seus números estatísticos podem oferecer uma representação de um universo ímpar. A comunidade possuía, no momento da imersão dos pesquisadores, cerca de 120 mil habitantes em um espaço de apenas 1 km². Nascida na década de 1970 a partir de uma desocupação próxima, a comunidade se tornou a maior favela do Estado de São Paulo, a segunda maior do Brasil.

A pesquisa foi realizada a partir de experiências vivenciadas em um núcleo socioeducativo dirigida por um conjunto de ONGs locais e coordenada, em suas atividades esportivas por outra instituição dirigida por uma conhecida ex-atleta de

voleibol. Este espaço oferecia aulas de voleibol, teatro, reforço escolar e organizava campanhas de solidariedade.

O grupo foco da pesquisa foi formado por 30 jovens de 15 e 16 anos, que frequentaram treinamentos da modalidade e participaram de muitas outras ações a partir do esporte, entre o início de 2003 até final de 2005. Estes jovens foram escolhidos por terem sido pioneiros em diversas ações através da proposta esportiva dentro e fora do espaço do projeto.

Apresentado o ambiente e personagens, segue-se para as bases metodológicas da pesquisa. Orientando-se pela etnografia e utilizando-se da metodologia da história oral, buscaram-se reconstruir as memórias dos jovens, educadores, mães e lideranças, confrontando-as com a do próprio pesquisador de campo⁵⁶ que vivenciou o processo como educador do projeto. Relacionando-se tais dados com as referências teóricas levantadas, pretendeu-se alcançar como objetivos conhecer as características relevantes da comunidade em sua complexidade e também relacionadas à inserção do projeto socioeducativo. Ainda, compreender as transformações vividas pelos jovens que se integraram no projeto nesse período enfocado e na contemporaneidade, e descobrir os significados da cultura local que permitam contribuir para a estruturação de projetos socioeducativos que possuam o esporte como eixo norteador.

Entendeu-se por significados a busca por uma interpretação da teia de relações ocorridas na comunidade estudada, levando-se em conta as motivações, tensões e emoções que dinamizam as ações do local.

No estudo original discute-se através do referencial teórico o esporte a ser tratado em comunidades periféricas, assim como as características da comunidade e suas possíveis influências a serem consideradas no planejamento pedagógico com o ensino da modalidade. Na sequência destacamos três situações que foram recorrentes nos depoimentos colhidos a partir dos depoimentos orais de ex-alunos do grupo foco, algumas de suas mães, seus professores e uma liderança comunitária:

⁵⁶ A pesquisa de campo foi desenvolvida pelo acadêmico Leopoldo K. Hiram, professor de Educação Física no programa à época, orientando de mestrado do prof. Paulo Cesar Montagner.

O ensino do esporte de forma continuada e profunda, a proximidade na relação educador/educando e o sentimento de pertencimento

A expectativa de continuidade dos ensinamentos no esporte está presente em muitos discursos. Uma questão inicial que aborda este tema é o controle da liderança com relação à permissão de implantação de um projeto na comunidade. Como Heliópolis é considerada a maior favela do estado⁵⁷ e tem grande visibilidade, muitas empresas tentaram se aproveitar realizando falsos projetos de natureza pontual, explorando a imagem de que estaria colaborando com a comunidade e em seguida se retirando, deixando poucos benefícios. Com relação a estas empresas, a liderança entrevistada afirma:

Não tinha a ver, era só... Porque às vezes eles vinham com a cabeça de que era um zoológico, vamos lá olhar os bichinhos, vamos fazer uma coisinha ali e tudo bem. A proposta não era essa. Liderança 1

Desta forma, tanto na implantação como durante a execução dos projetos existe um acompanhamento e controle da comunidade, que preza pela continuidade dos trabalhos em benefício de seus moradores.

Com relação ao ensino do esporte, fica bastante claro o desejo dos educandos por dar continuidade ao aprendizado, não permanecendo nas atividades essencialmente recreativas e com características de iniciação da modalidade, que no caso deste projeto, era o voleibol. Quando perguntado sobre a continuidade no processo que vivenciaram buscando aprofundamento na modalidade, percebe-se que este caminho está ligado ao desejo de se aprofundar, melhorar, de evoluir.

Ainda relacionado à importância do processo continuado de aprendizado foram levantadas aproximações nos discursos a respeito do aumento da autoestima aliada ao sentimento de superação, ao engajamento no projeto através dos vínculos de amizade e compromissos, a valorização da competição esportiva neste processo, às oportunidades e conhecimento de novos espaços e grupos e a estimulação da criação de projetos de vida por parte dos jovens.

Ao se discutir a profundidade nos ensinamentos em projetos sociais é possível perceber que ela se dá em diversos aspectos. No caso, além do desenvolvimento

⁵⁷ Segundo sites: www.unas.org.br ou www.pt.wikipedia.org/wiki/heliópolis

específico da modalidade esportiva voleibol em seus fundamentos técnicos, táticos, competições, ainda relaciona-se com fatores como autoestima, monitoria, corresponsabilidade e estimulação do sonho, este último largamente afirmado pelos jovens.

Uma das questões orientadoras para a realização das entrevistas procurava investigar quais as características que um educador deveria apresentar para trabalhar em um projeto socioeducativo com esporte. Este questionamento teve o objetivo de levantar indicativos sobre a importância deste profissional no ambiente e como os entrevistados achavam que ele devia se comportar, quais qualidades e conhecimentos deviam ter e demonstrar.

É neste tema que se encontrou o maior número de depoimentos convergentes, indicando que os diferentes grupos entrevistados possuíam visão semelhante quando o assunto é o profissional trabalhador de um projeto socioeducativo. Praticamente unanimidade nos depoimentos, uma das características elencadas se trata da necessidade do educador conhecer a comunidade na qual vai trabalhar. Não se exige que ele seja morador do local, mas que busque entendê-la nas suas relações particulares. Além desta característica os depoimentos indicam que se espera do educador uma postura de exemplo positivo, coerente com sua fala e ainda, que conheça muito bem os conteúdos com os quais irá trabalhar, oportunizando a questão da continuidade discutida anteriormente.

E para finalizar, espera-se do educador uma disponibilidade para além da aula. Segundo os entrevistados, o educador ideal é aquele que se prontifica a estar presente em todas as oportunidades possíveis e se aproximar dos alunos e seus familiares a ponto de conhecer seus cotidianos, problemas e avanços.

Outra característica detectada nos depoimentos é relacionada ao valor atribuído ao grupo e os sentimentos por fazer parte dele. Uma das formas de estímulo para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento mencionado por um dos educadores era a de delegar e dividir responsabilidades com o grupo. A monitoria, momento em que os jovens ajudavam os educadores nas aulas dos mais novos, recebendo a função de orientar, de organizar as turmas, auxiliar na dinâmica das atividades, passando a ser uma referência para todos.

Um dos objetivos construídos com os jovens foi o de montar a equipe de voleibol, tanto feminina como masculina e, dar continuidade no processo de evolução

no nível de performance e conhecimento da modalidade. Esta busca também é lembrada como fator de união e fortalecimento do grupo.

A relação de amizade formada entre os jovens é uma das afirmações mais presentes e valorizadas quando o assunto é o pertencimento do grupo. A permanência desta amizade após o término da equipe de voleibol é relatada por vários jovens e educadores:

Com relação ao time, nós fechamos um grupo muito legal, até mesmo depois do treino nós nos reuníamos, a gente conversava fora tanto de voleibol como de diversos assuntos, a gente tinha aquele laço de amizade. Na hora da dificuldade procurar saber, montar uma estratégia para sobressair da dificuldade. Acho que este laço de amizade que acabou ficando, de conversar, durou muito tempo.
Jovem 3

O sentimento de pertencimento e suas características como os laços de amizade, a busca por objetivos comuns, as responsabilidades assumidas, o apoio e cooperação entre os jovens, a aquisição de maior força de representação na comunidade e a permanência de algumas destas relações mesmo após dois anos de encerramento das atividades com o projeto indicam que o fato de pertencer ao grupo foi relevante no processo vivenciado.

Considerações relevantes

O universo de relações envolvidas no conjunto dos ambientes em que se propôs investigar, ou seja, jovens de comunidades periféricas, projetos socioeducativos e pedagogia do esporte, exige desdobramentos. Esperamos que a partir destas considerações, novas inquietações e a proposta sirva de “estopim” para outras investigações, transformando nossas conclusões em pontos de partida para outros estudos. Afinal, o crescimento do terceiro setor é uma realidade e o otimismo atribuído às ações dos projetos requer ser tratado com respeito, atentando-se para a qualidade dos projetos.

Apesar da complexidade do tema deste estudo, ousa-se concluir que para fazer frente aos dramas enfrentados diariamente por jovens moradores de comunidades periféricas como a favela de Heliópolis, é preciso que se planejem intervenções intensas e profundas. É pertinente concluir ainda que o esporte, se

tratado de forma adequada, pode também se vincular as outras dimensões da vida dos jovens participantes de projetos socioeducativos de forma a colaborar efetivamente para minimizar as pressões exercidas pela exclusão vivida por todos os moradores de comunidade periféricas. No entanto é imperativo refletir nas nuances desta intervenção. A teia de relações que cada grupo vive é bastante complexa e buscar conhecê-la poderá fazer da ação socioeducativa uma “ponte” para novos caminhos até então escondidos ou invisíveis aos olhos de seus moradores.

III. Intervenções pedagógicas na especialização esportiva de jovens

Nos últimos anos houve uma grande evolução da ciência do esporte, com grandes avanços na preparação física, tática, técnica e psicológica dos atletas e na melhoria das condições para a prática das modalidades em geral. Essa evolução nas diversas áreas, de acordo com Paes (2002), transformou o esporte em um fenômeno sociocultural, cuja principal virtude é a pluralidade de funções e intervenções, e essa diversidade de significados permitem sua prática em vários segmentos da sociedade.

A ciência do esporte, através da literatura e das práticas, tem buscado determinar as idades em que os jovens atletas iniciam o treinamento específico e a competição regular, indicam que esses aspectos podem variar de acordo com as tradições dos diversos países considerando ainda as peculiaridades da modalidade escolhida. Alguns estudiosos indicam a faixa etária de 12-14 anos como a mais adequada para que o jovem comece a participar dos treinamentos de uma modalidade específica. Outros defendem o treinamento esportivo para jovens, realizado através de uma preparação planejada e sistematizada, visando o rendimento contínuo e a longo prazo, e dividem em três etapas: iniciação (12-13 anos), especialização (13 a 16 anos) e alto rendimento (a partir dos 17 anos).

Utilizando essa classificação como referencial, percebe-se por um lado, inúmeros estudos de diversos autores (BRACHT, 1983; BETTI, 1991; MONTAGNER, 1993; PAES, 2002; FREIRE, 2003) que discutiram e apresentaram propostas pedagógicas abrangendo possibilidades educacionais, aquisição de valores morais e culturais através da prática do esporte na etapa de iniciação esportiva no âmbito da Educação Física Escolar ou em outros ambientes (clubes e prefeituras, dentre outros).

No entanto, nota-se uma carência de pesquisas e consequentemente, de material acadêmico e científico relacionado ao planejamento pedagógico e a sistematização do treinamento na fase de especialização esportiva, evidenciando um distanciamento entre esses dois campos de atuação da ciência do esporte durante essa etapa.

Sendo assim, torna-se importante ampliar a discussão relativa à pedagogia do esporte para outros campos ou outros ambientes, especialmente na fase da especialização esportiva. Necessita-se desenvolver metodologias (exercícios ou atividades físicas) de treinamento que contemplem as exigências dessa fase sem comprometer o desenvolvimento biopsicossocial dos jovens praticantes.

Esse estudo buscará discutir estratégias pedagógicas para o treinamento esportivo na fase de especialização e propor intervenções para os técnicos envolvidos nesse ambiente. Diante dessa perspectiva e apesar de toda controvérsia do tema, parte-se do entendimento que a competição esportiva pode ser espaço de formação rica em estímulos logicamente observados alguns critérios, como considerar a disputa como meio de desenvolvimento, a busca pela vitória como consequência do esforço coletivo e individual e como aspecto motivacional, atentando-se para a minimização da exclusão.

Além do tema competição, no estudo original⁵⁸ discute-se com detalhes a construção da proposta de ação pedagógica envolvendo aspectos técnicos da modalidade praticada (referencial metodológico) e aspectos relativos a valores e modos de comportamento (referencial socioeducativo), refletindo sobre a escassez de referencial teórico. Sabe-se que os aspectos metodológicos são extremamente importantes para especialização esportiva desses jovens, entretanto, ocorre invariavelmente o predomínio, nos estudos publicados, de aspectos físicos, técnicos e táticos nas modalidades, prioritariamente através de exercícios analíticos, na busca de resultados imediatos sem levar em consideração aspectos educacionais e pedagógicos relevantes para o desenvolvimento geral desses jovens atletas. Desta forma, caminha-se para a discussão de uma proposta de treinamento esportivo que considere as diversas dimensões citadas anteriormente.

⁵⁸ BENELI, L.M.; MONTAGNER, P.C. Intervenções pedagógicas na especialização esportiva de jovens atletas. In: MONTAGNER, P.C. (Org.) Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências. 1ed., São Paulo: Phorte, 2011, v. 1, p. 171-200.

Possibilidades de aplicação e intervenção pedagógica no treinamento esportivo

Sobre a organização, a proposta pedagógica parte de uma visão de que tanto os aspectos metodológicos quanto os aspectos socioeducativos estão presentes nas modalidades coletivas de competição, e dessa forma, não devem ser separados ou fragmentados. Sendo assim, necessitam ser desenvolvidas numa perspectiva que envolva-os conjuntamente. A competição esportiva possibilita integrar esses fatores, proporcionando através de intervenções pedagógicas dos técnicos, a busca pelo desenvolvimento global dos mesmos.

Em relação ao planejamento e aos aspectos relativos à periodização esportiva para jovens, é importante a apresentação de estudos que busquem exemplificar possibilidades pedagógicas na sistematização do treinamento esportivo. Esse termo periodização é comumente utilizado por autores do treinamento esportivo, e pode causar certo “desconforto” para leitores que possuem seus alicerces apenas no campo teórico pedagógico. Dessa forma, há a necessidade de esclarecer que se considere, para este estudo, o conceito de periodização como planejamento do treinamento esportivo em busca dos melhores resultados em um determinado período envolvendo aspectos do treinamento físico, técnico e tático. Para planejar o treinamento voltado para jovens, torna-se relevante o conhecimento sobre a sistematização da periodização desportiva por parte de técnicos e/ou pessoas envolvidas com o esporte, inserindo as questões educacionais no projeto, como por exemplo, o respeito às fases de crescimento ou ainda a participação desse público e suas relações com a escola, com a família e amigos, por exemplo. Os referenciais teóricos do treinamento adquirem, a cada dia, relevante importância para o desenvolvimento individual e coletivo da equipe, aspecto essencial na especialização esportiva de crianças e jovens.

Dessa forma, o elevado volume de trabalho de preparação geral, o desenvolvimento simultâneo de diferentes capacidades físicas em um mesmo período de tempo, o uso de cargas por períodos prolongados e a relativa importância atribuída ao trabalho específico, e finalmente, o aumento gradual dos índices funcionais que se expressa como decorrência da utilização de um volume moderado e contínuo das

cargas de treinamento são alguns aspectos que necessitam estarem presentes no planejamento da periodização de jovens atletas.⁵⁹

Enfatizamos a importância da adequação do trabalho de desenvolvimento das capacidades, apresentando autores que discutem o tema voltado para crianças e jovens. Para identificar o desenvolvimento individual e coletivo da equipe torna-se importante avaliar esses aspectos, buscando obter parâmetros do estágio desses atletas. Existem diversas estratégias que podem ser utilizadas pelos profissionais envolvidos nesse ambiente para avaliar o referencial metodológico como: testes físicos e motores, *scout* e estatística dos treinos e jogos, resultados em jogos amistosos e na competição propriamente dita, entre outros.

Percebe-se a ínfima quantidade de material acadêmico e científico relacionado ao planejamento da periodização durante a infância e a adolescência, pois a falta de conhecimento dos profissionais relacionados ao esporte nas categorias de base, e o preconceito devido à utilização equivocada da periodização no treinamento esportivo, estimulam a não organização desse planejamento prévio.

Após essas considerações apresentadas sobre as intervenções em torno da competição esportiva e da necessidade do planejamento e sistematização da periodização, levando em consideração o estágio dos praticantes em busca de minimizar os equívocos relacionados à prática esportiva, nesse momento serão destacadas possibilidades de intervenções a serem estabelecidos pelos técnicos e professores na relação com seus atletas, através da aplicação do treinamento esportivo.

Os aspectos físicos e mecânicos presentes no treinamento esportivo foram discutidos previamente e, baseando-se na periodização, os profissionais envolvidos nesse ambiente necessitam aplicar os treinos conforme o planejamento.

Durante a aplicação dos treinamentos diários, evidencia-se um momento em que a relação técnico/atleta se estabelece de maneira mais profunda, e sendo assim, possibilita correções e/ou alterações no treinamento. Não obstante, nesse momento torna-se fundamental a intervenção, baseando no referencial educacional, em busca

⁵⁹ No decorrer do estudo original, são apresentados mais detalhadamente o planejamento geral, os macrociclos e microciclos desenvolvidos, enfatizando aspectos gerais e específicos e os treinamentos planejados. Ver BENELI, L.M.; MONTAGNER, P.C. Intervenções pedagógicas na especialização esportiva de jovens atletas. In: MONTAGNER, P.C. (Org.) Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências. 1ed., São Paulo: Phorte, 2011, v. 1, p. 171-200.

do desenvolvimento global desses jovens, influenciando nos valores e nos modos de comportamento. Para além do desenvolvimento das capacidades físicas e da aprendizagem técnica e tática, Mesquita (1997) destaca a necessidade da formação de atitudes dos jogadores na etapa de formação esportiva. Neste sentido Montagner (1993, p. 35) descreve:

O técnico-educador deve ensinar a transmitir os conceitos do esporte de competição não apenas ao atleta presente, mas para o homem futuro, aquele que vai interagir, partilhar e participar da sociedade. Para isto, o esporte não deve ser um fazer simplesmente mecânico, mas ser incorporador de atitudes, um formador integral da personalidade [...].

O técnico deve estimular aspectos como a responsabilidade, cooperação, respeito, disciplina, a compreensão das tarefas a serem realizadas específicas da modalidade e fazer com que estes criem, através do esporte, uma consciência crítica e reflexiva e, adquiram autonomia para exercerem o seu papel de futuros cidadãos na sociedade.

Considerações relevantes

A partir dessas considerações, percebe-se que o tratamento pedagógico através das intervenções dos profissionais ligados ao esporte oficial torna-se um aspecto relevante inserido na proposta de treinamento esportivo para jovens. Buscou-se ampliar a discussão visando permear diferentes aspectos relacionados à intervenção pedagógica na etapa de especialização.

A prática esportiva de competição deve preparar os jovens para serem capazes de enfrentar os desafios em um universo sociocultural em constantes modificações. Não se deve doutrinar, mas sim instigar a liberdade de ação, de pensamento, de contestação, baseada nos aspectos em torno da ciência do treinamento esportivo e da pedagogia do esporte, ainda, e com ênfase, dos valores socioeducativos como a responsabilidade e o respeito aos seus semelhantes.

IV. Intervenção pedagógica no esporte e aspectos atitudinais em comunidades brasileiras de baixo índice de desenvolvimento humano (IDH)

Este estudo descreve a intervenção através de atividades esportivas, realizada em cinco comunidades de baixo índice de desenvolvimento humano no Brasil, nos estados do Alagoas, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso do Sul e Pará, focando-se a discussão para as atitudes apresentadas pelas crianças e jovens em jogos cooperativos e competitivos. Objetiva-se refletir sobre a existência de diferenças no comportamento de crianças e jovens diante da vivência destes dois tipos de jogos e buscar interações entre as ações apresentadas e as relações sociais observadas em cada ambiente.

Como método, utilizamos como método a observação assistemática exploratória, que segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 33) “[...] ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.”

O projeto social esportivo

O estudo foi realizado aproveitando-se da oportunidade de participação de orientandos de pós-graduação num projeto social organizado por uma rede de canal fechado de televisão. Foram visitados em 2005, por uma equipe de atletas e professores, dez comunidades indicadas pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), das quais cinco (as visitadas pelos orientandos) são foco deste estudo, tendo como referência os mais baixos IDH⁶⁰ (índice de desenvolvimento humano) no Brasil.

A proposta oferecia clínicas de diversas modalidades esportivas e culturais, como o atletismo, tênis, voleibol, futebol, teatro, percussão, voltadas para as crianças e jovens até 15 anos. Para os professores ofereciam-se capacitações sobre pedagogia do esporte e confecção de materiais esportivos adaptados. Os locais utilizados eram sempre ambientes públicos como praças, praia e campos de futebol. Quanto aos jogos, a dinâmica consistia em preparar diversos espaços adaptados nas várias modalidades, oferecendo atividades competitivas e cooperativas. As crianças e jovens

⁶⁰ O IDH (índice de desenvolvimento humano) é elaborado pela UNICEF e é formulado a partir de diversos indicadores sociais, econômicos, educacionais, de saúde e infra-estrutura.

eram divididos em grupos que revezavam por tempo para vivenciar todas as oportunidades.

As atividades duravam em média cinco dias e eram atendidas cerca de 1000 crianças e jovens, e também oferecidas capacitações técnicas a todos os professores da região. Para a ONG responsável pela dinâmica pedagógica das atividades, o objetivo era o de demonstrar e oferecer aos professores das comunidades algumas possibilidades de trabalho educacional com o esporte.

A competição e a cooperação

Assim que se definiram as comunidades que seriam visitadas, algumas com perfil de maior distanciamento lembramo-nos dos estudos de Orlick (1989) que levantou as características de povos de diferentes locais do mundo que viviam isolados e que eram essencialmente cooperativos. O autor demonstrou que nas sociedades cooperativas as ações amistosas são mais constantes, apresentando comportamentos que sugerem compreensão da existência do outro e sua importância no grupo. Por outro lado, nas sociedades competitivas as ações inamistosas se fazem presentes e, quando acontecem eventos amistosos, estes têm poucas chances de serem retribuídas.

Vem ocorrendo na Educação Física discussões a respeito da competição como componente positivo ou negativo em atividades educacionais na área. Alguns estudiosos como Maturana (1998) e Broto (2001) criticam a presença da competição em ambientes educacionais, alegando-se a estimulação de valores que contribuem para a exclusão, violência, frustração. Por outro lado, outros autores como Freire (1996), Jabu (2000), Montagner (1993) e Machado (1994) defendem a competição como situação importante na formação, desde que mediada pedagogicamente, possibilitando a superação de limites, o vencer pelo esforço individual e coletivo, o trabalho cooperativo para o sucesso da equipe.

Comunidades visitadas

A descrição das comunidades visitadas foi feita de maneira a oferecer um retrato da situação socioeconômica encontrada, seguida de relatos de algumas experiências que contribuem para ilustrar as análises realizadas.

A sequência das cidades em seus respectivos estados, Amazonas, Alagoas, Maranhão, Pará e Mato Grosso do Sul, segue semelhanças em características verificadas e que será explicada ao final deste capítulo. Optou-se por não divulgar os nomes para evitar comparações ou repercussões negativas visto ser este um estudo exploratório com objetivo específico e pontual. Ainda, para este documento, optamos por reunir a descrição das cidades em dois grupos com características semelhantes percebidas durante as visitas, com isso, abreviar a apresentação do estudo:

Grupo 1: Cidades dos estados do Amazonas e Alagoas

Estas cidades apresentaram como características:

- Cidades com característica de grande circulação de pessoas em trânsito para outras localidades. Não foi percebido famílias que estavam nos municípios há muito tempo, reforçando o aspecto de transitoriedade;
- Foram percebidas poucas atividades que denotavam unidade cultural na cidade, à exceção da Festa do Boi no Amazonas, com características de grande competitividade entre os grupos e festejos relacionados ao cangaço no estado de Alagoas;
- Atitudes desrespeitosas por parte dos alunos participantes das atividades;
- Professores pouco participativos e desinteressados;
- Não foi percebido nenhum aspecto que denunciasse o sentimento de pertencimento que proporcionasse alguma unidade cultural dos habitantes à sua cidade ou localidade;
- Demonstração de agressividade e distanciamento do cumprimento das regras de qualquer jogo nas atividades, tanto cooperativas como competitivas por parte de alunos e também dos professores;

Grupo 2: Cidades dos estados do Pará, Mato Grosso e Maranhão

- Percebeu-se forte tradição cultural valorizada por seus moradores, como as danças, marcadamente o Carimbó, e costumes marajoaras no Pará, as relações indígenas da tribo Guarani-Caiowa, do Mato Grosso e as tradições quilombolas no Maranhão;
- Preocupação na manutenção das tradições de cada comunidade através de contínuas ações com as crianças e jovens;
- Percebeu-se o sentimento de orgulho e satisfação por pertencer aos diferentes grupos, marajoaras, quilombolas e indígenas;

- Relação dos professores e alunos da localidade de proximidade, respeito mútuo e afetividade;
- Atitudes cooperativas apresentadas por alunos e professores em todas as atividades, tanto cooperativas como competitivas;
- Grande interesse tanto de alunos como de professores diante das propostas oferecidas pela ação;

Considerações relevantes

A oportunidade vivenciada ofereceu um panorama da diversidade cultural de nosso país. Com olhar focado nas atitudes apresentadas pelas diversas comunidades, em especial por suas crianças e jovens, relacionando com sua cultura, valores e respectivos meios e ações para sua manutenção pudemos perceber claramente dois universos distintos:

Em duas cidades – no caso do projeto - não percebemos uma identidade concreta, que traz consigo conceitos aceitos por seus cidadãos e que em geral são impregnados de valores que exaltam as qualidades da comunidade. No Amazonas e em Alagoas foi notória esta não identificação com um conjunto de valores.

Observamos nestes dois municípios a pouca interação e comprometimento apresentado pelos professores da região diante das propostas levadas pelo projeto. A relação aparentemente distante e por muitas vezes ríspida de alguns professores com seus alunos também esteve presente, assim como a pouca preocupação com a manutenção das tradições, valores e costumes.

Justamente nestas duas comunidades encontramos as atitudes mais inadequadas das crianças e jovens diante dos jogos, independente se cooperativos ou competitivos. Agressividade, individualidade, desrespeito às regras e às pessoas em geral, falta de atenção às propostas, tentativas de furtos dos materiais foram comportamentos apresentados em excesso pela grande maioria. A vitória a qualquer custo e o pouco ou nenhum entendimento sobre cooperação ditavam as ações nas atividades.

No outro universo, nas cidades visitadas dos estados do Maranhão, Pará e Mato Grosso do Sul, encontramos comunidades cuja cultura local era valorizada por todos, conseguimos “senti-la”, estava presente na fala, na vestimenta, nos locais públicos, e entendemos que também nas atitudes.

O Quilombola do Maranhão, o Marajoara do Pará e o Indígena do Mato Grosso do Sul traz consigo o orgulho de pertencer a este grupo que agrega valores como valentia, força, coragem, cooperação, trabalho em comunidade, valorização às origens, aliadas as qualidades do ambiente.

Tal perfil parece transformar as ações das crianças e jovens, como quando os Guaranis falam baixo, aguçam a atenção e entendem o pedido de seu professor também indígena, que solicita em tom normal em meio a um vasto campo e é prontamente atendido. Quando os quilombolas reúnem todo o material espalhado no centro de sua cidade, sem faltar praticamente nada, após horas brincando livremente. Ou quando os marajoaras lutam para que os mais jovens permaneçam na ilha, cultivando o valor de terem nascido naquelas terras, duelando contra a sedução da grande cidade.

Quanto à postura nos jogos cooperativos ou competitivos, presenciamos o mesmo que Orlick (1978, p.114) em seus estudos em povos isolados em diferentes pontos do planeta:

Os jogos competitivos nas culturas cooperativas não parecem constituir um grande problema, porque vencer nunca é uma questão de vida ou morte. Embora o jogo seja estruturado de forma competitiva, os jogadores encaram se uma maneira amistosa e cooperativa.

Em outra citação Orlick (1978, p.84) relata a diferença entre a compreensão da competição e da cooperação, colocando o meio como fator providencial nas atitudes:

Na competição cooperativa, as outras pessoas, inclusive os competidores, são mais importantes do que o objetivo pelo qual competem. A estrutura pode ser competitiva, mas as pessoas que agem dentro da estrutura são cooperativas. Talvez seja isso que permite, em certas culturas, que as pessoas participem de um jogo competitivo e ainda assim se comportem de um modo amigável, cooperativo e prestativo. Um mesmo jogo “competitivo”, com as mesmas regras, pode ser jogado de um modo muito diferente em outras culturas e por grupos diversificados dentro da mesma cultura.

A citação do autor se encaixa perfeitamente ao que presenciamos nestas três comunidades, o que nos leva a acreditar que diante dos aspectos observados, a grande e acirrada discussão na área da educação física a que nos referimos no início deste estudo, diz menos respeito às diferenças entre os jogos cooperativos e

competitivos e suas consequências do que a cultura e seus valores observados pela comunidade ou sociedade em que são aplicadas tais atividades.

Será então que toda esta discussão sobre a validade ou não da competição, sua substituição pela cooperação, suas vantagens e desvantagens não deveria avançar para uma reflexão mais profunda ?

Este estudo nos faz crer que é necessário refletir na busca por oferecer, nos ambientes educacionais e quem sabe a partir daí, para espaços cada vez mais abrangentes, um ambiente que seja norteado por valores que já habitam a algum tempo os livros de pedagogia como cooperação, superação, respeito, perseverança, coragem, trabalho em equipe, e tantas outras. Que passem a habitar, além dos livros e discursos as ações de cada cidadão e assim significar um novo modo de ser e perceber.

V. O jogo como proposta de intervenção no ensino do handebol: inferências sobre as práticas realizadas

A contínua evolução dos esportes coletivos e a adequação aos interesses dos alunos geram a necessidade da discussão de diferentes possibilidades de ensino. Partindo desse pressuposto, apresenta-se nesse estudo uma discussão a respeito dos questionamentos e da reinterpretação dos métodos desenvolvidos por Bayer (1994), Garganta (1995) e Werner, Thorpe e Bunker (1996), a partir de um relato de intervenção referente a uma prática de ensino na iniciação do handebol para estudantes de nove a doze anos, com o objetivo de desenvolver a compreensão tática e a habilidade motora dos alunos.

O ensino dos esportes coletivos no Brasil, considerando as práticas observadas em alguns estudos referentes ao tema (CASTRO, 2004; FREIRE 2002; MONTAGNER, 1999; MARQUES, 2001), está fortemente relacionado aos métodos que valorizam a repetição de gestos técnicos como conhecimento necessário a uma prática efetiva. Apesar da eficácia demonstrada por essas, a busca de novas propostas é relevante considerando-se que aprender uma modalidade esportiva transcende a execução “correta” do gesto técnico. (BAYER,1994; GARGANTA 1995; WERNER, THORPE e BUNKER 1996; BALBINO, 2005),

Movidos por essa discussão, discute-se uma intervenção no ensino do handebol que foi realizada através de jogos e brincadeiras, adaptando para isso os métodos desenvolvidos para essa finalidade como os de Bayer (1994), Garganta (1995) e Werner, Thorpe e Bunker (1996), com a finalidade de desenvolver a compreensão tática e a técnica dos alunos de uma forma alternativa a realizada atualmente.

Em conjunto, utilizamos questionários, entrevistas semiestruturadas, filmagens e observações de campo como forma de avaliação para captar a opinião e a compreensão dos alunos sobre os conteúdos para posterior planejamento das atividades. O estudo foi realizado no período de um semestre em uma escola de esportes extracurricular, de um colégio particular de Campinas-São Paulo, com crianças entre nove a doze anos, com duas aulas semanais de uma hora para cada grupo.

A aplicação dos conhecimentos: uma intervenção pedagógica

Por entender que os jogos esportivos proporcionam uma maior frequência de experiência nos princípios operacionais, utilizamo-los com o objetivo de desenvolver tais conhecimentos, de forma cíclica como na proposta T.G.F.U. (WERNER, THORPE e BUNKER, 1996). Em relação ao desenvolvimento dos fundamentos, baseamos na proposta de níveis de relação (GARGANTA, 1995), aplicando-se um nível por semana, repetindo-o nas duas aulas desse período, variando as atividades de uma sessão para outra.

Na parte final da aula realizávamos discussões norteadas pela proposta de Berkowitz (1996) na qual se questionava a respeito das atividades realizadas pelos alunos, pois como defende a autora, essa prática levava-os a criar uma visão mais ampla, entendendo que problemas oriundos do jogo e criando possibilidades de solução.

As observações do professor e as opiniões dos alunos

Por meio da utilização das observações diárias, quando se acompanhava o desenvolvimento das possibilidades táticas e técnicas pelos alunos e das análises das

filmagens realizadas ao fim de cada mês de aula, foi possível compor uma linha do desenvolvimento e perceber suas relações com a bibliografia estudada.

O primeiro mês de intervenção foi caracterizado pela fase anárquica, com orientação “centralizada na bola”. A preocupação do portador da bola era unicamente atingir o alvo, o passe era realizado somente quando não havia mais essa possibilidade. Ocorria também a situação na qual o aluno em situação de perigo tendia a se livrar da mesma. O jogo ficava concentrado nos alunos de maior habilidade, por serem capazes de manter a posse da bola. Em relação à verbalização, os jogadores utilizavam essa forma de comunicação a todo o momento, sempre pedindo a bola para si.

Na segunda análise (segundo mês) já se observou uma ampliação da compreensão do jogo, manifestada por certa descentralização da bola, melhor distribuição dos jogadores no espaço da quadra e maior número de passes. A verbalização não se resumia a “pedir” a bola, mas também era utilizada como forma de estímulo ao companheiro e para troca de informações, como o posicionamento de companheiros livres. O padrão de jogo se encaixava no período chamado de “descentração”.

Na terceira e quarta análises (terceiro e quarto meses), notou-se o início do processo de “estruturação”, com alunos demonstrando maior aproveitamento das características do jogo como ocupação do espaço e a proteção ao alvo com maior eficácia, a compreensão e a criação de táticas. Nessa fase surgiram diferenças nos grupos, no masculino a individualidade e o contato físico eram mais presentes, enquanto no feminino a tática coletiva (ofensiva e defensiva) tornou-se a principal. O contato físico no grupo feminino era menor, creditando-se ao fato de haver um grande número de ocorrências em que a defensora interrompia o passe, ou posicionava-se evitando a recepção da aluna.

A comunicação verbal teve seu uso diminuído. Os alunos pediam a bola ou demonstravam a intenção por meio de gestos ou apenas indicando o local para o recebimento do passe. Entretanto, os mais jovens recorriam mais a verbalização, com ocorrência maior no grupo masculino.

Conforme as observações a experimentação/criação de técnicas e táticas durante o processo ocorreu em número significativo. Notou-se que os fundamentos desenvolvidos pelos alunos estavam associados à tática do jogo. Um dos meios utilizados para a captação das opiniões e aceitação dos alunos foram entrevistas e

questionários. Com o objetivo de captar as conclusões e opiniões em relação às experiências que estavam vivendo, foi possível avaliar a existência da assimilação dos conteúdos desenvolvidos destacando-se questões relacionadas à tática, seguida dos fundamentos e regras.

Todos os itens mencionados foram trabalhados durante as situações de jogos, discutidos nos pequenos intervalos ou ao final das aulas, destacando-se desta forma, a assimilação dos conceitos por meio da vivência do jogo.

Ao serem perguntados sobre suas impressões gerais das aulas vivenciadas, comprova-se a satisfação do praticante como indicado pelas citações *“Eu achei bom; gosto das aulas em 27% das respostas”*. Quanto ao aumento de seu conhecimento do jogo, a resposta relacionada a *“Aprendi bastante coisa”*, foi apresentada em 20% dos depoimentos. Outra particularidade nas respostas e que merece destaque foi a relacionada a *“Aprendi não só sobre o handebol, mas sobre trabalho em equipe”* presente em 10% dos depoimentos.

Considerações relevantes

A utilização de jogos e brincadeiras como um meio para o ensino de uma modalidade esportiva através da compreensão tática, no caso o handebol, comprovou ser eficaz. Alcançou-se grande participação e aprovação dos alunos, o que possibilitou a produção de seus próprios conhecimentos, conforme comprovado pelos questionários e entrevistas.

Através das formas utilizadas de avaliação, foi possível concluir que houve ampliação de seus conhecimentos, com compreensão de suas opções em relação ao jogo e com satisfação e aprovação da metodologia de ensino. Nossa proposta procurou refletir sobre novas possibilidades de prática. Conclui-se que é necessária a apropriação e consequente adaptação à realidade na qual serão realizadas as aulas, pois deve-se respeitar as características dos indivíduos e do local da aplicação.

VI. O conteúdo esportivo da mídia e intervenções pedagógicas na educação física e esporte

No campo de intervenção da Educação Física é possível identificar diversos enfoques, conceitos, procedimentos e parâmetros que interferem na atuação prática do professor. Dentre essas possibilidades, é necessário observar o papel da mídia no processo de ensino e aprendizagem do esporte.

O quanto o esporte presente na mídia está no cotidiano dos alunos? Quanto interfere e está incluído direta ou indiretamente nas aulas de Educação Física? Assim, quais pressupostos devem balizar a intervenção tendo a mídia como recurso (meios técnicos para transmissão dos conteúdos) e conteúdo (informações, interpretações e significados) nas aulas? Como trabalhar aquilo que os professores extraem dos conteúdos da mídia e classificam e estabelecem como importantes com aquilo que é mais atraente e significativo para os alunos? No sentido de buscar respostas para tais questionamentos este estudo discute atividades desenvolvidas com conteúdos e recursos da mídia com alunos de oitava série, debatendo conceitos teóricos sobre os meios de comunicação, o esporte e o processo de recepção dos conteúdos midiáticos.

Explorando a intervenção

Preocupou-se em identificar através das atividades, o que as crianças caracterizam como esporte, as fontes de contato, o que dizem em relação às diferentes funções e manifestações do esporte, quais os ambientes que estabelecem o contato, os acessos que possuem, opiniões, sentimentos, interesses que atribuem, com quem compartilham e vivenciam essas experiências, qual a inserção em suas relações cotidianas.

Pensar as relações dinâmicas entre o que as crianças pensam sobre esporte, a partir do produto de suas experiências, e o que é representado na mídia, permite abrir um leque de possibilidades e variáveis de significado e apropriação dos conteúdos, que devem ser analisados a partir dos contextos em que estão inseridos.

Essa contextualização é o que Vasconcellos (2003) chama de “reintegrar o objeto no contexto, ou seja, é vê-lo existindo no sistema” (p.112), focando nas interligações entre os fenômenos, no caso, estabelecendo conexões entre o ambiente

social das crianças e seus vários aspectos, com a produção da mensagem midiática, construindo desta forma uma relação particular com o fenômeno esportivo e entendendo esse processo como uma configuração importante que a pedagogia do esporte deve ter conhecimento.

Fazem parte de uma complexidade as relações que se estabelecem entre a produção da mensagem do jornal impresso, do programa televisivo, da transmissão ao vivo, dos comentários e discussões, da internet, enfim das diversas interfaces da mídia com os contextos e experiências de cada sujeito, com as características de cada esporte, seus significados para um e para o outro, interferindo e mudando constantemente a incorporação no cotidiano dos indivíduos, tendo um significado particular e específico, caracterizando-se desta forma uma relação sistêmica. É com esses “óculos” que olhamos para o tema.

Com princípios de diferentes aplicações metodológicas e adaptações, sem perder o rigor científico mas não presos a uma rigidez que dificulta a intervenção no campo prático, é possível utilizar técnicas diversas, combinadas ou não entre si. Recursos utilizados como instrumentos de pesquisa que podem ser transportados para a atuação do professor, como um recurso de intervenção. Uma das possibilidades é utilizar o método compreensivo proposto por Ferrés (1996). O autor desenvolve e propõe esse método preocupado com abordagens que se tornam extremamente racionais e analíticas, e descartam assim, a magia, as emoções e sensações suscitadas, a capacidade de impacto dos meios. Desta forma desenvolve esse método que auxilia a extrair as informações das crianças e possibilita o que ele chama de “aprender sem negar o prazer. Ou melhor, de aprender pelo prazer e graças ao prazer.” (FERRÉS, 1996:81)

A seguir três situações de intervenções desenvolvidas baseadas nos preceitos apresentados. Destacamos o objetivo das atividades bem como o que chamamos de parâmetros de intervenção, que podem (e devem) variar de acordo com a criatividade de cada professor, mas que são elementos que contribuíram com as atividades em questão e podem se configurar como ponto de partida para quem visa desenvolver uma prática com e pelos meios de comunicação.

Como parâmetros gerais para as três atividades propostas, estabelecemos três bases de observação que consideramos importantes para extrair aspectos significativos da prática.

- Envolvimento: forma e intensidade manifestadas através de gestos, expressões, discussões, comentários e ainda a prolongação do tema, a formação de argumentos e grupos (não constituídos espacialmente, mas no campo de ideias).
- Espontaneidade: observando-se a espontaneidade dos conteúdos ou a necessidade de estimulação do debate.
- Dimensões de análises: especificações temáticas dos conteúdos para análise, conforme: concepção sobre o esporte, o esporte na mídia; ambientes onde se estabelecem as interações com o fenômeno; inserção do fenômeno na rotina; com quem são vivenciadas e compartilhadas a interação com os fenômenos, e quais os sentimentos, percepções e significados que atribuem ao fenômeno.

A seguir são apresentadas as atividades desenvolvidas:

1. Exibição de um programa esportivo de televisão do dia anterior ao dia da atividade. Programa de rede aberta, seguido de debate com os alunos.

Objetivo: observar as reações dos alunos perante o vídeo exibido, estimular o debate acerca do esporte através dos conteúdos do programa, desenvolver um debate e discussão sobre as diferenças de enfoque, de conteúdo, profundidade dos temas, como está relacionado com a realidade deles.

Parâmetros de intervenção: explicação das atividades, organização e disposição dos alunos para a exibição do vídeo, observar gestos e reações durante a exibição, organização e disposição para a discussão acerca dos conteúdos, estimular recordação espontânea dos conteúdos, verificar empolgação e aspectos que despertaram a atenção, verificar tempo e ênfase destinada a determinados assuntos, estimular a verbalização por parte dos alunos, incentivar opiniões em relação aos conteúdos e comparações com cotidiano e outras possibilidades, encerramento com síntese do que foi discutido, amarrando as idéias e propondo observações de seu cotidiano com o que foi visto e conversão em aula

2. Elaboração de um jornal impresso, através da junção de reportagens e comentários, com debate sobre os conteúdos escolhidos e o processo de formação do jornal, seguido de apresentação das ideias e debate.

Objetivo: observar as opções e escolhas dos alunos e argumentos levantados para as características apresentadas, discutir a formatação de jornal, o processo que existe por trás da notícia pronta, as diferenças de abordagens.

Parâmetros de intervenção: explicação da atividade, com pré-solicitação de que os alunos trouxessem reportagens com conteúdo esportivo, formação dos grupos, disponibilização de folhas para confecção dos jornais sem tamanho pré-estabelecido, disponibilizar tempo para escolha do formato (tamanho e disposição da folhas), observar e verificar critérios e falas dos alunos dentro de cada grupo, incentivar a elaboração de comentários junto as reportagens, conversa com cada grupo sobre justificativas para escolha das reportagens dos comentários e da diagramação escolhida, atentar para experiências pessoais na interpretação dada aos conteúdos, organizar uma exposição do jornal de cada grupo para o restante da turma, ampliar o debate para a turma sobre formatos, conteúdos e interpretações, atentar para exploração diferenciada a partir de reportagens iniciais iguais, seja em termos de formato ou de comentários, encerramento com síntese e comparação com o cotidiano e relações que estabelecem com esporte e veículos de comunicação.

3. Exibição e discussão sobre vídeo contendo reportagens de um programa televisivo de canal fechado com conteúdos não comuns (campeonato mundial de Malabarís e voleibol de academia)

Objetivo: observar as reações, e estimular discussão sobre possibilidades do esporte com intuito de desenvolver comparações e definições dos alunos.

Parâmetros de intervenção: explicação das atividades, organização e disposição dos alunos para a exibição do vídeo, observar gestos e reações durante a exibição, organização e disposição para a discussão acerca dos conteúdos, estimular recordação espontânea dos conteúdos, verificar empolgação e aspectos que despertaram a atenção, verificar tempo e ênfase destinada a determinados assuntos, estimular a verbalização por parte dos alunos, incentivar opiniões em relação aos conteúdos e comparações com cotidiano e outras possibilidades, atentar para elementos de aproximação entre o conteúdo não habitual com elementos próximos de suas realidades (ex: malabarís em semáforos e/ou no circo), encerramento com síntese do que foi discutido, amarrando as ideias e propondo observações de seu cotidiano com o que foi visto e conversão em aula

Facilitando o contato e ampliando as experiências

Os meios de comunicação, como observado nas questões conceituais, fazem parte do cotidiano dos alunos, configurando-se muitas vezes como uma forma de

contato com o esporte, ainda que em tele espetáculo. Na pesquisa⁶¹ (RODRIGUES, 2006) no qual este capítulo está baseado, foi possível averiguar junto aos alunos quais seriam as justificativas para o acompanhamento do esporte através dos meios, em detrimento a prática seja enquanto espectador ou como praticante.

Os alunos relatam que o acompanhamento pela mídia é uma forma de acesso mais fácil para determinadas pessoas que apreciam esporte e por situações distintas interagem desta forma. Dentre as suas justificativas, indicam que o acompanhamento do esporte através dos meios de comunicação, e neste caso atribuem especial atenção a televisão, estão os seguintes fatores:

- alto custo para participarem de atividades *in locus*
- dificuldade de deslocamento até os locais de eventos
- preferência pelo conforto e comodidade
- detalhes, recursos extras e informações adicionais que obtém via meio de comunicação

As informações obtidas trouxeram ainda indicadores de como o conteúdo esportivo dos quais se cercam são oriundos de diversas fontes e, assim como são completados a cada instante com as interações estabelecidas, desta forma adquirindo os significados que possuem para eles. Foi observado que além dos ambientes de contatos com o esporte, percebem outras fontes de aprofundamento das relações com este, e as informações decorrentes. Apontam a própria prática como uma forma de aprofundar o conhecimento sobre aspectos distintos, junto ainda de pesquisa pessoal, de conversas com amigos, de observar conhecidos praticando, através de filmes e novelas, de eventos na cidade. Assim é possível perceber como a informação pode ser transacionada dentre as fontes e ambientes e completando com o que os próprios alunos disseram sobre os aspectos particulares de acordo com os ambientes e pessoas com quem vivenciam e partilham as informações, de uma forma mais séria e hierárquica com o professor, e de outra mais descompromissada com colegas.

Quando falam sobre as modalidades que conheciam, percebe-se que em muitas delas não possuíam vivência prática, mas sim através da mídia (iatismo, polo

⁶¹ Investigação desenvolvida pelo acadêmico Eduardo Fantato Rodrigues e orientada pelo professor Paulo Cesar Montagner. Estudo publicado como capítulo de livro: RODRIGUES, E.F.; MONTAGNER, P.C. O conteúdo esportivo da mídia e intervenções pedagógicas na educação física e esportes.. In: MONTAGNER, P. C.. (Org.). Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências. 1ed. São Paulo: Phorte, 2011, v. 1. p. 141-169.

aquático, hipismo, por exemplo) e, ainda que apontassem pouco espaço aberto a outras modalidades na mídia além do futebol, indicaram esse meio como uma forma que traz conhecimento, que auxilia no aprendizado e desperta interesses por outras práticas.

Essa mescla entre atividades culturais enraizadas nos hábitos locais, com modalidades tradicionais e consolidadas na comunidade e com práticas e modalidades de padrões externos aos de costume, denota a riqueza de possibilidades que uma intervenção pode ter, e ainda o potencial que pode ser extraído da mídia enquanto veículo de estimulação por diferentes práticas, especialmente quando sendo adequadamente trabalhada.

Considerando que essas vivências de experiências mediadas (trazidas pelos meios de comunicação) fazem parte do cotidiano dos alunos, temos experiências que podem se desdobrar em interesse pela prática, busca de um conhecimento mais específico, parâmetros de comparação, conhecimento de aspectos culturais diferentes, o gosto pela contemplação enquanto entretenimento, enfim, elementos ricos que podem ser utilizados na intervenção.

Faz parte do dia-a-dia, das conversas, dos filmes, novelas, dos programas, jornais, revistas de conteúdos distintos, que abordam em diversas ocasiões o esporte, e desta forma “inicia” o contato com algumas práticas. O esporte nos meios de comunicação foi abordado pelos alunos como uma das formas de divulgar e despertar o interesse para novas modalidades, uma maneira de experiência que incentiva a prática ou contemplação.

Abordando sobre o tempo e espaço excessivo do futebol na mídia, indicaram que a ausência ou o pouco enfoque dado às modalidades diferentes é um fator que contribui para a baixa popularidade dessas modalidades, entendendo que o aumento de espaço destinado a essas pode ampliar sua capacidade de estimulação por novas vivências, ainda que de forma mediada, contribui para os primeiros contatos e o despertar da curiosidade.

Prosseguindo nesse debate foi possível verificar uma linha de raciocínio dos alunos frente a uma macroestrutura que envolve o esporte, os veículos de comunicação, os interesses mercadológicos e o aumento de praticantes.

Abordaram as questões de tradição e cultura do futebol no Brasil e os interesses por audiência por parte da mídia e o quanto isso pode ser prejudicial para as demais modalidades uma vez que quanto menos interesse por parte da mídia,

menor o investimento de patrocinadores, e com isso cada vez menos espaço será dado a outras informações esportivas, fazendo com que cada vez menos pessoas tenham contato e se interessem por outras modalidades.

Segundo essa linha argumentativa elaborada pelos alunos, as experiências vivenciadas pela mídia acabam por anteceder muitas das experiências práticas, algumas das quais nem sempre ocorrem, enxergam esse processo como positivo, algo que age como um incentivador seja para a prática ou contemplação enquanto torcedor.

Desta forma, observamos o potencial de uma intervenção pedagógica focada nos conteúdos da mídia, uma vez que estão, ao mesmo tempo, trazendo questões rotineiras dos alunos (o contato que estabelecem com o esporte na mídia) e de forma organizada traçando possibilidades de contato e conteúdos que permitem uma riqueza cultural e possibilidades pedagógicas frente às práticas (conhecimento e prática de outras atividades).

Os contextos e experiências individuais na interpretação do conteúdo

Reafirmamos que as propostas de intervenção e resultados discutidos no presente texto são apresentados através de um relato estruturado, que está fundamentado na pesquisa realizada com essa temática em Rodrigues (2006).

Na atividade de elaboração do jornal, baseados num quadro em que ambos os grupos trouxeram, um dos temas construídos pelos alunos se referia aos investimentos, estruturas e resultados de uma equipe de futebol que representa a cidade em categorias menores. Um grupo, influenciado por alguns alunos que participavam de equipes de outras modalidades da cidade, posicionou-se contrário aos investimentos e estrutura fornecida pela prefeitura àquele projeto, comparando as informações com a precariedade da estrutura que vivenciavam em outro contexto. O outro grupo, com o mesmo quadro de informações, explorou e destacou que aquilo significava um fator importante para a cidade, um modelo de projeto que poderia ser seguido pelas demais, dada a organização e resultados obtidos.

Isso denota as diferenças de incorporação e envolvimento com o tema e resultou em construções diferenciadas em sua essência a partir do mesmo quadro de informações. É possível notar claramente os significados atribuídos na interpretação

da mensagem os valores e significados carregados de suas experiências e interações. O debate que se sucedeu caminhou justamente para a questão das individualidades e do contato de cada um com as situações concretas, que interferiam na forma como interpretaram tal quadro.

Essas várias facetas que a informação adquire pela transição dentro da mídia interagem com os contextos. Como vimos no caso dos alunos que compararam a informação de investimento no futebol da cidade e as relações que vivenciam na prática de outras modalidades, e passa por um processo de incorporação através dos valores e experiências que possuem para dar significado àquela informação

Ainda na atividade de confecção dos jornais, foi possível notar elementos de construção dos alunos e a percepção que eles tinham desse processo, de que eles detinham o “poder” de construir ou pelo menos repassar as informações conforme parâmetros por eles mesmo estabelecidos, percebido desde o processo de discussão do título do jornal, nas justificativas dos temas e linhas temáticas, até ao formato de papel, tamanho, disposição das reportagens e comentários.

Como ilustração, apresentamos tópicos temáticos das justificativas apontadas pelos alunos para a inserção das reportagens e sequência do jornal:

- Informações polêmicas
- Variedades de assuntos
- Informações diretas
- Representação da cidade
- Conquistas
- Chamar a atenção de quem lê
- Fofocas e brigas vendem jornal
- Passar as emoções do jogo
- Prestígio da informação
- Expectativa e interesse habitual das pessoas
- Opiniões e comentários diferentes
- Divulgar potencial
- Intimidade de atletas
- Resgate de notícias antigas
- Bastidores e curiosidades
- Surgimento de novos astros do esporte

É possível identificar a incidência de elementos pensados no público, nas expectativas e comportamento habitual quanto aos temas de interesse. A utilização de elementos do cotidiano dos receptores, com textos dos sujeitos para aproximar e dar mais veracidade e tornar-se mais atrativo para seu público, como observamos, é um recurso dos meios, e dentre alguns aspectos podemos abordar também nesta relação consolidada com o esporte na questão do espetáculo, a construção e difusão dos mitos.

Considerações relevantes

É muito comum rotular que os alunos não tem um conhecimento profundo dos interesses que estão por trás dos veículos de comunicação, os interesses comerciais e relações de poder, fazendo então que o contato com os conteúdos esportivos na mídia não seja parte integrante de um programa curricular, e que seja descartado e criticado como reprodução de ideias sem uma finalidade de formação.

Se por um lado, os meios de comunicação tem uma raiz extremamente comercial e cheia de interesses com os quais se devem tomar os cuidados ao lidar com seus conteúdos, é ao mesmo tempo uma realidade inserida no cotidiano dos alunos, e compreendida por eles como forma de estabelecer contatos e vivenciar experiências que não estariam ao seu alcance.

Os alunos se mostraram empolgados com as atividades, uma ação diferente de sua prática nas aulas de Educação Física, mas que está presente no seu dia-a-dia das mais diferentes possibilidades. Quando trazido para dentro do ambiente formal, estabelece uma dinâmica e vínculos importantes para um processo de reflexão sobre o fenômeno esportivo, um olhar daquilo que parecia ser invisível.

A utilização desses conceitos e desse olhar sobre o estudo, longe desse tornar simplista, mas de forma a esclarecer ao leitor o porquê dessas relações, ocorre para que, ao identificar o aluno como sujeito de um processo constante e amplo no convívio com o esporte, auxiliá-lo metodologicamente na compreensão das estruturas e relações que estão por trás do simples contato com o esporte. O que é, *para ele*, aquele esporte que ele pratica, que assiste e que aprende? E desta forma, não reduzir e compreender apenas as estruturas técnico-táticas, mas também as relações teórico-políticas que se estabelecem indicando formas de atuação práticas que estimulem a discussão desses temas por parte dos alunos.

Não basta entender e contextualizar os bastidores e interesses de um determinado evento, sua estrutura, seu significado decorrente das estruturas sociais que representa, mas junto a isso, compreender o que aquilo representa de fato para o sujeito, de que forma aquilo é incorporado, que experiências individuais representam, e desta forma, como isso contribui para o ensino do esporte.

Deve-se ter atenção ao trabalhar com esses conteúdos, a fim de evitar uma reprodução sem sentido e sem reflexão. Como diz Ferrés (1996), a partir das emoções que despertam e do envolvimento que provocam, pode ser um grande instrumento pedagógico.

O professor ao ler esse estudo pode imaginar: “Como posso trazer essas ideias se na minha escola não tem televisão?” É uma realidade em nosso país, a falta de estrutura nos ambientes de formação, às vezes nem uma quadra para a prática esportiva o professor tem a sua disposição. De fato essa é uma complicação, mas os conteúdos da mídia não estão presentes apenas numa televisão ou qualquer outro veículo de comunicação, eles estão presentes também, e ressignificados nos próprios alunos, que trazem consigo as suas interpretações desses conteúdos que lidam rotineiramente, há uma impressão de significados:

[...] o que as pessoas aplicam sobre a informação, a partir de suas experiências e interações para dar sentido e forma para aquilo que lhes é incorporado no cotidiano. As pessoas imprimem em sua própria compreensão, a partir de suas vivências, dos ambientes, das interações e de suas expectativas, o significado para a informação, para o fato, e desta forma as suas manifestações de apreço, de contemplação, de desgosto e de valor é produto dessa complexidade (RODRIGUES, 2006, p. 119)

Com base nessa impressão de significados, valoriza-se a ‘bagagem esportiva do aluno” considerando aquilo que Feres Neto (2003) comenta sobre as novas vivências do esporte.

[...] não é só o discurso sobre a imprensa esportiva que se caracteriza como uma ‘nova’ modalidade esportiva. A própria insistência ao esporte telespetaculo torna-se, de certo modo, uma nova prática. Talvez fosse melhor dizer que os limites entre o assistir e o praticar estão tornando-se mais tênues. Penso que isso ocorre porque eu sou o mesmo ao assistir pela televisão e ao praticar. Portanto, lá estão minha corporeidade, minha sensibilidade, minha mundaneidade. (p.78)

Cabe ao professor utilizar-se das informações disponíveis e desenvolver sua intervenção baseada em conceitos teóricos consistentes e de aplicações que demonstram ser possível utilizar tais recursos nas aulas de Educação Física e Esportes.

VII. Pedagogia do esporte e estimulação de valores humanos⁶²: relato de intervenção

O objetivo deste estudo é discutir a possibilidade estimulação de aspectos atitudinais, virtudes e valores humanos através do ensino do esporte, primeiro através do referencial teórico e posteriormente, apresentando e discutindo algumas propostas de intervenção aplicadas com este objetivo.

É comum encontrar afirmações do tipo: O esporte é vida! Fuja das drogas, pratique esporte! O esporte ensina disciplina, trabalho em equipe, respeito! Embora concordemos que estas frases possam dizer “a verdade” em determinadas situações, será mesmo que desenvolvemos em nossa intervenção programas para atingir estes aspectos? Será preciso ter presente em nossos planejamentos o objetivo específico para estimular valores humanos ou a magia do esporte o faz por si mesmo?

Acredita-se que, através da pedagogia do esporte, possamos desenvolver aspectos atitudinais importantes que contribuam para a formação do educando. No entanto, para que isso aconteça, este objetivo deve estar presente no planejamento ao invés de ser tratado como algo que surge sem controle, operando “milagres na vida de nossos alunos”.

Em diversas correntes educacionais, os valores humanos estão presentes como aspecto a ser considerado e desenvolvido. Encontramos em Zabala (1998) a definição de aspectos sócio afetivos como sendo a área das relações sociais e individuais a serem estimuladas. Coll (2000) propõe a aprendizagem e o ensino das atitudes. Na mesma relação, Morin (2003) afirma ser necessário desenvolver a ética do gênero humano, a ética indivíduo/espécie, que convoca a cidadania terrestre em uma de seus sete saberes da educação. A UNESCO - Organização das Nações

⁶² Entende-se como valores humanos os aspectos que traduzem o comportamento relacional do indivíduo consigo mesmo (intrapessoal) e com o ambiente e a sociedade em geral (interpessoal). São exemplos de aspectos intrapessoais a auto-estima, superação, coragem, motivação. São exemplos de aspectos interpessoais o respeito às regras e diferenças, cooperação, trabalho em equipe, solidariedade, caridade.

Unidas para a educação, a ciência e a cultura - (WERTHEIN, 2002), determina entre os quatro pilares básicos da educação, o aprender a ser e a conviver.

Também na área de pedagogia e treinamento esportivo⁶³ diversos autores sinalizam para a importância de se contribuir para o desenvolvimento de valores através das situações únicas que o esporte oferece como superação dos limites, enfrentamento de frustrações, cooperação, respeito. No entanto, quando se trata de bibliografia referente às propostas de intervenção e experiências específicas para o desenvolvimento de valores, elas se tornam bastante raras. Nas experiências de intercâmbio educacional através do esporte em diversas regiões do país e em contato com diversos professores da área, percebemos que também são poucas as experiências de aplicação planejada buscando o desenvolvimento de valores tão presentes nos discursos e livros.

Aspectos importantes a serem considerados

Acreditamos que para valores humanos positivos serem incorporados ao comportamento dos alunos, estes precisam ter significado na vida da pessoa, serem sentidos, vivenciando suas consequências, aliando as emoções vividas à reflexão racional do valor. Somente desta forma, se aceitos, podem passar a fazer parte de suas atitudes. Para tanto, destacamos algumas características que julgamos importantes estarem presentes numa ação com este propósito.

Inicialmente, em referência à profundidade nas ações. Levar aos alunos apenas os conceitos de atitudes nos parece insuficiente para contribuir em comportamentos mais adequados. Basta perguntarmos a qualquer grupo se é certo ou errado ofender verbalmente o colega. Via de regra, a resposta será a segunda opção, talvez demonstrando o juízo de valores que possuem, mas o que na prática pode não acontecer. Portanto, acreditamos que viver as situações além de seus conceitos, se responsabilizar por suas consequências, sentir “na pele” os dois lados de uma questão é mais significativo e aumenta a possibilidade de aprendizado. Além da oportunidade de unir raciocínio às emoções, ao falarmos de profundidade também queremos sugerir que os temas não sejam tratados em sua superficialidade e suas decorrentes reações imediatas e sim na complexidade em que está inserido, abordando várias perspectivas, causas e efeitos.

⁶³ Balbino (2005), Paes(2005), Bento(1999), Freire (1996), Cagigal(1972).

Uma segunda característica relevante é a proximidade professor-aluno. O profissional de educação física é visto em grande parte das escolas e demais centros educacionais como o adulto mais próximo dos alunos. Adjetivos como brincalhão, carinhoso, amigo, entre outros não são raros, até mesmo em outros ambientes como o do treinamento esportivo. Também não é raro alunos fazerem do professor(a) o confidente pessoal ou orientador geral. Talvez esta proximidade se deva ao ambiente que a própria especificidade de nossa ação produza, ou da natureza das atividades. Desta forma, a responsabilidade pela transmissão de valores é ainda mais acentuada.

Entendendo que a confiança é um fator importante na transmissão de conhecimentos, quais são os valores que estamos transmitindo? Quais são os nossos valores? (Que são demonstrados diariamente em nossas ações e observados com olhos curiosos dos alunos!). Como estamos utilizando esta proximidade para contribuir para a formação moral de nossos alunos? Estas questões devem ser refletidas por todos os profissionais que se preocupem em desenvolver valores humanos em seus educandos e que nos leva a elencar outro item.

A frase “apenas se ensina o que o que se sabe” norteia muitas das nossas ações. No entanto, se identificamos que nossos alunos estão carentes de estímulos em valores nos preocupamos com este fato? E se notarmos que temos as mesmas necessidades? Portanto, e como última característica a ser registrada, a estimulação e reflexão dos valores pessoais na relação com o outro.

Por exemplo: em uma briga entre alunos é normal intervirmos buscando uma solução através da solicitação de perdão e compreensão sobre os erros de um e de outro. Pois bem, mas quando alguém nos ofende, nos prejudica, ou apenas nos dá uma fechada no trânsito, agimos como solicitado ao aluno? Perdoamos tentado compreender que a outra pessoa pode estar passando por outros problemas maiores que o estão tirando sua paz? Ou esbravejamos, nos irritamos e muitas vezes, levando tal comportamento para outros lugares? É normal isto acontecer ou não?

Se com você isto não é normal, que compreende e perdoa, provavelmente terá a possibilidade de estimular tais ações nos alunos oferecendo-lhes seu testemunho vivido. Mas e se você é como a maioria de nós, que se irrita e muitas vezes não é capaz de compreender? Não pode tentar ensinar tais valores? Pois se ensina apenas o que se sabe?

Defendemos desta forma que também “ensinamos o que precisamos aprender!” Isto significa que podemos estimular nos alunos valores que muitas vezes

nós mesmos temos dificuldades em incorporar em nossas atitudes. No entanto, nesta busca por auxiliar os jovens, podemos nos envolver de tal maneira que se torne significativo e passe a fazer sentido em nossas próprias ações.

No artigo original⁶⁴ realiza-se a descrição e discussão detalhada de propostas de intervenção com o objetivo de estimular valores humanos, baseadas principalmente na ambientação de situações de dilemas morais. As atividades são divididas em cenários diferenciados:

- *Cenário 1: Propostas de intervenções em aulas esportivas e/ou de Educação Física.* As atividades descritas neste tópico são exemplos de intervenções realizadas no andamento das aulas ou treinamentos. Todas as descrições são oriundas de experiências já aplicadas.
- *Cenário 2: Competições Pedagógicas.* Neste item, se discute as possibilidades de oferta da competição esportiva carregada de componentes que visam estimular os valores humanos.
- *Cenário 3: Ações paralelas ao desenvolvimento esportivo.* Neste cenário, se descreve algumas ações que foram realizadas em paralelo às atividades pedagógicas. São exemplos, as monitorias realizadas pelos alunos mais experientes, a participação de todos em campanhas de doação e arrecadação de verbas.

Considerações relevantes

A intenção deste estudo foi a de descrever e refletir sobre algumas ações que articulamos em prática, com o objetivo de colaborar para a estimulação de valores humanos no ambiente esportivo.

As atividades descritas foram escolhidas por terem estimulados em nossos alunos, em diferentes espaços educacionais, atitudes que indicam a reflexão para a boa convivência consigo mesmo e com os outros. Somos incapazes de afirmar que tais atitudes se transformaram em valores internalizados, mas nos balizamos na premissa de que a nós, educadores, cabe oferecer o tratamento pedagógico que possibilite esta aprendizagem. A incorporação destes ensinamentos caberá a cada indivíduo e a escolha de sua trajetória.

⁶⁴ Ver HIRAMA, L.K.; JOAQUIM, C.S.; MONTAGNER, P.C. Pedagogia do esporte e estimulação de valores humanos: relato de intervenção. In: MONTAGNER, P.C.. (Org.). Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências. 1ed. São Paulo: Phorte, 2011, v. 1. p. 171-198.

VIII. O ensino do esporte na “favela”: as vozes dos envolvidos deixando de serem subterrâneas

O esporte considerado como fenômeno de múltiplas formas e sentidos tem sido tratado como eixo de ação educacional em projetos socioeducativos que atuam com crianças e jovens em situação de risco. No Brasil, o esporte denominado educacional ou social tem crescido acentuadamente nas últimas décadas (IBGE, 2004) e é desenvolvido por organizações não governamentais, programas esportivos de âmbito público e programas de extensão universitária. No entanto, os estudos que investigam o esporte oferecido nesta perspectiva não vêm acompanhando seu crescimento, o que justifica a importância de reflexões acerca deste tema.

Este estudo tem por objetivo discutir algumas características específicas apontadas a partir de um estudo realizado na favela de Heliópolis, na cidade de São Paulo⁶⁵. Esta comunidade possui cerca de 140 mil habitantes que vivem em apenas 1 km² e é considerada a segunda maior favela do Brasil.

Os temas discutidos foram levantados aproveitando-se da ação de imersão realizada por um dos autores, onde trabalhou e morou durante três anos em um projeto socioeducativo que atuava com o ensino do voleibol para crianças e jovens de sete a quinze anos. A pesquisa teve como foco um grupo de jovens que apresentaram, como os mais velhos do projeto, diversas ações relacionadas à autonomia, empoderamento, liderança. No início das atividades todos tinham quinze anos, sendo constituído de dezesseis meninas e quatorze meninos⁶⁶.

Além de participarem de seus grupos de treinamento em voleibol, com duas sessões por semana, visto que a maioria já havia participado de propostas de iniciação por dois anos, os jovens ainda atuavam em outras ações como monitoria nas turmas dos alunos mais jovens e grupo de arbitragem em torneios internos.

A pesquisa original⁶⁷ destaca aproximações nos depoimentos levantadas a partir da reconstrução das memórias dos jovens, do próprio pesquisador Leopoldo

⁶⁵ O estado de São Paulo é o de maior número de habitantes do Brasil e considerado a capital econômica do país.

⁶⁶ Ver capítulo 5 (p. 131 a 200) da obra HIRAMA, L.K.; MONTAGNER, P.C.. Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos. (232p.). São Paulo: Phorte Editora, 2012.

⁶⁷ Ver capítulo 4 (p. 101 a 115) da obra HIRAMA, L.K.; MONTAGNER, P.C.. Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos. (232p.). São Paulo: Phorte Editora, 2012. O pesquisador Leopoldo trabalhou durante três anos em um projeto social, e sempre esteve perto desse campo de atuação. Nesse ambiente da favela de Heliópolis, a maior favela do estado de São

Hirama, que atuou na comunidade como professor e coordenador, de algumas mães, de uma liderança comunitária e dois professores do projeto: (1) relação professor-aluno; (2) continuidade e profundidade no aprendizado; e (3) sentimento de pertencimento.

Para além dos destaques da pesquisa, algumas situações percebidas nos depoimentos expõem características daquela comunidade que consideramos importantes de serem discutidas e divulgadas, na possibilidade de servir de referencial a outros projetos que atuam em condições semelhantes. Tais características não necessariamente tem ligação direta com o ensino do esporte, mas sim com o cenário em que estava inserido, com a teia de relações dos moradores e consequentemente, com as prováveis influências no desenvolvimento das atividades do projeto.

Esta intrincada rede de relacionamentos é o que a etnografia⁶⁸ (que juntamente com a história oral orientou a pesquisa metodologicamente) busca, ou seja, estranhar o que é conhecido e conhecer o que é estranho (GEERTZ, 1989). São destas relações que trataremos a seguir.

As memórias subterrâneas, segundo Von Simson (2003) são aquelas de grupos dominados que, em geral, não fazem parte da memória coletiva formada por fatos e aspectos julgados relevantes pela classe dominante. No entanto, é possível fazer com que estas memórias subterrâneas façam parte da memória coletiva, como da empregada nesta pesquisa, através do registro e da posterior análise, que foi a trajetória deste estudo. Destaca-se a seguir algumas características da comunidade estudada, para além do núcleo sócio educacional, a fim de buscar maior entendimento das relações vividas por seus moradores.

Um breve perfil das moradias: a casa, vizinhança e suas influências no cotidiano

O termo favela⁶⁹ remete a um conjunto de moradias em péssimas condições gerais, acarretando uma série de outros problemas como doenças causadas pela falta de saneamento e higiene, falta de privacidade, invasões.

Paulo, encontrou vários desafios metodológicos e desenvolveu parte dos seus estudos de mestrado. Estudamos o assunto detalhadamente, o que permitiu que pudéssemos relatar essa rica experiência no livro editado pela Phorte Editora em 2012.

⁶⁸ Ver Laplantine (1988) e André (1995)

⁶⁹ Segundo novo dicionário Aurélio.

Em Heliópolis, como verificado tanto nas entrevistas quanto nas oportunidades de visitas aos educandos, a maioria das residências não sofre mais com estas situações de precariedade. As casas possuem sistema de saneamento básico e são feitas de alvenaria. Nas visitas realizadas, verificou-se que os cômodos possuem piso cerâmico, paredes rebocadas e tudo sempre muito asseado e limpo. No entanto, a trajetória das moradias parece obedecer dois grupos diferentes: a dos moradores pioneiros na comunidade e as das famílias que chegam posteriormente.

O primeiro grupo possui diferenciações na moradia como maior espaço de construção conquistado com o decorrer dos anos, casas permanentes, evitando mudanças constantes de local. Um dos jovens afirma ter vivido na mesma casa desde que nasceu. Atualmente tem sete cômodos para cinco pessoas, mas lembra do tempo em que viviam em apenas três cômodos:

Fomos construindo mesmo. Tinha só dois cômodos. 3 com o banheiro, telhado, pingueira atrás de pingueira, aqui do lado era barranco. Jovem 3

Em outro grupo, as características são de provisoriedade em diversas moradias, com muitas mudanças, até conquistarem uma casa fixa. Recordamos de uma conversa com uma das jovens que viveu durante alguns anos em um dos alojamentos da comunidade. Tais locais surgiram quando a prefeitura desocupou outras áreas e transferiu as famílias provisoriamente para estes espaços. Segundo relatos estas ações tiveram início na década de 70, quando a comunidade começou a ser formada. Estas “moradias” que deveriam ser provisórias continuam até hoje, recebendo novos moradores, na medida em que as antigas famílias conseguem ser transferidas para os prédios dos projetos de verticalização da favela. Foi exatamente o percurso que esta jovem do grupo estudado percorreu. No alojamento, existe apenas um cômodo dormitório. A cozinha e banheiros são comunitários e sempre disputados pelo grande número de moradores.

Embora todos os entrevistados tenham crescido na mesma comunidade, os locais de suas moradias proporcionaram diferentes possibilidades. Para alguns, era possível brincar com certa tranquilidade na rua, com os vizinhos e amigos. Em outros locais, o isolamento era maior. Quando perguntado a uma jovem se podia brincar na rua, ela responde:

Brincar na rua não. Porque minha mãe não deixava. A gente ficava lá em baixo quando minha mãe estava, a gente ficava um pouquinho brincando com os outros vizinhos mas a gente tinha um quintal, então a gente brincava no quintal. Meu irmão, às vezes vinham os amiguinhos da gente. Jovem 9

O local da moradia está intimamente relacionado com a ação do tráfico no local e nos diferentes períodos. Esta relação tem influências diretas nas atividades vivenciadas quando criança. Percebe-se as diversidades encontradas nas realidades vividas por cada jovem na questão da moradia e suas relações com a vizinhança. Portanto, não é possível caracterizar todas as moradias em apenas um grupo, desmentindo a imagem de que todos os moradores de comunidades periféricas residem em condições precárias e num único modelo residencial. Isso desmistifica a visão de favela e de conjuntos habitacionais com essas características.

Convivendo com a violência

A violência urbana é assunto largamente tratado por diversos meios, seja em estudos científicos, obras literárias, divulgação pela mídia, entre outros. Como é de se esperar, na maior favela do estado ela também está presente, dita o comportamento de seus habitantes e, portanto, tornam-se importantes as descrições de situações capazes de ilustrar esta influência no cotidiano e na formação dos jovens participantes do projeto estudado.

O tráfico é citado como grande responsável pela violência na comunidade e em alguns casos ele está muito próximo da criança e do jovem, dentro mesmo de sua própria família. O acesso de traficantes em qualquer casa da comunidade (para caso de fuga ou enfrentamento com policiais ou inimigos) também foi denunciado, evidenciando a falta de privacidade a presença constante do tráfico e consequentemente da violência

As mães lutando contra a violência: o isolamento como consequência

Para minimizar o contato e o risco com o tráfico percebe-se que a família é essencial, em especial a mãe, que além de impor limites, regras de convivência e de permanência em determinados locais, indica ser uma referência forte quando é

lembrada constantemente das orientações e conversas. Ao ser perguntada como tratava o filho para mantê-lo distante da violência, uma das mães respondeu:

Sufoquei, teve um tempo que eu sufoquei. Não teve liberdade porque eu não deixava, não empinou pipa, não ficava na rua porque eu não deixava. Ele não saía para lugar nenhum, na época não tinha projeto, não, ele era pequeno e não podia entrar. E não saía, eu não deixava, eu morria de medo, ficava o tempo todo dizendo, explicando, e abri mão um pouco da minha vida para ficar ali com ele o tempo todo.

A figura da mãe é muito presente na formação da criança. Alguns indicadores que reforçam este fato é a de que muitas famílias são criadas e sustentadas pelas mães. Dos 14 jovens entrevistados do grupo foco do estudo, apenas quatro possuem a referência paterna presente e atuante em suas vidas. Na convivência com a comunidade foi verificado que existe um grande respeito pela figura materna, inclusive pelo tráfico e conseqüentemente lhes é conferida a responsabilidade de defesa dos filhos.

Na reconstituição das memórias obtidas pela pesquisa, percebe-se uma certa ingenuidade apresentada pelos jovens. Sugere-se que esta ação de defesa contra a violência existente causa certo isolamento, a ponto de não desenvolver características de maior “malandragem”, imagem que em geral se faz do jovem morador de uma favela.

O projeto socioeducativo representou para muitos a possibilidade de ampliar seus espaços de convivência e aprendizado. Para as mães, uma opção de formação com segurança e para as crianças e jovens, de novos relacionamentos além do familiar e escolar.

Nós morávamos na zona norte. Nós viemos para cá ela tinha 11 anos. Eu conheci o projeto através de pessoas que falavam dele e eu vim para cá saindo de uma situação muito difícil, eu tinha me separado, estava difícil para mim, o começo, então um lugar para eu colocar eles foi importante, e eu coloquei ela lá ela tinha 11 anos, quase 12. [...] E quando veio o voleibol para o projeto, para mim foi Deus que colocou, porque assim, ela se envolveu muito, e gostava, “Mãe, hoje eu não vou para o projeto mas eu vou para o voleibol!”

Mãe 3

O “coitadinho da favela”

Os jovens descrevem uma situação que chamam de coitadinho da favela, como sendo um comportamento presente em suas vidas e muitas vezes influenciando suas atitudes. Esta expressão nasceu do educador que afirmava ser necessário abandonarem esta postura de incapacidade e de inferioridade que muitas vezes sentia que incorporavam.

Este comportamento parece estar ligado ao assistencialismo, muito comum na comunidade, como é possível perceber nos discursos anteriores. No entanto, esta situação não é criada apenas pela assistência sem considerar as reais necessidades de seus moradores. Também é reforçada por pressões da sociedade como um todo:

Porque além de você morar aqui, numa comunidade que é visto por outras pessoas que é a favela, tem uma imagem ruim, assim, lá fora, que várias pessoas podem até dizer, ah, a maioria deles o pai não está presente, eles vão ter certas dificuldades na vida. Então eu acho que isto vai trazendo pequenos pesos assim para a cabeça da pessoa que ele acaba entrando nesta paranoia mesmo. Jovem 1

Diferenças entre gêneros

Foram encontrados alguns discursos sobre as diferenças entre o adolescente masculino e o feminino. São características que influenciam no comportamento dos jovens no cotidiano do projeto, determinando muitas vezes o tempo disponível para a dedicação às atividades:

Desde meus nove anos que eu cuido da casa, dos meus irmãos. Meus irmãos foram criados por mim também, eu levava no dentista, no médico. Jovem 8 feminino

Encontraram-se também referências sobre diferenças no comportamento entre os meninos e meninas afirmadas por ambos:

E tinha, tipo o feminino sempre tinha problema que era fora, entendeu, as meninas costumavam levar para dentro da quadra e isto influenciava muito no jogo. Porque eu vou tacar nela porque ela é folgada. Não vou levantar para ela, mesmo que a outra errava. Jovem 11

Apesar das diferenças ressaltadas pelos jovens, a realização e organização de eventos envolvendo a todos, foram capazes de romper com a visão de equipes isoladas e antagônicas. A ideia de pertencer a um grupo maior foi a que prevaleceu:

Acho que um dos motivos mesmo que acabou unindo todo mundo. As festas que agente fez, o bazar, porque existe mesmo esta quebra, masculino e feminino, a gente até não gostava muito de ficar com as meninas, tinha aquela rivalidade entre menina e menino, teve um amistoso que a gente fez, daí depois daquele 1º bazar que a gente fez, aí que foi unindo o grupo, daí foi fazendo a festa do doce, a do salgado, 2º bazar, aí foi... Jovem 4

Abordar esta situação, assim como os demais temas, moradia e vizinhanças, violência, tráfico, escola, autoestima teve como objetivo oferecer uma visão panorâmica da comunidade estudada, na tentativa por proporcionar ao leitor uma aproximação no ambiente, levantando algumas das dificuldades vividas diariamente por seus moradores.

Considerações relevantes

Parece-nos que é consenso a ideia de que, para se oferecer uma proposta adequada de formação em projetos socioeducativos para comunidades carentes, é necessário conhecer seu público, suas especificidades e a dinâmica das relações que ditam os comportamentos de seus moradores.

As características que levantamos neste tópico destacaram algumas informações, na perspectiva de auxiliar na compreensão, um pouco mais, deste grupo de jovens, suas dificuldades, anseios e desejos. Logicamente, para traçar um perfil detalhado da rotina de uma comunidade como a de Heliópolis, haveríamos de escrever uma tese e ainda assim, seria incompleto. No entanto, defendemos que buscar compreender relações que se desenrolam a parte das ações do projeto em si, constituem saberes importantíssimos para adequar as intervenções.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, ed. Papirus, 1995.
- BALBINO, H. F.. **Pedagogia do treinamento**: métodos, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. 288f. Tese (Doutorado).Unicamp, Campinas, 2005
- BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa, Editora Dinalivros, 1994.
- BENELLI, L. MONTAGNER, P.C. Intervenções pedagógicas na especialização esportiva de jovens atletas. In: MONTAGNER, P.C. (Org.) **Intervenções pedagógicas no esporte**: práticas e experiências. 1ed., São Paulo: Phorte, 2011, v. 1, p. 171-200.
- BENTO, J. O. **Contextos da pedagogia do desporto**: perspectivas e problemáticas. Ed.Horizonte, Lisboa, 1999.
- BENTO, J.O.. Em defesa do desporto (pp. 9 -55). In: BENTO. J.O.; CONSTANTINO, J.M. (Coordenadores). **Em defesa do desporto**: mutações e valores em conflito. Almedina: Portugal, 2007.
- BERKOWITZ, R. J. A Practitioner's Journey - From Skill to Tactics. **Joperd**, Reston/VA, v 67, n 4, p. 44 - 45, 1996.
- BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. 3 ed. Campinas: Papirus, 1998.
- BOMPA, T. O. **Treinamento total para jovens campeões**. São Paulo: Manole, 2002.
- BRACHT, V.. **A Educação Física Escolar como campo de vivência social e de formação de atitudes favoráveis a pratica de desporto**. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1983.
- BROTTO, F. O.. **Jogo cooperativo**: O jogo e o esporte como exercício de convivência. Santos, SP. Projeto Cooperação, 2001.
- CAGIGAL, J. M.. **Deporte, pulso de nuestro tiempo**. Madrid, Espanha, 1972.
- CASTRO, J. A.; MONTAGNER, P.C. O jogo como proposta de intervenção no ensino do handebol: Inferências sobre as práticas realizadas. In: MONTAGNER, P. C.. (Org.) **Intervenções pedagógicas no esporte**: práticas e experiências. 1ed.São Paulo: Phorte, 2011, v. 1, p. 89-110.

CASTRO, J. A. **Inferências sobre um plano de ensino de esportes para crianças de 9 a 12 anos de idade**. Monografia (Graduação). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004

FERES NETO, A. (2003). A virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas. BETTI, M. (org). **Educação física e mídia**: novos olhares, outras práticas. São Paulo: Ed. Hucitec. p.71-90. 2003.

FERRÉS, J. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Medicas, 1996.

FREIRE, J. B. Questões psicológicas do Esporte. In MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. (Orgs.) **Esporte como fator de qualidade de vida**, Piracicaba: Ed. UNIMEP, São Paulo, 2002.

_____. Esporte Educacional. In: Barbieri C. et. Al. **Esporte educacional**: uma proposta renovada. Recife : UPE-ESEF/MEE/INDESP, 1996.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (ed). **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: 2 ed. Universidade do Porto, Portugal, 1995.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). O ensino dos jogos desportivos., 2ª. edição, Universidade do Porto, Portugal, 1995

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, ed. Guanabara Koogan, 1989.

HIRAMA, L. K. ; JOAQUIM, C.S. . Intervenção pedagógica no esporte e aspectos atitudinais em comunidades brasileiras de baixo IDH. In: MONTAGNER, P. C.. (Org.).**Intervenções pedagógicas no esporte**: práticas e experiências. 1ed.São Paulo: Phorte, 2011, v. 1, p. 61-88.

HIRAMA, L. K. ; Joaquim,C. S. ; MONTAGNER, P.C. . Pedagogia do Esporte e estimulação de valores humanos: relato de intervenção. In: MONTAGNER, P. C.. (Org.). **Intervenções pedagógicas no esporte**: práticas e experiências. 1ed.São Paulo: Phorte, 2011, v. 1, p. 171-200.

HIRAMA, L. K. ; MONTAGNER, P.C. **Algo para além de tirar as crianças da rua**: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2011. v.1. 260p .

IBGE. **As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2002.**

IBGE, Gerência do Cadastro Central de Empresas. Rio de Janeiro, 2004.

JABU, M. B. S. **ONG e esportes:** a cidadania entrando em campo. São Paulo, CENPEC, 2000.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** Editora Atlas. São Paulo, 1991.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 1988

MARQUES, R. F. R. **Sistematização do ensino dos esportes coletivos para crianças: o caso do Futsal.** Monografia de graduação em Ed. Física – Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, 2001.

MACHADO, A. A. **Aspectos psico-pedagógicos da competição esportiva-escolar.** Campinas, SP: Unicamp, dissertação de mestrado, 1994.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte, ed. Humanitas, 1998.

MESQUITA, I. **Pedagogia do treino:** a Formação em jogos desportivos colectivos. Lisboa. Livros Horizonte, Col. Cultura Física, 1997.

MONTAGNER, P. C. **Esporte de Competição x Educação?** O caso do basquetebol. Piracicaba, 148f. Tese (Mestrado), Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, 1993.

MONTAGNER, P. C.. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva.** Campinas, Tese (Doutorado), FEF, Universidade Estadual de Campinas, Canpinas, São Paulo, 1999

MONTAGNER, P.C. ; HIRAMA, L. K. . Esporte e projeto social na favela : memórias, experiências e valores educativos. In: BENTO, J.O.; TANI, G.; PRISTA, A.. (Orgs.). **Desporto e educação física em português:** Contributo para o XIII Congresso de Ciências do Desporto e de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa (Maputo: 30 de Março 2 de Abril de 2010). Porto- Portugal: CIFI2D Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, 2010, v. 1, p. 373-400.

ORLICK, T. **Vencendo a competição.** São Paulo: Ed. Círculo do Livro S.A., 1978.

PAES. R.R. A Pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos. In: ROSE JR., D. (org). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PAES R.R e BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Campinas: Guanabara Koogan, 2005.

RODRIGUES, E.F. **Esporte e mídia: interfaces e significados dos conteúdos esportivos atribuídos pelos alunos**. 2006. 217f. Dissertação de Mestrado.- Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, 2006.

RODRIGUES, E.F. O conteúdo esportivo da mídia e intervenções pedagógicas na educação física e esportes. In: Paulo Cesar Montagner. (Org.). **Intervenções pedagógicas no esporte**: práticas e experiências. 1ed.São Paulo: Phorte, 2011, v. 1. P. 141-169.

VASCONCELLOS, M.J.E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. 3º ed. Campinas: Ed. Papirus. 2003.

ZABALA, A. **A prática educativa**: Como Ensinar. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1998.

WERNER, P.; THORPE, R.; BUNKER, D. Teaching Games for Understanding Evolution of a Model. **Joperd**, Reston / VA, v 67, n 1, p. 28-33, 1996.

À GUISA DE CONCLUSÃO

À GUIA DE CONCLUSÃO: posicionamentos em defesa do esporte de crianças e jovens

Em suma, nós os humanos praticamos a única coisa que aos deuses é vedado fazer: arriscar-se ao fracasso, ao insucesso, à incerteza, à tensão, à desilusão e à derrota. Eles só sabem e podem ganhar; nós somos predestinados a assumir o risco de perder, nascemos para cumprir o destino e fado de ganhar algumas vezes, de perder muitas outras e de ter que aprender a perder e a suportar a derrota, mas sem perder a face, a determinação e o gosto de insistir, treinar e competir, de tentar e ousar, de melhorar e progredir. Chama-se a isto vencer, viver e existir. O atleta – assim o definiu Píndaro (521-441 a.C.) – é “aquele que se deleita com o esforço e o risco”. É isto que constitui o desporto e é constituinte de nós, expressão do nosso ser.

Jorge Olímpio Bento (2007, p.55)

Considerações finais

Uma leitura mais atenta aos temas nos permite elencar posicionamentos teóricos para a conclusão desse texto-síntese, alicerçado nos três estudos apresentados. Possibilita-nos verificar que vários são os responsáveis e atores do fenômeno esportivo, legitimadores dos processos relatados, construtores de identidades que caracterizam o esporte contemporâneo.

À medida que a sociedade evoluiu, o Esporte também avançou nas suas características transformadoras e educadoras, sobretudo relacionadas com crianças e jovens. No atual presente, o esporte se expande na sociedade e conquista novas terras, passando “[...] progressivamente a ser uma prática aberta a todas as pessoas e idades e a todos os estados de condição física e sócio-cultural”, na descoberta de valores novos, superando sua vocação original consolidada da excelência e do alto-rendimento para as mais distintas finalidades e novos significados (BENTO, 2007, p. 20).

Quando escrevemos o subtítulo dessas considerações finais, “em defesa do esporte de crianças e jovens”, somamos esforços a muitos que diariamente tratam de valorizar o fenômeno esportivo nas suas finalidades sociais, educacionais, morais, éticas e estéticas, de crianças e jovens que encantam e são encantadas com a prática esportiva, suas manifestações polimórficas e polissêmicas, seus significados e formas.

Imaginar, como exemplo, que a competição esportiva é excessivamente danosa à formação humana, ou ainda propor a utilização acrítica ou ideologizada do esporte sem a devida avaliação dos seus pontos fortes e frágeis, sem avaliar suas contradições, dinâmicas e potenciais, empobrece a crítica e forja conceitos por vezes equivocados.

Em Bento encontramos uma reflexão nítida desse pressuposto. Para ele,

[...] é extremamente grave que textos legais se deixem enredar na tentativa, descabida de lucidez e bom senso, de dirimir pleitos epistemológicos que a realidade, a abordagem filosófica e a inteligência decidiram, há muito, a favor de quem não se fecha num academismo serôdio, obscurantista e retrógrado". (BENTO, 2007, p.20).

Não apenas os textos legais, mas muitos textos formais e acadêmicos subscrevem ideias e ideais teóricos inconsistentes sobre as práticas esportivas, estão fora do tempo atual, "gente que nunca viveu o assunto" (grifo meu). Buscamos aqui reafirmar o dito por Constantino (2007, p. 57), da emergência de um novo tipo de discurso, enfatizando sua "pluralidade e multifuncionalidade", da "[...] reflexão e a construção argumentativa sobre os verdadeiros bloqueios a uma perspectiva crítica dos universos do desporto". A similaridade desse posicionamento, a premência pela defesa do esporte balizada pela elaboração crítica e atual de suas práticas, também dos seus desvios, nos desequilíbrios produzidos pelas novas configurações econômicas, da comercialização do espetáculo esportivo e dos tensionamentos em seus diversos eixos de influências e intervenções, todas elas reais e produzidas no interior dessas práticas.

A defesa do esporte de crianças e jovens é, portanto, um desafio cada vez mais atual. "O desporto contemporâneo está a colocar-se perante novos desafios para os quais as velhas teorias explicativas conduzem a perplexidades, a desencantos e a verdadeiros becos sem saída" (CONSTANTINO, 2007, p. 57). Devemos buscar suportes teóricos alinhados com a nova realidade, estarmos à altura dessa missão educacional e social, estarmos nos corpos e nos cérebros, evitar os riscos das velhas teorias e teses interpretativas que refletem espaços e tempos anteriores e não mais existentes. Como bem disse Freire (1989), matricular a "cabeça e o corpo", os sentimentos e sensações e valorizar as experiências dos nossos alunos na vida escolar e esportiva. Em conclusão, alguns apontamentos finais.

Primeiro: reafirmando princípios e valores educacionais na defesa da competição esportiva.

“A derrota tem algo de positivo, nunca é definitiva. Pelo contrário a vitória tem algo de negativo, jamais é definitiva”.

José Saramago⁷⁰

Quando pensamos em educação esportiva, e mais ainda, no processo educativo através da competição, temos uma clara dificuldade metodológica de provas científicas. As perspectivas de análise e avaliação sempre estarão no território do controverso, do polêmico, e muito, no plano ideológico (MONTAGNER, 1993). No texto-síntese, o estudo 2 se propôs a elaborar a defesa bem como apontar reflexões referentes a esse tema controverso.

No Brasil, em tempos atuais de megaeventos mundiais e olímpicos, são vários os temas definidos como legados que compõem a pauta de discussões acerca do assunto. Também, o alcance dos eventos dessa magnitude em relação à educação esportiva de crianças e jovens. De fato, o que devemos priorizar nessas oportunidades? Em linhas gerais, o que observamos nas muitas discussões acadêmicas bem como na imprensa e órgãos de opinião importantes do país é a de que esses eventos se constituirão num marco de mudanças para a educação esportiva brasileira. A palavra que mais se menciona como conceito implícito de eventos dessa grandeza é “legado esportivo”. Podemos observar experiências de sucesso, mas também de grandes fracassos nesse campo de atuação em países que já sediaram Copas do Mundo ou Jogos Olímpicos.

No caso da educação esportiva e ampliação de projetos que permitam maior participação de crianças e jovens no esporte, temos ausência de diagnósticos mais precisos e fundamentados, o que dificulta a análise qualificada do impacto desses eventos na sociedade brasileira, transformando-se em exercícios de futurologia ou ainda de interesse comercial. Por exemplo, se quisermos dados precisos de participação de crianças e adolescentes em programas de esportes públicos federais, estaduais ou municipais, ou ainda, quais são os programas de esportes que estão preparando os atletas para os Jogos Olímpicos, teremos muito mais “achismos” do que respostas qualificadas.

⁷⁰ José Saramago, escritor português, poeta, argumentista, jornalista, dramaturgo e romancista, autor de vários livros, sendo suas obras de maior destaque Ensaio sobre a cegueira, O Evangelho segundo Jesus Cristo e Memorial do Convento. Dentre os vários prêmios que recebeu, está o Nobel de Literatura em 1998.

No esporte escolar, temos a recente pesquisa de Carone Soares (2010), que se aprofunda no estudo de caso da competição esportiva em Campinas, São Paulo. A autora buscou, no sistema estadual, relatórios, documentos, dados e planilhas com indicadores para análise, e realizar cruzamentos teóricos com, por exemplo, informações do IBGE sobre população de crianças e jovens e a participação nas competições estudantis. Encontrou relatórios de jogos e dos eventos com dados pouco relevantes para diagnosticar com maior profundidade o tema, necessitando recorrer às entrevistas e outras estratégias metodológicas para compreender o fenômeno da competição nesse público alvo específico. No Brasil, temos uma cultura de fazermos muito, planejarmos pouco e avaliarmos quase nada nessa área do conhecimento. As pesquisas pouco avançaram na análise do comportamento moral e educacional do esporte.

Nos estudos sobre megaeventos esportivos, os indicadores qualificados que encontramos são de análises de variáveis, tais como fluxo de turismo, emprego, hotelarias, número de visitantes nos países que sediam os eventos, geração de divisas financeiras através de gastos per capita bem como os aspectos positivos e negativos de legados de megaeventos. Nos positivos, melhorias de infraestrutura, revitalização urbana, oportunidades de negócios e de marketing esportivo, dentre alguns. Nos aspectos negativos, elevação de custos de construção, aglomerações de pessoas no ciclo dos eventos, congestionamentos e transtornos no transporte, gastos excessivos e endividamento do setor público, desapropriações de grupos sociais nos locais planejados para a construção de arenas ou de fluxos de transporte (PRONI, FAUSTINO e SILVA, 2014). Precisamos desenvolver metodologias de investigação dos efeitos do esporte desvinculados de situações ideológicas, de visões distorcidas da realidade do esporte. Também de visões unicamente comerciais. Conhecemos pouco dos resultados do empoderamento produzido pelo esporte nos projetos sociais, por exemplo.

Não temos dúvidas em mencionar que o Brasil é um país com talentos esportivos, mas, se observarmos nossa cultura relacionada a essa área, e à exceção do futebol (formal e não-formal)⁷¹, temos na falta de acessibilidade um dos nossos

⁷¹ O futebol no Brasil possui particularidades que são próprias do nosso país. Praticamos futebol em diferentes níveis e ambientes, as peladas de rua, o futebol de “várzea”, nas praias, os modelos organizados de desenvolvimento dessa modalidade, o interesse das crianças pelos ídolos do futebol caracterizam essa presença intensa da modalidade na cultura brasileira. O formal como esporte institucionalizado e o não-formal como práticas livres. Os conceitos de educação formal, não formal e informal são utilizados em trabalhos científicos para expressar a ação educativa, sendo o formal desenvolvido no sistema escolar, o não formal como as atividades sistemáticas que ocorrem em ambientes não escolares, mais difusas, menos hierarquizadas e burocráticas. Ainda, a educação informal corresponde ao processo de socialização em várias vias não formalizadas, livres, exemplificados pela

maiores desafios a serem vencidos. E se não nos propusermos a desenvolver práticas e vivências das diversas modalidades com profundidade, deixaremos de realizar uma importante tarefa educacional: de promover o esporte e, conseqüentemente, também os talentos. Em tempos de eventos olímpicos, observamos a discussão sobre a formação dos talentos e as muitas análises equivocadas sobre esse tema. Para termos talentos aflorando, basta fazermos esporte. Simples assim. Eles “brotarão” em todos os níveis e classes sociais. Valorizamos as olimpíadas de matemática e história, mas temos grupos de profissionais da área que apresentam resistências às olimpíadas esportivas. Isso é um equívoco histórico.

Por que na escola nos aprofundamos nos temas teóricos e auxiliamos na formação de matemáticos, físicos, químicos e não podemos desenvolver educação esportiva para nossos jovens, de forma a educá-los na prática, e aos que se destacarem, cuidarmos deles como talentos esportivos que são? Parece-nos algo natural e viável.

No momento, o país está desperdiçando a oportunidade de chamar a atenção para a importância do esporte, de colocá-lo como um dos temas centrais da educação de suas crianças e jovens. Esse sim deveria ser o assunto primário do debate. E a competição é conteúdo estratégico nesse processo. Ela permite, juntamente com os outros conteúdos do esporte, a busca profunda desse conhecimento, permite colocar à prova crianças e jovens, desenvolver consciência de que nós humanos não somos bons em tudo, conhecer nossas virtudes e limites.

As discussões estão muito centralizadas em construção de estruturas, de estádios e ginásios e estamos perdendo oportunidades importantes de desenvolvimento de políticas públicas e ações privadas para ampliar o conhecimento sobre o esporte numa sociedade como a brasileira, com talentos esportivos, de gente que gosta de praticar, com clima e ambiente adequados para a sistematização de programas nas diferentes faixas etárias e grupos sociais. Não estamos apresentando algo absolutamente novo, mas sim reafirmando questões que são de reconhecida aceitação pela sociedade em todo o mundo.

família, amigos, no bairro. Para alguns autores, o termo não-formal é como um sinônimo de informal, mas existem reflexões teóricas que dividem essas formas de educação. No caso, quando debatemos sobre a educação formal, temos a comparação com a educação não-formal como algo antagônico, e o referencial teórico sobre esse tema é valioso para estudar processos de educação na sociedade. No exemplo do texto, o futebol no Brasil possui várias formas de acesso pela sua natureza, facilidades de adaptação, gosto pelo jogo, forte influência da mídia em geral, e investimentos financeiros milionários, que provocam interesse e acesso. Temos desde clubes organizados, os fenômenos recentes de escolas de futebol de várias equipes do mundo no Brasil, torneios regionais, locais, nas ruas, nas escolas, viabilizando o acesso das nossas crianças e jovens nessa prática esportiva e nas diferentes formas de desenvolver Educação.

A perspectiva de que a competição esportiva tem como papel único a produção de atletas configura-se num equívoco, num “andar para trás”. Isso é muito pouco para um país que deseja e precisa investir em educação e cultura para o seu povo. Seguramente, se ampliarmos a base da pirâmide com políticas de acesso e se considerarmos o talento da nossa gente para o esporte, teremos atletas surgindo naturalmente a partir dessas práticas em escalas maiores. Em articulação ao desenvolvimento de esporte com qualidade e quantidade, a necessidade de investir em formação humana com bons cursos universitários para a qualificação de pessoal habilitado no esporte e compreensão de suas diferentes manifestações.

Tenhamos presente os apontamentos elaborados por De Rose Jr. (2009, p. 103), que preconiza o olhar teórico de que a competição infanto-juvenil não deve ser encarada de forma tão radical, sendo um importante meio de aprendizagem quando desenvolvida natural e progressivamente. Para o autor, desde muito o esporte tem contribuído com a formação, possui caráter educativo, a competição apresenta, na sua essência, a busca de um objetivo, significa rivalizar, lutar e conseguir um feito.

De Rose Jr (2009, p. 108) reflete sobre as exigências implícitas existentes na competição. Elas implicam domínio de habilidades motoras e cognitivas, aperfeiçoamento das capacidades físicas, propõe o confronto, a demonstração, a avaliação e comparação entre pessoas. Observamos sua preocupação na interpretação desses conflitos e a validade da prática esportiva como parte do processo educativo, do “saber ser”, do “saber estar”, e do “saber fazer”. Isso posto, corroborando com alguns dos temas aprofundados nos três estudos aqui demonstrados, temos em De Rose Jr. (2009) a concepção dos aspectos favoráveis e desfavoráveis do envolvimento da criança e adolescente no esporte. O valor da espontaneidade, a oportunidade da criança e do jovem de jogar, competir e realizar essas tarefas conforme suas competências, divertindo-se e desfrutando dessas ações esportivas, minimizam as ações desfavoráveis, de sempre ter que jogar bem, de vencer a qualquer custo e de que isso seja uma responsabilidade além do possível.

Sobre a competição, o dito por Saramago na epígrafe pode ser lido de forma mais abrangente, ou seja, o que as vitórias têm de mal é que não são definitivas, em contraponto, o que as derrotas têm de bom é que também não são definitivas. Se nos focarmos nessa reflexão de Saramago, temos a fascinante ideia de uma integração real entre o ganhar e o perder, uma bandeira de possibilidades para a vida no ambiente do simbolismo pedagógico, revestido de um consistente pragmatismo

teórico-educacional. Dito de outra forma, se na competição esportiva nunca as coisas são definitivas, portanto, elas também não devem ser mal-entendidas.

Segundo: em defesa do esporte na escola como ambiente de formação esportiva. A construção de um sistema de competição escolar.

Juntamente com as outras agências consagradas de fomento esportivo de crianças e jovens, a escola pública deveria ser um dos pilares de sustentação do projeto esportivo no Brasil. Em linhas gerais, a educação física escolar está muito aquém das expectativas que todos nós gostaríamos que estivesse e reconhecemos sua relevância para a formação das crianças e jovens do País. Tem sido insatisfatório o seu desempenho dadas as condições e precariedades.

Nas últimas três décadas, com o fortalecimento de programas de pós-graduação em educação física, o desenvolvimento de pesquisas nesse tema foi rico para que pudéssemos definir novos conceitos e conteúdos para o trabalho na educação física escolar, que anteriormente a essas novas manifestações também se resumia unicamente em práticas de esportes, muitas vezes para poucos indivíduos mais habilidosos.

Essa crise e o surgimento de novas propostas nos leva a dizer que temos estudos consistentes sobre a distribuição de conteúdos nos diferentes ciclos escolares, com propostas pedagógicas inovadoras e qualificadas, dentre alguns o esporte, a luta, o jogo, a dança e a ginástica como exemplo, incluindo diferentes metodologias para sua abordagem, dentre algumas, as brincadeiras, aulas historiadas e as atividades lúdicas.⁷² É imperioso ampliar a ideia da importância da educação esportiva nas diferentes agências de desenvolvimento e seu papel social.

Parece-nos arriscado confundir educação física escolar com formação de atletas, sendo esse um papel no Brasil para outras agências de formação esportiva (clubes, federações, confederações). Reforçamos, não deve ser o papel prioritário de a escola ser o celeiro de atletas para o país. Experiências como essa foram combatidas nos últimos 30 anos pelos estudos acadêmicos. Contudo, se ainda

⁷² Mencionamos os estudos em fase inicial de desenvolvimento da acadêmica Cássia dos Santos Joaquim no programa de mestrado da FEF-Unicamp, orientado pelo prof. Paulo Cesar Montagner e que tem como título “Qual a próxima história professora?: proposta de ensino da filosofia do judô através da aula historiada”. O objetivo do projeto é a pesquisa da aula historiada como proposta de intervenção com a intenção de trabalhar a imaginação das crianças e promover, através desse processo, a estimulação para as ações motoras, cognitivas e/ou afetivas, visando o ensino pedagógico do judô.

existem críticas aos modelos escolares, observa-se que esta é a instituição de maior potencial de acesso das crianças do país para se praticar esportes, e seria desejável que esses conteúdos fossem apresentados nos ciclos escolares aos alunos de todos os estados e municípios do Brasil.

Nosso projeto de desenvolvimento esportivo brasileiro está fincado em grupos e associações, no caso, todo o nosso sistema esportivo é formado por confederações e federações que tem como base de desenvolvimento os clubes esportivos. Um modelo elitista. Considerando as dimensões continentais do Brasil, existem modelos diferentes nos estados e também o surgimento de novas formas de proporcionar esporte para a população. Conforme já mencionamos, temos os fenômenos de ONGs e OSCIPs, órgãos que atualmente prospectam novos movimentos de organização para o fomento de educação esportiva.

O sistema esportivo brasileiro tem sua base de formação e sustentação de desenvolvimento de atletas nos clubes, federações, ligas e confederações. Isso é concreto. No mundo, em linhas gerais e com uma rápida abordagem, temos várias escolas de formação esportiva. A escola da Europa Ocidental influenciou bastante o sistema esportivo da América do Sul e do Brasil, em particular com a formação de clubes e o associacionismo de pessoas para o desenvolvimento esportivo. Mais atualmente no Brasil, os modelos de gestão encontram na iniciativa privada os motores de desenvolvimento econômico para apoiar esse sistema de mais de 100 anos de construção. A clássica escola do Leste Europeu teve na URSS um modelo de sucesso em resultados esportivos e teve no Estado seu gestor de políticas esportivas em âmbito nacional. Atualmente, esse modelo de escola esportiva apoiada pelo Estado é representado pelo sistema da China e seu poderio como nação não está apenas no mercado de produtos e bens tangíveis, mas também no esporte, com uma demonstração de força nas olimpíadas de Pequim.

O único sistema esportivo que tem sua base de desenvolvimento no sistema escolar e que se apoia na escola como centro de referência e desenvolvimento de talentos é o modelo anglo-saxônico, representado pelos EUA e Canadá. Poderíamos optar por uma escola no Brasil com essas características, contudo, sem perder de vista que não seria prudente modificar ou diminuir as funções ou objetivos da educação física escolar e sua importância educacional, evitando o foco somente no desenvolvimento de atletas. Os talentos surgirão naturalmente e deveremos cuidar também dos atletas que surgirão nesse processo. Será um “bom problema”.

Um dos maiores desafios do país é de proporcionar acesso aos esportes em geral, torná-los próximos das pessoas. O poder público tem e deve investir em estruturas esportivas qualificadas, mas devemos construir, em articulação aos espaços de práticas esportivas, políticas de acesso aos esportes. O legado significativo é a permanente interferência positiva nas políticas esportivas nacionais, estaduais e locais, de sermos capazes de apresentar soluções de participação às pessoas, de ampliar a visão do papel do esporte na sociedade contemporânea.

Sem nenhuma dúvida, a escola hoje no Brasil é o ambiente físico de maior acessibilidade social, e mesmo com todas as críticas que possam ser feitas ao sistema escolar, ainda é um ambiente favorável para alcançar o maior número de crianças e jovens e propor programas para que elas tenham experiências motoras das mais variadas, incluindo o Esporte em seus diferentes cenários e dimensões.

Reafirmando o dito por Constantino (2007) e citado anteriormente, se os comportamentos esportivos não são automaticamente transferidos para as atividades sociais, não é possível imaginar que ao promovermos esporte, por si só teremos o desenvolvimento das competências cívicas ou de cidadania. Para isso acontecer, segundo o autor, necessitamos do envolvimento e participação ativa das pessoas em torno do fenômeno esportivo, papéis que os profissionais da escola podem desempenhar com excelência, a educação como missão primária da instituição escolar, encontrarmos mecanismos intensos para essa difusão. Para o autor,

Nos tempos actuais, o que a escola pode fazer pelo desporto é bastante mas, apesar de tudo, menos do que o desporto pode fazer pela escola. Reinterpretar e recentrar o papel que a escola pode ter perante a educação e a formação desportivas é absolutamente indispensável perante a emergência de um novo paradigma social. (Constantino, 2007, p.70)

Não nos parece razoável negar o que está evidente. A prática do esporte é uma das atividades que pode contribuir e qualificar a formação integral de nossas crianças e jovens. E não é o esporte que precisa ser reinventado como querem alguns, mas sim a escola quem necessita se reorganizar nessa área para atender a esses indicadores consagrados.

Terceiro: da dicotomia entre o “ser” professor e o “ser” técnico

A contribuição do esporte para a formação e integração social tem reconhecimento na sociedade, a prática esportiva é considerada estratégia importante de educação, permitindo vinculações afetivas, de pertencimento, de emancipação, valorização da saúde e vários significados. Esses são princípios fundamentais para quem atua na formação esportiva.

Necessitamos superar a dicotomia entre o professor e o técnico. O “ser” técnico é um pedagogo do esporte, mesmo reconhecendo as limitações quantitativas do seu trabalho, a dedicação única por pequenos grupos de atletas, o alcance especializado de sua atuação.

Lembramo-nos dos equívocos da divisão conceitual existente entre licenciados e bacharéis na formação em educação física. Tenha-se presente, como abordamos, essa dicotomia ao qual nos referenciamos têm uma relação histórica na formação profissional na área, aonde, para alguns, licenciados devem estar preparados para o “como ensinar” e possuem formação intensa nas áreas pedagógicas e um saber “menos profundo” na área da educação física. Aos bacharéis, reserva-se que o saber pedagógico não é necessário, mas sim uma forte influência teórica-científica, o que permitem diferenciá-los dos licenciados no campo de conhecimento específico. Um equívoco (MONTAGNER; DAÓLIO, 2006). Aos licenciados a escola, aos bacharéis o campo não-escolar.

Transportado essa reflexão para o ambiente do esporte, essa falsa dicotomia está na relação entre professores e técnicos de modalidades. Ao professor, a ação pedagógica, reflexiva e crítica. Ao técnico, a preocupação excessiva com as técnicas, táticas, o desenvolvimento físico e a performance para um homem-máquina. Ao técnico a repetição de gestos e jogadas, com a preocupação prioritária com os resultados dessa convivência.

Treinamento esportivo não pode ser confundido com alienação, a repetição imposta ao processo de evolução do treinamento não é o “emburrecimento” das pessoas, mas sim, o aperfeiçoamento de algo valioso ao esporte de competição, a técnica como expressão de excelência humana e refinamento produzido pelo homem para se diferenciar dos outros animais. A técnica não é o mérito único do esporte, mas da vida humana nas suas mais variadas atividades. Sem técnica não teríamos pontes, automóveis, ferramentas, tecnologia, não teríamos a beleza estética do esporte em

avanço permanente. Sem a evolução da técnica não teríamos a beleza do jogo de basquetebol, o arremesso preciso de mais de 7 metros, a perfeição das ginastas.

O técnico, assim como o professor, deve ser intenso no relacionamento entre a capacidade de exercitar a formação técnica com o processo educativo, de mergulhar seu atleta no aprofundamento do treinamento sem perder o olhar crítico para o mundo que o cerca (MONTAGNER, 1993).

O ofício de ser professor, de ser técnico, implica ensinar e aprender, em reconhecer as limitações dos métodos, dos aspectos positivos e negativos dessa convivência. Uma boa aula é como um bom treino, representa o sentimento de respeito ao próximo, uma boa aula ou um bom treino não são significados apenas de transmissão de conhecimento, requer trabalho, sentir o pulsar do coração dos alunos, exige disciplina e planejamento com quem e a quem se faz, necessita valorizar opiniões, fazer crescer as gerações, trabalhar para que os que virão sejam melhores do que nós, as gerações atuais. Como assinala Consolaro (2002, p. 20) “[...] a arte de ensinar exige tolerância com a contradição, com a dúvida, com a ambiguidade, com o espírito crítico e criatividade manifestada. Devem ser aceitas as diferenças com naturalidade em um ambiente de cordialidade, lealdade e respeito às regras estabelecidas.”

Essas relações entre professores e técnicos empobrecem a vida esportiva e representam uma falsa dicotomia, expressam pontos de vista antagônicos inconsistentes, quando na realidade, ambos são profissionais necessários à formação das gerações dentro dos seus limites e metas inerentes ao trabalho. São milhares de clubes e de projetos esportivos espalhados pelo país educando pessoas e modificando vidas.

Os estudos de Fachina (2014) e Rodrigues (2014) são altamente especializados nas considerações da metodologia do treinamento esportivo aplicado a jovens atletas. Contudo, ainda que os indicadores de maturação, da avaliação das capacidades biomotoras e da carga do treinamento, a busca de performance e a organização do treino tenham relevância central nos projetos de pesquisa desses autores, encontramos em suas dissertações a alma do técnico responsável, a perspectiva do humano estar acima do resultado, da preocupação com o desenvolvimento saudável do esporte juvenil, do conhecimento científico como valor maior para o pleno envolvimento com a prática do treinamento em crianças e jovens. Isso implica em delimitar claramente que uma área não exclui a outra, são condições

indissociáveis para a certeza do princípio maior dos processos do treinamento esportivo: a formação plena do homem futuro.

Ninguém vai modificar o que pensamos inspirados em Rubem Alves. O técnico esportivo deve ser um educador, e o que deve ser destaque em um bom técnico, assim como num professor, é a sua formação completa, física, moral, intelectual e pedagógica. Professores e técnicos existem aos milhares, são profissões. Educador não é uma profissão, é vocação, e vocação nasce do amor, do respeito, da esperança nas gerações futuras, no fazer bem ao próximo (MONTAGNER, 1993). Técnicos esportivos devem respeitar e fazer o dito por Dumazedier (1979, p.42), “[...] a formação humana do desportista é inseparável da libertação do desporto pelos próprios desportistas”.

O técnico educador deve trabalhar com o atleta presente olhando para o homem futuro, que vai “[...] interagir, partilhar e participar da sociedade. Para isso, o esporte não deve ser um simples fazer mecânico, mas ser um incorporador de atitudes, um formador integral da personalidade” (MONTAGNER, 1993, p.95)

Considerando o processo civilizatório do mundo e o esporte como um dos seus fenômenos de grandeza, temos nas reflexões de Bento (2013) um ponto crucial. É bem verdade que vivemos numa enxurrada de corrupções expostas aos nossos dias pela televisão, pelas notícias dos sites, redes sociais e jornais. É bem possível que educar nos tempos atuais esteja mais difícil do que outrora, dizer ao seu aluno para “não passar a perna” no outro está mais complexo, vemos isso todos os dias nos mais altos níveis de governo em nosso país.

Seja como for, Bento (2013) aporta um aspecto relevante para a superação da dicotomia que mencionamos. Para ele, o aspecto central que definiu como elemento nucleador a qualquer profissão, é a ética profissional. É essa ética que dá sentido e forma às atividades profissionais, e que dão o embasamento para as ações aplicadas. As atividades do técnico são variadas, desde a preparação até o envolvimento com problemas pessoais dos atletas, treinar é muito mais do que o sentido real que essa palavra carrega. Diz assim:

Observando bem o que se passa na prática diária do treino em qualquer disciplina desportiva (por exemplo, no treino de gestos técnicos e de ações técnico-táticas) fica evidente que treinar é majoritariamente um processo pedagógico...Assim treinadores e atletas formam uma comunidade de ensino e aprendizagem...por conseguinte, a ética do treinador é, em primeiro lugar, uma ética pedagógica especial ou aplicada ao treino. Assim sendo, o treino não pode deixar de ser presidido por ideais pedagógicos tais como os da

formação, desenvolvimento e autonomia dos atletas. E isto exige do treinador um apurado sentido de responsabilidade e de fidelidade a tais ideais. (BENTO, 2013, p. 185-186)

Esporte é um fenômeno que interessa aos jovens, os técnicos possuem o poder de colaborar em algo que muitos meninos e meninas anseiam: formarem-se atletas. Mesmo que seja visível e possível um exercício de previsão de futuro e a detecção das ausências do talento para tal tarefa, ainda assim os técnicos devem incentivar os meninos e meninas a perseguirem os seus sonhos. É uma necessidade educacional. Uma premissa valiosa nessa relação ética com o treinamento e com o denominado por Bento (2013), de ética pedagógica aplicada ao treino.

Assumimos, sem qualquer receio da crítica, que o que fizemos como técnico foi educar jovens para a vida, de sermos pedagogos no desenvolvimento do conhecimento humano, preocupados em promover educação através do esporte, investigando e estudando seus efeitos e finalidades. Com erros também. Não tomamos essa avaliação dicotômica dos professores e técnicos com algo rude, mas como sinônimo de julgamento equivocado e uma inadequação, uma visão maniqueísta entre o bom ou o ruim, entre os que educam e os que não educam (se é que existe essa possibilidade), de que os conhecimentos técnicos são apenas repetições de gestos sem maiores consequências sociais, de que aos professores o conhecimento pedagógico aprofundado e aos técnicos apenas a preocupação com a técnica e a performance a qualquer custo.

Aos técnicos, a assunção de suas responsabilidades sociais, os atuais desafios de natureza antropológica e axiológica⁷³ (Bento, 2013), o fazer do esporte não apenas com o descompromisso acrítico da prática, a certeza de que o coração de um menino em atividades esportivas não são apenas as pulsações da fisiologia e as reações bioquímicas, mas da vontade de ser alguém, da merecida atenção desse momento, das responsabilidades morais de quem ensina, do respeito aos sonhos dos milhares de meninos e meninas, os compromissos com a evolução das competências técnicas, físicas, táticas, sociais, estéticas e éticas. Esperamos que os técnicos assim também o pensem e façam dessas premissas suas ações. Não existem fossos entre os professores (os pedagogos) e os técnicos (os fazedores).

⁷³ Os desafios antropológicos e axiológicos nesse contexto referem-se a importantes áreas de estudo do esporte na vida humana e os comportamentos sociais, biológicos e culturais inerentes a esses envolvimento. A investigação do esporte e os valores predominantes em uma determinada sociedade, dentre alguns, os valores morais, éticos, estéticos e sociais.

Quarto: dos desafios na especialização esportiva de crianças e jovens

A especialização esportiva compreende a fase de aprimoramento dos gestos específicos de uma determinada modalidade, quando se inicia a organização e sistematização do treinamento específico. Autores com Bompa (2002), Weineck (1999) e Arena (1998) construíram reflexões que corroboram com essa concepção. A literatura especializada na área aponta indicadores para essa caracterização da especialização esportiva.

Temos o desafio da especialização esportiva precoce imbricada nessa área. Vários são os autores que estudam esse fenômeno e apontam indicadores para caracterizar esse processo precoce. Dentre alguns desses parâmetros, a idade de início da prática, a participação em competições regulares, o treinamento direcionado para somente uma modalidade e aumento da intensidade e volume dos treinos (BAKER *et al.* 2009). No Brasil, alguns autores afirmam que esse processo tem acontecido cada vez mais precocemente por parte dos treinadores das modalidades oficiais (PAES, 1992; ARENA, BOHME, 2000; CAFRUNI *et al.* 2006; MARQUES *et al.*, 2014; MENEZES *et al.*, 2014;).

Apenas uma minoria consegue alcançar o status de atleta, um argumento clássico para analisar os impactos e a justificativa da especialização esportiva precoce devido aos riscos físicos, técnico-táticos, fisiológicos e psicológicos inerentes ao treinamento esportivo. Para tal situação, Malina (2010) propõe a diversificação como alternativa metodológica.

Reflexão importante apontada por Marques (2001), é que as crianças e jovens necessitam de atividades informais e estes indivíduos estão cada vez mais pobres em relação ao repertório motor. Além disso, o aspecto social pode ser um fator determinante para a prática esportiva (BAKER *et al.* 2009), e se aproximarmos da realidade brasileira, esse fato se torna mais evidente, pois o acesso formal a diferentes modalidades esportivas torna-se algo bastante distante para indivíduos de classes sociais mais baixas se considerarmos nossa clássica organização esportiva clubística estabelecida pelo modelo brasileiro (BENELI, 2007).

Aspecto relevante de análise é de que a massificação do esporte promove a cada dia mais o interesse prioritário na perspectiva da ampliação do consumo. Logicamente que a massificação pelo consumo remete a possibilidades de ampliação da informação e do conhecimento do esporte em larga escala, e consequente

interesse nessa roda viva. Torna-se necessário o debate desse tema em nossas escolas e ambientes de formação esportiva.

Com relação à faixa etária e aos atletas de elite, alguns estudos no Brasil (MARQUES *et al.* 2014; CAFRUNI *et al.*, 2006) relacionaram a idade de início e a prática de outras modalidades por parte dos atletas, submetendo a esse público específico pesquisa qualitativa através de questionário. Os autores argumentam que os aspectos apontados pela literatura não convergem com a realidade dos profissionais no campo de atuação. Outro estudo (CAFRUNI *et al.*, 2006), que analisou a carreira desportiva dos atletas de modalidades individuais e coletivas no Brasil, dividindo a preparação desportiva a longo prazo (PDLP) em três etapas, relacionando-as com obtenção de resultados demonstrou que somente 27,5% conseguiram altos resultados (AR) na primeira etapa da preparação desportiva de longo prazo e 87,3% alcançaram AR na terceira etapa. Não obstante, a modalidade coletiva voleibol foi aquela que apresentou maior índice de AR na segunda etapa com 67,3% dos atletas. Além disso, o estudo não considerou aspectos importantes como as análises sobre o contexto social dos indivíduos e do modelo de organização da modalidade no país, características que influenciam a prática.

A partir destes apontamentos anteriores bem como da discussão abordada neste texto-síntese, algumas inquietações em torno dos desafios da especialização esportiva no Brasil são necessárias. Um importante referencial produzindo para balizar a discussão sobre especialização precoce no Brasil nas modalidades coletivas de quadra foram os estudos de Paes (1992), que desenvolveu sua linha de argumentação diante de uma pesquisa realizada com atletas de basquetebol. Os seus principais trabalhos no tema da especialização esportiva precoce datam do final da década de 80 e dos anos 90, com a maioria dos atletas sujeitos da pesquisa tendo iniciado suas práticas no treinamento especializado nos anos 70. As reflexões de Paes foram, e ainda são relevantes para a análise da especialização esportiva, contudo, em contraponto, observa-se uma grande evolução do esporte e das áreas que permeiam seu campo de atuação, conforme menciona o próprio autor (PAES, 2002).

Isso posto, e tendo como pilar de sustentação essas reflexões produzidas nesse período, urge a necessidade de novas investigações sobre a temática da especialização esportiva, sendo elementos importantes de ponderação o desenvolvimento científico e tecnológico do esporte, a formação especializada de novas gerações de profissionais técnicos focados em programas esportivos que respeitem a integridade física e moral dos praticantes, as diversas categorizações

propostas pelos estudos da pedagogia do esporte, as novas concepções metodológicas de ensino e formas de difusão do conhecimento. Temas como a diversificação necessitam de avaliações no nosso tempo atual. As grandes cidades e metrópoles são exemplos concretos de que famílias e crianças têm cada vez menos condições de mobilidade pelo trânsito excessivo, perda de tempo considerável em transporte e das dificuldades de praticar esportes livres nas ruas e praças. São ações impensáveis ao grande centro, como por exemplo, na capital de São Paulo.

A relevância desses estudos no seu período abriram frentes de reflexão fundamentais para a compreensão da especialização esportiva nas faixas etárias iniciais. Essa problematização tomou assento nos cursos de pós-graduação no Brasil, nas escolas de formação de atletas, nas faculdades e universidades especializadas nos cursos de educação física e esporte e áreas afins. Enfim, é inquestionável a relevância e natureza dessa linha de pesquisa.

Todavia, muitos desses argumentos se extrapolaram sem a devida atenção, generalizando-se – e até ampliando-se sem grande sustentação teórica – suas dimensões nas etapas da iniciação esportiva, do esporte escolar e até mesmo da especialização esportiva. Como exemplos, a evasão do esporte ou o “não-sucesso” esportivo tendo como argumento a especialização com o consequente início precoce numa determinada modalidade esportiva, as limitações motoras promovidas pela especialização de uma criança ou jovem em formação pela especificidade de uma posição técnico-tática do jogo, e com isso, em decorrência, o insucesso ou o cansaço devido ao desgaste e a especialização antecipada, o excesso de treinamento e aprimoramento exaustivo das técnicas.

Logicamente, essas podem ser variáveis relevantes para análise, mas a pesquisa nesse tema ainda não avançou – ou desconsiderou - outros indicadores existentes na vida desses jovens praticantes do esporte na realidade brasileira. Temos indicadores de desinteresse pouco analisados, dentre alguns, o vestibular na fase dos 17/18 anos, jovens que precisam trabalhar para apoiar financeiramente suas famílias, outras formas mais interessantes de ocupação do tempo livre, o desinteresse das práticas esportivas substituídas por novas tendências, dentre elas o computador, internet, música, amizades. Também, o treinamento diário e a obrigatoriedade da presença constante como um conflito frente aos interesses familiares e pessoais dos jovens, a opção espontânea pelos estudos ou trabalho, o desinteresse simples por não querer ser jogador ou atleta e enfrentar a rotina diária de treinamentos.

Muitas excelentes promessas esportivas simplesmente não quiseram mais praticar, substituíram seus interesses. Enfim, vários podem ser os fatores. Dessa forma, atribuir à especialização precoce no treinamento de uma modalidade a não continuidade de uma carreira e o insucesso como única variável testada parece-nos um ponto frágil frente aos vários questionamentos aqui elencados.

O argumento é de que o processo de especialização precoce não garante a formação de atletas. Para alguns, iniciar a prática especializada “muito cedo” é garantia certa do comprometimento na formação de gerações de atletas pelos excessos e cansaço dos treinamentos e das exaustivas repetições. Daí, o surgimento das teorias que constroem as fases de iniciação e especialização esportiva em níveis etários, as alternativas metodológicas da diversificação em detrimento da monoculturalização esportiva. Esses temas necessitam serem investigados à luz de novos apontamentos, de novas variáveis, testamos poucas dessas alternativas, uns e outros se expressaram com enorme importância para o tema, mas nos parece necessárias novas abordagens de pesquisa.

Para o desenvolvimento motor e humano, a monocultura esportiva pode não ser sinônimo de pobreza motora, de práticas repetidas, sem a preocupação com ampliação das capacidades físicas, motoras e cognitivas. Também, a diversificação pura e simples não significa a certeza de garantias de repertório motor rico, de ampliação do conhecimento e cultura esportiva. Existem casos de profissionais altamente especializados que minimizam, em muito, a prática única de uma modalidade esportiva com aulas riquíssimas aportadas pelas mais modernas concepções teóricas de pleno desenvolvimento humano.

É pertinente à realidade esportiva atual, a perspectiva da prática de apenas uma modalidade com atividades que permitam a diversificação motora. Autores como Marques (2001) respondem a essa tendência, sugerem a priorização de treinos de preparação geral na modalidade específica em busca de melhorar a qualidade dos exercícios e não o aumento do tempo, possibilitando melhorias na coordenação e conseqüentemente na velocidade e rapidez da informação (BENELI; RODRIGUES e MONTAGNER, 2006). E, analisando a realidade brasileira relacionado à prática de outras modalidades, os resultados da pesquisa de Marques e Samulsky (2009), que avaliaram a carreira esportiva de jogadores de futebol não confirmam os resultados de Wyllemann *et al.* (2000) e Cote (1999), pois a maioria dos atletas profissionais não praticaram outros esportes nesta fase inicial. Isso é um paradoxo.

Vários atletas apontam que praticaram diferentes modalidades nas fases iniciais de suas carreiras, porém essa prática de outras modalidades não ocorre de maneira formal (normalmente na escola ou nos clubes esportivos), podem ser simples brincadeiras com os gestos esportivos e jogos livres, tratados nas pesquisas como prática esportiva sistematizada. Em muitos casos, devido à condição física e antropométrica, crianças e jovens que praticam apenas uma modalidade sistemática, possuem condições de participar das competições escolares sem desenvolverem programas de treinamento na escola, se é que existem. Participam apenas jogando dos torneios sem maiores compromissos. Isso é possível devido ao baixo nível nos indicadores de jogo no esporte escolar, sobretudo técnico, tático e físico. Isso necessita ser considerado nas pesquisas (MONTAGNER, 1999). Atletas não vivem em redomas, em controle permanente. Tem vida para além do esporte, recebem influências da família, dos amigos, da televisão, aprendem gestos e outras condutas motoras observando, brincando e repetindo o que veem.

Atualmente, grande parte da população tem acesso à escola formal. Poderia ser um ambiente valioso de desenvolvimento esportivo. Mas, conforme Marques (2001) mencionou, no esporte escolar existe cada vez mais uma pobreza em relação ao repertório motor (suas referências estão localizadas nas escolas portuguesas). No Brasil, o assunto não está diferente. Reafirmamos o dito, as escolas formais, especialmente a escola pública, apresentam dificuldades em promover bons projetos de esporte, tem dificuldades em manter qualidade de ensino, o que minimiza as possibilidades de encontrarmos na escola formal, no atual momento, um agente formador de cultura esportiva, quer na disseminação da iniciação do esporte e muito menos na formação de jovens talentos. Já mencionamos isso há vinte e dois anos atrás e as coisas pouco evoluíram no Brasil (MONTAGNER, 1993).

No caso do nosso país, surge a hipótese que indivíduos que se tornam atletas são selecionados por equipes no momento em que as competições esportivas são organizadas por federações e associações (12 e 13 anos) e iniciam nas idades sugeridas pela literatura (próxima dos 13/14 anos) por reunirem certas aptidões, sobretudo, e principalmente, físicas e antropométricas, e não por fazerem parte de um planejamento que segue literalmente as fases propostas pela literatura.⁷⁴

⁷⁴ O estudo em fase de conclusão da acadêmica Caroline Tosini Felicíssimo, previsto para novembro de 2015 e orientado pelo prof. Paulo Cesar Montagner no programa de Mestrado em Educação Física da Unicamp, está buscando investigar, através de entrevistas estruturadas com técnicos de voleibol, os parâmetros norteadores do processo de detecção, seleção e desenvolvimento de talentos no voleibol feminino. Tendo como delimitação da pesquisa de campo as equipes de formação esportiva no estado de São Paulo nas categorias de sub-15 a sub-19, os argumentos determinados pelos técnicos dos clubes

Em alguns casos, ocorre a seleção ao acaso, atletas são descobertos de várias formas e muitos nas “peneiras”, sendo fortes os indicadores de altura e peso compatíveis com as exigências das modalidades esportivas. Atletas altos em modalidades coletivas como basquetebol e voleibol nem precisam de grande habilidade e destreza aos 13 ou 14 anos para serem selecionados. Basta serem altos. Praticam pouco tempo e logo estão nas quadras e campos jogando competitivamente, por vezes de forma até “desengonçada e descoordenada”, sem praticar adequadamente os fundamentos clássicos do jogo. Em confirmando esta hipótese, não há como relacionarmos esses casos de início da vida esportiva dos atletas brasileiros como sendo a idade preconizada pela literatura, e como as demais variáveis mencionadas e não analisadas influenciam nesse processo. São fatos, basta perguntarmos aos atletas com alta estatura suas histórias de vida.

Outro aspecto pouco estudado na especialização de atletas é a questão socioeconômica. Alguns esportes têm predominâncias socioeconômicas consagradas, e jovens com muitas opções de vida podem não identificar, na carreira esportiva, o seu futuro.

É fato que a especialização esportiva em momento inicial não garante a formação do atleta, até mesmo porque existem diversas interferências que influenciam neste aspecto. Por outro lado, não é possível afirmar que indivíduos que realizam treinamento específico em um momento inicial no Brasil não se tornarão atletas por conta deste processo de especialização precoce, ou mesmo pelo fato de obterem excelentes resultados precoces no início de sua trajetória esportiva, o que assegura que eles não chegarão a plenitude atlética. Pelas variáveis pesquisadas e concepções teóricas que estamos estudando, existem dúvidas do que é definidor para uma análise mais apurada da realidade. Inclusive sobre a certeza da especialização precoce.

Para aprofundar nestas questões e buscar ampliar essa discussão, destacamos um estudo de doutoramento em andamento desenvolvido na FEF-Unicamp, que possui o objetivo de identificar o perfil sócio esportivo de atletas das categorias sub-14, sub-17, sub-19 e adulto feminino e masculino de basquetebol e discutir suas características e relações com a etapa da especialização esportiva, também, comparar com o que a literatura apresenta.

formadores são vários, com uma predominância significativa na seleção de atletas para as questões de natureza antropométricas, a estatura de jovens meninas. Esse argumento facilita o acesso e a escolha, sendo natural esse indicador de altura e peso. Muitas delas estão se iniciando na especialização esportiva mais tarde, por volta de 14-15 anos, mas existem casos de jovens com iniciação bastante precoce.

A pesquisa ainda possui como objetivos específicos estruturar parâmetros relacionados à etapa da especialização esportiva de atletas profissionais da modalidade basquetebol (idade de início, local de prática, resultados esportivos obtidos, características socioeconômicas, aspectos educacionais e apoio familiar). A expectativa é de contribuir para melhor compreensão da especialização esportiva, reorganizando as teses e os “dogmas” presentes nesse importante tema da área. Recolocar sempre essa discussão representa o papel de transcender às questões teóricas puras e olhar para ações reais e práticas que existem em nosso entorno.⁷⁵

Quinto: dos desafios da gestão do esporte na iniciação e especialização de crianças e jovens

Não são apenas questões metodológicas e de ensino que se avizinham como desafios na especialização esportiva. Ampliando algumas dessas justificativas do estudo, reconhecemos mudanças paradigmáticas nas propostas de formação e administração da especialização esportiva de crianças e jovens. Reconhecemos que os novos modelos de financiamento e gestão, denominado no estudo 1 de novas configurações do esporte contemporâneo, modificaram os mecanismos de articulação do esporte na sociedade, rompendo tradições históricas e provocando modificações culturais, acelerando as transformações na organização esportiva. Essas novas formatações implicaram, por exemplo, numa nova organização de regulamentos, tendo casos como os do voleibol e o basquetebol, que modificaram suas regras para atender a interesses comerciais.

Como afirmamos no prefácio do livro “Impactos econômicos de megaeventos esportivos”, desde meados da década de 70, o mundo experimenta “[...] um rápido e notório crescimento do esporte e as suas mais variadas formas de expressão, representadas por diferentes modalidades esportivas” (PRONI; FAUSTINO; SILVA, 2014, p.5). Tais fatos também ocorrem no Brasil, um país com características e organização esportiva própria e integrada ao sistema esportivo e econômico internacional. Nessas novas configurações, desde a construção do ideal olímpico no

⁷⁵ Referimo-nos ao projeto em andamento de tese de doutorado do acadêmico Leandro de Melo Beneli, com o título provisório denominado “A especialização esportiva e as características dos atletas de basquetebol no Brasil: relações teórico-práticas e perspectivas de ensino”, pesquisa iniciada em março de 2014 e orientada pelo prof. Paulo Cesar Montagner no programa de Doutorado da FEF-Unicamp. Atualmente, a pesquisa está em fase de definições mais estruturadas acerca da pesquisa de campo e da delimitação do tema e sujeitos da investigação. O estudo tem como pressuposto analisar as teses sobre a especialização esportiva e suas implicações na realidade do basquetebol brasileiro.

final do século XIX, passando pela utilização política em meados do século XX, chegamos naquilo denominado esporte como negócio, a transformação do que era amador para profissional, a dedicação profissional integral e a importância dos métodos científicos, o esporte como um gerador de riquezas e empregos, a aplicação de conceitos modernos de gestão e administração nos esporte.

Esses conceitos de administração esportiva e marketing esportivo e aproximação real do mercado modificaram as tradições na estrutura de organização do esporte, chegando também a especialização de nossas crianças e jovens. Os ambientes de clubes e escolas estão se transformando, consolida-se um interesse comercial em algumas modalidades esportivas tendo o futebol como maior símbolo desse modelo. A taça São Paulo de Juniores não é um simples campeonato de jovens de 17 a 19 anos, mas uma vitrine comercial para negócios esportivos, sendo o protagonista maior desse comércio o atleta, um produto a ser explorado. Precisamos formar gerações aptas a reconhecer esses fatos e de compreender essas tendências.

Um desafio estratégico para as entidades brasileiras é de se adaptar às novas legislações e modelos de financiamento e amplificar canais de práticas esportivas e o contato e conhecimento das modalidades, tanto individuais quanto coletivas. A cada dia, mais as entidades e organizações necessitam se estruturar para ações e a novas formas de financiamentos, em alguns casos com a presença efetiva de agentes privados. O Estado, através de suas prefeituras e órgãos estatais, encontra-se em transformação. Não se trata de julgamento do certo ou errado, de qual é o melhor modelo, mas das formas concretas de manutenção e financiamento do esporte de crianças e jovens. Vemos escolas de esportes tradicionais, representadas por clubes e prefeituras regionais encerrando suas atividades e equipes, deixando lacunas valiosas para o fomento de atletas e na manutenção da tradição esportiva. Os exemplos de clubes como o Sírio no basquetebol, bem como do Clube Pirelli em vários esportes são casos clássicos dessa nova configuração esportiva.

Os conceitos visionários estabelecidos por Brohm (1976) referem-se às transformações do esporte moderno, baseiam-se na progressividade dessa tendência de transformação e evolução alinhados à construção do modelo capitalista mundial, assumem formas que refletem interesses visíveis do lucro e dos interesses comerciais. Isso chegou aos esportes de crianças e jovens, chegou à especialização esportiva. Em atenção a essa tendência, a legislação se modifica permitindo novas construções e agrupamentos sócio-esportivos. As instituições tradicionais produtoras do esporte se

reorganizam para responder aos tempos atuais, os clubes centenários sucumbem nas práticas esportivas de competição, novos mecanismos de produção esportiva são organizados.

O capital tem interesse primário no esporte profissional, o esporte dos grandes atletas e equipes consagradas, apreciado pela sociedade e de perspectiva comercial. A avaliação é pelo alcance da propaganda, pelo público-alvo a ser atingido, a ligação da imagem dos atletas na energização das marcas. É o que Bhrom (1976) argumenta, o interesse pela construção do *self-made man*, do valor do homem que se fez sozinho, empreendedor, com o próprio esforço, linguagem afeita ao sonho capitalista. E esse capital “flutua” na captura dos ídolos que surgem dia após dia.

Contudo, nesse cenário, muitos projetos de formação de crianças e jovens carecem de investimentos por não existirem mecanismos de interesse comercial, operacional e midiático imediato para o financiamento privado. O financiamento privado tem por escolha “quem vende”, quem permite vínculos intensos de imagens, quem fortalece marcas comerciais. Era natural que a linguagem comercial chegasse aos esportes, dado sua magnitude, penetração social, universalidade gestual e cultural, também pela beleza estética produzida por grandes atletas. Produz e vende vínculos afetivos, de emoção e perfeição humana. Mas ainda patina na promoção do esporte infantil e adolescente.

Se de um lado, os conceitos de gestão e do marketing esportivo reconstruíram as relações esportivas em um novo modelo, a oferta de serviços ou de oportunidades de práticas do esporte no Brasil para crianças e jovens ainda são limitadas. A acessibilidade a programas esportivos nas mais variadas modalidades resume-se em ações tímidas ou ainda em escala muito inferior aos interesses das crianças. Precisamos encontrar mecanismos de promover especialização esportiva organizada e planejada como forma de educação, saindo dos grandes centros e dos clubes e levando às periferias, praças, escolas públicas. A escola poderá ser um ambiente de promoção da iniciação esportiva e também da especialização, compromissos possíveis sem romper com o importante trabalho a ser desenvolvido pela educação física escolar.

A especialização esportiva não deve servir apenas para formar atletas. Ela é um importante meio de formação humana, e ainda que reconheçamos que os acessos no esporte são para poucos meninos e meninas, representa um mundo rico e que não deve ser analisado apenas pelas suas características negativas. Precisamos ampliar isso para mais crianças e jovens, precisamos de novos ambientes de

práticas esportivas regulares e planejadas, também de ampliar a participação e presença de profissionais qualificados no ambiente esportivo.

Sexto: dos valores educativos do esporte

Somos confrontados cotidianamente com uma série de acontecimentos que indicam que vivemos tempos de incertezas morais, de crises nas relações entre as pessoas e consigo mesmas, de individualismo em detrimento do bem coletivo. Tais acontecimentos estão expressos nos mais variados ambientes sociais, incluindo os educacionais como os exemplos de gangues, agressões entre jovens, alunos, professores e funcionários. Certamente, existem realidades e exageros. Também no esporte.

Este cenário tem sido discutido por diversos filósofos e identificados de diversas maneiras. Destacamos os estudos de Zigmunt Bauman (2001), nomeados de modernidade líquida, que defende a tese de que as relações sociais atuais possuem as características do estado líquido como a instantaneidade, transitoriedade, maleabilidade, inconstância, diferentemente do passado não tão distante de certezas, de ideais firmes e verdades absolutas. Tais características influenciam toda a sociedade, mais marcadamente a ocidental. Desta forma, é de se esperar ao se aproximar das reflexões sobre o esporte, fenômeno este que, por sua vez, também tem grande impacto na sociedade, sofra consequências em suas diferentes formas de se manifestar.

Destaca-se o consumo como eixo fundamental da modernidade líquida que se expressa no esporte na forma da aquisição de produtos esportivos diversos, como programas em TV a cabo, jogos no sistema pague e veja (pay-per-view), materiais relacionados às equipes preferidas, entre outros. Prazer e instantaneidade são outros aspectos valorizados nas relações cotidianas atuais. Bauman(2001, p. 148) afirma: “A ‘escolha racional’ na era da instantaneidade significa buscar a gratificação evitando as consequências, e particularmente as responsabilidades que essas consequências podem implicar.”

A diminuição da adesão dos jovens aos programas de aprendizagem, aperfeiçoamento e treinamento esportivo de médio e longo prazo pode estar relacionada à característica da evitação, do que é duradouro e das responsabilidades das próprias. O estudo de Vianna e Lovisolo (2005) pode reforçar esta afirmação. Os

autores investigaram cerca de 6.000 jovens participantes de projetos socioesportivos no estado do Rio de Janeiro, detectando que 80% deles deixavam os projetos antes do primeiro ano de atividades. Fonseca (2004) também denuncia altos índices de abandono esportivo nos EUA e em diversos países da Europa, chegando a 80% de evasão.

A superficialidade nas relações é destacada na modernidade líquida de Bauman (2001) e intimamente relacionada à busca pela satisfação imediata. Segundo o autor não há sentido em tolerar situações, objetos ou pessoas que não tenham relevância com esta satisfação imediata. Transferindo-se para o ambiente esportivo, são eventos corriqueiros nas aulas e treinamentos, a responsabilidade com materiais, horários, colegas, a cooperação, a superação, o respeito, a dedicação, o esforço e inclusive a frustração e sua superação. Tais condições parecem bastante contrárias aos desejos de quem procura prazer instantâneo e superficial. Portanto, é de se esperar a diminuição do número de jovens que se dediquem a tais conquistas mais profundas que exigem entrega maior.

A individualidade é mais uma das características da contemporaneidade e estão intimamente relacionadas com as demais. No ambiente de aprendizado esportivo, seja ele individual ou coletivo, é esperado que os participantes atuem de forma a cooperar com o bom andamento da aula ou treino. Nos esportes individuais, simular o opositor, auxiliar nas correções técnicas e táticas, colaborar para que o colega execute seus exercícios para depois poder ele mesmo ser auxiliado parece ser situações que se chocam com a exacerbação da individualidade. Nas modalidades coletivas o clima se agrava, pois, em geral, o jogador que não atua coletivamente prejudica a si próprio e o seu grupo.

Como é possível perceber no cotidiano do esporte, todos os principais aspectos levantados dizem respeito, por exemplo, ao próprio corredor ou corredora em detrimento do convívio social, reforçando a teoria de individualização que a humanidade vem passando. Observamos essa tendência nos estudos de Brohm (1976), com a construção do mito, do atleta herói, da produção de funcionalidades no sistema esportivo atual.

Desta forma, defende-se que são necessárias práticas pedagógicas contrárias ao modelo de vida pautado nas características da modernidade líquida, apontados por Bauman (2001). Se o objetivo a ser buscado é construir uma sociedade diferente, com manifestações esportivas e praticantes diferentes, deve-se tematizar as questões aqui

levantadas. A crítica e compreensão dos sentidos e valores alimentados na contemporaneidade fazem-se necessário para a superação dos mesmos.

Evidenciados que, mesmo sendo um terreno polêmico, é viável constatar o esporte com agente educacional, dos seus valores educativos (MONTAGNER, 1993). A pedagogia do esporte deve atuar, prioritariamente, no campo educativo. Apesar de o esporte sofrer influências da crise de valores da contemporaneidade, entendemos que este fenômeno também pode apresentar ambiente muito rico para o desenvolvimento, por exemplo, da personalidade moral. Como defendido por Puig (1998), a construção da personalidade é pessoal, mas realizada a partir das relações com outras pessoas, com a cultura e o contexto histórico do meio em que se vive.

Caminhando para discutir propostas educacionais para a formação da moralidade, Puig (1998) afirma que ao se pensar em educação moral, é necessário lembrar que a qualidade do espaço social em que cada indivíduo se desenvolve tem relação direta com sua formação. Outros estudiosos denominam este espaço social de ambiente sociomoral, que segundo Devries e Zan, citados por Liccinardi (2010, p. 15), referindo-se especificamente ao ambiente da escola, é definido como “toda a rede de relações interpessoais que forma a experiência escolar da criança. Essa experiência inclui o relacionamento da criança com o professor, com as outras crianças, com os estudos e com as regras.”

Ao se discutir a qualidade do ambiente sociomoral em espaços educacionais, duas características básicas podem ser refletidas: o ambiente cooperativo, democrático ou coercitivo, autocrático. O ambiente cooperativo é defendido como o ideal para que as relações interpessoais possam contribuir para uma formação moral aprofundada, visto que estimulará os alunos a passarem do nível heterônomo para o autônomo. Por outro lado, o ambiente coercitivo ou autocrático tem por características a imposição de regras, a ênfase na intervenção da figura da autoridade, muitas vezes de forma autoritária.

É possível afirmar que tradicionalmente o ambiente do ensino esportivo tem se caracterizado por atitudes autoritárias provenientes dos professores. Montagner (1993, p.119), em estudo sobre o esporte competitivo como possibilidade educacional, apresenta discurso de um ex-atleta entrevistado que afirma que seu técnico estimulava a agressão aos seus adversários, salientando ter sido “domesticado” pelo professor.

No entanto, se ainda existem ambientes coercitivos no esporte, possibilidades bem opostas também podem ser conquistadas. Constantino (2007), tratou do tema, e tem uma importante opinião sobre o assunto:

Pode constituir-se nos dias de hoje, como um importante meio de socialização que permite transmitir normas e valores sociais e garantir direitos de cidadania. Mas isso obriga a rejeitar teses apologéticas que entendem o desporto como uma 'escola de vida' e a aceitar que as práticas do desporto, não são integradoras por essência, pelo que carecem de um forte investimento educativo. Do estado, é certo, mas também da família, do clube, dos treinadores, dos dirigentes e de todos quantos organizam e enquadram a prática desportiva. (CONSTANTINO, 2007, p. 70 e 71)

Prosseguindo na descrição das características de propostas de formação da personalidade moral, defende-se a importância da experiência em dilemas morais por parte dos alunos, que representam oportunidades de confrontarem seus juízos de valores às situações vividas. Destacamos a importância dada por Puig (1998, p. 152) à questão das vivências: “Não é possível compreender a formação da personalidade moral sem considerar os contextos de experiência moral em que se realizam os processos formativos.” Essas situações são plenamente observadas e vivenciadas nos projetos esportivos.

Santana (2003) nos auxilia a enxergar no ambiente esportivo as oportunidades de estímulos em dilemas morais e as possibilidades de tratamento pedagógico contribuindo para a formação moral. Para o autor, é “preciso a experiência, o fazer. Este acontece individualmente, mas também, e quase sempre em se tratando de aulas de esporte, coletivamente. Essas trocas, que nem sempre serão lineares, exigirá da criança descentrar-se (sair do centro)”. Para Santana (2003, p.18), ocorrerão ações de interações denominadas por ele de um “toma lá da cá”, e esses conflitos, que possuem natureza prática, “[...] precede o discurso do professor e a consequente tomada de consciência do aluno.”

Nessa direção, o relacionamento entre o professor e o aluno é importante e primordial para a criação de vínculos facilitadores para o desenvolvimento de valores. Desde os primeiros níveis da construção da personalidade, onde o exemplo da pessoa referência é essencial até os mais elevados, quando as relações mais adequadas são aquelas pautadas no respeito recíproco, no diálogo e na compreensão, a proximidade entre professor e aluno deve ser pautada pela afetividade. La Taille (1998, p. 104) afirma que, ao contrário:

[...] o risco de uma educação exclusivamente racional é “esfriar” a moral, dando-lhe o aspecto de mero problema de lógica. A criança precisa perceber que o “bem” e o “mal” incendeiam os corações das pessoas e envolvem sua personalidade em favor do primeiro e contra o segundo. São mestres medíocres pais ou professores que argumentam com certo talento sobre o certo e o errado mas que, na prática, nunca se indignam com nada, nem dão mostra de sincera admiração quando testemunham ações virtuosas. Podem convencer seus filhos ou alunos, mas não os comovem. Ora, se para agir moralmente é preciso que a inteligência esteja convencida, também é preciso que o coração esteja sensibilizado.

Processos de aprendizado que permaneçam na superficialidade contribuem pouco na formação de um ambiente sociomoral adequado. Damon (2009, p. 49), defendendo que o conteúdo a ser aprendido seja significativo, afirma: “O que importa para a felicidade é o comprometimento com algo que a pessoa considere envolvente, desafiador e atraente, especialmente quando ela faz uma valiosa contribuição ao mundo.”

Nessa temática, caminhamos para o ambiente esportivo, e defendemos que se deve procurar ensinar de forma profunda e continuada, isto é, em constante aprendizado, desafiando o grupo a querer sempre aprender mais, não somente em seus aspectos procedimentais, como também conceituais e atitudinais. A proposta de continuidade no aprendizado proporciona aos alunos um sentimento de valorização, de elevação da autoestima por poderem verificar que conseguiam se desenvolver na modalidade esportiva praticada, no caso o voleibol (HIRAMA e MONTAGNER, 2012).

O ambiente do ensino de esportes pode representar espaço ímpar para intervenções no processo educativo, na educação moral, dado o conjunto de características próprias, como a busca pela evolução na modalidade, o desenvolvimento que precisa contar com os demais companheiros e as situações ricas em dilemas morais que a própria competição pode gerar. Reconhecer-se como vencido por que existe um alguém melhor naquele momento, por que ninguém será melhor em tudo, existem características em cada um de nós que nos fazem melhor numa coisa do que em outras. No entanto, são raras as investigações sobre a adequação do ambiente esportivo para o desenvolvimento de valores. A maioria dos estudos com esta temática possui recorte mais específico, focando na didática do professor para o desenvolvimento moral. (HERNANDEZ, 2010; SANTANA, 2003; SANTOS e FREIRE, 2006; CAETANO, 2013)

Portanto, é possível afirmar que o senso geral largamente divulgado em campanhas de toda espécie sobre as consequências positivas da prática esportiva, no sentido de desenvolver valores adequados para uma boa convivência, pode conter equívocos e resultados danosos. Para o leitor familiarizado com o esporte é provável ser fácil a lembrança de situações como o do professor da modalidade agredindo verbalmente seus alunos em busca da vitória ou ofendendo os componentes da outra equipe, sendo totalmente diretivo deixando de estimular a autonomia, evidenciando somente o mais habilidoso, menosprezando os demais e assim desenvolvendo o orgulho exacerbado do melhor e se distanciando da cooperação, discutindo e duvidando das decisões dos árbitros, demonstrando e incentivando o desrespeito e a desconfiança. Estes são exemplos ainda comuns que podem ser testemunhados ainda hoje nas quadras, campos e ginásios e que atestam que o esporte pode não colaborar para o desenvolvimento moral se não for planejado também com este objetivo. Pior, pode atuar no sentido contrário, reforçando valores já tão em crise. O ainda pior é de que muitos entendem isso com algo natural, do esporte.

Estudos científicos mais aprofundados são necessários, em especial os que proponham intervenções para a construção, pelo esporte, da personalidade moral no projeto educativo, para quem sabe ser possível afirmar que o jovem, ao vivenciar momentos significativos em um ambiente onde se sinta acolhido, respeitado, apoiado e valorizado, tenha a capacidade de reagir a tantas pressões contrárias que sofre cotidianamente.⁷⁶ Este, portanto, é o desafio adotado para as investigações no campo da pedagogia do esporte, intensificar a compreensão das relações entre o esporte e o processo educativo com profundidade e baseados em metodologia consistentes.

Por fim: apropriando-nos do dito por Jorge Bento (2007), diferentemente dos deuses, temos que nos dar o direito de falhar, de errar, buscar o sucesso e conhecer o fracasso. Arriscarmo-nos ao desconhecido, correr riscos, aprender a vencer e a perder, ter acesso ao mundo do esporte, fenômeno de grandeza e direito inexorável a todas as crianças e jovens do mundo.

⁷⁶ Referimo-nos ao projeto em andamento de tese de doutorado do acadêmico Leopoldo Katsuki Hirama, orientado pelo prof. Paulo Cesar Montagner, com o título “Pedagogia do Esporte e educação em valores: dimensões que coexistem?”. Trata-se de um tema instigante e que busca encontrar novas referências para as discussões teóricas referentes ao processo educativo no esporte.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1988.
- ARENA, S. S. Especialização esportiva: aspectos biológicos, psico-culturais e treinamento a longo prazo. **Revista Corpoconsciência**, v.1, n.1, p.41-54, 1998.
- ARENA, S. S; BOHME M. T. S. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**.;14:184-95, 2000.
- BAKER, J., COBLEY, S.; THOMAS-FRASER, J. What do we know about early sport specialization? Not much! **European Council for High Ability**. Vol.20, n.1, p.77-89, June, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977
- BAUMAN Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAXTER-JONES, A. D. G.; HELMS, P. J. Effects of training at a young age: A review of the Training of Young Athletes (TOYA) Study. **Pediatric Exercise Science**, v. 8, p.310–327, 1996.
- BAXTER-JONES, A. D. G., MAFFULLI, N., MIRWALD, R. L. Does elite competition inhibit growth and delay maturation in some gymnasts? Probably not. **Pediatric Exercise Science**, v.15, p.373–382, 2003.
- BENELI, L. M. **Basquetebol masculino paulista: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base**. 2007, Dissertação (Mestrado), 158p. Campinas: Unicamp, São Paulo, 2007.
- BENELI, L.M.; RODRIGUES, E.F.; MONTAGNER, P.C.. Periodização do treinamento desportivo para atletas da categoria infantil masculino de basquetebol. **Revista Treinamento Desportivo**, v. 7, n.1., p. 29-35, 2006.
- BENTO, J.O.. Em defesa do desporto (pp. 9 -55). In: BENTO. J.O.; CONSTANTINO, J.M. (Coordenadores). **Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito**. Almedina: Portugal, 2007.
- BENTO, J.O. **Desporto: discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física/ UNICAMP, Coleção CEAv Esporte, 2013 (300p.)

BOMPA, T. O. **Treinamento Total para Jovens Campeões**. São Paulo: Manole, 2002.

BROHM, J. M. **Sociologia política del deporte**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Economica, 1976.

CAETANO, A.. **O jogo e o desenvolvimento moral nas aulas de educação física**. Dissertação de mestrado, Campinas, SP, 2013, 227p.

CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil. Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, Porto, Portugal, vol.6, n.1, jan. 2006.

CARONE SOARES, F. **Realidade da olimpíada colegial do estado de São Paulo (OCESP) em relação ao discurso presente na educação física acerca da competição escolar: estudo da região leste de Campinas**. 2010. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CONSOLARO, A. **O “ser” professor: arte e ciência no ensinar e aprender**. 3ª. edição. Maringá: Dental Press, 2002.

CONSTANTINO, J.M. Os valores educativos do desporto (pp. 57 -79). In: BENTO. J.O.; CONSTANTINO, J.M. (Coordenadores). **Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito**. Almedina S.A.: Portugal, 2007.

CÔTÉ, J. **The influence of the family in the development of talent in sport**. The Sport Psychologist, Champaign, v.13, p.395-417, 1999.

DAMON W. **O que o jovem quer da vida?** Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. Tradução Jacqueline Valpassos. São Paulo: Summus, 2009.

DE ROSE JR., D.. Esporte, competição e estresse: implicações na infância e na adolescência. (cap. 7, pp. 103-114). In: DE ROSE JR. , D. et all. **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem interdisciplinar**. 2ª. edição, \porto Alegre: Artmed, 2009.

DUMAZEDIER, J. et. al. **Olhares novos sobre o desporto**. Coleção Educação Física e Desporto, Lisboa: Portugal. Editora Compendium, 1979.

FACHINA, R.J.F.G.. **Modelo de organização do treinamento para competições de curta duração para jovens atletas de basquetebol**. Dissertação (Mestrado). Unicamp: Campinas, São Paulo, 2014.

FONSECA, A. M.. O abandono das práticas desportivas: aspectos psicológicos. In: GAYA, A. et Al.(Orgs.) **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004. P. 265-288.

FREIRE, J. B..**De corpo e alma**: o discurso da motricidade. São Paulo: Summus editorial, 1991.

_____. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

HIRAMA L.K, MONTAGNER P.C. **Algo para além de tirar das ruas**: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos. São Paulo: Phorte, 2012.

LA TAILLE, Y. **Limites**: três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MALINA, R. M. Early Sport Specialization: Roots, Effectiveness, Risks. **American College of Sports Medicine**. Volume 9 Number 6 November/December 2010.

MARQUES, A. T.; OLIVEIRA, J. M. O treino dos jovens desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol. 1, nº 1, 130–137, 2001

MARQUES, R. F. R.; LIMA, C. P.; MORAES, C.; NUNOMURA, M.; SIMÕES, E. C. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.28 n.2, p.293-304 abr/jun; 2014.

MARQUES, M. P.; SAMULSKY, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MENEZES, R. P. MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n.1, p.351-373, jan/mar, 2014.

MONTAGNER, P.C.. **Esporte de competição x Educação?** O caso do basquetebol. 1993. Dissertação (Mestrado), 148p.. Piracicaba: Unimep: São Paulo, 1993.

_____. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva.** 1999. Tese (Doutorado). Campinas, Unicamp: São Paulo, 1999.

MONTAGNER, P.C.; DAÓLIO, J.. A reestruturação curricular do curso de graduação e as perspectivas da FEF-Unicamp frente às novas diretrizes curriculares. (p. 173-186) In Souza-Neto, S.; Hunger, D. (orgs.). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas.** Rio Claro, SP:, Biblioética Editora, 2006 (ISBN 9788599826034).

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce:** o caso do basquetebol. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.

_____. A Pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos. In: ROSE JR., D. (org). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PRONI, M.W.; FAUSTINO, R.B.; SILVA, L. O .da.. **Impactos econômicos de megaeventos esportivos.** Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014 (182p.)

RODRIGUES, A. **Organização do treinamento no basquetebol: um estudo de um macrociclo de 20 semanas para praticantes da categoria sub 14.** Dissertação (Mestrado). Unicamp: Campinas, São Paulo, 2014

SANTANA, W. C. de. **A pedagogia do esporte e a moralidade infantil.** Dissertação (Mestrado), 146p. - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2003.

SANTOS, R.; FREIRE, E.S. Educação Física e esporte no terceiro setor: estratégias utilizadas no ensino e aprendizagem de valores, atitudes e normas no projeto Esporte Talento. In: **Revista Makenzie de Educação Física e Esporte.** [v. 5, n. 1 \(2006\)](#), p. 35-45.

TRIVIÑOS, A.N.S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANNA J.A; LOVISOLO H. Esporte educacional: A adesão dos sujeitos das camadas populares. In: **FIEP Bulletin**, 2005, vol. 75 – Special Edition – Article – I, p.487-490.

WEINECK, J. **Treinamento ideal.** São Paulo, Manole, 1999.

WYLLEMANN, P.; DE KNOP, P.; EWING, M.E.; CUMMING, S.P. Transitions in youth sport: a developmental perspective on parental involvement. In: LAVALLEE, D.; WYLLEMANN, P. (Eds.). **Career transitions in sport: International perspectives**. Morgantown: FIT Publications, 2000. p.143-60.